UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

EDUARDO AUGUSTO SOUZA CUNHA

EDITAR A REVOLTA: EDIÇÃO E CIRCULAÇÃO DE IMPRESSOS ANARQUISTAS EM BUENOS AIRES (1890-1905)

Versão Corrigida

São Paulo

2018

EDUARDO AUGUSTO SOUZA CUNHA

Editar a revolta: edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905)

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História Econômica.

Orientadora: Profª. Drª. Marisa Midori Deaecto

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C972e

Cunha, Eduardo Augusto Souza
Editar a revolta: edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905) / Eduardo Augusto Souza Cunha ; orientadora Marisa Midori Deaecto. - São Paulo, 2018.
315 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Econômica.

1. História do Livro. 2. Anarquismo. 3. História Latino Americana. I. Deaecto, Marisa Midori , orient. II. Título.

CUNHA, Eduardo Augusto Souza. **Editar a revolta:** edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905). Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História Econômica.

Aprovado em: 07/06/2018

Banca Examinadora

Profª. Drª. Marisa Midori Deaecto (presidente) Instituição: PPGHE-USP

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. Horacio Tarcus Instituição: UBA

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. Rodrigo Rosa da Silva Instituição: UFSC

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. Lincoln Secco Instituição: PPGHE-USP

Julgamento_____ Assinatura_____

A Pepe Carballa e Eduardo Colombo (in memoriam), e também a todas as pessoas que, como eles, dedicaram suas vidas para a difusão de ideias libertárias na busca de uma nova sociedade.

AGRADECIMENTOS

Embora seja um trabalho solitário, os resultados de uma pesquisa nunca podem ser atribuídos somente ao autor. Além de se beneficiar do que foi feito pelas gerações anteriores, ele se nutre das preciosas conversas e do inestimável apoio de pessoas com quem teve a sorte de cruzar o caminho. O mínimo que o autor pode fazer é reconhecer os auxílios e esperar que um dia possa retribuí-los. Certamente, os agradecimentos não têm o intuito de desviar a responsabilidade pelo que foi dito ou não dito em sua obra. Os equívocos pertencem somente a quem redigiu estas páginas.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa através do processo nº 2015/10523-6. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

A Marisa Midori Deaecto, responsável pelas linhas mestras deste trabalho. Sua exímia habilidade em equilibrar rigor com respeito, sempre indicando os caminhos para fugir dos impasses da pesquisa, foi essencial.

A Biblioteca Terra Livre e a todos que construíram um espaço ímpar de formação intelectual.

Aos Professores Dainis Karepovs e Rodrigo Rosa, por aceitarem gentilmente participar do exame de qualificação, dando importantes contribuições para o desenvolvimento do trabalho.

Ao CeDInCI, arquivo central para a nossa pesquisa. Agradeço enormemente ao Prof. Horacio Tarcus por sua generosidade e suas críticas. As nossas conversas inspiraram em grande parte esse trabalho. A Profª. Laura Fernández Cordero, pela recepção acalorosa desde o nosso primeiro contato. A Eugenia Sik e Lucas Domínguez, por nos incentivar a seguir na pesquisa quando ela não passava de um projeto. A Ivanna Margarucci, pela gentileza em se dispor a comentar uma versão parcial desse trabalho.

Aos amigos da Biblioteca Popular José Ingenieros, da Editora Libros de Anarres e do Archivo Alfredo Seoane, especialmente a Juan Carlos e a Víctor Zelaya. Em todas as visitas a Buenos Aires sempre tive uma alegria imensa em visita-los.

A Federación Libertaria Argentina e à Escuela Libre de Constitución, particularmente Yoli, Fernanda, Pablo, Maribel e Seba. Sou grato imensamente por serem os primeiros a me recepcionarem e apresentarem Buenos Aires.

Às funcionárias do CEDEM (Centro de Documentação e Memória) da UNESP, principalmente Renata Cotrim e Solange de Souza, com quem estabeleci laços de amizade para além das relações de trabalho. Devemos ressaltar o trabalho hercúleo em manter o arquivo apesar do escasso orçamento.

A José Renato, Alzira e Maria Aparecida, do Museu Republicano de Itu, pela ajuda inestimável na consulta à Biblioteca Edgard Carone. Igualmente, agradeço aos funcionários do AEL, por sempre me atenderem de forma muito prestativa.

Ao Arquivo do IEB e a Elisabete Marin Ribas, essencial para minha formação ao sempre incentivar os jovens estudantes que passaram lá a seguirem as trilhas da pesquisa.

A Plínio Augusto Coelho, editor anarquista que mantém as práticas de alguns personagens estudados aqui.

A Clayton Peron, pela leitura atenta do original e suas valiosas recomendações.

A Davide Turcato, Fernando de Paula Fernández Gómez, Gualtiero Marini, Biblioteca Franco Serantini (Milão, Itália) e a Fundação Anselmo Lorenzo (Madri, Espanha), pelo envio de documentos.

A Daniel Guimarães, pelo apoio em um dos momentos mais difíceis desse período.

Aos colegas da disciplina “A Economia do Livro: Produção, Circulação e Recepção”: Fabiana Marchetti, Felipe Lacerda, Vinicius Juberte, Carlos Quadros e José Victor, por propiciarem um espaço de discussão altamente qualificado.

Aos funcionários da Universidade de São Paulo. Em tempos de precarização da universidade pública, mais do que nunca devemos visibilizar seu importante papel para as atividades de ensino e pesquisa.

A Vania, Oswaldo, Raoni e Carol, por estarem sempre juntos comigo em todos os momentos.

Aos amigos Daniel Falkemback, Julian Juaréz, Thiago Arnoult, Emilio Alapanian Colmán, Allan de Freitas, Vitor Ahagon, Adriano Skoda, Heitor Pestana, Julián Llatho, Luana Spósito, Julian Bilbao, Isabella Bonaventura, Júlio César Pereira, Josimar Gomes, parceiros na caminhada do mestrado.

E, por fim, o agradecimento para o apoio mais essencial: para Gabriela Brancaglion, minha primeira e última leitora dos textos e das alegrias e angústias da vida. Por tudo o que foi, o que é, e o que será.

O papel do escritor não se separa de deveres difíceis.
Por definição, ele não pode colocar-se ao serviço
daqueles que fazem a história: ele está ao serviço
daqueles que a sofrem.

(Albert Camus, *Discours de Suède*, 1957)

RESUMO

CUNHA, Eduardo Augusto Souza. **Editar a revolta:** a edição e a circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905). 2018. 315 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Pretende-se analisar a publicação de impressos de grupos anarquistas no período inicial do movimento operário de Buenos Aires. Durante a formação das primeiras organizações operárias na cidade, a atividade editorial teve um papel central para estes grupos, cumprindo a função de propaganda e também de organização. Buscaremos estudar a esfera da edição, pesquisando quais assuntos e autores eram publicados, quais suportes eram adotados e quem eram os indivíduos que estavam à frente do trabalho de edição e da comercialização dos impressos, investigando quais eram os circuitos de venda e distribuição dos mesmos. Acreditamos que estas questões podem contribuir para a compreensão das estratégias adotadas por estes grupos para a propaganda de suas ideias, bem como a importância da atividade editorial para aglutinar militantes. Dessa forma, podemos entender o processo de desenvolvimento do anarquismo no movimento operário em Buenos Aires, problematizando a relação entre edição e política.

Palavras-chave: História do Livro; Anarquismo; História Latino-americana; Argentina; História do Trabalho

ABSTRACT

CUNHA, Eduardo Augusto Souza Cunha. **Publishing Revolt:** edition and circulation of printed materials in the formation of the anarchism in Buenos Aires (1890-1905). 2018. 315 f. Dissertation (Master's degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

The objective is analyzing the publication of printed materials of anarchist groups in the initial period of the worker's movement in Buenos Aires. During the creation of the first worker's organizations in the city, the publishing activity had a major role for these groups, with the functions of propaganda and organization. We will study the editing field through a research on the subjects and the authors that were published, and also on the adopted media and on the people who were on the head of the editing work, trying to find out which were the selling and distribution networks. We believe that these matters can help us to understand the strategies chosen by these groups for promoting their ideas and the importance of the editing activity to get activists together. Thus, we can comprehend the development process of anarchism in the worker's movement in Buenos Aires by the relations between politics and publishing.

Keywords: Book History; Anarchism; Latin American History; Argentina; Labor History

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Fachada da sede do jornal *La Protesta* em 1904	122
Figura 2	Lista de subscrição em favor de *La Questione Sociale*	127
Figura 3	Lista de subscrição voluntária em favor do *La Nuova Civiltá*	128
Figura 4	*¿Por qué somos anarquistas?* de Saverio Merlino – primeira parte	174
Figura 5	*La Moral Anarquista* de Piotr Kropotkin – oitava parte	175
Figura 6	*¡Fallido!* de Antoni Pellicer i Paraire – primeira parte	176
Figura 7	Folha de rosto de *La Sociedad Moribunda y la anarquía*	238
Figura 8	Folha de rosto de *Declaraciones*	240
Figura 9	Capa de *Como nos Diezman*	242
Figura 10	Capa de *Ravachol*	243
Figura 11	Capa de *La Anarquía en la evolución socialista*	245
Figura 12	Capa de *A las hijas del pueblo* (primeira edição)	247
Figura 13	Capa de *A las muchachas que estudian*	248
Figura 14	Capa de *La religión y la cuestión social*	250
Figura 15	Capa de *A las proletarias*	252
Figura 16	Capa de *Un episodio de amor en la Colonia Socialista Cecilia*	253
Figura 17	Capa de *Perché siamo anarchici?*	255
Figura 18	Folha de rosto de *Capacidad revolucionaria de la clase obrera*	259
Figura 19	Folha de rosto de *La moral*	261
Figura 20	Capa de *¿Por qué somos anarquistas?*	263
Figura 21	Capa de *143 días de inquisición*	264
Figura 22	Folha de rosto de *De la Patria*	267
Figura 23	Folha de rosto de *Per un innocente d'Italia*	273
Figura 24	Capa de *Rasgos sociales*	276
Figura 25	Capa de *Nuestras convicciones*	277
Figura 26	Capa de *Fundamentos y lenguaje de la doctrina anarquista*	279
Figura 27	Capa de *Lo que quieren los anarquistas /La Familia*	282
Figura 28	Capa de *Socialismo y anarquismo /Dos palavras*	283
Figura 29	Capa de *Sobre Ciencia Social*	286
Figura 30	Capa de *La sociedad moribunda y la anarquía*	291

Figura 31 Capa de *Libertá!* 294
Figura 32 Capa de *La tiranía del frac* 299

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

Quadro 1	População de Buenos Aires segundo os Censos Nacionais e Municipais	47
Quadro 2	Tiragens das edições anarquistas (1890-1905)	181
Quadro 3	Jornada dos trabalhadores em Buenos Aires (em pesos-papel)	184
Quadro 4	Jornada dos trabalhadores em Buenos Aires (em pesos-ouro)	185
Quadro 5	Grupos editores com maior número de publicações (1890-1905)	189
Quadro 6	Autores com maior número de edições (1890-1905)	190
Quadro 7	Títulos anarquistas reeditados em Buenos Aires (1890-1905)	191
Quadro 8	Livros e folhetos vendidos pela Librería Sociológica (1894-1902)	212
Tabela 1	Local de publicação dos livros e folhetos vendidos pela Librería Sociológica (1894-1902)	162
Gráfico 1	Livros e folhetos anarquistas editados por ano (1890-1905)	178
Gráfico 2	Faixas de preços dos livros e folhetos anarquistas publicados em Buenos Aires (1890-1905)	186

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIT	Associação Internacional dos Trabalhadores
CPBP	Comisión Protectora de las Bibliotecas Populares
EP	El Perseguido
ER	El Rebelde
ES	El Sol
FOA	Federación Obrera Argentina
FORA	Federación Obrera Regional Argentina
FRE	Federación Regional Española
FTRE	Federación de los Trabajadores de la Región Española
LP	La Protesta
LPH	La Protesta Humana
LQS	La Questione Sociale
UGT	Unión General de los Trabajadores

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **17**

CAPÍTULO 1 – OS DILEMAS DA MODERNIZAÇÃO: ARGENTINA E BUENOS AIRES NO FINAL DO SÉCULO XIX **40**

1.1 – As mudanças socioeconômicas da Argentina no final do século XIX 41

1.2 – O devir de uma metrópole: imigração e espaço urbano em Buenos Aires 46

1.3 – As contradições dos campos de leitura na Argentina finissecular 56

1.3.1 – Entre escolas e bibliotecas *56*

1.3.1 – Os antigos e os novos leitores *62*

CAPÍTULO 2 – O ANARQUISMO NA FORMAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES OPERÁRIAS DE BUENOS AIRES **76**

2.1 – A Internacional no Rio da Prata (1870-1875) 77

2.2 – Os primeiros ensaios (1876-1889) 83

2.3 – O interlúdio "antiorganizador" (1890-1896) 89

2.4 – Do retorno aos sindicatos à hegemonia anarquista no movimento operário (1897-1905) 96

2.5 – O jornal como instrumento de organização 113

2.5.1 – La Protesta Humana e a ascensão dos organizadores *114*

CAPÍTULO 3 – OS ARTÍFICES DOS IMPRESSOS: A EDIÇÃO, A CIRCULAÇÃO E SEUS AGENTES **124**

3.1 – A subscrição: o financiamento para além das fronteiras 126

3.2 – As figuras do editor 134

3.2.1 – Grupos de propaganda *135*

3.2.2 – Jornais *141*

3.2.3 – O editor-tipógrafo e o editor-livreiro: Pedro Tonini e Fortunato Serantoni *146*

3.3 – José Prat, o tradutor transtlântico 151

3.4 – A circulação: os caminhos dos impressos 154

3.4.1 – A distribuição orientada para a propaganda *154*

3.4.2 – A questão da venda *158*

3.4.3 – As livrarias *160*

CAPÍTULO 4 – OS PERCURSOS DOS TEXTOS: MEDIAÇÃO EDITORIAL, SUPORTES MATERIAIS E ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA **167**

4.1 – *CAPACIDAD REVOLUCIONARIA DE LA CLASE OBRERA*: A HISTÓRIA DE UMA LEITURA ERRÔNEA? 168

4.2 – OS SUPORTES MATERIAIS 174

4.3 – A ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DOS LIVROS E FOLHETOS ANARQUISTAS EDITADOS EM BUENOS AIRES (1890-1905) 177

4.3.1 – O alcance de uma ideia *177*

4.3.2 – O preço da leitura *183*

4.3.3 – Os editores e as leituras selecionadas *188*

CONSIDERAÇÕES FINAIS **195**

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS **199**

A) ARQUIVOS PESQUISADOS 199

B) PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS CONSULTADAS 200

C) LIVROS E FOLHETOS CITADOS 200

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **202**

APÊNDICE I - CATÁLOGO DA LIBRERÍA SOCIOLÓGICA (1894-1902) **212**

APÊNDICE II - A BIBLIOGRAFIA ANARQUISTA DE BUENOS AIRES (1890-1905) **234**

ANEXO I – *CAPACIDAD REVOLUCIONARIA DE LA CLASE OBRERA* (BARCELONA, 1890) **301**

ANEXO II – *CAPACIDAD REVOLUCIONARIA DE LA CLASE OBRERA* (BUENOS AIRES, 1897) **307**

INTRODUÇÃO

Meados de 1890. Depois de passarem onze meses na cadeia, membros do grupo Los Desheredados são liberados e fundam o jornal *El Perseguid*o. O contexto não é nada favorável para a veiculação de qualquer ideia contrária ao governo. Para fugir do crivo policial, os militantes devem buscar alternativas para distribuir os exemplares. Uma das saídas encontradas é enviá-los dentro dos pacotes do diário *La Prensa*, um dos jornais mais tradicionais da cidade[1].

Nas semanas que antecederam os festejos do Centenário da Revolução de Maio, em 1910, há uma série de greves e protestos. Para noticiar as lutas sociais que explodiam a todo momento, o *La Protesta* decide complementar sua edição matutina com uma versão vespertina. Com a publicação de *La Batalla*, às tardes, o jornal tornou-se o único na história do anarquismo a conseguir a proeza de ter duas edições diárias.[2]

No fim da década de 1920, um dos nomes mais perseguidos pela polícia portenha é Severino Di Giovanni. O anarquista italiano passou a ser procurado pelas ações de seu grupo, entre elas estavam assaltos a bancos e a carros pagadores. O dinheiro obtido das expropriações era destinado ao apoio dos seus companheiros presos e às edições de jornais, livros e folhetos. No dia 29 de janeiro de 1931, quando Di Giovanni acabara de entregar na gráfica a revisão do terceiro tomo das obras seletas de Élisée Reclus, a polícia o capturou. Três dias depois, Di Giovanni tombava diante do pelotão de fuzilamento dos verdugos de Uriburu[3].

Três episódios separados por um intervalo de quatro décadas. Um fio os une perante o mesmo cenário: os anarquistas e seus impressos em Buenos Aires. Nas próximas páginas, esta dissertação de mestrado tratará desse tema, ao abordar o circuito editorial anarquista em Buenos Aires entre 1890 e 1905.

---

[1] GILIMÓN, Eduardo. *Hechos y comentarios y otros escritos*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2011, p. 33-36; OVED, Iaacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*. Cidade do México: Siglo XIX Editores, p. 40-43.

[2] SANTILLÁN, Diego Abad de. La Protesta. Su historia, sus diversas fases y su significación en el movimiento anarquista de América del Sur. In.: *Certamen Internacional de La Protesta*. Buenos Aires: La Protesta, 1927, p. 57.

[3] Sobre a captura de Di Giovanni, ver BAYER, Osvaldo. *Severino Di Giovanni*: el idealista de la violencia. Coyhaique: Sombraysén Editores, 2009, p. 275-281

*

* *

Enquanto corrente política, o anarquismo surge a partir da experiência da ala federalista da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)[4]. O cisma de 1872 é um marco para os ácratas afirmarem sua identidade política dentro da tradição socialista. Seu ponto central no debate da AIT concernia à orientação da organização, o que refletia uma diferença mais profunda a respeito da transição entre a ordem capitalista e a sociedade pós-revolucionária em relação aos centralistas. Opondo-se à tese defendida por Karl Marx, sobre a necessidade da AIT buscar a conquista do poder político, para os federalistas a força da organização estava em reunir a classe operária sob critérios exclusivamente econômicos. Por ser um instrumento destinado a incitar a solidariedade entre os trabalhadores de diversos países, a AIT lançava as bases para a formação de uma instituição política específica da classe trabalhadora. Mas, para isso, os trabalhadores deveriam romper com a ordem burguesa. Segundo Bakunin, "o proletariado deve buscar todos seus elementos de sua força exclusivamente em si mesmo, e deve organizá-la completamente fora da burguesia, [...] de todo pensamento e de toda política burgueses."[5] No último ponto, o pensador russo se refere, sobretudo, a uma instituição: o Estado.

A oposição dos anarquistas ao Estado inicia-se na sua principal fonte: o filósofo francês Pierre Joseph Proudhon. O problema da sociedade, segundo Proudhon, não consiste na existência do poder político, mas sim em seu descolamento do mundo do trabalho. Essa autonomização tomou forma no Estado Moderno, instrumento utilizado pelos "improdutivos" para dominar os "produtivos", conforme seus próprios termos. Como afirma o pensador, "para combater e reduzir o poder, para colocá-lo no lugar que lhe convém na sociedade, de nada

---

[4] Sobre a experiência federalista dentro da Internacional e a formação do anarquismo, ver MARINI, Gualtiero. *Revolução, anarquia e comunismo*: as origens do socialismo internacionalista italiano (1871-1876). 2016. 387 f. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016; LIDA, Clara. *Anarquismo y revolución en la España del XIX*. Madri: Siglo XIX, 1972; SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas*: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris. São Paulo: Editora Hedra, 2011, p. 103-186.

[5] BAKUNIN, Mikhail. Aos companheiros da federação das seções internacionais do Jura. In.: SAMIS, Alexandre; TAVARES, Milton (orgs.). *Caderno de formação* - anarquismo e sindicalismo. Rio de Janeiro: SINDSCOPE, 2012, p. 85-86.

serve mudar os depositários do poder”[6]. Não é possível recriar uma ordem social baseada na igualdade entre os trabalhadores através de um aparelho de dominação. Ao contrário, “é preciso encontrar uma combinação agrícola e industrial através da qual o poder, hoje dominador da sociedade, torna-se seu escravo”[7]. Desse modo, para os trabalhadores rurais e urbanos, a questão está “não em conquistar, mas sim em vencer ao mesmo tempo o poder e o monopólio, o que significa fazer surgir das entranhas do povo, das profundezas do trabalho uma autoridade maior, um fato mais poderoso, que envolva o capital e o Estado e que os subjugue.”[8]

Para os federalistas da década de 1870, os primeiros passos para a constituição da “autoridade maior” estava na AIT. Criada para defender os interesses dos operários em seu cotidiano, a Internacional passou a desenvolver outro tipo de política, antagônica à política parlamentar. Dentro da Internacional, os trabalhadores criavam sua própria organização de classe e era a partir dela, segundo os federalistas, que ocorreria a transformação revolucionária da sociedade. Por ser obra da própria classe operária, a AIT prefigurava a sociedade futura, cuja qual estaria baseada no trabalho e prevaleceria a igualdade política e econômica. O belga César de Paepe, em seu folheto *Les institutions actuelles de l’Internationale au point de vue de leur avenir*, de 1869, detalhou como cada seção da organização serviria tanto como instrumento de resistência no presente como de construção de uma nova ordem social no futuro.[9]

Talvez a melhor síntese desse pensamento tenha sido dada por um dos seus críticos mais ferrenhos. Apesar de cometer simplificações decorrentes da polêmica, a começar por atribuir as formulações dos federalistas somente a Bakunin, Friedriech Engels resumiu de modo claro tal projeto político: “Como a Internacional de Bakunin não deve ser feita para a luta política, mas para poder, na liquidação social, substituir imediatamente a antiga organização do Estado, ela deve aproximar-se o máximo possível do ideal bakuninista da sociedade futura.”[10]

---

[6] PROUDHON, Pierre Joseph. *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*. Tomo I. São Paulo: Editora Ícone, 2003, p. 433.

[7] Ibidem.

[8] Idem, p. 434.

[9] Sobre as ideias de De Paepe, ver BERTHIER, René. Poder, classe operária e “ditadura do proletariado”. São Paulo: Editora Imaginário, 2010, p. 126-131.

[10] ENGELS, Friedriech, Carta a Théodore Cuno, 24/01/1872 *apud* BERTHIER, René, op. cit., p. 98.

Essa concepção de política pré-figurativa será herdada pelo anarquismo[11]. Para isso, os ácratas buscaram criar formas de organização que estivessem de acordo com o seu ideal de sociedade. Essa perspectiva moldou o movimento em alguns sentidos. Em primeiro lugar, o anarquismo caracterizou-se pela descentralização. Dessa forma, tornou-se um movimento complexo no qual conviveram variadas tendências, algumas antagônicas, balizadas somente pelo denominador comum da auto-organização de classe. Não havia, contudo, uma visão única das táticas e estratégias empregadas.

Por outro lado, ao buscar aproximar a condução das lutas sociais do ideal de sociedade futura, os militantes deram um grande valor para as práticas culturais e pedagógicas. Era necessário que os trabalhadores tivessem consciência da sua condição de explorado e do seu potencial político. Para isso, a cultura e a educação eram tidas como ferramentas valiosas pelos anarquistas. Eles consideravam que ambas deveriam andar lado a lado com a organização econômica, buscando elucidar a situação vivida pela classe operária. Como exemplo desse pensamento na prática, podemos citar as bolsas de trabalho propostas pelo francês Fernand Pelloutier, secretário da Fédération des Bourses de Travail entre 1895 e 1901. Constituídas como um centro interprofissional, as bolsas reuniam operários de diversas categorias, possibilitando acesso às bibliotecas, conferências e cursos técnicos e científicos, entre outras atividades de assistência aos desempregados e de apoio às greves[12]. Tratava-se, portanto, de um espaço de formação e de sociabilidade onde trabalhadores de diversas categorias se encontravam e descobriam o que eles compartilhavam, criando vínculos de solidariedade. As bolsas de trabalho contribuíam para que, nas palavras de Pelloutier, os trabalhadores tivessem "ciência de sua infelicidade"[13], isto é, conhecessem as causas do seu estado social.

Entre as ações culturais anarquistas, a prática da leitura teve um papel relevante. Podemos perceber a importância dada à leitura em um relato de José Prat, um dos personagens do anarquismo portenho e espanhol. Citando seu próprio caso, em primeiro lugar ele despreza o conhecimento obtido nas instituições estatais: "lo poco que he podido aprender

---

[11] Como destaca René Berthier, ela também está presente em algumas vertentes do marxismo, como o comunismo de conselhos, por exemplo. Ver BERTHIER, René, op. cit., p. 99.

[12] PELLOUTIER, Fernand. *Historia de las bolsas del trabajo*: los orígenes del sindicalismo revolucionario. Bilbao: Editorial Zero, 1978.

[13] PELLOUTIER, Fernand. O ensino em sociedade libertária. In.: CHAMBAT, Grégory (org.). Instruir para revoltar: Fernand Pelloutier e a educação rumo a uma pedagogia da ação direta. São Paulo: Editora Faísca: 2006, p. 102

no puedo agradecerlo de ningún modo a la enseñanza oficial y muy poco a las lecciones de Ateneos. No he puesto nunca los piés en la Universidad y rarísimas veces he asistido a conferencias." Como contraponto, Prat ressalta que sua lacuna de conhecimento foi preenchida pela ânsia da leitura: "He preferido siempre leer, leer y más leer. Y luego observar y más observar en torno mío y reflexionar después sobre todo lo que he leído y he visto." Por fim, o anarquista galego enfatiza a primazia do ato de ler e sua importância para a emancipação dos trabalhadores:

> Lo que entra por los ojos de la lectura y se fija por la meditación, es más imborrable que lo que entra por el oído. Un libro puede releerse cuando hallamos un punto obscuro, pero no puede leerse la lección hablada cuando el recuerdo de ella nos falta. [...]
> Es de este modo como los hombres podrán escapar a la dirección de los conductores de pueblos que demasiado a menudo se convierten en mercaderes de hombres.[14]

As tarefas em torno da conscientização aliadas à condução das lutas sociais mostram as duas esferas da atuação anarquista: a individual e a coletiva. Ou, nas palavras de Ricardo Mella: "la revolución externa y la revolución interna se presuponen y hasta han de ser simultáneas para ser fructíferas." Elas estão inseridas em um processo cumulativo, marcado por avanços e retrocessos. Durante tal processo, deve-se realizar "el ejercicio de la autonomía" para que o "espíritu libertario, penetrando poco a poco entre los trabajadores, los hará conscientes de su misión." Trata-se de um movimento gradual, pois os anarquistas não estão diante de "hombres hechos a medida del porvernir, aptos para realizar el contenido de los ideales nuevos"[15], mas sim com os explorados que mal questionam sua situação social.

Para intervir nesse quadro e fomentar uma mudança de consciência, a atividade editorial é vista como um dos principais instrumentos. Piotr Kropotkin, um dos principais nomes do anarquismo oitocentista, refletiu sobre a importância das publicações libertárias. Em primeiro lugar, ele aponta a característica da produção impressa ácrata: "a literatura socialista nunca produziu muitos livros; ela se dirige aos trabalhadores para os quais um

---

[14] PRAT, José. *Ser o no ser*: trabajo leído en la "Sociedad de obreros albañiles" de Gracia (Barcelona) en el día 14 de mayo de 1904. Barcelona: Biblioteca El Productor, 1905, p.7

[15] MELLA, Ricardo. *Organización, agitación y revolución*. Barcelona: Ediciones Tierra y Libertad, 1936, p. 31-32.

cêntimo é dinheiro; nos folhetos e jornais reside a sua principal força." Esse conjunto de publicações contribui para criar uma identidade comum à classe operária e propicia outro olhar perante a realidade, porquanto "um mundo inteiramente novo de relações sociais e de métodos de pensamento e ação surge dessa leitura."[16] Quando esse novo mundo for alcançado, onde todas pessoas contribuirão com seu suor para o bem-estar da humanidade, não será mais necessário o papel do editor. Alguém que desejar ver suas ideias publicadas, "não procurará um editor que lhe adiante o capital necessário. Procurará colaboradores entre os que conhecerem a profissão e tenham compreendido o alcance da nova obra e publicarão juntos o livro ou o jornal"[17]. As publicações podem, desse modo, descortinar a possibilidade de uma nova sociedade e servir de combustível para a sua construção.

*

* *

Apesar do destaque dado à atividade editorial dos anarquistas em muitos estudos, poucas pesquisas procuraram estudá-las com maior profundidade. Os primeiros estudos, feitos por historiadores militantes[18], trazem informações valiosas sobre as publicações e seus editores, mas sem trabalhá-las sistematicamente. Encontramos ricas referências sobre as edições de livros, folhetos e jornais, mas apenas como uma entre as várias atividades desenvolvidas pelos militantes. Em um segundo momento, grande parte da historiografia adotou como foco a relação entre os ácratas e o movimento operário[19]. Nesse conjunto de

---

[16] KROPOTKIN, Piotr. *Em torno de uma vida*: memórias de um revolucionário. São Paulo: Livraria José Olympio, 1946, p. 261-262.

[17] KROPOTKIN, Piotr. *A conquista do pão*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2011, p. 177.

[18] GILIMÓN, Eduardo. *Hechos y comentarios y otros escritos*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2011; SANTILLÁN, Diego Abad de. *El movimiento anarquista en la Argentina*: Desde sus comienzos hasta el año 1910. Buenos Aires: Argonauta, 1930; SANTILLÁN, Diego Abad de. *La FORA*: ideología y trayectoria del movimiento obrero revolucionario en la Argentina. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005.

[19] GODIO, Julio. *Los orígenes del movimiento obrero*. Buenos Aires, Centro Editor de la America Latina, 1971; SOLOMONOFF, Jorge. *Ideologias del movimiento obrero y conflicto social*: de la organización nacional hasta la Primera Guerra Mundial. Buenos Aires: Proyección, 1971; OVED, Iaacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*. Cidade do México: Siglo XXI, 1978; FALCÓN, Ricardo. *Los orígenes del movimiento obrero (1857-1899)*. Buenos Aires, CEAL, 1984; FALCÓN, Ricardo. Los trabajadores y el mundo del trabajo. In.: BONAUDO, Marta. *Nueva História Argentina, tomo IV*: Liberalismo, Estado y Orden Burgués (1852 – 1880). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999; BILSKY, Edgardo. *La F.OR.A. y el movimiento obrero (1900-1910)*. Buenos Aires: Centro Editor de la America Latina, 1985, 2 v.; ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo Argentino (1876-1902)*. Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996.

obras, a imprensa é ressaltada por sua função de difusora de ideias, isto é, como "porta-voz" das correntes políticas. Nesse sentido, a articulação e a organização das tarefas editoriais é citada em alguns trabalhos, porém, não é detalhada de maneira minuciosa.

Posteriormente, outros estudos enfatizaram as práticas culturais dos anarquistas bonaerenses. Nesse campo, destaca-se o trabalho de Dora Barrancos[20], no qual a autora se debruçou sobre as experiências pedagógicas dos ácratas e de Juan Suriano[21], *Anarquistas: Cultura y política libertaria en Buenos Aires (1890-1910)*, publicado em 2001. Ambas pesquisas trouxeram enormes contribuições para o campo da história cultural e intelectual da esquerda argentina, em diferentes direções. Dora Barrancos descreveu as iniciativas dos libertários nas criações de escolas e elucidou o debate feito por eles sobre o papel da educação. Já Suriano analisou o anarquismo enquanto um "movimento cultural, político, ideológico e social"[22], caracterizando-o, nesse e em outros trabalhos como "um projeto cultural integral"[23]. Com isso, o autor abordou, sobretudo, suas práticas culturais e os discursos que elas carregavam como, por exemplo, os centros de estudos, os grupos, as escolas, a propaganda através de peças de teatro, de conferências, além da visão dos anarquistas sobre classe social, Estado, Lei, entre outras temáticas. Entre as ações abordadas por Suriano, encontramos as edições de jornais, livros e folhetos. No entanto, ele não se deteve em como os anarquistas organizaram sua atividade editorial.

Nos últimos anos, pesquisas abordaram as edições libertárias de Buenos Aires sob outras perspectivas. Luciana Anapios analisou a imprensa anarquista, com ênfase no período do entreguerras, indicando seu lugar na cultura impressa argentina e sua função organizativa. Para a autora, as publicações ácratas compartilhavam alguns elementos com a cultura dominante, outros com os projetos socialistas e sindicalistas e, enfim, certos aspectos eram específicos ao seu próprio campo. Conclui a autora: "Es decir que existía un espacio compartido, un contexto en el que el discurso anarquista estaba expuesto a mediaciones,

---

[20] BARRANCOS, Dora. *Anarquismo, Educación y Costumbres en la Argentina de principios de siglo*. Buenos Aires: Editorial Contrapunto, 1990.

[21] SURIANO, Juan. *Anarquistas*: Cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890 - 1910. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2001.

[22] SURIANO, Juan, op. cit., p. 16.

[23] SURIANO, Juan. Las prácticas culturales del anarquismo argentino. LIDA, Clara; YANKELEVICH, Pablo (Org.). *Cultura y política del anarquismo en España e Iberoamérica*. Cidade de México: El Colegio de Mexico, 2012, p. 147.

influencias diversas y prácticas compartidas con otros sectores."[24] Entre suas especificidades, Anapios salienta a heterogeneidade e a ausência de centralização das iniciativas editoriais. Essa característica representou tanto a sua força, propiciando uma produção diversificada e que favoreceu a recuperação do movimento em contextos repressivos, como a sua debilidade, sobrepondo recursos e acarretando a competição de diversas publicações para obter o mesmo público leitor. Partindo das ideias de Régis Debray, a autora também nota que a atividade editorial, principalmente relacionada aos jornais, foi uma importante ferramenta de organização, pois "creaba a su alrededor una red de intercambios y vínculos."[25] Dessa forma, os grupos editores reuniam militantes para não só levar adiante tarefas relacionadas ao jornal, mas também para outras iniciativas.

Em outro sentido, Laura Fernández Cordero propõe uma leitura do concerto da imprensa anarquista a partir da análise de discurso na linha bakhtiniana. Diante da heterogeneidade da imprensa anarquista, a autora afirma seu caráter polifônico que a coloca na contramão de um monopólio doutrinário. Como afirma Fernández Cordero:

> uma identidade em permanente debate constrói-se na própria imprensa e, ao mesmo tempo, explicitam-se as diferenças que habitam o movimento: as diferenças ideológicas (organizadores ou individualistas), estratégias (graus de intervenção na organização operária) ou conjunturais (apoio ou oposição a uma linha editorial central).[26]

A pluralidade vai além das questões internas e se reflete no leque de leituras, sempre aberto à presença de textos alheios ao campo anarquista. Contudo, isso não significa a ausência de leituras e autores diletos e nem a inexistência de um núcleo doutrinário. Mas sim que o processo de constituição de um cânone e da doutrina anarquistas é marcado pelas permanentes tensões e contradições originadas do embate entre as diferentes vertentes. Dessa forma, não houve uma cristalização em um *corpus* do que se deve ou não ler e difundir

---

[24] ANAPIOS, Luciana. Prensa y estrategias editoriales del movimiento anarquista en la Argentina de entreguerras. *Anuario del Instituto de Historia Argentina*, vol. 16, n. 2, La Plata, 2016, p. 3.

[25] ANAPIOS, Luciana. Una promesa de folletos. El rol de la prensa en el movimiento anarquista en la Argentina (1890-1930). *A Contracorriente. Una revista de historia social y literatura en America Latina*. Vol. 8, nº 2, Raleigh, 2011, p. 7.

[26] CORDERO, Laura Fernández. Sobre o concerto da imprensa anarquista a partir de Mikhail Bakhtin: um exercício de leitura (Argentina, 1895-1925). *Livro - Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. n.6, novembro de 2016, p. 155.

definido e legitimado por um discurso de autoridade. Segundo a autora, a imprensa anarquista caracteriza-se mais pelo "intercâmbio de vozes diferentes [...], não tanto num tratado doutrinário ou na palavra sagrada de um dirigente e sim no concerto que aninam com sua imprensa urgente e, às vezes, efêmera"[27].

Em diálogo com esses estudos, a presente dissertação busca contribuir com a historiografia do anarquismo ao jogar luz sobre a atividade editorial dos anarquistas em Buenos Aires. Nosso foco será na forma como os anarquistas organizaram as tarefas relacionadas à edição dos seus impressos. Vamos examinar também como era feita a distribuição das publicações, não só portenhas como também aquelas que vinham de outras partes. Por último, faremos uma análise bibliográfica dos livros e folhetos portenhos entre 1890 e 1905. Com isso, exploraremos qual foi o alcance das ações dos grupos editores e quais eram suas leituras selecionadas.

Para isso, trabalharemos com a ideia de circuito editorial anarquista, inspirada na pesquisa de Robert Darnton. Diante da expansão da história do livro, o autor problematizou a fragmentação dos estudos decorrente do excesso de especialização da área. Isso fez com que muitas pesquisas se limitassem a recortes temáticos restritos e a objetos bastante específicos. A partir desse incômodo, o autor propôs um modelo geral para abarcar a trajetória dos impressos desde a sua criação até chegar nas mãos dos leitores. Darnton explicita a relevância do seu conceito de "circuito das comunicações":

> Para manter suas tarefas dentro de proporções exequíveis, os historiadores do livro geralmente recortam um segmento do circuito das comunicações e analisam-no segundo os procedimentos de uma única disciplina [...]. Mas as partes não adquirem seu significado completo enquanto não são relacionadas com o todo, e, se a história do livro não pretende se fragmentar em especializações esotéricas isoladas entre si por técnicas misteriosas e incompreensões mútuas, parece necessária alguma visão holística do livro como meio de comunicação. [28]

O propósito do "circuito das comunicações" é buscar uma análise que dialogue com as diversas especializações que adotam os livros como objeto de investigação. O modelo

[27] Idem, p. 156.

[28] DARNTON, Robert. "O que é a história dos livros?" In.: _____. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 126.

proposto por Darnton abrange a fase da produção (criação do texto pelo autor, intervenção dos editores para transformar o texto em livro, fornecimento de matérias-primas, trabalho dos artesãos envolvidos na oficina tipográfica); da circulação (participação dos transportadores de livros, agentes literários, venda através dos livreiros ou caixeiros-viajantes); e a do consumo (compra, distribuição dos livros em bibliotecas e associações da sociedade civil e a recepção dos livros pelas comunidades leitoras). Essas fases se integram em formato de ciclo, pois o final do trajeto dos livros, isto é, a sua recepção, influencia indiretamente os autores. Ademais, Darnton acrescenta que, sobre todo o circuito, influem fatores estruturais e conjunturais de ordem econômica, política e social, como sanções políticas e econômicas, além do ambiente intelectual no qual os livros são feitos.

Em sua formulação conceitual, Darnton esclarece que seu ponto de partida é a realidade encontrada em sua própria pesquisa, ou seja, o mercado editorial francês da segunda metade do século XVIII. Seu modelo, salienta o autor, não tem pretensão de ser fechado, porque "as condições variaram tanto de lugar para lugar e de época para época, desde a invenção do tipo móvel, que seria tolo esperar que todas as biografias dos livros se encaixassem num mesmo modelo"[29]. Desse modo, Darnton enfatiza que sua ideia é incentivar a adaptação do modelo por cada pesquisador, seguindo o contexto do seu objeto: "com pequenas adaptações, ele se aplicaria a todos os períodos da história do livro impresso"[30].

Outra inspiração é o trabalho de Horacio Tarcus. Apesar do seu problema central ser a recepção do pensamento de Marx na Argentina, o autor a insere em um processo amplo que envolve, entre outras etapas, a edição e a circulação de impressos. Como bem apontou Tarcus, as ideias não viajam sozinhas, mas sim "a través de los sujetos que son portadores; se transmiten por tradición oral pero también se fijan por medios de sus soportes materiales favoritos (libros, folletos, revistas, periódicos, etc.)."[31] É preciso lembrar da presença de todos os agentes que dão vida às publicações para estudar um processo de recepção, pois ela está imbricada "a una red crecientemente compleja de traductores, editores, distribuidores, libreros"[32]. Mas o autor faz uma ressalva importante: embora seja imprescindível definir analiticamente diferentes fases e atores, não podemos esquecer que

---

[29] Idem, p. 125.
[30] Idem, p. 126.
[31] TARCUS, Horacio. *Marx en Argentina*: sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires, Siglo XXI, 2007, p. 31
[32] Idem, p. 32

> estos procesos se confundan en la práctica y estos roles puedan ser asumidos en forma simultánea por un mismo sujeto. Es así que dentro del proceso global de producción y circulación de las ideas, podemos distinguir no etapas temporales sucesivas sino distintos *momentos* (sic). [33]

Considerando tais ponderações, pretendemos explorar a produção impressa e a participação dos atores envolvidos nas diversas etapas do circuito editorial anarquista. Adotar como modelo de análise a ideia de um circuito próprio não significa considerá-lo fora do circuito geral de produção e circulação de impressos, mas sim que ele está inscrito nesse contexto maior com suas próprias especificidades. Determinados agentes estão nesse circuito e também se encontram em um circuito socialista e também no comercial, por exemplo. Compartilhando das conclusões de Anapios, acreditamos que as edições ácratas mantiveram elementos característicos da cultura impressa da Argentina de fins do século XIX, outros restritos às publicações dos grupos de esquerda, assim como elementos exclusivos aos libertários. Finalmente, fazemos um adendo indispensável a todas as análises sistêmicas: precisamos ter em mente que o modelo de circuito tem como pretensão interpretar a realidade vivida e não enquadrá-la. Sem essa atenção, qualquer modelo analítico pode cair na ilusão da objetividade completa e confundir análise sistêmica com uma leitura que se pretende total. Por sua complexidade, a experiência histórica é fugidia a qualquer análise estática que a sufoque dentro de um modelo.

No funcionamento do circuito, percebe-se que ele se distancia de uma formação capitalista. As publicações anarquistas ganham vida não por meio de editores que investem seu capital na busca do retorno financeiro, mas sim através de operários que necessitavam se desdobrar para cobrir os custos de impressão. Edgard Carone, ao estudar o papel de Astrogildo Pereira como distribuidor e importador de livros do Partido Comunista do Brasil na década de 1920, deparou-se com uma realidade semelhante:

> as formas modernas de produção editorial e de sua difusão ainda se encontram em estágio artesanal, precário e difuso, dependente de esforços isolados de indivíduos. Estamos falando de um processo em que a produção literária da classe operária volta-se timidamente para o mercado [...], presa a

[33] Idem, p. 30

> fatores fortuitos e não seguindo a dinâmica moderna, de fundo capitalista, que se destina à produção maciça.[34]

Vemos, portanto, que as precárias condições econômicas das edições ácratas condicionaram sua existência. Outro elemento relevante para essa situação era a resistência de muitos anarquistas em dar o caráter de mercadoria aos seus impressos. Ao invés de vendê-los, buscavam reparti-los em troca de doações. A mesma prática ocorria no financiamento: era preferível a subscrição voluntária à venda por subscrição com preço fixado. O caráter voluntarista do circuito representou, ao mesmo tempo, um fator limitante e potencializador. Tais práticas trouxeram dificuldades econômicas, forçando o encerramento de vários projetos editoriais. No entanto, observando o apertado orçamento das famílias operárias, percebemos que o valor módico das publicações anarquistas também foi determinante para o alcance da sua distribuição.

Ademais, também pensamos na contribuição da atividade editorial para a consolidação dos anarquistas como a corrente hegemônica do movimento operário portenho na virada do século XIX para o século XX. Como sublinha Ricardo Falcón[35], a historiografia da classe trabalhadora argentina interpreta tal processo, em geral, por meio de duas explicações tradicionais. A primeira argumenta que o elemento decisivo para a força do anarquismo portenho estava na sua composição estrangeira. Já a segunda baseia-se na base econômica do país, caracterizada por estruturas artesanais e semi-capitalistas, relacionando diretamente a formação econômico-social com as formulações teóricas desenvolvidas na luta de classes.

De acordo com o autor, ambas são insuficientes. Se a presença de imigrantes que tiveram uma experiência militante pregressa não deixa de ser uma condição importante, atribuí-la como um fator determinante distorce a composição sociológica do movimento. Grande parte dos militantes portenhos entrou para a vida política em solo argentino e, a partir das repressões após a greve geral de 1902, importantes figuras do movimento eram nativos. Em relação à segunda explicação, ela deturpa a realidade histórica ao restringir somente aos anarquistas a ascendência sobre os setores econômicos de caráter artesanal. Ora, tanto os ácratas quanto os socialistas e, posteriormente, os sindicalistas revolucionários influenciaram

---

[34] DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln (orgs.). *Edgard Carone*: leituras marxistas e outros estudos. São Paulo: Xamã, 2004, p. 104-105.

[35] FALCÓN, Ricardo. Izquierdas, régimen político, cuestión étnica y cuestión social en Argentina (1890-1912). *Estudios Sociales*, Santa Fe, vol. 40, n. 1, primeiro semestre 2011, p. 193-221.

tais categorias profissionais. Da mesma maneira, os libertários predominaram em certos serviços com grande concentração de mão-de-obra, distantes de uma estrutura artesanal.

Portanto, Ricardo Falcón propõe que os motivos da hegemonia anarquista "deben buscarse en sus posturas en torno a las tres cuestiones que hemos apuntado como decisivas en la época: las alternativas frente al régimen político, la cuestión étnica y la cuestión social."[36] Diante do governo oligárquico e do seu sistema eleitoral fraudulento, dominado pela elite ligada à agropecuária, as denúncias, feitas pelos libertários, contra o Estado e as eleições eram corroboradas com facilidade. No que tange à questão étnica, enquanto os socialistas buscavam que o estrangeiro se naturalizasse para obter a cidadania argentina e, consequentemente, fazer uso do seu voto, os anarquistas não viam problemas na persistência dos hábitos culturais dos imigrantes. Essa postura evitou choques com alguns grupos de trabalhadores. Enfim, Falcón nota que as estratégias libertárias baseadas no confronto das organizações operárias contra seus patrões se mostraram mais adequadas para o contexto do que a proposta socialista de utilizar o parlamento como uma ferramenta política.

Na interpretação de Falcón, ressaltamos também sua análise sobre o "doble discurso" dos anarquistas. Para o autor, o "discurso de la clase obrera" dialogava com o "discurso de los oprimidos", ampliando a pauta dos ácratas para além da esfera laboral ao incorporar temas como a emancipação feminina e o anticlericalismo, além das lutas no "mundo del consumo".[37] Esse último âmbito explica o papel decisivo da corrente durante a Greve de Inquilinos de 1907, quando milhares de operários protestaram contra a inflação dos aluguéis em Buenos Aires e em outras cidades do país. Ele também se expressa de outra maneira, como na quantidade de publicações com temática relacionada à opressão sofrida pelas mulheres por parte do Estado, dos burgueses e de seus maridos.

Em relação à produção impressa ácrata, é necessário retomarmos algumas contribuições fulcrais. Max Nettlau foi pioneiro nesse campo ao elaborar dois estudos bibliográficos. No primeiro, de 1897, ele realizou um levantamento dos jornais, revistas, livros e folhetos ácratas impressos por diversos países no mundo, entre eles, a Argentina[38]. Trinta anos depois, o historiador austríaco escreveu uma bibliografia atualizada para a

[36] Idem, p. 211
[37] Idem, p. 206
[38] NETTLAU, Max. *Bibliographie de l'anarchie*, Bruxelas: Bibliothèque Des Temps Nouveaux, 1897.

América Latina, com destaque para as edições argentinas[39]. Outra contribuição essencial foi feita por Diego Abad de Santillán, em seu trabalho publicado em 1938 na revista *Timón*[40]. As obras de Gonzalo Zaragoza[41] e Iaacov Oved[42] além de abordarem a relação entre os empreendimentos editoriais com a organização do movimento anarquista, contaram com levantamentos das edições anarquistas argentinas como anexos.

Outras bibliografias anarquistas foram importantes para nossa pesquisa, apesar de não abordarem a Argentina. A rica pesquisa de Ignacio Soriano e Francisco Madrid[43], ao listar as publicações do anarquismo espanhol de 1869 a 1939 nos foi bastante útil. Sem se circunscrever aos impressos da Península Ibérica, incorporando também aqueles editados em outros países por militantes hispânicos, o trabalho de Soriano e Madrid foi essencial para complementar as informações coletadas para nosso levantamento. Destacamos também o estudo de Adelaide Gonçalves e Jorge E. Silva sobre a bibliografia ácrata lusófona. Para além da listagem, os autores fizeram uma análise do conjunto das edições, no qual apontam a relevância de trabalhos dessa natureza na história do trabalho: "pesquisas que tenham como foco a bibliografia libertária podem alargar o campo de conhecimento sobre a cultura operária e as práticas de leituras na formação da consciência social dos trabalhadores."[44]

Seguindo os ensinamentos da "sociologia dos textos" de Donald Francis McKenzie, sublinhamos que uma análise bibliográfica não se restringe ao exercício de levantamento de edições. Além de organizar e sistematizar as informações encontradas, ela deve se atentar às formas pelas quais os textos circularam e foram apropriados pelos leitores. Para isso, é preciso estudar o texto em seu suporte e explorar como os elementos materiais interferiram em seu significado. De acordo com McKenzie, só assim podemos compreender "as maneiras nas quais os textos são então relidos, reeditados, redesenhados, reimpressos e republicados."[45] Com isso, nota-se a existência de uma plêiade de agentes por detrás dos livros para além dos

---

[39] NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: *Certamen Internacional de La Protesta*. Buenos Aires: La Protesta, 1927, pp. 5-32.

[40] SANTILLÁN, Diego Abad de. Bibliografía anarquista argentina. *Timón*, n. 3, 1938, pp. 178-184.

[41] ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo Argentino (1876-1902)*. Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996.

[42] OVED, Iaacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1978.

[43] MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antología documental del anarquismo español*: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016

[44] GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária*: o anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Editora Imaginário, 2001, p. 12.

[45] MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: Edusp, 2018, p. 38.

autores. Acerca da importância da interpretação dos impressos em sua materialidade, Roger Chartier aponta:

> as formas físicas – por meio das quais os textos são transmitidos aos seus leitores (ou ouvintes) – afetam o processo de construção do sentido. Compreender as razões e os efeitos dessas materialidades [...] remete necessariamente ao controle que editores ou autores exercem sobre essas formas encarregadas de exprimir uma intenção, de governar a recepção, de reprimir a interpretação.[46]

A partir deste prisma, percebe-se que o significado do livro não está apenas nas mãos nem dos autores e nem dos leitores. Como afirma Chartier, o autor é dependente e reprimido na cadeia de produção do livro: dependente, pois não tem o domínio do sentido e suas intenções dependem das intervenções de outros agentes (revisores, compositores, tipógrafos, editores, entre outros); reprimido, ao ser forçado a se submeter "às múltiplas determinações que organizam o espaço social da produção literária".[47] Quanto aos leitores, embora sua interpretação não possa ser controlada, a sua apropriação é condicionada a partir das mediações realizadas pelos diversos agentes envolvidos na transformação do texto em impresso.

Por fim, a análise bibliográfica é um instrumento eficaz para explorarmos o modo como o anarquismo chegou em Buenos Aires. Percebemos as expectativas e os interesse dos editores, ao descobrirmos quais os autores e as leituras selecionadas por eles para intervirem no debate público. Ao observarmos suas preferências, podemos ainda refletir sobre a construção histórica de um cânone literário. Enquanto qualquer pessoa, hoje em dia, quando questionada sobre um autor clássico do anarquismo cita Mikhail Bakunin, no final do século XIX e início do século XX eram editados poucos textos do revolucionário russo na capital argentina. Em contrapartida, caso perguntemos às mesmas pessoas sobre Anna Maria Mozzoni, uma das autoras mais publicadas segundo nosso levantamento, poucas vão saber de quem se trata. Como afirma Darnton, um estudo bibliográfico pode servir para desmistificar "a concepção da história literária como o grande homem e o grande livro. Os grandes livros

---

[46] CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UnB, 1994, p. 35

[47] Idem, p. 36.

fazem parte de um conjunto canônico de clássicos selecionados retrospectivamente, ao longo dos anos, pelos profissionais que se encarregaram da literatura."[48]

*

* *

Nas últimas décadas, surgiram novas abordagens sobre a história da classe trabalhadora. Uma delas é a "História Global do Trabalho", cujo principal proponente é o historiador holandês Marcel Van der Linden. Para ele, essa perspectiva é mais uma área de interesse do que uma escola de pensamento. Assim, permite-se certo pluralismo teórico entre os pesquisadores que convergem no estudo transnacional das relações de trabalho e dos movimentos sociais das classes trabalhadoras. Segundo Van der Linden, por "transnacional" deve-se entender um método de análise dos processos históricos fora dos moldes dos Estados Nacionais. Dessa forma, a "História Global do Trabalho" particulariza-se mais por um caráter de renovação do que de inovação, pois muitas obras historiográficas de escolas distintas no século XX já trabalharam sob tal prisma.[49]

Um dos seus pontos principais é a superação de um paradigma historiográfico: o nacionalismo metodológico. De acordo com o historiador holandês, pode-se dizer que essa concepção se forma a partir de dois equívocos. O primeiro é a transformação do Estado-Nação como um axioma, enquanto o outro se encontra na fusão entre "sociedade" e "Estado", levando à conclusão de que "as sociedades são geograficamente idênticas aos estados nacionais." [50] Van der Linden afirma que o naturalismo metodológico imbuído na historiografia conduz à formação de "mônadas leibzianas", fazendo alusão à interpretação da história em processos separados por "blocos", caracterizados de acordo com seu Estado-Nação. Se o Estado é um dado inquestionável e é uniformizado com o conceito de "sociedade", então as sociedades "mexicana", "brasileira" e "argentina" tornam-se totalidades

---

[48] DARNTON, Robert. Os intermediários esquecidos da literatura. In.: _____. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 167.

[49] Para citar apenas dois exemplos: a Escola dos Annales, com Fernand Braudel como figura de proa; e a historiografia marxista caribenha, sobretudo os trabalhos de C.L.R. James e Eric Williams. BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*. São Paulo: Edusp, 2016; JAMES, Cyril Lionel Robert. *Os jacobinos negros*: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2000; WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

[50] LINDEN, Marcel van Der. História do Trabalho: o velho, o novo e o global. *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 1, n. 1, mar. 2009, p. 20

homogêneas. Com isso, a história dos conflitos entre capital-trabalho e a autoformação da classe trabalhadora é vista da mesma forma.

A partir das novas abordagens que passaram a historicizar os Estados Nacionais a partir do último quartel do século XX, ele perde paulatinamente seu caráter axiomático nas Ciências Humanas. Entre essas novas perspectivas, estão os estudos transnacionais. No entanto, Van der Linden faz duas considerações. Em primeiro lugar, questionar o nacionalismo metodológico não denota a desconsideração do Estado-Nação, mas sim sua inserção em um prisma que integra âmbitos do local ao global. Assim, "sociedade" não é vista como um sistema homogêneo, mas sim como uma trama complexa de redes espaciais que se sobrepõem e se interseccionam umas às outras. Em segundo lugar, "a sociedade transnacional é uma espécie de estrutura para os nossos estudos"[51]. Ou seja, o transnacionalismo é uma perspectiva de análise para a História Global do Trabalho e não necessariamente seu objeto de estudo. Não há problemas em adotá-la para estudar um recorte mínimo, desde que sejam procurados os vínculos que o ligam a um quadro mais amplo. Em síntese, o propósito é demonstrar as relações complexas existentes entre o local, o nacional e o global.

Pode-se dizer que o anarquismo é um fenômeno histórico que, em sua formação, tem características transnacionais. Para além da oposição às fronteiras políticas dos Estados-Nação, a repressão política foi uma das causas principais dessa dinâmica. Logo em sua gênese, na década de 1870, a perseguição policial desencadeada após a queda da Comuna de Paris forçou muitos militantes a se exilarem. Simultaneamente, em alguns dos países europeus, ocorria o fluxo migratório transatlântico para o continente americano. Dessa forma, muitos ácratas se juntaram aos milhões de imigrantes, atravessaram o Atlântico e impulsionaram o anarquismo na região.

Chegando na América, contudo, muitos militantes foram perseguidos ao propagar suas ideias. A permanência do contexto repressivo, aliada à veia internacionalista, fez com que os anarquistas construíssem vínculos com seus companheiros de outros países. Essas relações possibilitaram, por exemplo, a recepção de militantes exilados. Contudo, elas não se limitaram a essa questão. Ao observarmos o anarquismo no final do século XIX, percebemos uma intensa circulação de militantes, ideias e recursos. Essa dinâmica marcou o movimento,

[51] LINDEN, Marcel Van der. Globalizando a Historiografia das Classes Trabalhadoras e dos Movimentos Operários: Alguns Pensamentos Preliminares. *Revista Trajetos,* Fortaleza, v. 1, n. 2, jan. 2002, p. 3

tornando-o, segundo Benedict Anderson, "o elemento dominante na esquerda radical autoconscientemente internacionalista"[52] até a Primeira Guerra Mundial.

Devido a esse caráter, muitos trabalhos relacionados à historiografia do anarquismo têm trabalhado com a perspectiva transnacional[53]. A começar pela obra de Anderson[54], que explorou as imbricações entre os ácratas e as lutas de libertação nacional em Cuba e nas Filipinas. Embora o autor não se debruce exclusivamente sobre os anarquistas, seu trabalho abriu as portas para novas leituras que buscaram compreender esse movimento para além das fronteiras nacionais.

Outra importante referência é o estudo de Davide Turcato, ao tratar da ligação entre os anarquistas italianos que residiam no país com os que migraram para os Estados Unidos[55]. Ele buscou reinterpretar a presença do anarquismo na Itália no final do século XIX, tradicionalmente visto como um movimento espontaneísta, marcado por aparições repentinas para em seguida desaparecer. Para isso, ele utilizou duas abordagens: a trajetória biográfica dos imigrantes, com ênfase em Errico Malatesta e o estudo da imprensa ácrata, sobretudo de *La Questione Sociale* de Patterson de Nova Jérsei. Turcato apontou que os momentos de desaparição interpretados por outros autores se deram, na verdade, quando houve um deslocamento das atividades para outro centro. Os momentos de censura à imprensa anarquista na Itália coincidem com os períodos em que os italianos do *La Questione Sociale* enviaram mais impressos e dinheiro para o seu país natal. Nesse processo, algumas figuras cumpriram a função de intermediários. Malatesta, ao longo das duas décadas finais do século XIX, passou por países como Itália, Egito, Argentina, França, Estados Unidos e Inglaterra para fugir de inúmeras condenações. Nesses percursos, o anarquista italiano manteve contato com seus companheiros por onde passou, tornando-se um importante articulador do movimento. Dessa forma, para compreender a experiência anarquista na Itália, Turcato teve de ampliar seu escopo para outros países.

---

[52] ANDERSON, Benedict. *Sob três bandeiras*: Anarquismo e imaginação anticolonial. Campinas; Fortaleza: Editora da Unicamp; Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2014, p. 20.

[53] Desenvolvemos o levantamento bibliográfico sobre os recentes estudos transnacionais sobre o anarquismo, em CUNHA, Eduardo Augusto Souza. Para além das fronteiras: a história do anarquismo através da ótica transnacional. In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2017, Brasília. *Anais*... São Paulo: Anpuh, 2017. p. 1-16.

[54] ANDERSON, Benedict, op. cit.

[55] TURCATO, Davide. Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915. *International Review Of Social History*, Amsterdã, v. 52, n. 03, nov. 2007, p. 407-444

Recentes pesquisas buscaram interpretar o anarquismo latino-americano sob esse prisma. Destacamos a tese de doutorado de Clayton Godoy[56], analisando o anarquismo em São Paulo na virada do século XIX para o século XX como um movimento social integrado em uma rede composta por militantes de outros países. A formação do anarquismo na capital paulista passou, conforme o autor, por um processo de enraizamento onde os autores estavam em constante intercâmbio com outros países, como Argentina, Estados Unidos e Itália. Esse intercâmbio não se limitou ao campo das ideias ou de materiais de propaganda, como jornais, livros e folhetos, mas sim ao fluxo dos próprios militantes.

Em sentido semelhante, Kirwin Shaffer interpretou o anarquismo no Caribe. Nas suas pesquisas, o autor analisou a presença transnacional de ácratas em Cuba e no Panamá nas duas primeiras décadas do século XIX. O primeiro país, sobretudo na capital Havana, apresenta-se como um dos principais pontos de atuação, uma vez que recebia muitos militantes da Espanha. Analisando a troca de jornais e o envio de dinheiro, Shaffer notou que Havana representava um núcleo importante para os anarquistas no Caribe, ao intermediar os vínculos entre militantes de diferentes localidades, além de ser um interposto dos ácratas caribenhos com os Estados Unidos e a Espanha[57]. Em relação ao Panamá, Shaffer analisou a rede transnacional dos trabalhadores anarquistas na construção do canal que ligou o Oceano Pacífico ao Atlântico. Ela demandou uma mão-de-obra numerosa, composta majoritariamente por imigrantes de diversas partes do globo. O caráter cosmopolita encontrado nas obras do Canal do Panamá favoreceu os contatos dos ácratas do país com seus companheiros de outras latitudes. Apesar de ser por um breve período, eles chegaram a doar importantes quantias para a edição de jornais em Cuba e na Espanha.[58]

Desse modo, inspirados nos trabalhos citados anteriormente, acreditamos que para compreender como os anarquistas de Buenos Aires organizaram sua atividade editorial, devemos ter em mente que ela está inscrita em uma rede transnacional de militância. Percebemos tal dinâmica em variados eventos: grupos de São Paulo e Rio de Janeiro financiando edições em Buenos Aires; editores portenhos publicando um folheto destinado à

---

[56] GODOY, Clayton Peron Franco de. *Ação direta*: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908). Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

[57] SHAFFER, Kirwin. Havana Hub: Cuban anarchism, radical media and the trans-caribbean anarchist network, 1902-1915. *Caribbean Studies*, Río Piedras, vol. 37, n. 2, jul.-dez. 2009, p. 45-81

[58] SHAFFER, Kirwin. Panama Red: Anarchist Politics and Transnational Networks in the Panama Canal Zone, 1904–1913. In.: SHAFFER, Kirwin; LAFORCADE, Geoffroy de (orgs.). In defiance of Boundaries: Anarchism in latin american history. Gainesville: University Press of Florida, 2015, p. 48-71.

Itália, para a campanha de libertação de um preso político deste país; pedidos de reedições de títulos argentinos vindos de militantes nos Estados Unidos; ou, então, quando o primeiro folheto anarquista editado no Brasil é anunciado apenas em um jornal bonaerense. A organização dos anarquistas, assim como os seus impressos, cruzava fronteiras.

*

* *

Cabe a nós, finalmente, explicitar as razões da escolha do recorte espacial e temporal, além de apresentar ao leitor a estrutura da dissertação. O período escolhido se justifica por duas razões. A primeira é de ordem política. Nesses anos, o anarquismo se consolida em Buenos Aires e torna-se hegemônico entre as organizações operárias. Esse processo inicia-se em 1890, quando há o primeiro jornal anarquista de longa duração e tem seu marco justamente em 1905, quando o V Congresso da "Federación Obrera Regional Argentina" (FORA) aprova a resolução da difusão do comunismo anárquico. A segunda é específica ao âmbito editorial: em 1890, com o início de "El Perseguido", começa um período de relação estreita entre os libertários e os impressos. Em 1904, tal relação sofre um ponto de ruptura com a transformação do *La Protesta* em um diário. Acreditamos que a partir desse momento as práticas, a organização e a divisão de trabalho que caracterizavam o circuito editorial anarquista de Buenos Aires começam a ser alteradas. Assim, para pensar as publicações libertárias em uma perspectiva editorial a partir deste momento, é necessária uma análise distinta da que apresentamos nesse trabalho.

Nossa pesquisa se circunscreveu a Buenos Aires devido à grande intensidade da atividade editorial nesta cidade. Caso optássemos por um escopo geográfico mais amplo, como tratar de toda a Argentina, inevitavelmente deixaríamos muitas lacunas. Correríamos o risco de cometer um equívoco comum na historiografia do anarquismo argentino, isto é, o de buscar abordar todo o país quando na verdade trata apenas da região portenha. Como afirma Agustín Nieto, trata-se de uma confusão que "establece lo capitolino como 'nacional'. Así la mayor parte de las pesquisas son referidas a las experiencias capitalinas y/o realizadas con fuentes de carácter 'nacional'."[59] A escolha de um recorte espacial mais restrito nos permite

[59] NIETO, Agustín. Notas críticas en torno al sentido común historiográfico sobre 'el anarquismo argentino'. *A Contracorriente. Una revista de historia social y literatura en America Latina*. Vol. 7, nº 3, Raleigh, 2010, p. 229

traçar melhor as relações da cidade com as demais latitudes. Buenos Aires pode ser analisada como um ponto dentro da rede transnacional de militância que conforma o anarquismo na virada do século XIX para o século XX.

No primeiro capítulo, apresentamos as transformações sofridas pela Argentina e, sobretudo, por sua capital a partir das décadas de 1850 e 1860. As mudanças foram sentidas em todas as esferas, mas destacaremos duas: o crescimento econômico, baseado na exportação de carne e trigo, e as políticas públicas no âmbito da educação e cultura. A nova configuração agrária da Argentina trouxe a expansão das grandes propriedades, centradas na agropecuária. Deste processo, o cultivo do trigo e do gado bovino (impulsionados pelos investimentos do capital inglês, sobretudo na infraestrutura de transportes) alavancou a economia argentina. Nesse quadro de prosperidade econômica, a Argentina se tornou um dos principais destinos do enorme fluxo migratório transatlântico, influenciando decisivamente o crescimento demográfico do país. A imensa massa de imigrantes e a centralidade de Buenos Aires na economia do país reconfiguraram completamente seu espaço urbano. Há, nesses períodos, os primeiros traços de uma divisão espacial, com a formação de bairros voltados para a classe abastada e os subúrbios ocupados pelos trabalhadores, além dos *conventillos*, um símbolo da cidade desse período.

Em paralelo, o governo organizou políticas públicas modernizantes no campo educativo e cultural. Em 1884, é regulamentada a educação primária, tornando-a obrigatória a todas as crianças. Essa política, aliada ao funcionamento das bibliotecas populares – apoiadas pela lei sancionada por Domingo Faustino Sarmiento, em 1870 – e às campanhas de alfabetização, levaram à sensível expansão do público leitor. A partir de então, há o impulso da imprensa argentina através da sua modernização, incluindo inovações tecnológicas. A incorporação na cultura impressa de grupos que outrora estavam à margem desenhou novos campos de leitura, marcados pela contradição entre cultura popular e cultura erudita. Assim, a cidade de Buenos Aires, na passagem do século XIX para o século XX era, ao mesmo tempo, palco de um público leitor amplo e de uma intensa produção de impressos e um dos portos com maior trânsito de mercadorias e de desembarque de imigrantes no Atlântico. Foi nesse contexto que os ácratas desenvolveram suas atividades.

No capítulo 2, a análise se volta para a formação do anarquismo na região, com enfoque na sua relação com as organizações operárias. Apesar da cidade ter abrigado seções da Internacional, apenas na década de 1870 temos notícias da presença ativa de militantes. Nos anos seguintes, o movimento cria seus grupos de propaganda, publica seus primeiros

jornais e, com a intensificação do movimento operário a partir de 1888, passa a colaborar na fundação de sindicatos. Esse vínculo, contudo, é interrompido no início dos anos de 1890, com o predomínio dos "antiorganizadores" entre os militantes ácratas. Ele é retomado a partir dos últimos anos do século, quando os "organizadores" se tornaram hegemônicos não só entre os anarquistas, mas também no seio da classe trabalhadora. Sua força ficou evidente na Greve Geral de 1902, por exemplo. Nessa guinada, um dos instrumentos essenciais para a organização e a disseminação dessa corrente foi o projeto editorial do *La Protesta Humana*, fundado em 1897.

Já no terceiro capítulo, discutiremos o circuito editorial anarquista. Veremos como os anarquistas organizaram as tarefas relacionadas tanto à esfera da edição como da circulação. Para isso, diversos agentes interviram: editores, tradutores, distribuidores, livreiros, entre outros. Abordaremos desde as estratégias adotadas para financiar as edições até os modos pelos quais os impressos circulavam. Na verdade, em todas as etapas do circuito nos deparamos com atores que embora não estivessem em Buenos Aires, foram decisivos para seu funcionamento.

Por último, no capítulo final, pretendemos explorar a produção impressa dos anarquistas. Em primeiro lugar, destacaremos a importância de estudar os textos dentro de seus suportes materiais. Discutiremos um caso específico: o folheto *Capacidad Revolucionaria de la Clase Obrera*, publicado pelo grupo Los Ácratas em 1897. Sua edição gerou dúvidas sobre sua autoria para os investigadores que se debruçaram sobre a atividade editorial ácrata. O que nenhum deles notou, no entanto, foi que a publicação é uma adaptação do texto homônimo escrito pelo espanhol Teobaldo Nieva. Cotejando as duas edições, percebe-se claramente a intervenção dos editores ao alterar constantemente a versão original. Em seguida, abordaremos as formas de veiculação dos textos antes deles se tornarem livros e folhetos. O jornal, como principal suporte do período, publicava-os em suas colunas, em folhetim ou em fascículos. Enfim, examinaremos a bibliografia anarquista de Buenos Aires compilada por nós. Enquanto o levantamento completo pode ser lido na forma de apêndice, na última seção do capítulo fizemos uma abordagem a respeito das suas tiragens, dos preços de venda e dos autores e títulos mais publicados. Dessa forma, pensamos ter logrado construir uma noção mais concreta do lugar ocupado pelo circuito editorial anarquista no conjunto geral da cultura impressa portenha, além de lançar luz sobre as preferências de leituras dos editores e problematizar a constituição de um cânone ácrata.

CAPÍTULO 1 – OS DILEMAS DA MODERNIZAÇÃO: ARGENTINA E BUENOS AIRES NO FINAL DO SÉCULO XIX

> "Buenos Aires, que por ser caja fuerte es tribunal y cuartel; Buenos Aires, alambique céntrico, teatro instructivo de la lucha de clases en la América Latina; Buenos Aires, donde los miles que usufructúan el lujo y los cientos de miles obligados a fabricar el lujo y a usufructuar la indigencia, se mezclan unos con otros en la democracia de las calles – la única democracia de estas latitudes –, se aprietan y se frotan, cargándose de una electricidad de venganza."
>
> (Rafael Barret, *Psicología de clase*, 1906)

Em carta dirigida a Karl Marx, escrita em maio de 1873, Raymond Wilmart estava profundamente decepcionado. O delegado da seção argentina da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) confidenciou ao filósofo alemão que não via mais o porquê de seguir com suas atividades revolucionárias no Rio da Prata. Em sua visão, "no hay nada para hacer con los elementos de aquí. Hay demasiadas posibilidades de hacerse pequeño patrón y de explotar a los obreros recién desembarcados como para que se piense en actuar de alguna manera"[1]. Através de sua missiva, percebe-se as dificuldades da AIT em Buenos Aires. Trinta anos depois, contudo, Buenos Aires estava em polvorosa, pois a cidade conhecera sua primeira greve geral seis meses antes. A paralisação iniciada com os trabalhadores do porto se alastrou para várias categorias. Tal evento desfez a dissimulação perante os conflitos sociais.

O contraste entre o relato e o fato ilustra como Buenos Aires se modificou radicalmente durante essas três décadas. Quando Wilmart redigia sua desilusão, a cidade ainda sentia os primeiros reflexos da formação da economia primário-exportadora. Seu porto recebia muitos imigrantes, mas nada que se comparasse às ondas da imigração massiva. A vida urbana não ultrapassava os limites do centro e sua população não alcançava 200 mil pessoas. Nos primeiros anos do século XX, o número de habitantes quintuplicou a partir da

[1] WILMART, Raymond. Carta a Karl Marx, 27/05/1873. In.: TARCUS, Horacio. *Marx en Argentina*: sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires: Siglo XIX, 2007, p. 509. Sobre Raymond Wilmart e a Internacional na Argentina, ver a mesma obra, pp. 73-103. As três cartas de Wilmart a Marx estão transcritas na íntegra nas versões originais, em francês, e nas traduções em castelhano, feitas por Tarcus. Ver ibidem, p. 504-511.

chegada de estrangeiros e seus subúrbios começaram a ser ocupados. A estrutura fundiária concentrada do país e o espantoso crescimento de Buenos Aires fez com que os imigrantes se concentrassem na capital. Diferentemente do que o internacionalista belga presenciou, poucos dos trabalhadores recém-chegados conseguiam ascender socialmente por meio da pequena propriedade. Nas próximas páginas, analisaremos as transformações vividas pela Argentina e como elas reconfiguraram sua fisionomia.

1.1 – As mudanças socioeconômicas da Argentina no final do século XIX

Em 1861, após a Batalha de Pavón, encerrou-se a secessão entre o Estado Autônomo de Buenos Aires e a Confederação Argentina e Bartolomeu Mitre ascendeu ao cargo de presidente do país. Se as dissensões entre os portenhos e as oligarquias regionais não terminaram neste momento, esse evento foi um ponto de virada na contenda central da história da Argentina desde a Independência. A relação entre Buenos Aires e o restante do país, que representou a principal motivação dos conflitos armados entre unitários e federais, ganhou novos contornos a partir do governo de Mitre. A partir de então, estabeleceu-se sua integração política com as demais províncias argentinas e, assim, o período das guerras civis intraelites foi encerrado.

Os portenhos, contudo, permaneciam isolados. As províncias do interior eram dominadas pelos oligarcas de cada localidade e tinham poucas conexões com a província bonaerense, dominada por uma elite imbricada com as rendas aduaneiras. A estrutura econômica não demandava alterações na configuração territorial. A produção de couro e de charque – as principais atividades produtivas da Argentina até meados do século XIX – se caracterizava por uma infraestrutura pouco desenvolvida. Os produtos vinham do gado *cimarrón*, que vivia solto nas pastagens naturais e eram abatidos nas estâncias pelos *gauchos*, principal grupo populacional na área livre dos pampas. A mão de obra empregada era ínfima e não necessitava ser qualificada. As produções das charqueadas eram transportadas até Buenos Aires por meio de comboios de mulas e carroças que margeavam os rios ou que atravessavam as planícies. Dessa forma, a integração territorial dos portenhos com o interior do país teve de esperar a expansão da rede ferroviária, impulsionada por novas atividades econômicas.

A primeira linha férrea foi construída em 1857 com a extensão de 21 quilômetros, partindo de Buenos Aires para o sul. O Estado argentino adotou um liberalismo extremo ao deixar a construção das ferrovias nas mãos de companhias estrangeiras, sobretudo inglesas,

por meio de regimes de concessão. Elas assumiram seu compromisso somente a partir da década seguinte, após a unidade nacional se consolidar e, quando assinaram os contratos, receberam vantajosas contrapartidas. Entre elas estavam o desencargo de impostos e a isenção para os materiais e o combustível importados.

A partir desses acordos ocorreu o desenvolvimento da rede ferroviária argentina. Em 1865 havia 250 quilômetros de vias férreas; em 1870, avançou para 732 e em 1880 saltou para 2.516. No final do século XIX, houve um crescimento espantoso: em 1890 existiam 9.432 quilômetros de linhas construídas; cinco anos depois, o número era de 14.116. Após uma breve desaceleração por volta de 1900, as ferrovias voltaram a se expandir de maneira impressionante na primeira década e meia do século XX. No ano de 1905 o país dispunha de 19.749 quilômetros de ferrovias; em 1915, já eram 33.710. Esses números tornaram a rede ferroviária da Argentina a mais densa da América Latina[2].

Entretanto, o traçado das linhas cumpriu parcialmente o papel de integração territorial. A despeito das vontades iniciais do governo argentino em interligar as capitais das províncias entre si e também com a capital nacional, as companhias ferroviárias impuseram sua vontade. As rotas seguiram os trajetos que culminavam nos portos exportadores de Rosário, Bahía Blanca e, principalmente, Buenos Aires. A razão é clara: as ferrovias não foram construídas com o intuito de seguir os ditames do projeto nacional do governo oligárquico, mas para dar vazão à produção ovina, bovina e cerealista, os novos gêneros econômicos que moveram a economia do país a partir de meados do século XIX.

Gradualmente, a criação de ovinos ganhou terreno na Argentina. Em comparação ao gado bovino destinado ao charque e ao couro, essa atividade econômica se mostrou mais complexa. Os cordeiros e as ovelhas eram criados em áreas cercadas e na época da tosquia requeriam uma mão de obra numerosa. Porém, o principal avanço esteve no cruzamento de raças entre o carneiro local e reprodutores importados, como os da raça Rambouillet e Romney Marsh. Esses tipos eram preferidos pela qualidade da lã e carne. Entre as décadas de 1860 e 1880, o gado ovino se concentrou dentro de um raio de 150 quilômetros de Buenos Aires, ocupando as terras com melhor acesso às ferrovias e aos portos e, por conseguinte, deslocando as charqueadas para as regiões interioranas. O rebanho cresceu na ordem de 57

[2] BOURDÉ, Guy. *Buenos Aires*: urbanización e inmigración. Buenos Aires: Editora Huemul, 1977, p.36.

milhões de cabeças em 1875 para 74 milhões em 1895.[3] Dessa forma, percebe-se a importância da lã e da carne ovina na economia argentina no último quartel do século XIX. A partir dos anos finais do Oitocentos, porém, a criação de cordeiros e ovelhas perdeu espaço para a produção de carne bovina e de cereais. Com isso, os merinos também foram deslocados. Eles passaram a ocupar as terras austrais, onde a baixa temperatura da Patagônia possibilitou uma melhor aclimatação, deixando as terras mais próximas a Buenos Aires para a criação de gado bovino e de cereais.

A produção de carne ganhou força para atender às demandas do mercado internacional, principalmente da Inglaterra. Eventos externos colaboraram para o avanço da Argentina neste setor. O conflito entre bôeres e britânicos no sul da África reduziu drasticamente as exportações da região e, ao mesmo tempo, o crescente consumo interno dos Estados Unidos somado às greves de Chicago diminuíram o envio de carne para o exterior. Desse modo, os pampas ofereciam uma possibilidade para atender à demanda, com o estabelecimento de imensos campos de pastoreio[4]. O número de cabeças em 1888 era de 21 milhões; vinte anos depois, cresceu para 29,1 milhões e, após a Primeira Guerra Mundial, em 1922, o total avançou para 37 milhões[5]. No começo, o gado era exportado vivo para a realização do abate na Europa. O surto de febre aftosa em 1899 e 1900 representou o início do crescimento exponencial da produção de carne congelada. Em 1904 foram exportadas 100.000 toneladas e a quantidade duplicou depois de cinco anos. Todavia, o apogeu da produção de carne aconteceu após a Primeira Guerra Mundial, quando a Argentina se tornou uma das principais representantes mundiais: em 1914, o país exportou 330.000 toneladas e superou o patamar de 500.000, em 1919[6].

Paralelamente à criação de gado bovino, o cultivo de cereais – principalmente de trigo – constituiu a outra grande atividade econômica do país[7]. A produção centrou-se na grande propriedade. A dimensão média das plantações era de 100 hectares em 1890 e de 165 hectares em 1914, ou seja, o dobro em comparação com os Estados Unidos, outro grande exportador

---

[3] GALLO, Ezequiel. La gran expansión económica y la consolidación del régimen conservador liberal. In.: CONDE, Roberto Cortés; GALLO, Ezequiel. *La República Conservadora*. Buenos Aires: Editorial Hyspamerica, 1986, p. 29.

[4] SMITH, Peter H. *Carne y politica en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968, p. 42-43.

[5] BOURDÉ, Guy. *Buenos Aires*: urbanización e inmigración. Buenos Aires: Editora Huemul, 1977, p. 40.

[6] Ibidem, p. 42.

[7] Para uma análise mais abrangente do cultivo de trigo na Argentina, envolvendo questões geográficas e culturais, ver SCOBIE, James R. *Revolution on the Pampas*: a social history of argentine wheat, 1860-1910. Austin: University of Texas Press, 1964.

da época, embora o rendimento argentino fosse duas a três vezes menor. Isso porque no país platino as técnicas de produção eram rudimentares, assumindo as seguintes características: rotação arcaica de culturas, realização de apenas uma colheita por ano, pouca profundidade das lavouras, atraso na implantação do processo de mecanização. Apesar do trigo argentino ganhar má fama no mercado mundial por sua baixa qualidade, ele ocupava um importante papel na economia interna. A colheita era feita no período de entressafras do hemisfério norte, atendendo a demanda dos países europeus no momento de esgotamento dos estoques. A expansão do cultivo de cereais na Argentina foi proporcional ao seu crescente espaço entre os principais exportadores. O trigo ocupava uma área de 820.000 hectares em 1887, de 3.300.000 em 1900 e de 6.925.000 em 1924. Sua produção representava somente 1,2% do mercado mundial no quinquênio de 1884-1888. Na virada do século XIX para o XX, no intervalo de 1899-1903, saltou para 11,5%. Por fim, já no período entre 1925-1929, sua participação era de 22,7%, ocupando o segundo posto, atrás somente do Canadá[8].

Tanto o desenvolvimento da agropecuária como da malha ferroviária tiveram um fator central: o capital inglês. Através do crédito comercial, dos empréstimos ao Estado e dos investimentos em infraestrutura, os bancos britânicos impulsionaram a economia argentina e, evidentemente, colocaram-na sob seu controle. A relação de dependência estabelecida pode ser vista através do crescimento da dívida pública: de 47 milhões de pesos em 1870 para 86 milhões em 1880, disparando, dez anos depois, até alcançar 355 milhões em 1890. Nesse ano, a dívida argentina se descontrolou, gerando uma crise financeira de âmbito internacional[9]. Para dirimir seus efeitos, a partir das últimas décadas do século XIX o Estado entregou cerca de 30 a 40% dos seus ingressos fiscais para o pagamento da dívida.

Nesse período, o capital britânico na Argentina passou, paulatinamente, por um processo de concentração. As companhias e os bancos trocavam seus postos de comando entre si, transformando os investidores ingleses em um grupo coeso. Para se ter uma ideia, talvez o caso mais ilustrativo seja o de George Drabble. Ele foi diretor do London and River Plate Bank, diretor de frigoríficos de Campana e administrador das companhias Ferrocarril Oeste, Ferrocarril Central del Chubut, Ferrocarril Central de Buenos Aires, Ferrocarril Buenos Aires a Rosario, além exercer o mesmo cargo na Ferrocarril Central del Uruguay e na Great

---

[8] BOURDÉ, Guy, op. cit., p. 43-44.

[9] Sobre os antecedentes e as consequências da crise de 1890, ver FORD, A. G.. Argentina and the Baring Crisis of 1890. *Oxford Economic Papers*, Oxford, v. 8, n. 2, p. 127-150, jun. 1956. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/2661728.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2017.

Western of Brazil Railway Company[10]. Logo, os rumos da economia argentina estavam nas mãos de poucas pessoas detentoras de uma visão clara dos seus interesses.

Diversos bancos da Inglaterra, de outros países da Europa e, posteriormente, dos Estados Unidos, abriram suas filiais em Buenos Aires. Dessa forma, além da produção agropecuária e da rede ferroviária convergirem com a zona de influência direta da província bonaerense, o setor financeiro também foi incluído em sua órbita. A hegemonia do país nas mãos da elite portenha foi notada antes da cidade se transformar na grande metrópole. Na década de 1870, as discussões sobre a federalização de Buenos Aires e sua transformação oficial em capital da Argentina se intensificaram. Até esse momento, a cidade era a capital provincial e cedia seus domínios para que as instituições federais funcionassem. A questão perdurou até 1880 entre os defensores de tornar Buenos Aires a capital nacional e seus opositores, proponentes das instituições federais se mudarem para outra província, como forma de contrabalancear o poder político no país e, ademais, manter a autonomia portenha. Apesar das vozes dissonantes, Buenos Aires se tornou oficialmente a capital federal. Desse modo, ao consolidar-se como o ponto central na rede de transportes do país, congregar os investimentos internacionais e as rendas aduaneiras da produção nacional e, ainda, ao se estabelecer como o núcleo do poder político, Buenos Aires se firmou como "la reina del Plata"[11], nas palavras de Rodolfo Puiggrós.

A notável expansão econômica incitou o processo migratório. Em um contexto de crescente desocupação e restrito acesso à terra na Europa, milhões de pessoas decidiram cruzar o Atlântico e buscar melhores condições de vida no continente americano. Embora muito distante dos Estados Unidos como o principal destino dos imigrantes na virada do século XIX para o XX, a Argentina esteve no segundo posto, bem à frente dos demais países (Canadá e Brasil, respectivamente)[12]. Os pesquisadores de imigração destacam as dificuldades em obter números precisos, devido às informações lacunares e fragmentárias, além dos critérios adotados para se estabelecer as características que definem o imigrante, entre outras

---

[10] ORTIZ, Ricardo M. *Historia económica de la Argentina*: 1850-1930. Tomo I. Buenos Aires: Pampa y Cielo, 1964, p. 258

[11] PUIGGRÓS, Rodolfo. *Historia economica del Río de la Plata*. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1948, p. 257-267.

[12] Segundo Gino Germani, a Argentina recebeu cerca de 11% do total da imigração intercontinental do período, enquanto o Canadá absorveu 8,7% e o Brasil, 7,4%. GERMANI, Gino. *Política e sociedade numa época de transição*: da sociedade tradicional à sociedade de massas. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973, p. 200.

questões[13]. Esclarecido os limites das estimativas, calcula-se que entre 1871 e 1914 aportaram no país cerca de 5,6 milhões de estrangeiros. Nem todos permaneceram, contudo, pois parte decidiu retornar ao seu país natal ou migrar para outro país vizinho, como o Brasil ou o Uruguai. As razões foram das mais variadas: não conseguiram manter sua subsistência; tiveram um choque de realidade com a frustração das suas expectativas; cumpriram o plano predeterminado de retornar após reunir certa economia ou, ainda, chegaram para trabalhar nos meses da colheita dos cereais, quando não havia trabalho nos campos da Europa, e fizeram o caminho de volta (a chamada imigração "andorinha"). Apesar do alto número de estrangeiros que decidiram não residir na Argentina (perto de 2,5 milhões), o saldo migratório foi positivo nesse período: cerca de 3,1 milhões de imigrantes permaneceram no país[14]. Se os imigrantes estavam em busca de ganha-pão, não havia região da Argentina que poderia ofertar-lhes mais oportunidades do que a emergente rainha do Prata.

1.2 – O devir de uma metrópole: imigração e espaço urbano em Buenos Aires

Ao se projetar como centro político e econômico da nação, Buenos Aires também concentrou grande parte do fluxo imigratório. Para se ter claro o impacto da imigração, voltemos nosso olhar para os dados demográficos. No quadro 1, vemos a evolução da população de Buenos Aires. Nota-se que, entre os dezoito anos transcorridos de 1869 a 1887, a população saltou de 187.126 habitantes para 433.375 e, em 1904, o número de habitantes ultrapassou os 950.000. Dessa forma, é possível afirmar que a população de Buenos Aires aproximadamente dobrou a cada quinze anos. A expansão da cidade portenha só é comparável no período com Nova York. Entre 1886 e 1895, a média anual de crescimento da capital argentina foi de 6,6%, enquanto a cidade estadunidense cresceu 4,9%. No ínterim de 1904 e 1909, os resultados foram praticamente similares, pois Buenos Aires cresceu 5,8% ao ano e Nova York 5,7%[15].

---

[13] Ver GERMANI, Gino, op. cit., p. 202.

[14] DEVOTO, Fernando. *Historia de la inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003, p. 148.

[15] BOURDÉ, *Buenos Aires*: urbanización e inmigración. Buenos Aires: Editora Huemul, 1977, p. 143-144.

Quadro 1 – População de Buenos Aires segundo os Censos Nacionais e Municipais

Grupos nacionais	1869	1887	1895	1904
Argentinos	94.968	204.774	318.361	523.041
Italianos	44.233	138.166	181.693	228.556
Espanhóis	14.609	39.562	80.352	105.206
Franceses	14.180	20.031	33.185	27.574
Demais nacionalidades	19.136	30.882	50.263	66.514
Total de estrangeiros	92.158	228.641	345.493	427.850
População total	187.126	433.375	663.854	950.891

Fonte: Dados retirados de BOURDÉ, Guy, Buenos Aires: urbanización e inmigración. Buenos Aires: Editora Huemul, 1977, p.156-157.

A comparação entre as duas cidades não é fortuita, uma vez que ambas eram importantes portos do Atlântico e a imigração as impactou fortemente. No caso platino, segundo o estudo demográfico de Guy Bourdé, cerca de 35% dos imigrantes que desembarcaram na Argentina se estabeleceram em sua capital entre 1895 e 1914. Considerando o território da província de Buenos Aires, a proporção foi de 62,7% dos estrangeiros do país em 1914. Em suma, um a cada três imigrantes se fixou em Buenos Aires e dois a cada três se instalaram na região da capital e no seu entorno[16]. Como podemos ver no quadro 1, em 1895 os imigrantes representavam 52% dos habitantes da cidade; em 1904, embora o número tenha se reduzido para 45%, ainda era quase a metade da população. O crescimento vegetativo e o êxodo rural mantiveram o aumento populacional durante as épocas de estagnação da imigração, sobretudo nos anos seguintes à crise de 1890. Todavia, indiscutivelmente, o fluxo migratório foi o principal vetor do crescimento demográfico de Buenos Aires. Como afirma Gino Germani, o fim último da imigração foi de "modificar substancialmente a população"[17], ocasionando uma profunda transformação na sociedade argentina.

Ainda no quadro 1, nota-se que a maior comunidade estrangeira em Buenos Aires era a dos italianos. Embora, em termos absolutos, observa-se seu crescimento progressivo ao longo dos anos, em termos relativos a proporção em relação à população total teve leve queda.

[16] BOURDÉ, op. cit., p. 158.

[17] GERMANI, Gino, op. cit., p. 198

Eles representavam praticamente um terço dos habitantes da capital em 1887, mas nos anos seguintes caíram para um quarto. Os espanhóis constituíram o segundo grupo mais numeroso entre os imigrantes, porém muito menor do que os italianos, girando em torno de um décimo da população da cidade. Em termos relativos, contudo, apresentou evolução ao longo dos anos, anunciando um movimento que se consolidou no entreguerras, quando o número de espanhóis em Buenos Aires se equiparou ao de italianos. Por fim, o último grupo que destacamos é o dos franceses. Inicialmente, formavam uma parcela considerável entre os residentes, de 10% no censo de 1869. Todavia, com o passar dos anos, apesar do aumento em termos absolutos, sua porcentagem caiu para cerca de 5%, em 1887, e diminuiu para 3%, em 1904. Como se pode imaginar, os dados demográficos municipais acompanham os registros de desembarque em todo o país. As estimativas da chegada de imigrantes no país do ano de 1880 até 1914 indicam que metade vinha da Itália, enquanto que um terço era oriundo da Espanha[18]. Ou seja, os dois países somados foram responsáveis pelo envio de 80% dos estrangeiros que aportaram na Argentina.

O plano inicial da elite dirigente era o de utilizar a mão de obra vinda do exterior para a criação de colônias agrícolas, com o fim de povoar o território. Todavia, a valorização das terras dos pampas conduziu à concentração fundiária e, consequentemente, à impossibilidade de os camponeses estrangeiros obterem sua propriedade rural. Restavam duas opções, tanto aos imigrantes que já estavam na Argentina como àqueles recém-chegados: a primeira era trabalhar no campo na condição de arrendatário ou peão assalariado; a segunda, buscar uma nova ocupação nas zonas urbanas[19]. Frente a essa situação, grande parte dos imigrantes optou pelo último caminho, alterando sensivelmente o mundo do trabalho na região da capital.

Se na década de 1860 Buenos Aires se caracterizava por uma economia artesanal, a partir dos últimos anos do século XIX se iniciou uma tímida industrialização. Apesar de incipiente, são nítidas a evolução tecnológica e a concentração da mão de obra, que se intensificaram durante a Primeira Guerra Mundial. Nesse momento, poucas categorias acompanharam esse processo, porém, sua emergência evidenciou uma característica marcante da nova Buenos Aires: a desigualdade social gritante gerada pela tensão entre capital e trabalho. Por meio das organizações operárias e das crescentes greves, com ênfase na Greve

[18] DEVOTO, Fernando. *Historia de la inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003, p. 247.

[19] FERRERAS, Norberto O. A formação da sociedade Argentina contemporânea: sociedade e trabalho entre 1880 e 1920. *História [online]*, vol. 25, n.1, 2006, p.172. Sobre a questão da estrutura fundiária argentina e os obstáculos encontrados pelos imigrantes para ter acesso à terra, ver GERMANI, Gino, op. cit., p. 209-221.

Geral de 1902, a classe trabalhadora se formava. A possibilidade de ascensão social por meio do pequeno comércio ou da propriedade rural ficou restrita às primeiras levas de imigrantes, entre as décadas de 1870 e 1880. No fim do século, essa perspectiva não existia mais, restando aos trabalhadores a venda da sua força de trabalho.

A população economicamente ativa de Buenos Aires saltou entre um censo e outro: em 1887, era de 203.272; em 1895, 304.527; e chegou a 412.078 em 1904. Não houve mudanças significativas nas porcentagens das categorias. Cerca de um terço da mão de obra ocupava postos de trabalhos em pequenas fábricas e oficinas, um quinto trabalhava no comércio. Logo em seguida, estavam os trabalhos domésticos, que em sua maioria eram costureiras; os peões, isto é, os trabalhadores por jornada; e, por fim, os trabalhadores da área dos transportes. Como se pode imaginar, a maioria dos trabalhadores era composta por estrangeiros, mas seu peso econômico era ainda maior do que o demográfico. Enquanto os imigrantes representavam aproximadamente a metade da população, cerca de dois terços dos trabalhadores da cidade não nasceram na Argentina. Em alguns ofícios, como alfaiates, sapateiros, padeiros e pedreiros, a porcentagem de estrangeiros era de 80 a 90%. Também era significativa a presença de imigrantes entre os proprietários das pequenas fábricas e oficinas, bem como dos comércios. Três quartos da burguesia bonaerense, por exemplo, era composta por imigrantes. [20]

Contudo, os estrangeiros, fossem proprietários ou trabalhadores, não foram assimilados de maneira plena pela sociedade argentina nesses anos. Os primeiros, a despeito de controlarem a economia urbana, eram minoritários dentro da oligarquia rural e da burocracia estatal, grupos que formavam a elite dirigente da época, praticamente restrita aos argentinos. Quanto aos trabalhadores, acrescenta-se a esse esforço de distinção a desconsideração das demandas dos setores populares na direção da política nacional. A ideologia paternalista da República Conservadora, ao propor a condução da nação por meio de uma minoria esclarecida, fechava os círculos do poder a uma esfera restrita que governava segundo seus próprios interesses. Como afirma Jorge Solomonoff: "La élite dirigente mantuvo invariablemente el propósito de llevar adelante sus proprios planes, sin la menor participación en la toma de decisiones por los estratos populares, fuese siquiera por la indirecta y bastante inocua vía del voto."[21]

---

[20] BOURDÉ, Guy, op. cit., p. 179-193.

[21] SOLOMONOFF, Jorge N. *Ideologías del movimiento obrero y conflicto social*: de la Organización Nacional hasta la Primera Guerra Mundial. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 1988, p. 116.

Assim, nesse contexto, não é de assustar a baixa procura dos imigrantes pela cidadania argentina. O número de naturalizações em 1895 foi de apenas 715 em meio aos 345.493 residentes estrangeiros em Buenos Aires. Houve um crescimento depois de nove anos, ao alcançar 5.133 dentro de um total de 427.850. Porém, percentualmente os números seguem insignificantes: na primeira data a porcentagem é quase nula, de 0,2%, enquanto na segunda é de mais ou menos 2%. Para se ter uma ideia, em 1890, nos Estados Unidos, 65% dos imigrantes eram cidadãos e, em 1900, 67%[22]. Ademais, os grupos nacionais que aportavam em Buenos Aires constituíram diversas associações étnicas. Por meio da sua imprensa e atividades desenvolvidas nos seus centros sociais, elas formavam importantes espaços de sociabilidade, reforçando os vínculos dos imigrantes entre si e reforçando sua identidade cultural específica.

As comunidades étnicas foram um importante caminho de integração dos imigrantes. Os círculos operários representaram outro meio, ao cumprirem funções similares em termos de sociabilidade. As construções da identidade étnica e da identidade de classe se deram dentro de um processo sincrético a partir da influência de múltiplos componentes culturais heterogêneos[23]. Vale acrescentar que, em muitos casos, os imigrantes não passaram por experiências de aculturação nacional em seus países de origem. Além disso, muitos trabalharam em ofícios diferentes das atividades econômicas que desempenhavam em sua terra natal, como no caso da imensa porção de camponeses fixados em Buenos Aires. Logo, tanto a identidade étnica como a de classe se construíram em solo argentino. Como afirma Fernando Devoto:

> muchos inmigrantes habían llegado aquí sin haber pasado por la escuela pública en sus países de origen ni por otras experiencias "nacionalizadoras" y sus vínculos y sus identidades eran más aldeanas que nacionales. Aquí iban

[22] SOLOMONOFF, op. cit., p. 117.

[23] Segundo Gino Germani, como a imigração massiva não encontrou uma população nativa consolidada, não é possível afirmar que houve "a assimilação dos imigrantes à cultura argentina preexistente, ou identificação desta com algumas das correntes estrangeiras mais numerosas: foi, pelo contrário, uma síncrise que originou – sobre isto cabem poucas dúvidas – um tipo cultural novo" (GERMANI, Gino, op. cit. p. 241). Para o autor, os filhos dos imigrantes e seus descendentes representam esse "tipo cultural novo", pois já se encontram aculturados e identificados com o país. Cabe ressaltar que, por meio do princípio de *jus solis*, a Argentina reconhecia como cidadão toda pessoa nascida dentro do seu território. Desse modo, os dilemas vividos pelos imigrantes entre a virada do século XIX e início do século XX, quando foram colocados em uma encruzilhada entre suas origens étnicas e sua posição de classe, inseridos em um espaço que passava por profundas transformações sociais e econômicas, compõem um momento chave da história argentina. Ver GERMANI, Gino, op. cit. p. 197-246.

> a verse tironeados entre aquellos que querían hacer de ellos un "italiano" o un "español" y aquellos que los querían convertir en "proletarios". La identidad étnica así entraba en una tensión constructora con la identidad de clase. [...] Otro actor trataba de operar sobre ellos: el Estado argentino y sus grupos dirigentes, que intentaban "argentinizarlos".[24]

O espaço urbano de Buenos Aires também acompanhou as profundas alterações no seu tecido social. O traçado caracterizado por quarteirões simetricamente quadrados e isométricos, típico das cidades coloniais da América Hispânica, foi expandido. As razões para o *damero* ter sido conservado são de ordem geográfica e econômica. O terreno plano dos pampas facilitava a reprodução do modelo urbano que, por não necessitar de grandes investimentos para ser implantado, favorecia os interesses dos especuladores imobiliários[25]. Desse modo, Buenos Aires cresceu sem modificar seu desenho original em demasia. Na ausência de obstáculos topográficos, ela se expandiu horizontalmente, em direção ao norte, com a ocupação do território do distrito de Belgrano, a oeste, rumo ao distrito de Flores e ao sul, na região das margens do Riachuelo.

O início da mudança na configuração urbana foi a saída da classe alta do centro entre as décadas de 1860 e 1870. Na tentativa de fugir das doenças epidêmicas que afligiram a cidade, como o surto de cólera em 1867, de febre tifoide em 1869 e de febre amarela em 1871, as famílias abastadas se mudaram para o norte, fixando-se nos bairros de Palermo, Recoleta ou indo mais longe até Belgrano, e rumo ao oeste, para Flores, Floresta ou Caballito, onde tinham suas casas de veraneio[26].

Os antigos casarões do centro, desocupados com esse processo, ganharam outra serventia: passaram a servir como moradia para os estrangeiros recém-chegados. Foram transformadas, então, em *conventillos* – nome pelos quais ficaram conhecidos os cortiços portenhos. Em geral, os cômodos dos imóveis eram subdivididos para dar origem a mais quartos. Por isso as dimensões das habitações eram exíguas, com média de quatro metros por cinco, sendo que cada uma delas era alugada separadamente. Não raro, famílias inteiras

---

[24] DEVOTO, op. cit., p. 271.

[25] GUTMAN, Margarita; HARDOY, Jorge Enrique. *Buenos Aires*: Historia urbana del área metropolitana. Madri: Editorial MAPFRE, 1992, p. 90-92

[26] FERRERAS, Norberto Osvaldo. *O cotidiano dos trabalhadores de Buenos Aires (1880-1920)*. Niterói: EdUFF, 2006, p. 46.

residiam juntas, s quartos não tinham janela e, por isso, eram mal iluminados com péssima ventilação.

A planta dos cortiços tinha, em geral, um pátio interno que dava acesso às habitações e a uma escada ligando ao piso superior, no qual se situavam os demais quartos. A estrutura dos imóveis não comportava tantas pessoas, havendo o compartilhamento de latrinas e da fonte de água entre todos os inquilinos. Uma grande parcela da cidade morava em tais condições precárias. Entre 1880 e 1904, os *conventillos* concentraram entre 15 a 25% da população de Buenos Aires[27].

Na virada do século XIX para o século XX, o centro abrigava não só os cortiços, mas também luxuosos magazines e requintados cafés. Na década de 1880, a intendência de Torcuato de Alvear remodelou a cidade inteira, porém, suas principais ações se voltaram para a região central. Inspirado pelas transformações de Paris durante a prefeitura de Georges Haussmann, Alvear reconfigurou o centro da cidade com o objetivo de adaptá-lo às concepções higienistas e de torná-lo um espaço de sociabilidade para a elite portenha. Sua administração levou a cabo dois grandes projetos. O primeiro, foi a criação da Plaza de Mayo, a partir da unificação da Plaza Victoria a oeste e da Plaza 25 de Mayo a leste. Elas estavam separadas pela "Recova de Buenos Aires", o mais famoso mercado popular da cidade, que foi demolido para dar lugar a nova Plaza de Mayo. A outra grande obra de Alvear foi a construção de uma larga avenida entre a praça recém-construída e a Plaza Lorea, cujo trajeto era ocupado por uma fileira de quarteirões densamente ocupados. Construída sob o modelo dos *boulevards* parisienses, a Avenida de Mayo foi inaugurada em 1894 e se converteu em um lugar de passeio para a elite portenha. Percebia-se, assim, as contradições da modernização portenha entre a opulência dos novos edifícios e a miséria dos *conventillos*[28].

No princípio da década de 1900, com o adensamento populacional, a classe trabalhadora passou a ocupar o subúrbio. Nesse momento, as terras ao norte eram inacessíveis devido ao seu alto preço, pois a região fora ocupada pelas famílias mais abastadas da cidade nas décadas anteriores. Aos moradores de baixa renda restaram duas escolhas. A primeira era migrar para o oeste, nos bairros que não eram mais ocupados pela burguesia, dando espaço à fragmentação das quintas de veraneio com o fim de transformá-las em casas de aluguel. A outra opção era se dirigir ao sul, sobretudo na região de La Boca e Barracas, ou então cruzar o

---

[27] BOURDÉ, op. cit, p. 209.

[28] Sobre as transformações no centro de Buenos Aires durante as últimas décadas de 1880, ver SCOBIE, James R. *Buenos Aires*: Plaza to suburb. Nova Iorque: Oxford University Press, 1974, p. 114-159.

Riachuelo e se estabelecer próximo a outra margem, em Barracas al Sud (município hoje nomeado de Avellaneda). A migração interna rumo ao Sul concentrou o maior fluxo e também foi motivada pela saída de algumas fábricas do centro para os terrenos próximos ao Riachuelo, levando consigo trabalhadores que não tinham outra opção a não ser residir próximo do seu local de trabalho. Em parte, outro estímulo foi a troca da moradia dos *conventillos* pela casa própria, em geral feita por autoconstrução ou comprada a longas prestações pelos trabalhadores com maior poder aquisitivo[29].

As condições de habitação não eram tão diferentes daquelas vistas nos cortiços. Os materiais de construção empregados nas casas vinham de sobras dos elementos utilizados em outras obras ou de restos de produtos encontrados nos depósitos de lixo, oriundos pelos descartes do porto. Dado o alto custo do tijolo e da pedra e a escassez de madeira no mercado interno, os trabalhadores construíam suas casas sobretudo com zinco, facilmente obtido das latas descartadas de petróleo ou de querosene importados. O precário material garantia pouca proteção contra a variação climática portenha, que ia desde o cálido verão até o gélido inverno. Ademais, em alguns casos, a densidade habitacional se equiparava com aquela encontrada nos *conventillos*. Funcionários do Censo de 1909 reportaram aos seus superiores o fato de haver casas de três cômodos com mais de vinte residentes[30]. Outro problema enfrentado pelos habitantes dos bairros ao sul da cidade era o alagamento do Riachuelo. Na época de chuvas intensas, os moradores de La Boca, Barracas e Barracas al Sud ficavam ilhados em suas casas ou em seus postos de trabalho. A água se misturava com os dejetos do aterro sanitário e das fábricas, deixando as ruas em situação completamente insalubre[31]. Eis, de forma resumida, um retrato das precárias moradias da classe trabalhadora portenha, seja residindo no centro ou no subúrbio.

A ocupação de regiões outrora afastadas só foi possível graças à expansão da rede de transportes. O principal meio de locomoção foi o bonde, primeiro a cavalo e, logo depois, movido por eletricidade. Tal qual ocorreu com as ferrovias, o Estado também repassou os serviços para as companhias privadas. As primeiras concessões datam do final da década de 1860. Os bondes a cavalo dominaram o setor até o final do século XIX. Inicialmente, o desenvolvimento foi lento. Em quinze anos, entre 1873 e 1887, o número de carros e de

---

[29] A respeito dos projetos dos trabalhadores em adquirirem suas próprias casas e a constituição dos primeiros subúrbios operários da cidade, ver FERRERAS, Norberto Osvaldo, op. cit., p. 40-61.

[30] FERRERAS, Norberto Osvaldo, op. cit., p. 51.

[31] MAFUD, Julio. *La vida obrera en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1976, p. 177-181.

funcionários duplicou enquanto o número de vias não ultrapassou 150 quilômetros. Nos dez anos seguintes, a evolução foi mais acelerada: os carros e os empregados das companhias triplicaram e foram registrados mais de 384 quilômetros de linhas. Nesse momento, os bondes elétricos entraram em funcionamento e seu crescimento foi assombroso. Em 1903, os dois tipos de transporte se equilibraram. Entre 1902 e 1914, o número de linhas eletrificadas saltou de 112 quilômetros para 807; o número de carros foi de 132 para 2.369; e o número de funcionários evoluiu de 967 para 11.581. Em síntese, a progressão do transporte público bonaerense pode ser compreendida em duas etapas. A primeira era dos bondes a cavalo, entre a década de 1870 e os anos finais do século, quando foram traçadas as rotas no centro da cidade. A segunda, entre o início do século XX e o início da Primeira Guerra Mundial, período no qual os bondes elétricos passaram a ser dominantes e em que as vias foram estendidas até o subúrbio[32].

As obras de equipamento urbano não se restringiram apenas ao transporte, abarcando também a iluminação, o abastecimento de água potável, a coleta de esgoto e a pavimentação. A instalação do sistema de iluminação iniciou-se na década de 1870, através dos contratos assinados com as companhias estrangeiras. A iluminação a gás, tanto pública como residencial, foi o principal modelo até a primeira década do século XX, quando também foram introduzidas em menor escala as lâmpadas de querosene, que tinham um custo mais baixo. Posteriormente, ambas perderam espaço para a iluminação elétrica que, evidentemente, condicionou e acompanhou a evolução dos bondes elétricos. A partir de 1900, a empresa alemã Siemens passou a ter o monopólio do setor e fez acordos comerciais com as concessionárias de transportes. Dessa forma, a rede elétrica ganhou impulso, equiparou-se com a iluminação a gás e praticamente a substituiu no entreguerras. Todavia, sua distribuição foi exclusiva a alguns pontos da cidade. Em 1912, apenas o centro, o Barrio Norte e Flores eram iluminados por lâmpadas elétricas. Conforme os aparelhos elétricos eram postos no lugar das antigas instalações a gás, estas eram reaproveitadas em bairros como La Boca, Balvanera e Almagro. Outros cantos da cidade, como Villa Urquiza, Belgrano e Caballito, só dispunham de lâmpadas a querosene[33].

O sistema de encanamento de água e esgoto começou a ser construído após a federalização da cidade, em 1880. Apesar do ciclo das epidemias, a população seguia captando água por meio de poços e cisternas, pois a municipalidade argumentava não ter

[32] BOURDÉ, op. cit, p. 103-105.
[33] BOURDÉ, op. cit., p. 107-111.

orçamento suficiente para levar adiante as obras. Sob a responsabilidade do governo federal, a construção da rede de água e esgoto saiu do papel. Um grande reservatório foi construído na região norte da cidade, na Recoleta, captando água do Rio da Prata, inaugurado em 1894. O esgoto era coletado e direcionado para o sul, atravessando o Riachuelo em direção a Quilmes, onde era despejado a mais de 32 quilômetros de distância do centro de Buenos Aires. Em 1887, apenas 21,2% das casas tinham acesso à água tratada; em 1904, esse percentual foi de 57% e cinco anos mais tarde houve uma diminuição, atingindo 53,6%[34]. Essa queda mostra o esgotamento da rede de abastecimento de água. Com isso, nos primeiros anos do século XX iniciou-se obras para a expansão do sistema, concluídas após pouco mais de uma década. Na década de 1920, a rede de água encanada já atendia praticamente todo o perímetro da capital.

A implementação da rede de abastecimento de água e de coleta de esgoto se realizou em conjunto com as obras de pavimentação. Era financeiramente mais viável fazer as escavações para os dois serviços de uma vez só. Reformar as ruas era visto como uma obra de saúde pública, pois os lamaçais formados após as chuvas podiam ser um fator de proliferação de doenças. Variadas formas foram adotadas, como os empedrados, os paralelepípedos de granito ou de madeira e o asfalto. Novamente vemos uma distribuição desigual. Em 1912, o centro e o Barrio Norte tinham pavimentos de madeira ou de asfalto, relativamente caros e menos ruidosos; bairros mais populares, como Almagro, Balvanera e Chacarita, e os mais antigos, como Belgrano e Flores, eram pavimentados com granito; as ruas de La Boca e Barracos recebiam o tratamento mais rústico dos empedrados. Regiões mais periféricas ainda não tinham qualquer tipo de pavimentação.

Portanto, por meio da formação dos bairros e do desenvolvimento das obras públicas, é visível a cisão espacial originada a partir da expansão urbana de Buenos Aires. Ao norte, as famílias abastadas se fixaram e usufruíram de uma zona de opulência; no centro, os *conventillos* mesclavam-se com os espaços de sociabilidade da elite; e, ao sul, os trabalhadores viviam em bairros paupérrimos que recebiam pouca atenção das autoridades públicas.

[34] BOURDÉ, op. cit., p. 113.

1.3 – As contradições dos campos de leitura na Argentina finissecular

Diante da multidão estrangeira que desembarcava no país, a elite política encarou o problema da manutenção da identidade nacional. Indubitavelmente, as alternativas teriam de passar por tentativas de "nacionalizar" os imigrantes. Para isso, a principal ferramenta adotada foram as escolas, tal qual sucedeu em outros países no mesmo período, que estavam conformando seus respectivos Estados-Nação. Outro elemento presente na criação do sistema de ensino esteve voltado a outra questão derivada da primeira. Trata-se da formação dos futuros dirigentes da nação, oriundos de uma minoria *criolla*, em uma sociedade composta majoritariamente por outras nacionalidades. Em meio a esses dilemas, constituiu-se a educação pública na Argentina. De um lado, o ensino primário esteve focado em difundir a identidade nacional e assimilar os imigrantes e, sobretudo, seus filhos; por outro, o ensino secundário vinculou-se ao projeto de formação dos novos quadros da elite oligárquica. Em decorrência da formação da educação pública argentina houve uma sensível expansão do público leitor, alterando decisivamente a configuração dos campos de leitura no país, como veremos a seguir.

1.3.1 – Entre escolas e bibliotecas

É necessário ressaltar que a importância dada à educação como instrumento de modernização antecede a "era aluvial"[35] e foi mobilizada pelos idealizadores da Constituição de 1853. A instrução dos cidadãos estava no centro de suas preocupações, ao lado da urgência em povoar o território[36]. As primeiras iniciativas de projetos estatais voltados à educação datam da década de 1860, durante a presidência de Bartolomé Mitre. Seu governo priorizou o ensino secundário, executando uma tentativa de uniformização das instituições em todo o território nacional. O modelo a ser seguido foi o do Colégio Nacional de Buenos Aires, fundado em 1863. Em seguida, foram fundados outros colégios em regiões como Catamarca, Tucumán, San Juan e Salta[37]. O interesse central era desenvolver a educação voltada à

[35] Termo cunhado por José Luis Romero para designar o período entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX. Ver ROMERO, José Luis. *Las ideas políticas en Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1987, p. 167-294.

[36] PRIETO, Adolfo. *El discurso criollista en la formación de la Argentina moderna*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988, p. 27.

[37] PUIGGRÓS, Adriana. *¿Que pasó en la educación argentina?* Buenos Aires: Editorial Galema, 2003, p. 78.

minoria ilustrada. Em sua acepção, a Nação era responsável pelo ensino secundário e universitário, enquanto as províncias ficavam incumbidas pela gestão das escolas primárias.

As ações estatais no campo educacional prosseguiram nos governos seguintes. Domingo Faustino Sarmiento, sucessor de Mitre no governo argentino, foi sem dúvida o prócer da educação pública do país. Ele se ocupou do tema desde seu exílio na década de 1840 no Chile, chegando a visitar os Estados Unidos e a Europa para conhecer o funcionamento das instituições de ensino. Nesse momento, começou a construir sua trajetória intelectual, tendo a educação como eixo central. Inspirado principalmente pelo que viu na América do Norte, para Sarmiento a educação capacitava os cidadãos para a atividade política ao fomentar um "espíritu público", responsável por fazer "lo que la ley no pude hacer, porque es la acción de los sentimientos comunes a una sociedad, manifestándose por actos independientes de la acción gubernativa"[38], como afirma em *Educación Común*. A difusão do domínio da leitura e da escrita era o ponto de partida para se construir uma nação sob o baluarte da "civilização" e, por conseguinte, superar a "barbárie". Esse binômio esteve presente em todo o projeto político sarmentiano. A missão civilizatória promovida pela educação em seu combate contra os instintos bárbaros pretendia elevar intelectualmente o povo; porém, antes de realizá-la, selecionava quais grupos sociais tinham a capacidade de ser o objeto de tal programa. Nesse sentido, a desconfiança de Sarmiento pairava principalmente sobre os "gauchos" e os povos indígenas. Em sua obra *Educación popular*, de 1846, ele lamentava o fato de ainda existir povos indígenas em alguns países americanos, caracterizando-os como culturalmente irrecuperáveis. Nesse livro, o autor afirma:

> Pero es hecho fatal que [...] el cambio de civilización, de instintos y de ideas no se haga sino por cambio de razas. ¿Qué porvenir aguarda a Méjico, el Perú, Bolivia y otros estados sudamericanos que tienen aún vivas en sus entrañas como no digerido alimento, las razas selvajes o bárbaras indígenas que absorbió la colonización, y que conservan obstinadamente sus tradiciones de los bosques, su odio a la civilización, sus idiomas primitivos y sus hábitos de indolencia y de repugnancia desdeñosa contra el vestido, el aseo, las comodidades y los usos de la vida civilizada? ¿Cuántos años, sino

[38] SARMIENTO, Domingo Faustino. *Educación Común*. Santiago de Chile: Imprenta del Ferrocarril, 1856, p. 38.

> siglos para levantar aquellos espíritus degradados, a la altura de hombres cultos y dotados del sentimiento de su propria dignidad?[39]

Enquanto ocupou o cargo de presidente, o centro da sua atenção foi o desenvolvimento do ensino primário. Durante seu governo a fundação de escolas cresceu de forma exponencial e o número de matrículas nas escolas saltou de cerca de 30.000 para aproximadamente 100.000. Para municiar um empreendimento desse porte foi preciso mobilizar recursos e formar funcionários aptos. Nesse sentido, Sarmiento promulgou a "Ley de Subvenciones Nacionales", autorizando o financiamento federal de iniciativas de ensino público a cargo das províncias. Também foi responsável pela criação das primeiras Escolas Normais, cuja função era a capacitação de professores. A primeira foi a Escola Normal de Paraná, fundada em 1870, a qual serviu de instituição exemplar para as seguintes. Sarmiento trouxe dos Estados Unidos um professor para ser o reitor e convidou diversas professoras do mesmo país para trabalharem nas escolas argentinas[40].

Percebe-se uma diferença de enfoque nas políticas educacionais entre Mitre e Sarmiento. Enquanto o primeiro se ocupou do ensino secundário, atentando-se à educação das futuras gerações das elites do país, o segundo focou na criação das escolas primárias. Contudo, as diferentes perspectivas não resultaram em propostas contraditórias, mas sim complementares. Como afirma Adriana Puiggrós: "estas posiciones no estaban totalmente enfrentadas. Ni Mitre negaba la necesidad de desarrollar la educación básica ni Sarmiento despreciaba la educación media y universitaria dirigida a las elites; se trataba de un asunto de prioridades."[41]

Sarmiento seguiu como figura de destaque na política educacional argentina após deixar a presidência. Em 1875, foi nomeado diretor da "Comisión Nacional de Educación". Em sua nova função pôde estender os projetos de ensino voltado para os adultos. Nesse sentido, a principal medida adotada foi a criação das escolas noturnas. Ao atenderem alunos com mais de quinze anos, elas representaram um importante fator na redução do analfabetismo. Na mesma direção caminharam as escolas militares, com currículos que iam desde a leitura e a escrita até matérias de teor cívico, como História. Qualquer soldado com

---

[39] SARMIENTO, Domingo Faustino. *Educación Popular*. La Plata: UNIPE, 2011, p. 50.

[40] FRANCO, Stella Maris. *Luzes e sombras na construção da nação argentina*: os manuais de História Nacional (1868-1912). Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p. 28.

[41] PUIGGRÓS, Adriana, op. cit., p. 75.

desejo de receber alguma promoção era obrigado não só a cursar a escola militar, como a frequentar aulas extracurriculares [42]. Dessa forma, as escolas noturnas e militares representavam um complemento do projeto educacional desenvolvido no ensino primário de incutir o patriotismo e introduzir a capacidade de ler e escrever no seio da população Argentina.

Todavia, apesar das diversas iniciativas das décadas de 1860 e 1870, ainda não havia uma legislação que cumprisse o papel de unificar os sistemas de ensino e regulamentasse a relação entre as instituições provinciais e nacionais. Os primeiros movimentos nessa direção ocorrem em 1882, quando ocorreu o "Congreso Pedagógico Sudamericano" em Buenos Aires. As discussões ocorridas nesse espaço serviram de prelúdio para a Lei nº 1420 ou Lei de Educação Comum, promulgada dois anos depois. Os debates de construção da lei se polarizaram entre intelectuais católicos e laicos[43]. Com o triunfo do último grupo, a lei decretou o ensino obrigatório e laico para as crianças e a gratuidade das escolas públicas, além da normatização da estrutura burocrática da educação pública no país.

Com isso, o governo argentino afastou a influência da Igreja das escolas oficiais. Além disso, projetos de ensino técnico também foram alijados. Alguns intelectuais defendiam a reforma das escolas para que elas se tornassem o espaço de formação de uma mão de obra produtiva capaz de contribuir com a modernização do país. Contudo, segundo Juan Carlos Tedesco, tal programa não se adequava aos interesses da economia primário-exportadora do país e foi preterido em favor das propostas pedagógicas tradicionais, marcadas por conteúdos enciclopédico-humanistas [44]. Dessa forma, Tedesco conclui que o estabelecimento da educação pública na Argentina no último quartel do século XIX cumpriu mais uma função política do que econômica[45].

Em conjunto com as escolas recém-fundadas, outro vetor significativo no decréscimo do analfabetismo foi a criação de bibliotecas. Também incitado por Sarmiento, o projeto se iniciou com a Comisión Protectora de Bibliotecas Populares (CPBP) constituída mediante a Lei nº 419 de 1870. Para o seu mentor, incitar o ato de ler era uma continuidade do projeto

---

[42] ACREE, William. *La lectura cotidiana*: cultura impresa e identidad colectiva en el Río de la Plata. Buenos Aires: Prometeo, 2013, p. 102.

[43] Entre as duas posições majoritárias houve diversas propostas em disputa. Para ver a complexidade do debate, recomendamos a leitura de PUIGGRÓS, Adriana, op. cit., p. 85-88.

[44] Ver TEDESCO, Juan Carlos. *Educación y sociedad en la Argentina* (1880-1945). Buenos Aires: Solar, 1993, p. 63-105.

[45] Ibidem.

civilizatório iniciado pela escola, pois "los libros son los depositarios de toda ciencia, de toda moral i (sic) de toda luz"[46]. Como seu próprio nome anuncia, o objetivo do órgão era fomentar que associações cívicas criassem e mantivessem instituições de leitura. Uma rede de bibliotecas populares serviria de suporte às escolas, com o intuito de reforçar os hábitos de leitura adquiridos nas escolas primárias. Ademais, uma função de estender a distribuição de impressos para o novo tipo de leitor oriundo das campanhas de alfabetização.

Para os interessados no apoio estatal, era preciso enviar o estatuto da organização, a lista de livros requeridos e uma soma de dinheiro. Ao deferir o pedido, a CPBP acrescentava um valor igual ao montante enviado – ou seja, dobrava os recursos obtidos entre os afiliados –, vertia todo o dinheiro na aquisição das obras listadas e enviava o material sem custos adicionais para a biblioteca da associação.

As bibliotecas populares tinham autonomia administrativa, com a gestão feita entre os próprios associados, assim como independência programática, com liberdade sobre a escolha do material para a composição do acervo. Se esse ponto era essencial para atrair o interesse das sociedades civis, por outro lado desobrigava o governo a arcar com mais custos ao delegar as funções organizativas. Outro aspecto relevante para a adesão popular ao projeto foi a definição abrangente adotada pela CPBP do que poderia ser considerado uma biblioteca popular: "una reunión de libros más o menos considerable, puesta en un local cualquiera, al cuidado de una persona, con el objetivo de facilitar dichos libros en préstamo, bajo ciertas condiciones y garantías, á cualquier vecino que quiera leerlos."[47]

A relação entre o governo e as associações, contudo, não era tão igualitária quanto parece nessa primeira aproximação. O próprio Sarmiento admitiu o surgimento de algumas rusgas acerca da eleição de alguns livros[48]. Com isso, a CPBP alterou sua política de subvenção em 1874. A partir de então, os requerentes não poderiam escolher todas as obras, mas somente aquelas que compreendiam o aporte financeiro enviado por eles. O material comprado com investimento governamental passou a ser selecionado pela CPBP[49]. Outro caso

---

[46] SARMIENTO, Domingo Faustino. *Educación Común*. Santiago: Imprenta del Ferrocarril, 1856, p. 164.

[47] Boletín de las Bibliotecas Populares, n. 1, p. XII *apud* PLANAS, Javier. Hacer las reglas del hacer: concepciones y rutinas bibliotecarias en los reglamentos de las bibliotecas populares en la Argentina (1870-1875). *Revista de História Regional*, [s.l.], v. 19, n. 1, p.203-226, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5212/rev.hist.reg.v.19i1.0009>. Acesso em: 23 nov. 2017, p. 208.

[48] SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes*: Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 43.

[49] Sobre a tensão entre as bibliotecas populares e a Comisión Protectora de las Bibliotecas Populares no processo de seleção das obras, ver PLANAS, Javier. *Libros, lectores y lecturas*: Las bibliotecas populares en la Argentina

de intervenção dos gestores estatais nos rumos das bibliotecas ocorria no que se referia aos regulamentos. Em 1872, o boletim da CPBP criticou duramente o funcionamento da biblioteca da Sociedad Tipográfica Bonaerense, visto como muito restritivo e pouco atraente para o leitor. Isso porque a biblioteca, que abria somente no turno da noite, permitia o acesso às obras exclusivamente em sua sala de leitura, sem possibilidade de empréstimo domiciliar. Poucas pessoas teriam interesse em frequentá-la e os livros perderiam a concorrência para os cafés e os teatros caso normas tão severas fossem mantidas, concluía o artigo. No número seguinte, o boletim voltou ao tema, mas agora para congratular os membros da Sociedad Tipográfica Bonaerense por aceitarem as críticas e modificarem o regulamento da associação. Como consequência, ela teve seu pedido de apoio aceito, algo que seus afiliados almejavam desde a promulgação da Lei nº 419[50].

Para os administradores do programa de subsídios às bibliotecas populares havia um reduzido grupo social visto como colaborador em potencial. Desde o primeiro número do boletim, os idealizadores da política governamental deixaram claro sobre quais pessoas deveriam incentivar a fundação das bibliotecas. Através do seu veículo de comunicação, a CPBP fez um chamado aos funcionários municipais, professores, párocos, juízes de paz e membros de clubes sociais[51]. O tom do apelo era moralizante, convocando as autoridades locais a contribuírem com o progresso da nação e os alertando sobre os perigos da ignorância popular.

A política da CPBP teve grande êxito nos primeiros anos. Registrou-se a adesão de 158 bibliotecas em todo o país, que receberam cerca de 40.000 livros entre 1870 e 1876[52]. Nesse ano, porém, houve a derrogação da Lei nº 419, modificando-a em pontos essenciais. As alterações estipulavam a supressão da CPBP, a transferência de suas atribuições para a

---

entre 1870 y 1876. 2012. 169 f. Dissertação de mestrado - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata. La Plata, 2012. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.799/te.799.pdf. Acesso em 12/11/2017, p. 126-151.

[50] Para Javier Planas, apesar da lei não explicitar o empréstimo domiciliar como requisito para a aprovação dos subsídios, na prática a "Comisión Protectora de Bibliotecas Populares" adotava como um dos critérios de avaliação dos pedidos. Esse argumento justifica o deferimento da solicitação da Sociedad Tipográfica Bonaerense ser concretizado após a alteração das suas normas. Ver PLANAS, Javier, *ibidem*, p. 75-76.

[51] PLANAS, Javier. Bibliotecas populares en la Argentina decimonónica. Aproximaciones críticas a una política de lectura. *I Jornada de intercambio y reflexión acerca de la investigación en bibliotecología*. La Plata, 6-7 de diciembre de 2010. La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata, 2010, p. 5-6.

[52] PLANAS, Javier. *Libros, lectores y lecturas*: Las bibliotecas populares en la Argentina entre 1870 y 1876. 2012. 169 f. Dissertação de mestrado - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata. La Plata, 2012, p. 47.

Comisión Nacional de Escuelas e a interrupção dos subsídios para as associações mantenedoras. O encerramento da política de fomento às bibliotecas populares ocorreu em meio ao reordenamento do Estado argentino devido a problemas orçamentários. Com isso, o número de bibliotecas populares caiu de maneira brusca. Na década de 1890, havia o registro de dezesseis instituições em funcionamento[53]. Em 1908, o governo reativou a CPBP e nas décadas seguintes houve uma grande difusão de bibliotecas populares por todo o país[54].

Embora a política de subvenção às bibliotecas populares tenha permanecido por poucos anos, ela foi um marco para a história da leitura na Argentina. Em primeiro lugar, essas instituições ocuparam um importante papel nas campanhas de alfabetização, pois foram uma extensão das escolas. Se os recém-alfabetizados aprendiam o abecedário sobretudo no ensino primário e, em menor medida, nos estabelecimentos voltados ao letramento de adultos, nas bibliotecas populares eles tinham a possibilidade de manter o hábito de ler. Além disso, elas constituíram uma ruptura na tradição biblioteconômica do país. Até então, as bibliotecas que mantinham um acervo circulante eram raras. O paradigma de biblioteca se aproximava mais daquele de espaço de conservação do que de difusor do conhecimento. Assim, o empréstimo de livros em troca do pagamento de uma taxa módica representou a inovação mais radical das bibliotecas populares, iniciando o modelo de biblioteca como um lugar de disseminação cultural[55].

1.3.1 – Os antigos e os novos leitores

A implementação das políticas públicas voltadas ao ensino primário e à criação da rede de bibliotecas populares resultaram em uma grande expansão do público leitor em Buenos Aires. Algumas estatísticas, apesar de imprecisas, apresentam-nos um quadro de tal processo. Em 1869 calculava-se que 46,5% das crianças em idade escolar estavam matriculadas; em 1883, o número subiu para 64,6%; e, no final do século, em 1895, o índice

---

[53] SOARES, Gabriela Pellegrino, op. cit., p. 42.

[54] GUTIÉRREZ, Leandro; ROMERO, Luis Alberto. Sociedades barriales y bibliotecas populares. In.: _____. *Sectores populares, cultura y política*: Buenos Aires en la Entreguerra. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2007, p. 71-107.

[55] PLANAS, Javier. Hacer las reglas del hacer: concepciones y rutinas bibliotecarias en los reglamentos de las bibliotecas populares en la Argentina (1870-1875). *Revista de História Regional*, [s.l.], v. 19, n. 1, p.203-226, 2014, p.208.

de assistência escolar alcançou 57,7%[56]. As taxas de alfabetização acompanharam esses números. Em 1869, os analfabetos constituíam 38% da população da cidade de Buenos Aires[57]. Mais de trinta anos depois, o Censo Municipal de 1904 apontava a porcentagem de analfabetos reduzida para 21%[58]. Em números absolutos, havia em Buenos Aires, no início do século XX, 754.541 pessoas com letramento em uma população total de 950.891 habitantes.

Os números apresentados pelos censos, contudo, devem ser contrapostos com algumas ponderações para nos aproximarmos da realidade e não corroborarmos com uma visão idealista do projeto de educação pública da elite argentina. A primeira delas refere-se aos índices de escolarização. Ao mesmo tempo em que a assistência escolar apresentou um crescimento significativo, ela foi acompanhada por taxas alarmantes de deserção escolar. Entre 1886 e 1898, em torno de 97% e 98% das crianças matriculadas abandonavam as escolas[59]. Portanto, pouquíssimos alunos cursavam todo o ensino primário. Em segundo lugar, as políticas de educação pública ao serem postas em prática mostraram sérios problemas. Muitas escolas não tinham a mínima infraestrutura e sofriam com a falta de materiais didáticos. Além disso, diversos relatos de época descreviam a precária formação do corpo docente[60].

Outra consideração diz respeito a uma questão metodológica sobre a relação existente entre alfabetização e acesso à leitura. É preciso tratar as possíveis inferências com cautela, pois não há necessariamente uma correspondência direta entre a capacidade de ler e escrever e ter contato com os impressos. Por um lado, nem todos aqueles considerados como alfabetizados tornaram-se leitores, ainda mais em um sistema de instrução pública com as características citadas. Por outro lado, o letramento não era um requisito indispensável para adentrar-se na cultura escrita. As práticas de leitura em voz alta eram uma forma de acesso aos impressos para aqueles que não sabiam ler, realizada por meio de uma pessoa alfabetizada que fazia a intermediação entre as publicações e o público analfabeto.

---

[56] TEDESCO, Juan Carlos. *Educación y sociedad en la Argentina* (1880-1945). Buenos Aires: Solar, 1993, p. 136.

[57] EUJANIAN, Alejandro. La cultura: público, autores y editores. In.: BONAUDO, Marta (org). *Nueva Historia Argentina*: Liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880) - tomo IV. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999, p. 550.

[58] KORN, Francis; SIGAL, Silvia. 1904: ¿Los trabajadores al gobierno? In.: KORN, Francis; SIGAL, Silvia. *Buenos Aires antes del centenario*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2012, p. 34

[59] EUJANIAN, Alejandro, op. cit., p. 557.

[60] PRIETO, Adolfo. *El discurso criollista en la formación de la Argentina Moderna*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988, p. 27-34.

Tais práticas ocorriam, por exemplo, nas bibliotecas populares. Informes da CPBP dividiam os leitores em dois tipos: aqueles que sabiam ler e os que frequentavam as bibliotecas para escutar a leitura de outrem. Vizinhos exerciam o ofício voluntário de leitores públicos e outros levavam obras ao seu domicílio para recitá-las cercados da sua família ou de amigos[61]. A leitura em voz alta foi a principal forma de difusão da primeira saga literária argentina de grande êxito popular: "Martín Fierro", de José Hernandez. A imagem consagrada da sua recepção era a declamação do texto "ante a audiencias gauchas más o menos numerosas, reunidas en los sitios en que ellas se congregaban normalmente, al cabo de sus faenas: la pulpería o la cocina de la estancia."[62]

É inegável, porém, que as iniciativas estatais no campo da educação, ao formarem pessoas alfabetizadas ou semialfabetizadas, impulsionaram a ampliação do público leitor no final do século XIX. Um indicador da presença de um número elevado de novos leitores é o crescimento exponencial da imprensa. Ernesto Quesada, um dos mais ilustres membros da elite cultural portenha, escreveu um estudo em 1883 sobre a situação da edição de jornais na Argentina, no qual ele lança mão de diversos dados estatísticos e os compara com o de outros países. Segundo ele, em 1877 eram publicados 148 jornais de distintos tipos e diferentes periodicidades em meio a uma população de 2.347.000 de habitantes, resultando em um título de jornal para cada 15.700 pessoas. De acordo com Quesada, essa proporção era a quarta maior no âmbito internacional, pois só era inferior àquela encontrada nos Estados Unidos (um a cada 7.000 pessoas), na Suíça (um a cada 8.000) e na Bélgica (um a cada 15.000). Cinco anos depois, em 1882, eram 224 jornais publicados no seio de uma população de 3.026.000 de pessoas, colocando a Argentina no terceiro posto. Quesada prossegue sua investigação e faz outra análise quantitativa, mas agora se baseando na quantidade de exemplares. O autor, tomando como pressuposto uma tiragem média de 1.500 exemplares, calculou que 322.500 exemplares de jornais argentinos circularam no país em 1882. Dessa forma, pode-se afirmar que na Argentina publicava-se um jornal a cada dez habitantes[63].

Como não é possível saber ao certo os dados consultados e a metodologia empregada por Quesada, outra forma de traçar um quadro quantitativo da evolução da imprensa argentina

---

[61] EUJANIAN, Alejandro, op. cit., p. 563.

[62] ALBARRACÍN-SARMIENTO, Carlos. *Estructura del Martín Fierro*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1981, p. 69.

[63] As estimativas de Ernesto Quesada foram analisadas minuciosamente por Adolfo Prieto. Ver PRIETO, Adolfo, op. cit., p. 34-36.

é indicar os números apresentados por alguns jornais das suas tiragens. Em 1877, o Censo municipal de Buenos Aires listou os jornais de maior circulação da cidade. Apenas quatro alcançavam tiragens médias superiores a uma dezena de milhar: *La Prensa* e *La Nación*, no topo da lista com 18.000 cópias impressas por dia, seguidos de *El Diario*, com 12.500 e logo atrás vinha *La Patria Italiana*, com 11.000[64]. Sem dúvidas, a capacidade de imprimir estava atrelada com a possibilidade de contar com as inovações tecnológicas criadas nos centros europeus. Por exemplo, esses números apresentados foram um reflexo da adoção da rotativa Marinoni, que conseguia imprimir 1.200 exemplares por hora com apenas um operário. Até então predominava na região o uso de tipografias manuais, capazes de reproduzir 200 folhas por hora ao serem manejadas por duas pessoas[65].

Em 1888, o jornal *La Nación*, dirigido pelo ex-presidente Bartolomé Mitre, anunciou a renovação do seu maquinário com a aquisição de equipamentos importados de Paris. Com eles, sua média de publicações chegou a 35.000 cópias por dia. Dez anos depois, próximo do fim do século, o diário *La Prensa* inaugurou seu novo edifício com um serviço telegráfico moderno e uma oficina gráfica de ponta. O custo total das suas novas instalações chegou a 3 milhões de dólares da época. O Censo municipal de 1904 ostentava o poderio do jornal, comparando-o com as empresas estadunidenses. Tal comparação não era desmedida, pois as tiragens diárias de 95.000 exemplares realmente eram notórias[66].

Uma imprensa com infraestrutura renovada e capaz de editar altas tiragens só foi possível devido à existência de uma quantidade de leitores capazes de absorver sua produção. A ampliação do público leitor na Argentina não se espraiou por todo o território nacional, concentrando-se na região em torno de Buenos Aires[67] e ocorreu de modo abrupto, alterando os quadros da cultura letrada. Se antes ela estava inscrita em uma esfera restrita e homogênea, acessada apenas pelos membros da elite política e econômica, nesse momento transformou-se em um espaço amplo ao abrigar um novo tipo de leitor, formado nos projetos públicos de alfabetização. A nova formação do público leitor, portanto, incorporou setores sociais que

---

[64] PRIETO, Adolfo, op. cit., p. 37.

[65] EUJANIAN, op. cit., p. 574.

[66] PRIETO, Adolfo, op. cit., p. 37-40.

[67] De acordo com Sergio Pastormelo, o estabelecimento de um público leitor amplo e diverso se localizou na mesma zona na qual convergiram o núcleo da rede ferroviária e a concentração dos imigrantes, isto é, a região que abarca as províncias de Buenos Aires, Entre Ríos e Santa Fe, tendo por centro a capital federal. Ver PASTORMELO, Sergio. 1880-1899: el surgimiento de un mercado editorial. In.: DE DIEGO, José (org). *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 1-29.

despossuíam a capacidade de ler e escrever. Com isso, é possível afirmar que houve uma reconfiguração dos campos de leitura na Argentina, com o convívio de dois circuitos díspares de produção e circulação cultural: o primeiro, estruturado sob o modelo tradicional de cultura letrada e dominado pela elite; e o segundo, formado pelos novos leitores que impunham seus próprios interesses, gostos, espaços de sociabilidade e hábitos de leitura. Apesar de o primeiro setor seguir no controle dos critérios de legitimação da crítica (isto é, os elementos que definiam o que se deve ler e o que se deve editar), sua presença deixou de ser exclusiva e excludente. A coexistência dos dois circuitos criou uma relação tensa que estabeleceu, nas palavras de Prieto, "las líneas de conflicto, los préstamos y contaminaciones, los mensajes cruzados, los elementos paraliterarios de presión pero también de regulación y control social."[68]

A presença dos novos leitores já era notada na década de 1870, com o sucesso de *El gaucho Martín Fierro* e *La vuelta de Martín Fierro*. Tratando da difícil situação social dos *gauchos* após as transformações da zona rural, o poema de Hernández foi publicado pela primeira vez em 1872 e vendeu 48.000 exemplares em onze edições dentro de um período de seis anos. Animado com o êxito, o autor escreveu uma continuação da saga e a publicou em sua própria tipografia em 1879, com uma tiragem de 20.000 cópias[69]. Sua grande difusão, contudo, ficou restrita ao campo e passou ao largo do circuito comercial tradicional, trilhando vias até então incomuns para os livros. Nicolás Avellaneda, em carta a Florencio Madero em 1881, relata seu espanto ao se deparar com pedidos de armazéns do campo para a capital, no qual constavam doze exemplares de *La vuelta de Martín Fierro* entre outros produtos como barris de cerveja, caixas de fósforo e caixas de sardinha[70]. Além disso, outro elemento que caracteriza o signo popular dos livros de José Hernández foi seu modo de circulação através da leitura em voz alta, como afirmamos anteriormente.

A apropriação por parte de um público inimaginável até poucos anos antes surpreendeu o próprio autor. Por meio do desenvolvimento do discurso presente nos prólogos das suas edições, nota-se o esforço de Hernandéz em ser reconhecido pela elite cultural da sua época, deixando claro que ele não procurava falar dos *gauchos* para os *gauchos*, mas sim para o grupo que ele buscava fazer parte com o intuito de sensibilizá-los sobre a miséria da

[68] PRIETO, Adolfo, op. cit., p. 19.
[69] PRIETO, Adolfo, op. cit., p. 53-54.
[70] EUJANIAN, op. cit., p. 593.

população rural argentina[71]. O esforço empreendido não cumpriu suas expectativas nos primeiros anos e sua obra foi inicialmente rechaçada pela crítica, influenciando na tímida repercussão de Hernández na capital.

Na década seguinte, os escritos de Eduardo Gutiérrez tiveram sorte distinta da saga *Martín Fierro* e alcançaram grande difusão em Buenos Aires. Seu êxito marca a emergência da literatura de folhetim na Argentina, transformando Gutiérrez em um escritor em série e demonstrando o vínculo entre a imprensa e o incipiente mercado editorial. Na década de 1880, o *Anuario bibliografico* de Alberto Navarro Viola registrou 16 títulos do autor dentro de um conjunto de 58 obras de escritores argentinos, sendo que em algumas edições da revista não houve menção a alguns dos seus livros[72]. Seus primeiros escritos seguiram o caminho natural do folhetim: primeiro foram publicados no jornal *La Patria Argentina* e em seguida o jornal os publicou em livros. A partir de 1886, quando seus escritos já eram considerados um sucesso de venda, passou a ser publicado por editores como Natalio Tommasi e Luis Maucci, que inseriram Gutiérrez em um catálogo no qual também constavam traduções de folhetins franceses[73]. Não se conhece de modo preciso o número de reedições e quantas cópias foram impressas das suas obras. Como um índice, todavia, há o estudo de Ernesto Quesada sobre a literatura criollista publicado em 1902, afirmando que os livros de Eduardo Gutiérrez "se han vendido - y se siguen vendiendo - con tal profusión que han dejado atrás los famosos 62.000 ejemplares de Martín Fierro. La casa editora de Maucci se dedica especialmente a la explotación de aquellas obras: 22 volúmenes cuenta la serie de Gutiérrez."[74]

Assim como os poemas de Hernández, as novelas de Gutiérrez também se inscreveram na tradição da literatura gauchesca e foram duramente criticadas. Sua novela mais conhecida, *Juan Moreira*, traz a história de um *gaucho* injustiçado que decide se vingar e, com isso, torna-se um fora da lei perseguido pela polícia. A crítica culta considerou inaceitável o fato de tal personagem ser o herói da trama, classificando-a como "epopeya del robo y del asesinato" com o intuito de "enervar los sentimientos sencillos y la imaginación ardiente de los hijos de

---

[71] A respeito da recepção da obra de José Hernández nos anos em que ela foi editada, ver EUJANIAN, p. 587-603.

[72] PASTORMELO, op. cit., p. 6.

[73] RIVERA, Jorge, *El folletín*: Eduardo Gutiérrez. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980.

[74] QUESADA, Ernesto, *El criollismo en la literatura argentina*. Buenos Aires: Imprenta y Casa Editora Coni Hermanos, 1902, p. 36.

la campaña."[75] Anos depois, o tom da crítica não se alterou. Ernesto Quesada, na alvorada do século XX, afirmava:

> ¿Qué llevó a Gutiérrez a semejante rumbo literario? ¿Qué curiosa preocupación de arte o qué móvil periodístico lo indujo a explorar ese género? [...] Desgraciadamente, los tales folletines, halagando todas las bajas pasiones de las masas incultas, adquirieron una popularidad colosa; ediciones económicas a precios ínfimos los pusieron en manos hasta de los más menesterosos[76].

O desprezo da elite cultural fechou as portas das instâncias de legitimação literária para Gutiérrez, influenciando as vias de difusão da sua obra. Passando ao largo das livrarias, o autor obteve sua consagração em outros espaços. Nesse sentido, a representação de *Juan Moreira* em pantomima no circo Podestá em 1884 e a versão com diálogos em 1886, consideradas como a fundação do teatro nacional argentino[77], foram essenciais para consolidar a fama da novela nos setores populares, inspirando adaptações e outras produções literárias.

A partir do sucesso de *Juan Moreira*, proliferou-se uma larga produção literária baseadas em seu universo ou até mesmo a recontar suas peripécias. Ambientada no mundo campesino, adotando sua linguagem e sua cultura como modelos, a literatura criollista argentina finissecular representou a vertente literária de maior apelo popular. Grande parte das publicações era de textos versificados com não mais do que 64 páginas, possibilitando uma impressão de menor custo se compararmos a novelas, por exemplo, sendo este um fator essencial para sua ampla difusão. Seus elementos formais também condicionaram sua recepção. Destinada à recitação por cancioneiros ou nas "payadas de contrapunto"[78], uma grande parcela dessa produção literária estava voltada não apenas ao leitor individual, mas

---

[75] MÉROU, Martín García, Libros y autores, 1886 *apud* RIVERA, Jorge, *El folletín*: Eduardo Gutiérrez. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980, p. 224.

[76] QUESADA, Ernesto, op. cit., p. 35.

[77] LUDMER, Josefina, Los escándalos de Juan Moreira. In.: LUDMER, Josefina (org.). *Las culturas de fin de siglo en América Latina*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1994, p.102-112.

[78] Disputa entre dois "payadores" (cancioneiros) que reproduzem histórias populares com improvisos acompanhados de violão. Adolfo Prieto compara as "payadas" com a literatura de cordel difundida em algumas regiões do Brasil. Ver PRIETO, Adolfo, op. cit., p. 62.

sobretudo ao público que também buscava a representação das obras através da disputa entre os "payadores".

A ampla circulação da literatura criollista pode ser vista pela quantidade de reedições e tiragens de algumas publicações. Citaremos alguns títulos, para não sermos repetitivos. Sebastián Berón, por exemplo, viu sua *Décimas variadas* alcançar a décima sétima edição em 1897, mesma quantidade alcançada por *La Muerte de Juan Moreira* em 1899. Santiago Rolleri, outro autor muito difundido conhecido pelo anagrama Santiago Irellor, chegou em 1894 a dez edições de *El crimen de Olavarría* e, em 1900, saiu a sétima edição de *El hijo de Martín Fierro* e *El gaucho Juan Valiente*. O intervalo entre a publicação e a venda de todas as cópias também era assombroso. No prológo de *Los atorrantes de levita y los jalaifes del día* de 1897, Martín Rodríguez se orgulhava do seu *Nuevas y ultimas Vidalitas Santiagueñas* ter esgotado duas edições no intervalo de um mês. Se alguns títulos traziam o número de reedições impresso nas capas como signo de ostentação, outros publicavam suas tiragens. Era o caso de *El moderno payador Candelario* de 1897, destacando a sua edição de 20.000 exemplares. A mesma cifra foi alcançada por *Los apuros de un vigilantes*, publicado no mesmo ano[79]. A respeito da literatura criollista e seu circuito de distribuição, Adolfo Prieto afirma:

> [...] millares y millares de ejemplares los que circulaban bajo los auspicios de una industria editorial incipiente, tan improvisada como astuta, tan rudimentaria como eficaz, tan desdeñosa y tan consciente de su propria naturaleza como para evitar los canales tradicionales de difusión e inventarse los proprios: el quiosco callejero, los salones de lustrar, las barberías, las terminales de trenes, los escaparates de las ferias y, por supuesto, las valijas trashumantes del mercachifle.[80]

Esse conjunto de obras também recebeu desaprovações por parte da crítica culta. Como já afirmamos, o "criollismo" preocupou Ernesto Quesada ao ponto de motivá-lo a publicar um estudo sobre o assunto. O autor afirma que o mundo dos "gauchos" estava desaparecendo e levaria consigo as obras que o utilizavam como tema central. Para ele, "el criollismo literario es hoy, por eso, una faz artificial de nuestras letras: es un pálido reflejo de

[79] Todas os números citados foram retirados de PRIETO, Adolfo, op. cit., p. 67-68.
[80] Prieto, op. cit., p. 50.

una sombra". Sua simulação da cultura gauchesca seria tão falsa que se assemelharia "a nuestras comparsas gauchescas en el carnaval y a los falsos payadores de ciudad, los cuales, sin haber jamás visto el campo sino pintado, cantan trovas y milongas, ponderando la vida solitaria de la llanura y la existencia fraternal con el parejero inseparable."[81]

O rechaço da literatura criollista, das obras de Eduardo Gutiérrez e a resistência inicial a José Hernández demonstram que para a elite letrada portenha a questão não era mais sobre a difusão da leitura, mas tratava-se agora da seleção do que se deveria ler. Nesse contexto, em 1978 começou a ser editada a coleção de livros da Biblioteca Popular, dirigida por Miguel Navarro Viola. O projeto era publicar um livro por mês, completando doze volumes ao ano. As obras editadas eram compilações de textos de autores nacionais e estrangeiros[82], em formato in-8º e com uma média de 250 páginas. A tiragem de cada volume era, em geral, de dois mil exemplares. Cada livro saía ao custo de 15 pesos, sendo vendido por um preço abaixo da média no período, que girava em torno de 50 pesos[83].

A iniciativa foi recebida com louvor pela crítica culta. O diplomata Vicente Quesada[84] saudou a publicação como uma "tarea útil y patriótica", comparando o projeto com a Bibliothèque Rurale, uma coleção organizada pelo governo belga e destinada a conduzir a difusão da cultura letrada para os camponeses[85]. A Biblioteca Popular, contudo, conheceu suas primeiras dificuldades dois anos após seu início. Em 1880 ela imprimiu apenas cinco dos doze volumes prometidos. A situação não melhorou nos anos seguintes: em 1881, saíram somente três tomos; um ano depois, dois livros editados; e, em 1883, também só foram editadas duas obras, concluindo as entregas prometidas no catálogo para 1880 com três anos de atraso. Desse modo, o projeto foi encerrado. Sergio Pastormelo sintetiza o principal problema do projeto: "el material publicado no buscaba ajustarse al gusto del nuevo público lector; esperaba, más bien, una adecuación ("elevación") del público al material de lectura

---

[81] QUESADA, Ernesto, op. cit., p. 101-102.

[82] Na lista dos autores publicados estavam, entre os argentinos, Vicente Quesada, Nicolás Avellaneda, Eduardo Mansilla e García Mérou; no grupo dos autores estrangeiros, encontravam-se no catálogo Edmundo De Amicis, Edgar Allan Poe e Alexandre Dumas (filho), entre outros. PASTORMELO, Sergio, op. cit., p. 12.

[83] Para ilustrar, Pastormelo cita alguns preços da época: "*La vuelta de Martín Fierro* se vendía a 20 [pesos]; las *Poesías*, de Ricardo Gutiérrez, a 50; las *Rimas* de Mitre, a 60; y los cinco tomos de la *Historia de la revolución argentina*, de Vicente F. López, a 400." PASTORMELO, Sergio, op. cit., p. 13.

[84] Pai de Ernesto Quesada e editor da *Revista de Buenos Aires*, ao lado do próprio Miguel Navarro Viola.

[85] PASTORMELO, Sergio, op. cit., p. 13.

ofrerecido."[86] Não é mera coincidência o fracasso da Biblioteca Popular acontecer ao mesmo tempo em que Eduardo Gutiérrez tinha sua ascensão.

No mesmo período da coleção organizada por Miguel Navarro Viola, outro projeto importante tinha início por iniciativa do seu filho. Alberto Navarro Viola, secretário do presidente Julio Argentino Roca, começou a editar o *Anuario Bibliografico* em 1879 e encerrou a publicação em 1887. Seu intuito era fazer um repertório de todas as edições de impressos da Argentina, além de veicular resenhas de algumas obras. O *Anuario* se tornou um importante instrumento de orientação da crítica cultural, pois como afirma Leandro de Sagastizábal: "Navarro Viola sabía que estaba construyendo un elemento poderoso de difusión de conocimiento. [...] Estaba clasificando y organizando el conocimiento y la producción intelectual de su época."[87] Ao avaliar as obras editadas e inventariá-las, ou indo além e suprimindo alguns títulos, tal qual ocorreu com certas obras de Gutiérrez – conforme mencionamos anteriormente –, a publicação de Alberto Navarro Viola mostrava sua capacidade de conduzir a opinião da elite letrada sobre o conjunto dos impressos da época.

Apesar das restrições apresentadas no *Anuario*, trata-se de um importante documento para esboçarmos as linhas gerais da atividade editorial. Nas estatísticas coletadas e analisadas por Pastormelo, entre 20% a 30% dos títulos listados por Miguel Navarro Viola são referentes a publicações oficiais. Esse montante demonstra a importância do Estado como agente financiador das casas editoriais, isso sem somarmos a parcela de livros didáticos. Eles representavam um número considerável das publicações do período e grande parte ou era custeada pelo Estado ou recebia a recomendação do Ministério da Instrução Pública. Desse modo, a incipiente formação de um mercado editorial esteve dependente das decisões da elite dirigente não apenas no que se refere às políticas públicas no âmbito cultural, mas também por meio do financiamento obtido com as publicações oficiais.

Vale ressaltar que a figura moderna do editor, entendido como o ator que tem, por um lado, a capacidade financeira para investir no mundo das letras e, por outro, intervém na característica da forma e do conteúdo dos impressos, em função dos interesses e das expectativas do público leitor, ainda estava em gestação. Na Argentina finissecular, o que se via eram editores que congregavam mais de uma tarefa no circuito editorial, geralmente como editores-impressores ou editores-livreiros e eram dependentes economicamente das

---

[86] PASTORMELO, Sergio, op. cit., p. 14.

[87] SAGASTIZÁBAL, Leandro de. *Diseñar una nación*: Un estudio sobre la edición en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Editorial Norma, 2002, p. 112.

publicações de Estado[88]. Havia certos agentes, porém, que prenunciavam a nova figura do editor, impulsionados pelo apoio recebido por meio dos seus vínculos com o Estado.

Ángel Estrada representava um caso paradigmático. No início da década de 1870, houve uma controvérsia em torno da sua oficina gráfica, acusada de ser favorecida com a indicação de alguns dos seus títulos pelo Departamento de Escolas da província de Buenos Aires, cujo um dos membros era seu irmão José Manuel Estrada. A recomendação possibilitou Ángel Estrada imprimir, por exemplo, 20.000 exemplares de *Consciencia de un niño* e 10.000 cópias de *Compendio de gramática y ortografia castellana*, ambos de Andrés Bello. O próprio editor-impressor ocupou postos chaves no Estado, ao ser membro da Comisión Protectora de Bibliotecas Populares e tesoureiro do Consejo Nacional de Educación, além de cargos nas associações da elite econômica, como a presidência do Centro Industrial Argentino. Ao concentrar posições estatais e privadas, Ángel Estrada verteu sua influência para o setor gráfico. Foi o fundador da primeira companhia de fundição de tipos, além de ter participado da inauguração da primeira fábrica de papel do país[89]. Estrada, portanto, indicava o início da autonomização econômica do editor, a despeito dela ser antecedida por uma relação estreita com o aparato estatal. Outro sinal do prelúdio do editor profissional foi a especialização da atividade dos editores. Estrada se destacou com a edição de livros didáticos e pedagógicos; Carlos Casavalle publicava grande parte dos títulos de História, Político e Direito; Martín Biedma e Pablo Coni ficavam a cargo das edições de medicina[90]. O nascente mercado editorial portenho começava a se dividir em segmentos.

Entre as casas editoriais especializadas, o sistema de venda predominante era o de subscrição. Os editores divulgavam as futuras publicações, tanto livros como jornais, para vendê-las antecipadamente aos seus leitores. Garantia-se, assim, um mercado relativamente estável com a vantagem de receber o dinheiro antes da impressão, mas ao mesmo tempo a subscrição atingia um número restrito de leitores. Além disso, havia o risco de os leitores cancelarem seus pedidos ou atrasarem o pagamento, levando à diminuição da margem de lucro do editor ou obrigando-lhe a arcar com as dívidas[91]. No caso dos jornais, na década de

---

[88] SAGASTIZÁBAL, Leandro de. *La edición de libros en la Argentina*: Una empresa de cultura. Buenos Aires: Eudeba, 1995, p. 42-46; EUJANIAN, op. cit., p. 564-574.
[89] EUJANIAN, op. cit., p. 579-581.
[90] SAGASTIZÁBAL, Leandro de, op. cit., p. 124-125.
[91] EUJANIAN, op. cit., p. 572.

1880 começou a se popularizar o sistema de venda na rua, sobretudo empregando crianças, conhecidas como "canillitas"[92].

O impulso da atividade editorial veio acompanhado pelo aumento das livrarias. Na década de 1870, havia cerca de dezoito estabelecimentos em Buenos Aires. Em 1887, o número girava em torno de uma centena. Consequência da brusca ampliação do público leitor, grande parte das novas livrarias, contudo, mantinha a atmosfera aristocrática. Sua organização interna, disposta para um público acostumado a manejar livros, e sua concentração geográfica, inscrita na órbita do centro cívico da capital, afastavam os setores populares. Desse modo, as livrarias constituíam espaços de sociabilidade e de encontro da elite letrada portenha[93]. A ocorrência de eventos culturais, como as tertúlias, ratificava esse caráter.

O circuito editorial da cultura letrada, no entanto, pouco se modificou no contexto de expansão das camadas leitoras e não seguiu a mesma evolução da literatura popular. Se na década de 1880 as obras de Eugenio Cambaceres e Miguel Cané alcançavam tiragens de 1.000 a 2.000 exemplares, vinte anos depois Leopoldo Lugones atingia a mesma marca com *La guerra gaucha*. Era como se as duas gerações "pertenecieran al mismo momento cultural y hubieran sido leídos por el mismo público"[94], como afirma Adolfo Prieto.

A tentativa mais exitosa de expandir a literatura circunscrita aos círculos da elite nesse período foi a Biblioteca de La Nación. Em 1901, o diário portenho incorporou a linotipia e decidiu redirecionar seu antigo maquinário tipográfico para a edição de livros. À frente da coleção estavam Roberto Payró e Emilio Mitre, filho do fundador do jornal. O projeto editorial, vigente até 1920, publicou quatro obras por mês a um custo de 1,70 pesos mensais para os subscritores da capital e 2 pesos para os residentes no interior. Além da venda por assinatura, os livros podiam ser encontrados avulsos nos "kioscos" da capital por 0,40 pesos, para assinantes de Buenos Aires e 0,50 para aqueles das demais províncias; os leitores que não eram subscritores do jornal compravam os livros por 0,50 na capital e 0,60 no interior[95]. Margarita Merbilhaá apresenta alguns preços de livros na época para comparar os baixos preços apresentados pela Biblioteca de la Nación. *La divina comedia* de Dante Alighieri e traduzida por Bartolomé Mitre era vendida por 15 pesos, enquanto *Odas* de Horacio, também

---

[92] EUJANIAN, op. cit., p. 576.

[93] EUJANIAN, op. cit., p. 558-564.

[94] PRIETO, op. cit., p. 52.

[95] OLIVEIRA, Rodrigo de La Torre. *Públicos leitores em formação*: popularização das coleções de livros na Argentina (1901-1924). 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 27.

vertida ao castelhano pelo ex-presidente, custava 6 pesos[96]. Desse modo, assim como ocorreu com a literatura de folhetim, uma vez mais se percebe a importância dos jornais como força propulsora da edição de livros. A coleção do *La Nación*, contudo, diferencia-se quanto ao tipo de literatura difundida. Como afirma Merbilhaá, o projeto editorial esteve imbuído das expectativas da elite letrada em "por un lado, contribuir a una orientación (inclusive, a un control) de las lecturas populares y, por otro, de desviar la tendencia criollista de los folletines y novelones gauchescos."[97] Tais expectativas, porém, não se realizaram tão logo. Na primeira década do século a literatura criollista ainda mostrava vigor e predominava nos setores populares.

O período compreendido pelo último quartel do Oitocentos e a alvorada do século XX testemunhou uma transformação radical nos campos de leitura da Argentina, sobretudo em Buenos Aires, onde o fenômeno se concentrou. A partir das políticas públicas destinadas para a erradicação do analfabetismo, houve uma profunda mudança nos circuitos de produção e circulação dos impressos. A imprensa, ao renovar seu maquinário a partir das novidades tecnológicas vindas da Europa, teve um crescimento formidável e impulsionou a formação embrionária do mercado editorial. Essa evolução só foi possível por uma súbita expansão dos campos de leitura. Se ler e escrever constituía anteriormente uma fronteira visível entre a cultura erudita e a cultura popular, ela sucumbiu nesse momento em que a população letrada cresceu exponencialmente em um curto intervalo de tempo, ao incluir grupos sociais que até então passavam ao largo dessas faculdades. Esses setores integraram rapidamente o hábito da leitura em seu cotidiano e representaram os principais atores na modernização dos campos de leitura da Buenos Aires finissecular ao firmarem a presença das suas preferências literárias no contexto cultural.

*

* *

Dessa maneira, os obstáculos para a ação revolucionária relatados por Wilmart, em 1873, deixaram de existir nas décadas seguintes. A propriedade fundiária, considerada por

[96] MERBILHAÁ, Margarita. 1900–1910. La época de organización del espacio editorial. In.: DE DIEGO, José (org). *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 37.
[97] MERBILHAÁ, Margarita, op. cit., p. 35-36.

grande parte dos imigrantes como o principal atrativo para cruzar o Atlântico, se concentrou nas mãos da oligarquia rural. Os latifúndios foram ocupados com a criação de gado bovino e ovino ou com o cultivo de cereais e se transformaram no motor da economia argentina. Esse crescimento demandou alterações profundas na infraestrutura do país, incitando a formação de um mercado de serviços carente de mão de obra, sobretudo em Buenos Aires, que se firmou sua posição hegemônica nas transformações estruturais pelas quais o país passava.

Na virada do século XIX para o século XX, os novos imigrantes que chegavam à capital portenha se encontravam em uma situação diferente se comparada às gerações anteriores. Poucos ainda encontravam oportunidades para adquirir uma porção de terra ou de ascender socialmente por meio do pequeno comércio, restando à imensa maioria a saída de vender sua mão de obra, levando ao acirramento do conflito capital-trabalho. Ao mesmo tempo, na esfera cultural, também se via tensões, principalmente na emergência da literatura criollista e nas resistências da elite letrada portenha em aceitá-la como uma produção literária válida.

Nesse novo contexto, o anarquismo – ao lado do socialismo – teve um grande desenvolvimento e tornou-se a principal força mobilizadora das lutas operárias do período. Entre suas atividades de propaganda, a edição e a circulação de jornais, livros, folhetos e revistas ocupava um lugar central. A presença da atividade editorial ácrata, aliás, não passou desapercebida do Estado argentino. No Censo de 1895, a seção sobre a produção de impressos no país destacava que ela abarcava todas as posições políticas e "todos los intereses sociales, y hasta, como una mancha en el sol de nuestros progresos ¡el socialismo y el anarquismo! Verdad que esos periódicos son anónimos y subrepticios, editándose en imprentas desconocidas y repartiendóse vergonzosamente en la obscuridad"[98]. Com poucos anos de circulação, a imprensa anarquista já se fazia presente e incomodava.

[98] Segundo Censo Argentino, 1895, t.III, *apud* PRIETO, op. cit., p. 39.

CAPÍTULO 2 – O ANARQUISMO NA FORMAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES OPERÁRIAS DE BUENOS AIRES

> "No es solamente nuestro periódico que recorre todas las repúblicas, no son solamente los manifiestos y folletos que se reparten, son también los compañeros que, por necesidad unos y por satisfacción propia otros, van recorriendo todos los países [...] Por donde quiera que van la buena semilla del comunismo y de la anarquía y no les queda duda que su semilla ha de fructificar y ya se nota el fruto por todo el interior de la Argentina, Chile, Perú, Bolivia, Paraguay, Uruguay y Brasil y pronto no quedará un rincón en todo el continente meridional."
>
> (*El Perseguido*, ano III, n. 34, 01/01/1892, p.1)

Em 1900, nas páginas do *La Protesta Humana*, veiculou-se uma nota anunciando a publicação de um novo jornal: *El Mundo Latino, diario intercontinental*.[1] Aparentemente, o projeto editorial não saiu do papel; porém, a proposta de criação de um jornal transcontinental ligando Europa e América representa dois aspectos do movimento anarquista da época. O primeiro é sua configuração enquanto uma rede transnacional de militância; o segundo tratase da função organizativa que os jornais cumpriam entre os militantes ácratas.

Pressionados pelo contexto repressivo presente na maioria dos países europeus e inseridos na época do fluxo migratório transatlântico, os anarquistas portenhos estabeleceram vínculos com companheiros de outras latitudes. Desde os militantes da época da Internacional, percebe-se a relação intensa traçada entre Buenos Aires com outros países. Com essa característica em mente, vamos explorar como o anarquismo se formou na capital argentina, dando ênfase na formação dos primeiros sindicatos bonaerenses. Um dos recursos utilizados pelos agentes nesse processo foi o jornal, em particular o *La Protesta Humana*. Mais do que um divulgador de ideias ou um agitador político, a publicação cumpriu um importante papel como organizadora dos diversos grupos anarquistas.

[1] *La Protesta Humana*, ano IV, núm.100, 24/11/1900, p.3. Grifos originais.

2.1 – A Internacional no Rio da Prata (1870-1875)

Embora Wilmart lamentasse os obstáculos encontrados em Buenos Aires em carta de 1873 a Marx, as seções da Internacional conseguiam avançar. Fundada no ano anterior e impulsionada especialmente por refugiados da repressão à Comuna de Paris, a organização já contava com três seções. A mais numerosa delas era a seção francesa, com 130 membros, seguida da italiana, com 90 e, por último, a espanhola, composta por 45 militantes[2]. Havia também o Conselho Federal, formado por seis membros, sendo dois de cada seção. Elas travaram contato com alguns grupos de trabalhadores, como alfaiates e carpinteiros. Os internacionalistas também tiveram seu jornal, *El Trabajador*, mas infelizmente nenhum exemplar foi conservado até os dias de hoje. Sua duração presumida é de cinco a seis números e provavelmente era editado em espanhol ou, ao menos, em uma edição bilíngue com textos no idioma castelhano e em francês. A respeito do seu teor, o pouco que sabemos foi relatado por James Guillaume em sua obra sobre a história da Internacional, segundo Horacio Tarcus. Ele ressalta a ênfase na transformação de uma estrutura social comandada pela classe "parasitária", que vive dos frutos da classe trabalhadora, para outra na qual as leis e o governo devem ser ditados somente por aqueles que são úteis e contribuem com o bem-estar da humanidade[3].

Essa perspectiva inaugura uma nova era nas lutas do trabalho na Argentina. Até então, as organizações operárias eram caracterizadas pelo mutualismo. Em geral, elas se estruturavam baseadas nos ofícios ou nas comunidades étnico-linguísticas. O intuito dessas associações era promover ações de ajuda mútua entre os trabalhadores, como auxiliar os membros impossibilitados de exercer seu emprego por razões de saúde. Além disso, defendiam melhores condições para sua categoria, adotando posturas corporativistas. A organização mutual mais antiga e melhor estruturada era a Sociedad Tipográfica Bonaerense,

---

[2] Os números foram informados por Sorge em carta a Engels, datada em 20 de junho de 1873. Ver NETTLAU, Max. Más sobre la Internacional en Buenos Aires: algunas notícias de los años 1870 a 1873. *Suplemento quincenal de La Protesta*, janeiro de 1928, Buenos Aires: La Protesta, 1928, p. 17.

[3] TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina*: sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007, p. 77-78.

fundada em 1857. Na década de 1860 e 1870, há registros de associações similares entre sapateiros, pedreiros, padeiros, peões do campo e artesãos urbanos[4].

As primeiras propostas de organização dos trabalhadores em prol de uma mudança revolucionária antecederam em pouco tempo a fundação da AIT em Buenos Aires. Porém, ainda predominava a ideia de mudanças pacíficas. O historiador Ricardo Falcón aponta Bartolomé Victory y Suárez e José María Méndez – ambos da Sociedad Tipográfica Bonaerense – como os casos mais ilustres, citando seus textos de 1870 e 1871, respectivamente. Considerando os dois autores, Falcón indica os denominadores comuns: "la idea de una revolución pacífica, legal, que pusiera límites al afán de explotación de los ricos y poderosos y la necesidad de una previa acción reformista gradual a través de una legislación protectora del trabajo."[5] Em ambos os textos, tanto Victory y Suárez como Méndez fazem breves menções à AIT. As referências não são mero acaso, pois a associação dos tipógrafos portenhos mantinha contato com os internacionalistas da Europa. Em carta datada de 14 de dezembro de 1870, o secretário do Conselho Federal da Região Espanhola, Francisco Mora, recomendava ao Conselho Geral travar contatos com a Sociedad Tipográfica Bonaerense, pois a enxergava como um potencial catalisador da AIT na América do Sul[6]. Não houve, contudo, um acúmulo organizativo a partir das relações travadas entre os tipógrafos bonaerenses e os militantes europeus[7]. A Internacional teve de esperar a chegada dos "communards" exilados para dar seus primeiros passos.

As seções de Buenos Aires foram criadas em um momento de agitação dentro na AIT. A Comuna de Paris ocorrera pouco antes e a dura repressão sofrida atingiu praticamente todos os que mantinham ligações com a Internacional, não só na França, mas em toda a Europa. Diversos países promulgaram leis de proibição das seções vinculadas à entidade. Havia uma mescla de desalento pela derrota e de fervor pela experiência do assalto aos céus. Muitos internacionalistas recorriam ao exílio em busca de refúgio, mas, ao mesmo tempo, intensificavam suas ações. Por exemplo, foi nos anos subsequentes à Comuna que a

---

[4] FALCÓN, Ricardo. Los trabajadores y el mundo del trabajo. In.: BONAUDO, Marta (org.). *Nueva Historia Argentina*: Liberalismo, Estado y Orden Burgués (1852–1880). Tomo IV. Buenos Aires, Sudamericana, 1999, p. 500-501.

[5] FALCÓN, op. cit., p. 507.

[6] NETTLAU, Max. Más sobre la Internacional en Buenos Aires: algunas notícias de los años 1870 a 1873. *Suplemento quincenal de La Protesta*, janeiro de 1928, Buenos Aires: La Protesta, 1928, p. 15.

[7] TARCUS, op. cit., p. 73.

Internacional mais cresceu na Itália, enquanto a Espanha vivia uma acentuação dos conflitos sociais devido ao peculiar contexto do Sexênio Revolucionário (1868-1874).

Por outro lado, os conflitos internos na Internacional eclodiram e houve uma ruptura na organização. As tensões existentes nos anos anteriores aumentaram a partir da Conferência de Londres, em 1871. Nesse momento ficou clara a oposição entre a ala centralista – capitaneada pelo Conselho Geral, no qual atuavam Karl Marx e Friedrich Engels, entre outros – e o setor federalista – impulsionado pelos membros ligados à extinta Aliança da Democracia Socialista (ADS), como Mikhail Bakunin, James Guillaume, Élisée Reclus, Adhémar Schwitzguébel, entre outros nomes. A conferência, ocorrida quatro meses após a queda da Comuna, congregou um número baixo de delegados sendo, "de fato, uma reunião ampliada do Conselho Geral"[8]. As resoluções tomadas apontavam para uma mudança dos estatutos da organização, cuja nova orientação seria fomentar partidos políticos nacionais, de corte operário, submetidos às decisões do Conselho Geral. Tal proposta levou a uma pronta resposta, com a organização de uma oposição formal a partir do encontro convocado pela Federação do Jura em novembro em Sonvillier, Suíça. As organizações presentes se opuseram à direção proposta pela Conferência de Londres e reiteraram sua defesa da autonomia dentro da AIT para que cada federação trilhasse sua própria estratégia política. Nos meses seguintes, seções da Bélgica, Holanda, Espanha, Portugal também rejeitaram as deliberações de Londres e acompanharam as posições dos companheiros suíços[9].

O ambiente polarizado se manteve durante a realização do congresso seguinte da Internacional, ocorrido na cidade de Haia, em novembro de 1872. Caracterizado pelo conflito entre as duas alas, as discussões do Congresso foram mais pobres do que aquelas realizadas nos congressos anteriores e a representatividade dos delegados, controversa. Segundo Marcello Musto, os mandatos de internacionalistas da Alemanha e da França foram questionados, pois neste país as organizações da Internacional eram clandestinas, o que as

---

[8] MUSTO, Marcello. Introdução. In.: MUSTO, Marcello (org.). *Trabalhadores, uni-vos!* Antologia Política da Primeira Internacional. São Paulo: Boitempo. 2014, p. 56.

[9] Jacques Freymond, em sua obra "La Primera Internacional", organizou uma larga documentação sobre todos os Congressos da AIT e é, portanto, uma leitura imprescindível sobre o tema. A respeito da Conferência de Londres, Freymond compilou as transcrições dos debates a partir de manuscritos apócrifos encontrados no Instituto de Marxismo e Leninismo de Moscou (p. 177-298). Sobre a Conferência de Sonvillier, a documentação é composta por circulares e um folheto em resposta ao Conselho Geral (p. 299-372). FREYMOND, Jacques (org.). *La Primeira Internacional - Tomo II*: Congreso de Basileia, 1869; Conferencia de Londres, 1871; Congreso de la Haya, 1872. Madri: Editorial Zero, 1973.

inviabilizava, enquanto no país germânico sequer havia seções da AIT[10]. Entre os sessenta e cinco delegados presentes, havia dezoito franceses e quinze alemães. Isto é, pairavam suspeitas sobre praticamente a metade dos votantes[11]. Desse modo, em um congresso marcado pelo conflito aberto e por denúncias, a Internacional conheceu o início da sua derrocada. A ala centralista, com a maioria dos delegados, procurou minar a influência dos federalistas. Para isso, houve quatro resoluções centrais: atribuição de mais poderes deliberativos para o Conselho Geral; a expulsão de Bakunin e Guillaume, proeminentes figuras entre seus opositores; a inclusão do artigo 7a, determinando como tarefa da AIT a conquista do poder político por meio da constituição de partidos políticos; e, por fim, a migração do Conselho Geral de Londres para Nova Iorque[12]. O grupo ligado a Marx, porém, obteve uma vitória pírrica[13]. Após o Congresso de Haia, a Internacional se dividiu em duas, ratificando a cisão entre as duas teses. A Internacional centralista, agora sediada nos Estados Unidos, vigorou até 1876, enquanto a federalista se manteve ativa até 1879, orbitando em torno do Jura suíço.

As seções portenhas, ao serem fundadas em meio a esse contexto, também repercutiram a polarização entre centralistas e federalistas. As duas alas buscaram estreitar seus laços com as seções do continente americano. Por ser um profundo admirador de Lafargue e próximo de Marx, Raymond Wilmart recebeu a incumbência do Conselho Geral

---

[10] MUSTO, op. cit., p. 62.

[11] René Berthier aprofunda o tema da desconfiança perante os delegados franceses e alemães: "Em Haia, entretanto, apresentaram-se delegados franceses munidos de mandatos que não se sabia de onde eles provinham: a verificação dos mandatos era impossível. [...]. Seis delegados franceses eram conhecidos apenas por seus pseudônimos, sem a indicação da cidade de onde traziam seus mandatos. O único que anunciou uma cidade, Rouen, viu-se logo em seguida desaprovado pela federação rouenense porque ele votara com o Conselho Geral, quando tinha o mandato imperativo de votar com os federalistas. Os internacionais de Bordeaux perceberam que seu delegado, que havia recebido o mandato expresso de votar a favor dos federalistas, votara com o Conselho Geral. [...] A Alemanha não possuía qualquer seção da Internacional, só aderentes individuais em número muito pequeno. Ela não podia, portanto, enviar ao congresso delegados regulares. Todavia, para reforçar a posição de Marx, nove alemães foram introduzidos como delegados de seções – inexistentes – da AIT. Para poder votar no congresso, teria sido necessário que as seções houvessem pagado suas cotizações. Ora, Bebel escrevera no "Volkstaat" de 16 de março de 1872 que os internacionalistas alemães nunca haviam pagado suas cotizações a Londres." BERTHIER, René. Introdução a Escrito contra Marx. In.: BAKUNIN, Mikhail. *Escritos contra Marx*. São Paulo: Editora Imaginário, 2014, p. 11-12.

[12] Sobre o Congresso de Haia, ver o informe do Conselho Geral, as atas e as resoluções do Congresso em FREYMOND, Jacques, op. cit., p. 375-447.

[13] Como afirma Jacques Freymond: "Si Marx llega a triunfar es porque tiene más sentido de la maniobra que sus adversarios. Pero su victoria, por las mismas condiciones en que ha sido lograda, no nos da pruebas de que en ese momento él expresara mejor que sus adversarios 'el movimiento real de la clase obrera'." FREYMOND, Jacques (org.). *La Primeira Internacional - Tomo I*: Congreso de Giniebra, 1866; Congreso de Lausana, 1867; Congreso de Bruselas, 1868. Madri: Editorial Zero, 1973, p. 33-34.

de viajar a Buenos Aires, após o Congresso de Haia, para levar as resoluções e conhecer a situação local. Os internacionalistas da região, porém, tinham poucos contatos com a Europa. Segundo Max Nettlau, a seção bonaerense "habrá tenido pocas noticias hasta la llegada de Wilmart."[14]. Seu desembarque no Prata, entre final de 1872 e início de 1873, coincidiu com a troca de correspondências entre A. Aubert, o secretário geral das seções de Buenos Aires, e E. Latraque (ou Larroque), refugiado da Comuna de Paris na Espanha que repassava as informações para Engels. Também nesse período a comunicação se tornou mais fluida com Nova Iorque, a nova sede do Conselho Geral. Nota-se, dessa maneira, a filiação dos internacionalistas portenhos ao setor centralista. Esse vínculo, entretanto, não se traduziu em uma vinculação teórica ao pensamento de Marx, mas sim a uma convergência estratégica a respeito da disputa do poder político no interior do Estado, além da relação de lealdade estabelecida entre alguns militantes[15].

Nas cartas trocadas entre Buenos Aires e a Europa há pedidos para averiguar o passado de alguns militantes, indicando que o clima de desconfiança também chegara ao hemisfério sul. Wilmart, após pedir para Marx alguns exemplares de *La guerre civile en France*, *Les prétendues scissions dans l'Internationale* e as resoluções do Congresso de Haia, solicitam o histórico de Aubert, a fim de verificar possíveis relações com os jurassianos, e de Massenet, pois ele teria boa opinião sobre Bakunin. O internacionalista belga, no entanto, tranquiliza Marx: "Podría haber aliancistas allí pero los he demolido impunemente rindiendo cuenta de La Haya. No hubo una sola protesta. El conjunto de las tres secciones está lejos de ser anarquista."[16]

Apenas há evidências esparsas da presença de militantes simpáticos às prédicas da ala federalista nas seções da AIT em Buenos Aires. Gonzalo Zaragoza afirma que o jornal ácrata *La Federación*, de Barcelona, indicou o envio de exemplares para Gratáco, Benito Prieto e Rubén Denadeu, seus assinantes na capital argentina. Também menciona a existência de seis grupos libertários na cidade[17]. Desse modo, por meio de referências indiretas – como na carta de Wilmart e a investigação feita por Zaragoza – é possível crer na presença de internacionalistas que defendiam as posições de Bakunin na querela de Haia, mesmo embora

---

[14] NETTLAU, op. cit., p. 16.

[15] TARCUS, op. cit., p. 78-79.

[16] WILMART, Raymond. Carta a Karl Marx de 13 de maio de 1873. In.: TARCUS, Horacio, op. cit., p. 506. Ver também a análise de Tarcus sobre as correspondências enviadas por Wilmart para Marx (ibidem, p. 89-94).

[17] ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo argentino* (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de la Torre, 1996, p. 74.

em número reduzido. Outro indício se encontra nos primórdios do anarquismo no país vizinho, o Uruguai.

Enquanto a Internacional na Argentina foi preponderantemente centralista, a organização das seções na banda oriental do Prata era promovida por federalistas. Em missivas trocadas entre Montevidéu e México, percebe-se a preocupação com a situação portenha. Um dos ativistas radicados no Uruguai, A. Juanes, fez uma jornada até a capital argentina e manifestou preocupação para seu destinatário na "ex capital de los aztecas", em carta de 7 de abril de 1872. Em primeiro lugar, Juanes declara seu alívio em retomar a comunicação, porque temia que pudesse se romper "ese inmenso cordón desde la Alaska a la Patagonia, de que hablamos tantas veces". Informa também que estava em contato com camaradas na Espanha que relataram em detalhes os ocorridos no Congresso de Haia. Em seguida, fala a respeito da sua viagem, onde não encontrou um ambiente favorável, exceção feita aos padeiros. Juanes acreditava que os imigrantes recém-chegados tendiam mais às ideias de Marx e de Blanqui. Encerra de maneira nada polida: "¡Ah! Los asnos necesitan una paliza."[18]

Em outra correspondência enviada do Uruguai para o México no mês seguinte, leem-se mais comentários sobre Buenos Aires. Agora o remetente é F. Calcerán, secretário da seção uruguaia, que informa não saber do paradeiro de Juanes desde sua ida ao Brasil. O internacionalista montevideano comenta para o secretário mexicano F. Zalacosta: "estamos preparando un periódico que se denominará *El Obrero Federalista*, para combatir a los autoritarios que han sentado reales en Buenos Aires."[19] Em janeiro de 1873, Calcerán noticia a criação da seção francesa da AIT portenha, defensora do "espíritu antidemocrático del Consejo General de Londres". Por serem "fieles juramentadores de los principios de la Alianza Democrática Socialista", pede a Zalacosta que repasse o informe às demais seções do continente[20].

Dessa forma, percebe-se que, em um ambiente marcado pela intensa circulação de ideias e militantes entre as fronteiras, tanto os centralistas quanto os federalistas buscavam projetar sua influência para o continente americano. Nesse cenário, Buenos Aires já estava próxima do primeiro setor antes da chegada de Wilmart, ao menos segundo os olhares da

---

[18] JUANES, A., Carta ao Sr. Leo Subikursky de 7 de abril de 1872 *apud* VALADES, José. Documentos para la historia del anarquismo en América. *Certamen Internacional de La Protesta*. Buenos Aires, 1927, p. 84.

[19] CALCERÁN, F., Carta ao Sr. F. Zalacosta de 25 de maio de 1872 *apud* VALADES, op. cit., p. 84.

[20] CALCERÁN, F., Carta ao Sr. F. Zalacosta de 1 de janeiro de 1873 *apud* VALADES, op. cit., p. 85.

outra margem do Prata. É bem provável que as seções de Montevidéu tinham seus interlocutores na cidade mas, como afirma Horacio Tarcus, "sin duda no estaban articulados como una fracción al interior de las secciones argentinas"[21].

A despeito dos esforços empreendidos, a Internacional foi uma experiência efêmera[22]. Diversas razões concorreram para minar as expectativas dos internacionalistas. Em Buenos Aires, as possibilidades materiais de ascensão social motivavam os imigrantes que chegavam na Argentina. Como vimos no capítulo anterior, as queixas de Wilmart a respeito da existência de "diversas posibilidades de hacerse pequeño patrón y de explotar a los obreros recién desembarcados como para que se piense en actuar de alguna manera"[23] refletiam os contornos gerais da formação econômico-social de Buenos Aires na década de 1870. Nesse contexto, as propostas dos internacionalistas se diferenciavam em demasia do mutualismo predominante no período, causando certa estranheza entre as organizações operárias[24]. Para as sementes dos projetos revolucionários enraizarem, era necessário um terreno apropriado.

2.2 – Os primeiros ensaios (1876-1889)

Os indícios iniciais da presença concreta de anarquistas em Buenos Aires datam de 1876, com a fundação do Centro de Propaganda Obrera. A única referência da atuação desse grupo é dada por José Ingenieros. Segundo ele, o intuito do grupo era se contrapor às teses marxistas e, para isso, publicaram o folheto *La Idea*, em 1879. Segundo o autor, a publicação apresentava os "principios generales de la Internacional, se hacían públicas cuestiones internas, incluyendo todo el pacto disidente firmado por las Federaciones españolas, jurasiana, francesa y americana en el congreso celebrado en Saint Imier por los bakuninistas contra los marxistas." [25] Conforme Max Nettlau, no mesmo ano foram publicados os jornais *El*

---

[21] TARCUS, op. cit., p. 79.

[22] Não se sabe ao certo até quando as seções da AIT em Buenos Aires mantiveram suas atividades. Em 1875, porém, houve uma tentativa de refundação da seção francesa da AIT, indicando que a organização fundada três anos antes estava inativa. A nova seção não durou mais do que algumas semanas, encerrando sua breve história após uma reunião ser abortada por uma batida policial que levou seus animadores para a prisão. Pesava sobre eles a acusação de participarem no incêndio da instituição jesuíta "Colegio del Salvador", mas não houve nenhuma ligação entre os internacionalistas e o acontecimento. Sobre a refundação da seção francesa da AIT em 1875, ver TARCUS, op. cit, p. 103-119.

[23] WILMART, Raymond. Carta a Karl Marx de 27 de maio de 1873. In: TARCUS, Horacio, op. cit., p. 509.

[24] Ver TARCUS, op. cit., p. 94-98.

[25] INGENIEROS, José. La Internacional en Sud América. Datos que servirán para la historia del socialismo. In: *Almanaque de La Vanguardia para 1899*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1898, p. 25.

Descamisado, de caráter genericamente anarquista, e *La Vanguardia*, fundado em meio a mais uma tentativa de reconstruir a Internacional em Buenos Aires, mas dessa vez impulsionada pelos ácratas[26]. Por fim, também em 1879, há referências que ligam militantes anarquistas na promoção da greve dos cigarreiros[27].

Não é coincidência que as primeiras notícias sobre publicações de jornais e de folhetos e sobre a relação entre anarquistas e lutas sindicais sejam da mesma data, concentrando-se no final da década de 1870. Nesse período, os efeitos das transformações econômicas da Argentina começam a ser sentidos com maior intensidade pela classe trabalhadora. Como afirma Ricardo Falcón:

> entre 1878 y 1887 se desarolla lo que podríamos denominar un período de acumulación del movimiento obrero, cuyas fuerzas explotarán abiertamente hacia 1888 cuando la confluencia de la crisis conyuntural con la nueva situación de los trabajadores, hagan permanentes en Argentina las expresiones de la lucha de clases.[28]

Esse interregno foi marcado pela emergência das "sociedades de resistencia", instituições de caráter sindical que substituíram as associações mutualistas. Falcón contabilizou a fundação de quinze organizações deste tipo no período[29]. Concomitantemente, eclodiram as primeiras greves. As reivindicações mais frequentes foram os aumentos salariais, pagamento de salários atrasados e a regulamentação da jornada de trabalho. Nesse contexto, formaram-se grupos anarquistas com uma atuação mais enraizada entre os trabalhadores do que na década anterior. O mesmo fenômeno ocorreu com os socialistas, a partir da criação do Club Vorwärts em 1882.

A atuação dos anarquistas no início da década de 1880 ainda estava muito vinculada com ex-membros da Internacional. Foram os casos dos espanhóis, como Feliciano Rey, Francisco Morales e Zacarías Rabassa, que participaram da Federación de Trabajadores de la Región Española (FTRE), ligada à Internacional federalista. Entre os francófonos, destaca-se

---

[26] NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914. In.: *Certamen Internacional de La Protesta*. Buenos Aires: La Protesta, p. 9.
[27] FALCÓN, op. cit., p. 523.
[28] FALCÓN, Ricardo. *Los orígenes del movimiento obrero* (1857-1899). Buenos Aires: Centro editor de la América Latina, 1984, p. 78.
[29] FALCÓN, Ricardo, idem, p. 118.

o belga Émile Piette, internacionalista da região de Verviers, onde publicava o jornal *La Liberté* e mantinha uma livraria[30]. Quando chegou a Buenos Aires, seguiu na função de livreiro, sobre a qual falaremos no capítulo seguinte. No conjunto do movimento anarquista, entretanto, a ala mais ativa nesse período foi a dos anarquistas italianos.

Em 1884, dezesseis italianos fundaram o Círculo Comunista Anárquico. Entre eles estava Ettore Mattei, imigrante da Toscana e figura presente em diversas iniciativas do anarquismo portenho nas três décadas seguintes. O grupo se autoproclamou "sección de la Asociación Internacional de los Trabajadores" e, segundo o próprio Mattei, tinha como objetivo debater "la 'cuestión social' en las sesiones públicas del círculo y hacer propaganda por medio de la distribución gratuita de los periódicos *La Questione Sociale*, que publicaban en Florencia y otros compañeros; Il Patria, que publicaban algunos compañeros de Ancona y La Révolte de Paris"[31].

O editor do *La Questione Sociale*, de Florença, desembarcou na capital argentina no ano seguinte. Fugindo de uma condenação judicial, Errico Malatesta cruzou o Atlântico acompanhado de Agenore Patta, Galileo Palla, Cesare Agostinelli e o casal Franciso Pezzi e Luisa Minguzzi. Longe de ser uma viagem estratégica com fins políticos, os anarquistas italianos buscaram um lugar que lhes servisse de asilo. Malatesta confessou o real propósito da sua jornada no Prata em carta enviada a Max Nettlau: "Cuando fuimos a la Argentina (...) no teníamos en absoluto la intención de emigrar. Nos refugiamos allá para escapar de las condenaciones y pensábamos regresar a Italia o al menos a Europa lo más pronto posible"[32]. De qualquer modo, o anarquista italiano participou de diversas atividades na sua estadia portenha.

No mesmo ano de sua chegada, Malatesta e seus companheiros fundaram o Círculo de Estudios Sociales, sediado no Café Grütli, na rua Cerrito, 168. Esse grupo de propaganda não substituiu o anterior e, inclusive, é provável que tenham estabelecido boas relações entre si. Conforme Mattei, nesse círculo Malatesta "y otros camaradas dieron las primeras conferencias públicas comunistas anarquistas"[33] da cidade. Meses depois, a partir dessas atividades, iniciou-se a publicação de um jornal, batizado com o mesmo título daquele editado

---

[30] ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo argentino* (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de la Torre, 1996, p. 80.
[31] MATTEI, Ettore, La Protesta, 10/09/1909 *apud* SANTILLÁN, Diego Abad de. *El movimiento anarquista en la Argentina*. Desde sus comienzos hasta 1910. Buenos Aires: Editorial Argonauta, 1930, p. 33.
[32] MALATESTA, Errico. Carta a Max Nettlau, 1931 *apud* ZARAGOZA, Gonzalo, op. cit., p. 89.
[33] MATTEI, op. cit.

em Florença. O primeiro número de *La Questione Sociale* saiu em agosto de 1885 e o último em 1886, totalizando catorze edições.

Como se pode perceber, até esse momento as atividades dos grupos anarquistas em Buenos Aires se assentaram, basicamente, em comunidades étnico-linguísticas e se restringiram à propaganda de suas ideias. Em geral, a atuação ácrata dentro dos sindicatos foi, nesses anos, individual. Podemos entender essa dinâmica se olharmos para os aspectos do mundo do trabalho. Retomando as observações de Falcón, o período que denominou "acumulação do movimento operário" caracterizou-se por experiências incipientes de conflito entre trabalhadores e patrões, nas quais houve avanços e recuos nas organizações operárias. Nesse contexto, "frecuentemente los primeros sindicatos surgían en torno a una lucha concreta para desaparecer una vez ésta terminada."[34] Assim, "as sociedades de resistencia" avançavam tateando, marcadas por um intenso vaivém.

No triênio de 1888 e 1890 eclodiram diversas greves em toda a Argentina, motivadas principalmente pela alta inflação. Se Falcón contabilizou treze eventos no período anterior, ele apontou para a existência de quase uma trintena somente nesses três anos[35]. Esses anos marcaram, portanto, uma virada na organização operária bonaerense. Como indicou o autor, uma novidade nesses conflitos foi a presença ativa de socialistas e anarquistas.

A participação de militantes ácratas mais destacada pela historiografia ocorreu na criação da Sociedade Cosmopolita de Resistencia y Colocación de Obreros Panaderos em 1887. O padeiro Francisco Momo transmitiu a Ettore Mattei informações sobre as condições de trabalho nas oficinas da capital. Com isso, o último publicou uma série de artigos no jornal anarquista *Il Socialista*, recém-criado e onde Mattei era seu redator. Momo e outros padeiros decidiram convocar uma assembleia para discutir uma organização da categoria. Segundo Juan Emprivets, ex-padeiro que escreveu um artigo sobre a formação do sindicato no jornal *La Protesta* em 1908, a intervenção de Mattei foi decisiva para instaurar um caráter sindical – e não mutual – para a associação[36]. Além do anarquista toscano, também estavam presentes os

---

[34] FALCÓN, Ricardo. *Los orígenes del movimiento obrero (1857-1899)*. Buenos Aires: Centro editor de la América Latina, 1984, p. 80.

[35] Ricardo Falcón ressalta que os números apresentados são apenas indicativos, pois não é possível fazer um levanto preciso devido à documentação esparsa. Ver FALCÓN, Ricardo, idem, p. 78-81; 118.

[36] Segundo Juan Emprivets: "A las reuniones sucesivas de la comisión organizadora asistió también Mattei, quien observó que no debía ser una sociedad de socorros mutuos y de colocación, como algunos querían imponer, sino una sociedad de resistencia y colocación, explicando sus fines defensores de los intereses obreros. Y así fué aprobado por la casi unanimidad de los panaderos presentes". EMPRIVETS, Juan. *Los iniciadores del movimiento obrero*. La Protesta, nº 1355, 24/05/1908, p.2.

espanhóis Rabassa e Morales. Na assembleia deliberou-se a escolha do anarquista toscano para ser o secretário geral do sindicato e o convite para Malatesta redigir os estatutos da organização.

O texto do estatuto seguia as características da estratégia anarquista na atuação sindical. Enfatizava a associação como um órgão de resistência e solidariedade de classe, não se restringindo a ser uma sociedade de socorro mútuo. Além disso, defendia a organização federal, adotando como ponto de partida a instância local, desenvolvendo as instâncias regionais com a união de padeiros organizados em outros lugares, visando chegar até a Federação Regional Argentina. Por fim, outro ponto destacado foi a exclusão das "questões políticas" dentro do sindicato, sendo que por "política", nesse contexto, compreende-se a política parlamentar.[37]

Em janeiro de 1888, o sindicato dos padeiros enfrentou sua primeira greve. A paralisação durou dez dias e resultou em consideráveis conquistas, como a abolição do trabalho noturno[38]. O êxito do recém-criado sindicato tornou-o um exemplo para ser seguido aos olhos dos trabalhadores de outras categorias. Sapateiros, mecânicos, galvanizadores e marceneiros adotaram os estatutos dos padeiros como modelo em suas próprias associações. Desse modo, pode-se perceber com clareza a importância do sindicato dos padeiros na difusão do anarquismo em Buenos Aires.

Outra categoria que declarou greve e contou com a participação de ácratas foi a dos sapateiros. No final do mês de novembro de 1888, ocorreu uma assembleia no Club Vorwärts, onde três anarquistas discursaram: o italiano Malatesta, o espanhol Rabassa e o francês Jean Raoux. Houve também uma presença inusitada. Eduardo Lunch, dono de uma oficina e membro da Unión Industrial Argentina, propôs a formação de um comitê misto formado por patrões e empregados para analisar as condições de trabalho e, assim, evitar que novos conflitos fossem resolvidos pela interrupção do trabalho. A proposta foi rechaçada e a assembleia decidiu que uma comissão escrevesse um panfleto informando as razões da greve. O manifesto, escrito por Malatesta e Mattei, com a colaboração dos socialistas Guillermo Brown, S. Wieniger e Ziebigker, dava a seguinte definição de greve:

> Las huelgas en general son el producto del orden social capitalista; en particular, las huelgas actuales en Buenos Aires son el producto natural de la

[37] OVED, Iaacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1978, p. 38.
[38] ZARAGOZA, Gonzalo, op. cit., p. 96.

> situación lastimosa de la clase obrera, de la situación creada por la injusta política financiera del gobierno, por la especulación desenfrenada de la Bolsa y de los capitalistas[39].

O conflito se encerrou no mês seguinte, após os sapateiros conquistarem um aumento salarial de 20%[40]. A partir desse evento é possível notar mudanças em relação ao contexto anterior. Enquanto antes encontramos algumas reminiscências do mutualismo, aqui a greve se situou no contexto da luta de classes e da conjuntura econômica local. Com a eclosão dos conflitos no mundo do trabalho, a ação dos anarquistas rompeu as barreiras linguísticas e inscreveu sua presença dentro dos sindicatos. Nada poderia ser mais ilustrativo do que três ácratas discursarem para uma assembleia de uma categoria em greve, sendo eles um italiano, um francês e um espanhol.

A greve dos sapateiros não foi o único episódio de colaboração entre anarquistas e socialistas. Durante o ano de 1888, as duas correntes fizeram várias reuniões para organizar manifestações em datas revolucionárias – como o aniversário da Comuna de Paris, no dia 18 de março, e da Tomada da Bastilha, em 14 de julho – e para criar uma federação operária[41]. Apesar da federação não ter saído do papel, evidencia-se um clima amistoso entre anarquistas e socialistas, algo que demorou dez anos para se repetir.

Malatesta deixou a Argentina em 1889 e se fixou em Nice, junto com alguns de seus companheiros. Sua partida coincidiu com o encerramento de um período na história do anarquismo argentino. Vale ressaltar, contudo, que o retorno do anarquista italiano à Europa não representou o único fator para a virada de curso dos ácratas no Prata. Em primeiro lugar, esses anos foram marcados por um declive do movimento operário. A crise de 1890 aumentou em grande medida os índices de desocupação, restringindo as possibilidades de greves. Outro fator, mais decisivo, foi a chegada de novos militantes, com perspectivas de organização distintas. A atuação dos anarquistas dentro dos sindicatos foi interrompida nesses anos pela hegemonia dos “antiorganizadores”, dos quais trataremos agora.

---

[39] ZARAGOZA, Gonzalo, op. cit., p. 102.

[40] Sobre a greve dos sapateiros de 1888, ver ZARAGOZA, Gonzalo, op. cit., p. 101-103.

[41] ZARAGOZA, Gonzalo, op. cit., p. 103.

2.3 – O interlúdio "antiorganizador" (1890-1896)[42]

Após sua experiência portenha, foi no sul da França que Malatesta lançou seu projeto de uma federação libertária internacional. A proposta organizativa do anarquista italiano teve grandes repercussões e gerou um intenso debate dentro das correntes anarquistas. Curiosamente, uma das reações mais ásperas partiu de Buenos Aires, de onde ele acabara de regressar para a Europa. Isso evidencia a mudança na orientação dos anarquistas portenhos no primeiro lustro da década de 1890 para a perspectiva antiorganizadora.

A despeito da confusão que possa gerar a partir de sua denominação, os "antiorganizadores" eram contra os trabalhadores se organizarem em sindicatos, mas defendiam um modelo de organização política. Influenciados pela tradição insurrecionalista presente em diversas correntes socialistas do século XIX, estruturavam-se em pequenos grupos, em geral voltados para ações de propaganda (organização de conferências, debates e edição de jornais e folhetos, por exemplo) ou de expropriação, boicote e sabotagem.

Dois dos mais destacados militantes desta corrente militaram nas fileiras anarcocomunistas em Barcelona antes de chegarem a Buenos Aires. Rafael Roca e Victoriano San José faziam parte do grupo editor do jornal *La Justicia Humana*, o primeiro a predicar as ideias comunistas no anarquismo espanhol em oposição ao coletivismo até então vigente[43]. Além de entrar no debate econômico, o jornal também se posicionava sobre qual modelo de

---

[42] A presente subseção é uma versão alterada e resumida do trabalho apresentado no Seminário Internacional Migrações atlânticas no mundo contemporâneo (séculos XIX-XXI), ocorrido em Niterói entre os dias 31/10/2017 e 01/11/2017 e publicado em: CUNHA, Eduardo Augusto Souza. A subversão cruza o oceano: o debate sobre a organização política entre os anarquistas na Espanha e na Argentina (1874-1896). In: SARMIENTO, Érica (org.) *E-imigração em debate*: novas abordagens na contemporaneidade. Niterói: Editora ASOESC, 2018, p. 156-166.

[43] Tantas anarquistas coletivistas como anarcocomunistas concordavam que em uma sociedade pós-revolucionária os meios de produção deveriam ser coletivos, contudo, discordavam sobre a distribuição dos frutos do trabalho. Os anarquistas coletivistas carregavam ainda os preceitos de boa parte dos federalistas da Internacional, ou seja, acreditavam que cada um deveria receber de acordo com o seu trabalho; para os anarco-comunistas, o que deveria definir a repartição dos bens da sociedade seriam as necessidades de cada indivíduo, isto é, o livre-consumo. O comunismo substituiu o coletivismo como princípio econômico do anarquismo sem gerar grandes debates na França e na Itália, por exemplo. Na Espanha, porém, a discussão gerou grandes conflitos internos entre as duas teses. Sobre o anarquismo espanhol na década de 1880, ver MADRID, Francisco. Anarquismo e organização na Espanha: Solidaridad Obrera e as origens da CNT. In: COLOMBO, Eduardo (org.). História do movimento operário revolucionário. São Paulo: Editora Imaginário, 2004, p. 45-54. A respeito do debate entre comunistas e coletivistas e a intervenção do La Justicia Humana, ver GÓMEZ, Francisco de Paula Fernandéz. *Anarcocomunismo en España (1882-1896)*: El grupo de "Gràcia" y sus relaciones internacionales. 2014. 2 v. Tese (Doutorado em História Comparada, Política e Social) – Departament D'Història Moderna I Contemporània, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, p. 64-75.

organização e quais táticas deveriam ser adotadas. Sobre esse último tema, o jornal afirmava: "somos ilegalistas [...] así aconsejaremos a los trabajadores que vayan a ella [revolução social] directamente por los medios que les sean posibles sin hacer caso de leyes que no confeccionaron."[44] Sobre a organização, *La Justicia Humana* apontava:

> no somos partidarios de organizar en sentido positivo a las clases trabajadoras; aspiramos a una organización negativa. [...] Creemos que ésta debe ser de grupos, sin estatutos; que tenga por eje las comunes necesidades de clase, y por lazo la solidaridad, de la haremos participes a todos cuantos luchen por la revolución social.[45]

Defendiam, portanto, a associação em grupos sem estatutos e que atuassem na ilegalidade, opondo-se à organização operária. A defesa desse modelo de organização informal voltada para ações insurrecionais pode ser compreendida se analisarmos a experiência pregressa do anarquismo espanhol durante a década de 1870.

Após a Restauração Bourbônica, o governo espanhol baniu qualquer organização operária vinculada à Associação Internacional dos Trabalhadores. Em resposta, a Federación Regional Española (FRE), seção espanhola da AIT, reformulou-se e passou a adotar uma estrutura adaptada para a ação clandestina. O banimento da AIT na Espanha foi precedido pela repressão à Comuna de Alcoy, ocorrida em julho de 1873. Desse modo, os internacionalistas espanhóis estavam cientes do que estava por vir. Francisco Tomás, em carta endereçada à Federação de Sanlúcar em setembro de 1873, aconselhou em nome da Comissão Federal da FRE: "si no os fuese permitido reuniros en Asambleas públicas, hacedlas secretas. Al efecto conviene reunirse y organizarse en grupos de diez individuos que puedan reunirse en cualquier parte, hasta en las barbas del burgués."[46]

A estrutura organizativa da FRE foi dissolvida em pequenos grupos secretos. A nova orientação direcionou ações de cunho insurrecional, como a destruição de títulos de propriedade, expropriação de ferramentas e sabotagem de máquinas de trabalho. A atividade de propaganda também teve de adaptada. Ao invés de manter a edição regular de jornais,

---

[44] *La Justicia Humana*, ano I, núm. 1, 18/04/1886, p.1.

[45] Ibidem.

[46] TOMÁS, Francisco. Carta a Federação de Sanlúcar de 23 de setembro de 1873 *apud* LIDA, Clara. *Anarquismo y revolución en la España del XIX*. Madri: Siglo XIX, 1972, p. 233.

como já faziam durante o Sexênio Revolucionário, agora os impressos restringiam-se a folhas soltas, como panfletos e manifestos, sem indicação de redação e local de publicação[47].

O ajuste feito nos anos da clandestinidade surtiu efeito. O êxito da estratégia empregada foi visível quando as organizações operárias voltaram para a legalidade. Em 1882, quando ocorreu a realização do II Congresso da recém-criada Federación de los Trabajadores de la Región Española (FTRE), herdeira da FRE, a organização declarou que contava com 60.000 membros ativos. Apesar da cifra não ser exata, ela é significativa se comparada com os 30.000 afiliados que a FRE anunciara no seu último congresso realizado publicamente, entre 1872 e 1873[48]. Portanto, a opção tática pelo modelo organizativo adotado na clandestinidade, baseado em grupos secretos e de poucos membros mobilizados para ações insurrecionais, não apenas manteve viva a FRE como a expandiu. Como afirma Clara Lida:

> importa tener presente que la clandestinidad anarquista surgió como una *respuesta premeditada, práctica, racional y efectiva* a la violencia y represión legalizadas. Es decir, la clandestinidad fue una táctica consciente de resistencia contra los crecientes mecanismos de coerción del Estado y de quienes lo sostenían.[49]

A efetividade da organização informal, caracterizada pela formação de pequenos grupos, ficou presente na memória dos anarquistas espanhóis nos anos seguintes e influenciou as concepções táticas e organizativas difundidas pelo *La Justicia Humana*. E, por conseguinte, elas desembarcaram e influenciaram o anarquismo portenho com a chegada de militantes que passaram por essa experiência, como Rafael Roca e Victoriano San José, membros do grupo Los Desheredados de Buenos Aires. Outro anarcocomunista de Barcelona que migrou para Buenos Aires foi Baldomer Salbans[50]. Os três nomes compuseram a linha de frente dos "antiorganizadores" na capital argentina.

Enquanto Malatesta partia para Nice em 1889, o Los Desheredados sofria sua primeira perseguição. Carregando um pacote de panfletos, Victoriano San José não percebeu que

---

[47] LIDA, Clara. *Anarquismo y revolución en la España del XIX*. Madri: Siglo XIX, 1972, p. 233-246.

[48] LIDA, Clara. Hacia la clandestinidad anarquista: de la Comuna de París a Alcoy. 1871-1874. *Historia Social*, Valencia: Fundación Instituto de Historia Social, n.46, 2003, p. 49.

[49] LIDA, Clara. Los discursos de la clandestinidad en el anarquismo del XIX. *Historia Social*, Valencia: Fundación Instituto de Historia Social, n.17, 1993, p. 65, grifos da autora

[50] GÓMEZ, Francisco de Paula Fernandéz, op. cit., p. 106.

estava sendo seguido quando caminhava rumo à livraria de Émile Piette. Chegando ao seu destino, foi parado pelos policiais, que apreenderam seus impressos e outros materiais pertencentes ao estabelecimento do anarquista belga. Com esta operação, oito anarquistas ficaram onze meses na cadeia. Quando foram soltos, decidiram fundar um jornal e o batizaram em homenagem a esse episódio: *El Perseguido*[51].

El Perseguido representou o primeiro jornal anarquista portenho de larga duração. Ele foi publicado por seis anos e superou mais de cem números. Embora tenha tido tiragens irregulares, o número de exemplares impressos girou em torno de 1.000 a 4.000 e, excepcionalmente, alcançou 7.000. Por ter se consolidado como o principal jornal entre os ácratas, o *El Perseguido* foi o maior difusor das ideias libertárias e, consequentemente, fez com que as ideias "antiorganizadoras" tivessem primazia na primeira metade da década de 1890[52].

Entre os assuntos comentados nas edições iniciais do jornal, esteve o projeto de uma organização internacional dos anarquistas, proposto por Malatesta. Na Itália, em 1891, ocorreu um congresso na cidade de Capolago com a presença de 86 delegados de diversas regiões do país. Entre suas deliberações estava a criação da Federação Italiana do Partido socialista anárquico revolucionário, organizada a partir de comitês regionais de correspondências. Também se previa a adoção de fórmulas gerais, para não entrar nas divergências entre coletivistas e comunistas. O *El Perseguido* reverberou o evento, publicando a correspondência escrita pelos organizadores do congresso e publicada pelo jornal *La Révolte*, de Paris, e no número seguinte teceu suas críticas[53].

O jornal se opôs ao congresso tanto no teor das suas deliberações como por sua estrutura. Para eles, o acordo entre coletivistas e comunistas seria infrutífero, pois ambos se manteriam presos às suas concepções e a organização nasceria já com uma tensão interna, sempre com os riscos de implodir. Em relação à proposta das comissões de correspondências, consideraram que invariavelmente elas teriam poder deliberativo e, assim, acusaram o que seria uma contradição do Congresso: "ellos se han declarado en contra de un centro, y en cambio creando muchas comisiones regionales de correspondencia como han creado, no han

---

[51] OVED, Iaacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*. Buenos Aires: Siglo XIX Editores, 1978, p. 41.
[52] ZARAGOZA, Gonzalo, op. cit., p. 140-141; OVED, Iaacov, op. cit., p. 44.
[53] *El Perseguido*, ano II, núm. 17, 08/03/1891, p.2

hecho sino crear muchos centros"[54]. Porém, o tema central da crítica foi a própria forma como o Congresso de Capolago ocorreu. Na concepção do *El Perseguido*, ao basear-se no mandato imperativo de delegados eleitos e por definir suas deliberações por meio de votação da maioria dos presentes, tratou-se de uma reprodução do sistema parlamentar por não respeitar a autonomia individual. Portanto, contrário aos preceitos anarquistas. Uma organização anarquista só pode ser alcançada, segundo o jornal, da seguinte maneira: "pues el que quiera ser anárquico no hay sinó un medio de serlo y es practicando la anarquía, no uniéndose sino por afinidad y que cada afinidad administre lo suyo, y se concierte con otras afinidades cada vez que lo encuentre oportuno"[55].

Em outros artigos, o *El Perseguido* esclareceu suas posições. Em primeiro lugar, sua defesa da autonomia individual não se confundiria com o individualismo. Em um texto que resume sua ideologia, o jornal afirmou: "comprendemos que la vida es imposible sin agrupamiento social. Aislados no podemos hacer nada, mientras que con la unión íntima podemos transformar el mundo."[56] Assim, a organização potencializaria a ação individual. Porém, ela surgiria a partir da vontade dos seus membros. Ao responder às críticas que os acusavam de negarem qualquer tipo de organização, o grupo redator contestou:

> De modo que la agrupación solo puede ser por voluntad espontánea de los individuos y siendo así contribuye cada cual según sus facultades, sin otro compromiso que su propia voluntad; por eso no son necesarios en estas organizaciones reglamentos, presidentes, ni nada que se parezca a ley o autoridad.[57]

A aversão em estabelecer regulamentos em nome do respeito à espontaneidade esteve baseada, geralmente, em uma concepção naturalista da sociedade. Argumentava-se que a associação de indivíduos deve ser espontânea, isto é, tem de seguir o curso da Natureza. Isso ocorre no reino vegetal e animal, onde os seres vivos se associam para realizar certas necessidades e se dissociam para outras. As bases naturalistas e cientificistas dos anarquistas "antiorganizadores" não era uma característica exclusiva, mas sim a todo conjunto do

---

[54] *El Perseguido*, ano II, núm. 19, 05/04/1891, p.2
[55] Ibidem.
[56] *El Perseguido*, suplemento ao número 75, 18/01/1895, p.1
[57] *El Perseguido*, ano III, núm. 48, 25/09/1892, p.2

pensamento de esquerda (tanto anarquista como marxista, cada tradição com suas especificidades) do final do século XIX[58].

Assim, organizar-se espontaneamente significa que os indivíduos seguem as leis naturais: "todo en la vida son necesidades a satisfacer, y que los hombres se organicen espontáneamente por necesidad y se desorganizan por otra necesidad. Solo queremos la libertad absoluta para todos a fin de que se cumpla la ley de la necesidad"[59]. As organizações baseadas em estatutos e divisões de tarefas, desde o Estado até as organizações operárias, são vistas como antinaturais e, portanto, autoritárias, pois ignoram o livre movimento de associação e dissociação. Nesse sentido, em carta publicada por um militante anônimo de Barcelona, o binômio "organizador" /"antiorganizador" é invertido:

> ¿Qué quieren los anarquistas organicistas españoles? Organizar fuera de las leyes naturales a todos los anarquistas del mundo. Esto no es organizar. Esto es confundir el todo con la parte e interrumpir la marcha magestuosa (sic) de la organización natural, espontánea y por afinidades, como obra de nuestra madre la Naturaleza. Los partidarios de la organización española, sediciente anarquista, son por este hecho anti anarquistas y Desorganizadores.[60]

Os argumentos a respeito da organização política dos anarquistas são semelhantes àqueles adotados contra a criação de sindicatos. Na visão do *El Perseguido*, constituem um entrave para a ação espontânea dos operários, além da possibilidade de serem utilizados para fins eleitorais. Indo além, a greve como ferramenta de luta também é vista com suspeitas. O jornal reconhecia sua legitimidade, porém, questionava seus benefícios para toda a classe trabalhadora. Isso porque em cada vitória de uma categoria em greve, que obtém aumentos salariais, o valor despendido pelos capitalistas é compensado com o aumento do valor de venda das mercadorias produzidas. A despeito de tal conclusão, o *El Perseguido* ratificava o

---

[58] Jacy Alves de Seixas sintetiza a concepção naturalista da sociedade entre a esquerda de fins do século XIX da seguinte forma: "As formas sociais, os grupos e classes sociais são considerados correlatos das formas biológicas. A sociedade não difere substancialmente da natureza: é um organismo (o "corpo social") que nela se inscreve, obediente a seus ritmos. Ainda que por vezes se encontre doente (as "putrefações", os "cancros", as "doenças" sociais), ela aspira apenas à saúde e a harmonia naturais. Eloquentes noções e metáforas organicistas. A natureza invade o espaço das relações sociais e da história." SEIXAS, Jacy Alves de. Anarquismo e socialismo no Brasil: as fontes positivistas e darwinistas sociais. *Revista História & Perspectivas*, Uberlândia, n.12/13, jan./dez/1995, p. 136.

[59] *El Perseguido*, ano II, núm. 31, 11/11/1891, p.2

[60] *El Perseguido*, ano IV, núm. 61, 18/06/1893, p.3.

direito das greves movidas por questões salariais, mas ressaltava que elas não podem se restringir a esta pauta:

> no queremos aconsejar a aquellos individuos que pueden realizar una huelga que no la realicen, pues consideramos que cada uno está en el derecho de defender su bien propio, esperando la oportunidad de el bien general; pero hemos querido demostrar la realidad de la cosa afín que los obreros no se queden dormidos con los laureles de la huelga, sino que es preciso que piensen en cosas mas grandes, mas sublimes y mas humanitarias (sic), que es el bien de todos, y este no podrá obtenerse sino dando al traste con la propiedad individual para convertirla en propiedad social.[61]

A forma de conduzir as greves foi outro ponto polêmico levantado pelo jornal. Contrapondo-se às táticas dos socialistas, que buscavam pressionar o Estado para ele cumprir o papel de arbitrar os conflitos entre trabalhadores e patrões, o *El Perseguido* rechaçava práticas legalistas e defendia o uso da violência. Segundo seus redatores, os grevistas deveriam agir "sin esperar nada de las Federaciones ni de los comités. No hay otra via: reclamando los derechos, hay que tener la conciencia de conquistarlos con todos los medios, sean ellos declarados criminales o no"[62].

Como a atuação sindical é desaconselhada pelos "antiorganizadores", a alternativa proposta são as ações insurrecionais. Os grupos devem ficar a postos à espera de uma ocasião propícia para expropriar os bens econômicos, as seções administrativas e os postos policiais. Em um artigo anônimo de 1891, o autor cita, por exemplo, a possibilidade aberta pela Revolução do Parque de 26 de julho de 1890, tentativa de golpe de Estado promovida pelo Partido Radical. Em momentos como esse:

> debemos aprovecharlo y que los grupos [anarquistas] se encarguen de desalojar las casas introductoras; almacenes, aduanas, bancos, etc., destruir los archivos hipotecarios y todo lo que sea titulo de propriedad, y vereis como esto ha de producir mejor resultado para nosotros [...] lo que debemos hacer es expropriarles de todo, hasta de sus existencias y de esta manera el dia de la Revolución Social no nos quedará tanto trabajo para hacer.

---

[61] *El Perseguido*, ano III, núm. 48, 25/09/1892, p.1

[62] *El Perseguido*, ano VI, núm. 77, 13/03/1895, p.2

Até que um momento de insurreição ocorra, para os "antiorganizadores", os anarquistas devem se esforçar para despertar a consciência dos trabalhadores. Para isso, há dois caminhos: a propaganda pelas ideias e pelo "feito", este último entendido como a realização de atentados políticos. Os eventos que ocorreram na Europa foram saudados pelo jornal. Em 24 de julho de 1892, quando a notícia da execução de Ravachol chegou em Buenos Aires, o *El Perseguido* rendeu-lhe uma homenagem em seu editorial[63].

Não foram registradas, contudo, ações políticas que utilizaram a violência nesses anos na Argentina. Como afirma Iaacov Oved: "lo que caracterizaba a los grupos anarquistas extremistas de los círculos anarco-comunistas no era la acción terrorista, sino el palabrerío terrorista. La palabra violenta no llegó a materializarse en actos, ni se desató una ola de terror en la Argentina."[64] Desse modo, a ação dos "antiorganizadores" restringiu-se à divulgação das suas ideias por meio escrito e oral. Nesse campo, aliás, eles desenvolveram uma atividade intensa, não apenas com a edição de *El Perseguido*, mas também editando folhetos ácratas que alcançaram altas tiragens e organizando uma série de conferências.

É possível afirmar, portanto, que os "antiorganizadores" desenvolveram um modelo de organização. Em suas teses, percebemos várias semelhanças com as posições adotadas pelos anarcocomunistas de Barcelona. Por exemplo, na proposta de organização em pequenos grupos; no âmbito ideológico, com o rechaço à conciliação entre coletivistas e comunistas, sustentando a última doutrina; e, no âmbito tático, com a defesa das ações ilegais.

2.4 – Do retorno aos sindicatos à hegemonia anarquista no movimento operário (1897-1905)

Como vimos, o domínio da perspectiva antissindical entre os anarquistas esteve relacionada com o refluxo do movimento operário da primeira década de 1890. A despeito das "sociedades de resistencia" de algumas categorias, como carpinteiros, sapateiros, padeiros, mecânicos e galvanizadores, terem mantido sua posição ácrata, as principais iniciativas das lutas no mundo do trabalho foram protagonizadas pelos socialistas. Destaca-se a Federação

[63] *El Perseguido*, ano III, núm. 45, 24/07/1892, p.1

[64] OVED, Iaacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*. Buenos Aires: Siglo XIX Editores, 1978, p. 58.

Operária de 1891 e seu órgão, o jornal *El Obrero*. Porém, dado o contexto regressivo da organização operária, essas iniciativas não vigoraram mais do que dois anos.

Entre os anos de 1894 a 1896, o cenário se inverteu. Jacinto Oddone indica que entre 1891 e 1893 eclodiram somente doze conflitos entre patrões e trabalhadores (dois no primeiro ano, sete no segundo e três no terceiro). As greves retomaram uma curva ascendente em 1894, quando foram registrados nove eventos; em 1895, aumentaram para dezenove; e, finalmente, em 1896, o número explodiu, atingindo vinte e seis eventos desse tipo[65]. Em suma, ao compararmos esse último período com o triênio anterior, percebemos que a incidência de lutas entre capital e trabalho mais do que quatriplicou: de doze conflitos entre 1891-1893 para cinquenta e quatro entre 1894-1896.

Com a virada no curso do movimento operário, os anarquistas adeptos da atuação sindical ganharam mais força. O sindicato dos padeiros começou a imprimir seu jornal, *El Obrero Panadero*, em 1894. Além de veicular notícias referentes à própria categoria, era possível encontrar em suas páginas notas de convocação de assembleias entre os carpinteiros, alfaiates, sapateiros, marmoristas, entre outras. Ao completar um ano de publicação, o jornal indicou qual era o motor da sociedade: "Es la lucha entre capital y el trabajo, entre el rico y el pobre, entre el burgués y el proletario. Esta, al día de hoy, es la lucha de las luchas, es aquella que las domina todas y todos quieran o no, están obligados a tomar parte en ella."[66]

El Obrero Panadero não foi o único a advogar pela presença dos anarquistas dentro do sindicato. Nesses anos começaram a ser editados outros órgãos de imprensa com postura semelhante. Os principais foram a revista *La Questione Sociale* (1894) e os jornais *L'Avvenire* (1895) e *La Protesta Humana* (1897). Ressalta-se também *El Oprimido* (1894), jornal editado em Luján por John Creaghe, mas com boa circulação em Buenos Aires.

Além do processo de acirramento dos conflitos entre as classes sociais na Argentina, a retomada da atuação sindical do anarquismo portenho foi parte de uma guinada do movimento, visível em outras partes do mundo. Na França, o anarquista francês Fernand Pelloutier começava a delinear as bases anarquistas do sindicalismo revolucionário francês[67]; em Londres, Malatesta escrevia seus artigos sobre a estratégia anarquista no movimento operário

---

[65] ODDONE, Jacinto. *Gremialismo proletario argentino*: su origen, su desarollo, sus errores. Su ocaso como movimiento democrático libre. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1975, p. 74-84.

[66] *El Obrero Panadero*, ano II, núm. 1, 20/09/1895, p. 1.

[67] PELLOUTIER, Fernand. *O anarquismo e os sindicatos operários*. São Paulo: Editora Imaginário, 2013.

no jornal *L'Agitazione*, polemizando com os militantes contrários à organização formal[68]. Na Argentina, os textos de ambos autores tiveram grande circulação, seja em folhetos ou nas páginas dos jornais[69].

Em Buenos Aires, essa guinada teve de se opor à perspectiva "antiorganizadora" até então predominante. Reproduzindo um artigo de Malatesta, *L'Avvenire* deixava o debate às claras: "Hemos de voltar al movimiento obrero y reconocer que ha sido un error alejarnos de él. Debemos entrar en las asociaciones obreras, conseguir amigos, tomar parte activa en las huelgas." [70] Os anarquistas "organizadores" também se opuseram ao insurrecionalismo defendido por seus antípodas. Ao repercutir o assassinato do primeiro-ministro espanhol Cánovas del Castillo por Michele Angiolillo, o *La Protesta Humana* afirmou que "se abstiene de preconizar el camino de la venganza que causa víctimas sin deponer el régimen existente, que és la raíz de la injusticia. Cabe preferir la acción de las masas, en vez de los atentados de individuos, pues sólo en ella se encierra la fuerza capaz de derrocar el régimen"[71]. Em 1897, o mesmo jornal relatou o clima de tranquilidade dentro das fileiras anarquistas, demonstrando o ocaso dos "antiorganizadores" após o fim do *El Perseguido* no ano anterior:

> Desechados los antiguos errores, olvidados los viejos antagonismos y desaparecidas del campo de la lucha todas aquellas cuestiones puramente personales que tantos perjuicios habían reportado, lanzánse los compañeros por una vía de propaganda decidida y seria, manifestando su fuerza en la organización de grupos autónomos y libres.[72]

A linha pró-sindical ganhou uma importante adesão com a vinda do italiano Pietro Gori em 1898. Fugindo das acusações que pesavam sobre ele em Milão, o anarquista era uma figura de relevo não apenas entre os meios militantes, mas também nos círculos intelectuais. Advogado e proeminente criminológo, sua chegada impactou acadêmicos e juristas, ao ponto de Gori ser professor-visitante na Faculdade de Direito da Universidad de Buenos Aires,

---

[68] TURCATO, Davide. *Making sense of anarchism*: the experiments with revolution of Errico Malatesta, Italian exile in London (1889-1900). 433 f. Tese (Doutorado em História) - Department of History, Simon Fraser University, Burnaby, Canadá, 2009, p. 209-282.

[69] Sobre as leituras anarquistas de Pelloutier e o desenvolvimento da ideia de greve geral em Buenos Aires, ver ZARAGOZA, Gonzalo, op. cit., p. 278-281.

[70] *L'Avvenire*, ano II, núm. 19, 21/03/1897, p. 2.

[71] *La Protesta Humana*, ano I, núm. 6, 02/09/1897, p.1

[72] *La Protesta Humana*, ano I, núm. 3, 15/07/1897, p.3

ministrando aulas sobre sociologia e criminologia. Após pressões da embaixada italiana, a universidade ameaçou retirar o convite, mas o manteve sob pressão de estudantes e professores da instituição. Ademais, o anarquista italiano editou uma revista sobre essa temática chamada *Criminología Moderna* voltada a esse público[73]. Dessa forma, a presença de Gori foi importante ao expandir o alcance das ideias anarquistas para além dos círculos operários, atingindo parte da intelectualidade portenha.

O anarquista italiano não restringiu suas atividades ao âmbito acadêmico. Participou de diversas conferências em sindicatos e de jornadas de propaganda organizadas por militantes no interior da Argentina. Em geral, em seus discursos, ele reiterava a importância do entrelaçamento entre os ácratas e as lutas operárias. Para Gori, elas se desenrolavam na reprodução cotidiana da vida, sendo papel dos anarquistas atrelar as demandas de curto prazo a um horizonte de transformação social. Era preciso, então, incitar uma consciência revolucionária nos trabalhadores, por meio de atividades de propaganda e práticas culturais e pedagógicas. Através dessas ações, instituições operárias seriam formadas para fazer frente às estruturas capitalistas e estatais. Elas seriam a base da luta social dos trabalhadores, utilizando-se de armas como a greve, a sabotagem e o boicote[74].

Outro militante que desempenhou importante papel entre os anarquistas sindicalistas foi Antoni Pellicer i Paraire. O tipógrafo espanhol atuava nos quadros libertários desde a época da Internacional e, quando da querela entre comunistas e coletivistas, no final da década de 1880, Pellicer manteve uma postura conciliadora, diferente daquela apresentada no *La Justicia Humana* de Roca e San José. Membro desse último setor, ele foi um dos defensores da ideia do "anarquismo sem adjetivos", que buscava preservar a unidade dos ácratas a partir de um programa mínimo[75]. A proposta foi veiculada pelo jornal *El Productor* de Barcelona, no qual Pellicer compunha o grupo editor. Entre os anarcocomunistas, essa proposta só encontrou eco no jornal *La Revolución Social*, editado à época por Fortunato Serantoni. Uma mostra da sintonia entre os dois, o chamado à organização internacional dos

---

[73] OVED, Iaacov, op. cit., p. 90.

[74] As conferências de Gori eram reproduzidas nas páginas do *La Protesta Humana*. Por exemplo, ver: *La Protesta Humana*, ano II, núm. 43, 04/09/1898, p. 1-2 e *La Protesta Humana*, ano II, núm. 45, 09/10/1898, p. 1.

[75] Segundo Fernández Gómez, o "anarquismo sem adjetivo" foi uma proposta do setor coletivista com postura conciliadora. Propugnava-se deixar de lado as querelas ideológicas e a constituição de um acordo mínimo entre as diversas vertentes anarquistas, para que não existisse ataques entre elas. Ver GÓMEZ, Francisco de Paula Fernandéz, op. cit.

anarquistas promovido por Malatesta foi traduzido em ambos os jornais, evidenciando que as diferenças entre comunistas e coletivistas podia ser superada[76].

Agora, dez anos depois, Serantoni e Pellicer i Paraire se reencontravam nas fileiras dos anarquistas pró organização em Buenos Aires. Enquanto o primeiro se tornou o principal editor e livreiro anarquista nesses anos, o segundo foi um importante teórico e propagandista. Em uma série de artigos publicados sob o título "Organización Obrera", publicada no *La Protesta Humana*, entre novembro de 1900 e fevereiro de 1901, Pellico – apelido utilizado pelo autor para firmar seus textos – sintetizou as bases da estratégia anarquista de atuação dentro dos sindicatos. Inicialmente, reafirmou a importância da organização: "para combatir las clases opresas a las clases opresoras, se necesita de organización y fuerza superiores a las que sirven a los gobiernantes. La fuerza reside en cada uno de nosotros, los oprimidos, pero esa fuerza es nula sin organización"[77]. A organização, para os anarquistas sindicalistas, "puede ser y es perfectamente dualista, dividida en dos ramas paralelas; si geométricamente las líneas paralelas no llegan nunca a unirse, en nuestro caso pueden compararse a las vías férreas, que si son equidistantes una de otra, ambas son conductoras del tren". Destarte, as duas organizações caminham para o mesmo fim, mas são distintas:

> Una rama de la organización obrera, que puede denominarse *revolucionaria*, la constituyen cuantos, plenamente convencidos, trabajan rectamente por el triunfo del ideal; y otra rama, que puede llamarse *económica*, la constituyen las masas obreras que pugnan por mejorar su condición.[78] (grifos do autor)

Nos números seguintes, Pellicer distingue as duas organizações, seguindo a inspiração das ideias federalistas desenvolvidas no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores. A revolucionária caminha em sentido semelhante ao que Gori defendia. Isto é, definia-se como a composição de grupos ideologicamente anarquistas atuando dentro do movimento operário para lhe conferir uma orientação libertária. Pellico dedicou mais atenção à organização econômica, isto é, os sindicatos operários. Isso se justifica pois "esa organización es la verdadera palanca de la fuerza revolucionaria, y aun quizás representa la sociedad nueva

[76] Tanto as traduções de Serantoni como de Pellicer i Paraire vieram acompanhadas de comentários dos tradutores. Ver *La Revolución Social*, ano I, núm. 3, 12/10/1889, p. 1-2 e *El Productor*, ano III, núm. 164, 02/10/1889, p.3-4.

[77] *La Protesta Humana*, ano IV, núm. 99, 17/11/1900, p. 2

[78] Ibidem.

dentro de la vieja."[79] Mas, por outro lado, ele reconhecia que as organizações de trabalhadores podem adquirir um caráter político parlamentar ou então corporativo, ao defender somente uma categoria particular, desviando-se do seu potencial revolucionário. Assim, Pellico traçou os contornos gerais que um sindicato deve ter, passando por suas metas, seus meios e seu funcionamento. Iniciando pelos propósitos, o autor elencou cinco pontos:

> 1) Mejorar las condiciones del trabajo.
> 2) Prestarse los asociados mutuo y fraternal apoyo.
> 3) Procurarse los adheridos instrucción y recreo.
> 4) Practicar la solidariedad con todas las asociaciones obreras que sostengan idénticos propósitos.
> 5) Encaminar todos los esfuerzos a la emancipación social.[80]

Esses objetivos deveriam ser implementados a partir de uma série de recomendações. Pellicer detalhou o funcionamento de um sindicato: a realização das assembleias; a divisão das comissões e seus respectivas trabalhos; a redação dos estatutos; a relação com outros sindicatos, entre outros. Porém, o que deveria orientar o funcionamento do sindicato seria a ideia de livre pacto, isto é, a tomada de decisões e a atribuição de tarefas feita de maneira voluntária pelos operários reunidos em assembleias gerais. Por meio delas, evitaria-se a centralização administrativa inscrita no poder executivo de presidentes e diretores. O poder deliberativo se concentraria nas assembleias gerais e qualquer divisão de tarefas deveria passar necessariamente pela discussão dos associados presentes nelas.

Após explanar como os sindicatos devem se organizar, Pellico abordou como deve ser a articulação entre eles. Nesse sentido, o ponto de partida do autor é o princípio federativo libertário. Conforme Oved, ele pode ser caracterizado da seguinte forma: "desde la célula básica de la federacion debe prevalecer la libertad, la libertad de acción e iniciativa para el individuo y el grupo y la deben acompañar en todas sus esferas, de lo contrario se despeñará al depotismo y al autoritarismo"[81].

Os primeiros laços federativos deveriam ser desenvolvidos entre sindicatos de uma mesma categoria de um determinado local, formando uma federação de ofício. Em seguida, as

---

[79] Ibidem.
[80] *La Protesta Humana*, ano IV, núm. 101, 01/12/1900, p. 2
[81] OVED, Iaacov, op. cit., p. 154.

federações de ofícios de diversas categorias, mas ainda da mesma localidade, se reuniriam em uma federação local. As duas federações não se diferenciariam somente por terem dimensões distintas, mas tambémpor ocuparem funções diversas: "La federación del oficio responde primordialmente a asegurar el éxito de las luchas de los obreros contra el capital; la federación local tiene, además de la solidaridad obrera, cierto aspecto social más directo, la intervención en la cosa pública."[82] Portanto, teoricamente, enquanto a federação de ofício tem uma função eminentemente econômica, a federação local exerce uma função econômica no presente, mas econômica e política no futuro. Para Pellicer, basear a política na esfera econômica é tornar a federação local o instrumento de resistência da classe operária no presente e, ao mesmo tempo, de organização social no futuro pós-revolucionário. Em suas palavras: "La federación local, partiendo del concepto del trabajo y funcionando como organismo social, sienta las bases de la sociedad del futuro"[83].

Das ligações entre as federações locais surgiriam federações regionais. Elas continuariam seguindo o princípio federativo libertário, base também para a articulação entre as federações regionais, que formariam organizações internacionais. As esferas federativas iriam se ampliar até a formação de uma federação universal. O autor não pensava na implementação do seu projeto em um futuro distante, mas buscava conectar seu projeto com processos em curso. Como exemplo da prática da organização federativa, Pellico considerou a Federação dos estivadores e carregadores dos portos argentinos e seus pactos de solidariedade estabelecidos com os portuários do Uruguai, Brasil e Chile.[84]

A visão de Pellicer i Paraire influenciou a perspectiva de organização operária entre os anarquistas sindicalistas portenhos e, pouco depois após a publicação dos seus artigos, houve a oportunidade de testá-la na prática. Nos primeiros anos do século XX, o movimento operário bonaerense estava consolidado. Não havia um clima fraterno entre ácratas e socialistas, porém, estabeleceu-se uma relação amistosa entre as duas correntes e ambas começaram a juntar suas forças em prol de constituir uma federação operária na Argentina.

O congresso de fundação da Federación Obrera Argentina (FOA) ocorreu nos dias 25 e 26 de maio na sede da Societá Ligure de la Boca (rua Suárez, 676) e encerrou-se em 2 de junho de 1901, no Centro Socialista (rua México, 2070). Concorreram delegados de vinte e sete sindicatos, sendo catorze de Buenos Aires e treze do restante da Argentina. Em meio às

[82] *La Protesta Humana*, ano V, núm. 106, 12/01/1901, p. 2
[83] *La Protesta Humana*, ano V, núm. 107, 19/01/1901, p. 2
[84] *La Protesta Humana*, ano V, núm. 110, 09/02/1901, p. 2

discussões, percebe-se as distintas estratégias adotados por anarquistas e socialistas a respeito da atuação sindical. A primeira sessão se debruçou sobre a apresentação dos delegados, a elaboração do regulamento do congresso e a escolha das comissões que verificou as credenciais e prepararam a ordem das sessões. O congresso iniciou-se de fato na segunda sessão, aprovando por unanimidade a seguinte moção, proposta por Torrens Ros:

> Considerando que el congreso obrero gremial reunido en este momento se compone de sociedades de resistencia, o por mejor decir, de colectividades obreras organizadas para la lucha económica presente; teniendo en cuenta que en el seno de éstas caben todas las tendencias políticas y sociales, el congreso declara que no tiene compromisos de ninguna clase con el Partido Socialista ni con el anarquista ni con partido político alguno, y que su organización, desarrollo y esfera de acción, es completamente independiente y autónoma.[85]

Após a declaração para pacificar os ânimos, ocorreu o primeiro debate intenso entre as duas correntes, quando o ponto sobre o Comitê Federal foi levantado. Os ácratas, inspirados pelas ideias de Pellicer i Paraire, propunham que seu funcionamento fosse apenas de articular as organizações federadas, sem poderes deliberativos, ou seja, apenas executando as deliberações tomadas no congresso; já os socialistas defendiam a formação de um comitê administrativo, responsável por dirigir a federação, formado por delegados eleitos durante o congresso. As duas moções foram retiradas e foi aprovada uma por unanimidade: "para la marcha regular de la Federación se acuerda nombrar un comité federal compuesto por un delegado de cada sección federada y un comité administrativo, que será nombrado en el seno del congreso."[86]

O tema da arbitragem se transformou em uma pauta mais conflitiva. Por um lado, os socialistas defendiam a mediação do Estado nos conflitos entre capital e trabalho. Por outro, os anarquistas eram contrários, mas se subdividiram em dois grupos: o primeiro, mais radical,

---

[85] SANTILLÁN, Diego Abad de. *La Fora*: Ideología y trayectoria del movimiento obrero revolucionario en la Argentina. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005, p. 77-78. As discussões e as resolução do I Congresso da FOA foram reproduzidas e comentadas por Santillán (idem, p.73-86), por Oved (OVED, Iaacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*. Cidade do México: Siglo XIX Editores, 1978, p. 163-173) e por Gonzalo Zaragoza (ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo argentino* (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de la Torre, 1996, p. 299-310).

[86] SANTILLÁN, Diego Abad de, idem, p. 79.

rejeitava toda e qualquer intervenção estatal, e o segundo, mais moderado, aceitava a arbitragem parcialmente, utilizando-a de modo tático em algumas situações. Este último setor foi o responsável por encontrar o consenso. Pietro Gori propôs uma moção na qual a arbitragem seria aceita apenas em casos extremos. O texto da sua proposta, aprovada com uma votação apertada (21 votos a favor, 17 contra e quatro abstenções), afirmava:

> La Federación Obrera Argentina, afirmando la necesidad de esperar solamente de los obreros la conquista integral de los derechos de los trabajadores, se reserva en algunos casos resolver los conflictos económicos entre el capital y el trabajo por medio del juicio arbitral, aceptando sólo por árbitros a aquellas personas que presenten serias garantías de respeto para los intereses de los trabajadores.[87]

Em seguida, as discussões se voltaram para a questão da reivindicação por leis trabalhistas. Foram apresentadas duas moções divergentes, as quais, todavia, não significavam divisões ideológicas. A primeira, redigida conjuntamente pelo socialista Cúneo e o anarquista Dante Garfagnini, ressaltava os benefícios de uma legislação do trabalho para os trabalhadores. Apresentada por Torrens Ros e Pietro Gori, a segunda moção se opunha a essa ideia, sob o argumento de que uma lei benéfica aos trabalhadores só seria promulgada quando eles a impusessem à força e seria revogada assim que houvesse algum reflexo. Na realidade, a oposição desse setor tinha outra razão. Eles enxergavam que essa pauta poderia abrir caminho para a adoção da luta parlamentar, ponto central para os socialistas[88]. Novamente, foi adotada uma moção de consenso, asseverando: "el Congreso declara que es necesario promover una enérgica agitación para obtener que los patronos sean responsables en los accidentes del

[87] Ibidem, p. 80. Nos meses seguintes ao congresso, Gori foi confrontado por diversos anarquistas a respeito da sua defesa da arbitragem. Entre eles estava, por exemplo, Antoni Pellicer i Paraire, autor de um artigo no qual expunha: "el arbitraje oficial y oficioso es una farsa en todos los aspectos, como toda la legislación del trabajo". Gori se defendeu, afirmando que "creía peligroso y aun autoritario que la Federación Obrera Argentina, por la infuencia del doctrinarismo anarquista hubiera tenido que renunciar a un recurso que pudiéramos llamar de última hora y que empleado con las consiguientes precauciones, alguna vez podía evitar a los trabajadores derrotas catastróficas." Meses depois, o próprio Gori pôs em prática sua ideia e foi árbitro na greve dos ferroviários de Pringles, resultando no triunfo dos grevistas. Sobre o debate acerca da arbitragem entre os anarquistas, ver OVED, Iaacov, op. cit., p. 174-176 e ZARAGOZA, op. cit., p. 306-309.

[88] OVED, Iaacov, op. cit., p. 168-169.

trabajo; la prohibición del trabajo de las mujeres [...] y la prohibición del trabajo de los niños menores de quince años."[89]

Na mesma sessão discutiu-se outra questão tática, dessa vez cara aos anarquistas: a greve geral. Para evitar desavenças, foi proposta uma moção mais ponderada: "la huelga general debe ser la base suprema de la lucha económica entre capital y trabajo, [a FOA] afirma la necesidad de propagar entre los trabajadores la idea de que la abstención general del trabajo [...] cuando demonstre la oportunidad de promoverla con probabilidad de éxito."[90] O texto teve aprovação quase unânime.

No final do congresso, houve a votação para o comitê administrativo, como foi deliberado na segunda sessão. Em sua composição, consolidou-se a hegemonia anarquista, o que já era possível de perceber durante as discussões. Entre os doze membros, sete eram militantes anarquistas, eleitos com um total de 103 votos contra 70 a favor dos socialistas. Os cargos de maior projeção dentro do comitê, como os dois secretários, o tesoureiro e o contador, ficaram nas mãos dos ácratas[91].

Percebe-se nas discussões estratégicas que tomaram as sessões do congresso, como em torno da arbitragem, das leis trabalhistas e da greve geral, as tentativas de conciliação entre as duas correntes. Quanto ao primeiro ponto, apesar de questionado, Pietro Gori teve sucesso ao assumir o papel de mediador; em relação à reivindicação por uma legislação trabalhista, os socialistas evitaram qualquer menção à conquista do poder político, isto é, à estratégia parlamentar; e, finalmente, os ácratas adicionaram um condicionante na tese de defesa da greve geral: "cuando demonstre la oportunidad de promoverla con probabilidad de éxito". Demonstra-se, portanto, que a busca pela unidade prevaleceu por meio da negociação entre as duas correntes. Porém, as posições de consenso encontradas tiveram êxito temporário e não encerram os debates apresentados no decurso do congresso.

O principal ponto de discórdia foi a defesa da greve geral. Os anarquistas portenhos acompanharam o curso tomado pelo movimento em outras partes do mundo. Nos artigos e informes enviados para o Congresso Anarquista Internacional, que deveria ocorrer em Paris

---

[89] ZARAGOZA, op. cit., p. 306.

[90] OVED, Iaacov, op. cit., p. 169.

[91] Os sete anarquistas dentro do comitê administrativo formado no I Congresso da FOA em 1901 foram: Dante Garfagnini (secretário eleito com 22 votos, a maior votação entre os doze nomes escolhidos), Luis Magrassi (secretário eleito com 16 votos), Francisco Berri (tesoureiro eleito com 13 votos), Ettore Mattei (contador eleito com 8 votos), Torrens Ros (membro da comissão de propaganda eleito com 17 votos), J. F. Ciminaghi (membro da comissão de propaganda eleito com 15 votos) e José Basalo (membro da comissão de propaganda eleito com 12 votos). ZARAGOZA, op. cit., p. 308-309.

no final de 1900, é possível travar conhecimento com as reflexões teóricas e os relatos de experiências sobre o uso desse recurso por militantes em diversos países[92]. Entre os anos de 1901 e 1902, os militantes ácratas na Argentina passaram a dar outra conotação às greves. Se até o momento os conflitos entre patrões e empregados não passavam dos limites das oficinas, agora as greves começavam a agregar todos os trabalhadores de um mesmo ofício. Na visão anarquista, esse era o passo que antecedia a greve geral de teor revolucionário. Após a adesão de todos os trabalhadores de um mesmo ofício, ela se espraiaria pelo tecido social com a paralisação de outras categorias em solidariedade. Esse seria o estopim revolucionário, quando os próprios trabalhadores expropriariam seus chefes e tomariam o controle da produção.

Em resposta, os socialistas passaram a adotar uma rejeição ainda mais enérgica contra a greve geral. Para eles, tratava-se de um instrumento ilusório e insensato, gerando apenas uma repressão mais feroz por parte da polícia. Apenas criaria um ambiente de maior violência, desmobilizando os trabalhadores e fortalecendo o patronato. Em contraste com a estratégia anarquista, os socialistas reiteraram sua ênfase na eleição de representantes operários para aumentar a pressão por uma legislação trabalhista.

O fracasso da greve geral dos portuários de Rosário, em janeiro de 1902, expôs a clivagem entre as duas posições, dando origem a movimentos de saída dos socialistas da FOA[93]. A retirada concretizou-se em abril, na primeira sessão do segundo congresso da instituição. O estopim foi a negação das credenciais do delegado Torcelli, de orientação socialista. Com essa decisão, nove sindicatos de Buenos Aires se retiraram do congresso, representando 1.780 de afiliados; em contraste, permaneceram no congresso quinze

---

[92] O Congresso Internacional de Paris estava marcado para ocorrer simultaneamente à Exposição Internacional no dia 20 de novembro de 1900. A autorização outorgada pelo governo francês, contudo, foi revogada semanas antes da data agendada. Para remediar a situação adversa, os anarquistas que já se encontravam na capital francesa se encontraram em reuniões privadas. *Les Temps Nouveaux*, jornal dirigido por Jean Grave, publicou os artigos e informes enviados em suas páginas. Em Buenos Aires, alguns textos foram traduzidos pelo *La Protesta Humana* e, em 1902, a Librería Sociológica publicou toda a documentação do congresso na íntegra. OVED, Iaacov, op. cit., p. 143-148.

[93] Alguns socialistas divergiram da posição majoritária de seu partido, publicando um manifesto no jornal *La Organización Obrera*. Entre os signatários estava Francisco Cúneo, figura de proa dos socialistas que atuavam dentro do movimento operário. Para esse grupo, a FOA representava a unidade dos sindicatos a partir da luta econômica, afastando qualquer divisão ideológica: "primero, que nadie podrá probar que se haya hecho parcialidad ni partidismo nunca, y segundo, que forman en la federación los mismo que libertarios y socialistas." Dessa forma, a proposta de saída da FOA representava "obra partidista, exclusiva, sujeta a directivas de partido". Iaacov Oved levanta a hipótese desse manifesto constituir o primeiro sinal da divisão interna do Partido Socialista de 1906, com a ruptura dos sindicalistas. OVED, op. cit., p. 212.

organizações operárias da cidade, totalizando 7.630 trabalhadores[94]. A respeito da breve colaboração dos anarquistas e socialistas na FOA, Oved sintetiza: "se creó una situación de equilibrio delicado entre las tendencias opuestas, de cooperación y escisión, de comprensión y hostilidad, en la que cualquier elemento perturbador podía desbaratar ese equilibrio."[95] O desequilíbrio veio, então, não pela questão formal das credenciais, mas pela indisposição de trabalhar em conjunto presente, em geral, tanto em um lado como no outro.

Os sindicatos que romperam com a FOA se reuniram e fundaram a Unión General de los Trabajadores (UGT). Dessa forma, o movimento operário argentino cindiu-se em dois: de um lado, havia uma federação operária promovida por anarquistas; por outro, uma central sindical conduzida por socialistas. A ruptura de 1902 marcou o desenvolvimento das lutas operárias portenhas e, em particular, do anarquismo. Antes, como vimos, havia uma divisão clara entre organização econômica e ideologia política, mas a partir desse momento tal distinção se tornou turva.

As divergências, contudo, ficaram em segundo plano nos meses seguintes, devido à eclosão do aumento da tensão no mundo do trabalho. Entre julho e agosto, os padeiros de Buenos Aires paralisaram por vinte e sete dias, sendo que nos quatro primeiros a greve foi generalizada. A cidade sofreu com a falta de pão, porquanto apenas quatro padarias continuaram funcionando. Entre elas estava a cooperativa operária Germinal, autorizada pelo comitê de greve a seguir na sua atividade. O saldo da greve, porém, foi negativo. Apenas 80 donos de fábricas acataram as reivindicações dos operários; a maioria voltou ao trabalho sem nenhuma melhora e sem receber pelos dias em que o trabalho foi interrompido. Contudo, a greve dos padeiros propiciou um momento de conciliação entre anarquistas e socialistas. No dia 17 de agosto de 1902, sindicatos de variadas categorias da UGT e FOA organizaram uma manifestação em prol dos padeiros, onde discursaram militantes de ambas as correntes[96]. A partir da força demonstrada na manifestação, os anarquistas tentaram fazer com que a greve voltasse a ser geral. Seus esforços fracassaram nesse momento, porém percebia-se que cada vez mais a greve geral seria possível.

Três meses depois, ela eclodiu a partir de uma greve dos portuários. A categoria vinha em uma crescente organização. Em abril do mesmo ano, realizou-se no bairro de La

---

[94] SANTILLÁN, Diego Abad de, idem, p. 98-99.

[95] OVED, op. cit., p. 213.

[96] Pascual Guaglianone, Félix Basterra e Montesano, pelo lado dos anarquistas; já pelos socialistas, discursaram Enrique Dickmann e Nicolás Repetto. OVED, Iaacov, op. cit., p. 244.

Boca o Primeiro Congresso de Estivadores da Argentina e do Uruguai. Entre as deliberações, criou-se uma federação e foi celebrado um pacto de solidariedade entre os trabalhadores dos países. Apesar de rejeitar uma associação formal à FOA, devido à resistência dos estivadores rosarinos, ao longo do tempo as duas organizações estreitaram seus vínculos. Essa aproximação de se deu em grande parte pela atuação de Torrens Ros e F. Janin, membros tanto da federação dos estivadores quanto da FOA[97]. Por se tratar de uma categoria numerosa, logo a federação se consolidou por meio das cotas dos seus associados e manteve-se preparada para mostrar sua força na hora apropriada[98].

A federação de estivadores iniciou uma mobilização em setembro, reivindicando que a safra de grãos fosse embalada em sacos de no máximo 70 quilos. Na época, os trabalhadores carregavam bolsas que variavam de 90 a 120 quilos[99]. O momento da exigência foi escolhido com atenção, pois o último trimestre era o período de carregamento da venda dos grãos e da lã nos portos argentinos. Inicialmente, a Câmara de Comércio (associação composta por representados envolvidos com o comércio exterior) rechaçou o pedido. Por um lado, alterar o modo de empacotar a carga desagradava, em particular, a África do Sul, o sétimo principal destino dos grãos argentinos, que exigia receber a safra em pacotes de 93 quilos por razões de logística; por outro, os comerciantes reunidos na associação patronal temiam fortalecer uma postura combativa em uma categoria tão fulcral na economia do país ao ceder-lhe uma vitória.

No início de novembro, os estivadores passam a carregar os navios somente com os sacos de 70 quilos. A mesma regra foi praticada com os produtos importados. Os comerciantes aceitaram negociar e pediram uma trégua para os trabalhadores, que a concederam por quatro dias. O ministro da Agricultura se reuniu com dois representantes dos grevistas (os anarquistas Torrens Ros e Carballo) e apresentou a seguinte proposta: pagamento dobrado das jornadas para esse mês; carregamento da safra em pacotes de no máximo 70 quilos até os cargueiros, onde ela seria ensacada em bolsas com 90 quilos e transportadas por dois ou mais estivadores; por fim, um plano para que a partir do próximo ano essas regras se mantenham. A proposição seria votada na assembleia marcada para o dia 25 de novembro que, como veremos, não ocorreu. Todavia, a imprensa anarquista

---

[97] OVED, Iaacov, op. cit., p. 239.

[98] Nos próximos parágrafos, a respeito da mobilização dos estivadores e da greve geral de 1902 em Buenos Aires, baseamo-nos, salvo exceções indicadas em notas, nos seguintes trabalhos: OVED, Iaacov, op. cit., p. 238-272; ZARAGOZA, op. cit., 343-354.

[99] SANTILLÁN, *La Fora*: Ideología y trayectoria del movimiento obrero revolucionario en la Argentina. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005, p. 103.

comemorou os resultados da negociação. Como pode ser lido no *La Protesta Humana*: "puede decirse que el movimiento de los estibadores ha terminado favorablemente a los obreros, por lo menos en lo que se refiere al puerto de la capital."[100] Esse foi o último número do jornal publicado antes da repressão policial desencadeada pelos eventos que se seguiram.

Enquanto Ros e Carballo negociavam com o ministro da Agricultura, a tensão crescia em outros portos, com greves parciais e gerais nos portos de Rosário, Zárate e Campana, na margem do rio Paraná, e também ao sul, no porto de Bahía Blanca. Em Buenos Aires, o sindicato dos trabalhadores do Mercado Central de Frutos (depósito dos produtos a serem exportados pelo porto) decidiram aproveitar a oportunidade criada pelos portuários e também apresentaram suas reivindicações. A Câmara de Comércio, por ter acabado de sair enfraquecida de um conflito laboral, negou qualquer acordo. Com isso, os trabalhadores entraram em greve no dia 16 de novembro. Membros da FOA buscavam, desde quando o sindicato foi fundado, atrelá-lo à federação de estivadores. Devido à relação existente entre as duas organizações, os portuários decretaram greve de solidariedade. Logo em seguida, a federação dos motoristas também anunciou greve geral da categoria em prol dos peões do depósito portenho.

Depois de duas semanas de funcionamento parcial, o porto de Buenos Aires estava completamente parado. Sem o trabalho dos estivadores e dos carregadores do Mercado Central de Frutos, a economia argentina estava estrangulada. Em resposta, os representantes comerciais e o governo decidiram agir de modo inflexível. Colocaram nas ruas as forças policiais e tentaram realocar fura-greves no porto, mas sem sucesso. Ao mesmo tempo, crescia o rumor de deportações de estrangeiros envolvidos nos conflitos, o que marcou a escalada decisiva dos eventos. Diante dessa situação, o comitê federal da FOA celebrou uma assembleia no dia 21, em conjunto com os grevistas, e lançou o chamado para a greve geral.

A situação inflamou toda a cidade. Além das citadas, diversas categorias pararam suas atividades: padeiros, fundidores, carpinteiros, ferreiros, pintores, tecelões, mecânicos, sapateiros, pedreiros, entre outras. Assim, percebe-se que a greve geral teve aderência em diferentes segmentos econômicos. Enquanto isso, nos subúrbios, os confrontos entre moradores e forças do governo foram frequentes. Já nos bairros localizados no norte da cidade, habitados pela classe opulenta, espalhou-se o boato de que os grevistas armavam 30.000 pessoas em La Boca e Barracas para tomar de assalto o palácio do governo.

---

[100] *La Protesta Humana*, ano IV, núm. 200, 15/11/1902, p. 2.

Com a capital em polvorosa, o Senado e a Câmara dos Deputados se reuniram nos dias 22 e 24 de novembro para discutir o que deveriam fazer. Na primeira sessão, promulgaram a Lei N. 4.144, proposta pelo literato Miguel Cané[101]. Conhecida como Lei de Residência, determinando a expulsão de estrangeiros "cuya conducta comprometa la seguridad nacional o perturbe el orden público."[102] Para aplicar essa lei, na segunda sessão o governo decretou estado de sítio. Consequentemente, nos dias seguintes as sedes dos sindicatos foram fechadas e os jornais foram censurados. Estima-se que cerca de 500 pessoas foram presas e mais de sessenta deportadas na primeira semana. Entre elas, estiveram importantes nomes do anarquismo portenho como José Reguera, Adrián Troitiño e Dante Garfagnini[103]. Outros decidiram se exilar antes de serem presos, como Torrens Ros, Fortunato Serantoni e Oreste Ristori. Quando foi preso, Santiago Locascio tentou se defender judicialmente com o apoio do advogado socialista Enrique Del Valle Iberlucea, mas não conseguiu reverter sua expulsão. Três dias após a promulgação da Lei de Residência, as greves cessaram e o porto de Buenos Aires voltou a sua normalidade.

Apesar do aporte decisivo dos anarquistas para a concretização da greve geral de 1902, seu estopim não foi previsto. Igualmente desprevenida esteve a classe dirigente. A rapidez e a intensidade do desenrolar dos eventos espantou tanto um lado como o outro do conflito. No entanto, a pronta reação do governo e dos comerciantes foi exitosa no curto prazo. A greve geral foi encerrada de modo célere, com a volta dos trabalhadores ao trabalho sem a conquista de nenhuma reivindicação. Os líderes grevistas e grande parte dos anarquistas mais ativos foram expulsos. A normalidade do regime oligárquico retornou prontamente.

Mas os efeitos de longo prazo caminharam para outro sentido. As medidas extremas tomadas em 1902 não frearam a crescente organização dos trabalhadores e, ao invés de afastar a influência anarquista, intensificaram-na. Logo que o estado de sítio foi revogado, Buenos Aires voltou a ser palco de greves. A primeira ocorreu apenas cinco dias depois da queda da censura, promovida justamente pelos peões do Mercado Central de Frutos, os protagonistas da greve geral ocorrida dois meses antes. A denúncia da Lei de Residência alavancou a imagem

---

[101] CONSTANZO, Gabriela Anahí. O inadmissível feito história: a ley de residencia de 1902 e a ley de defensa social de 1910 na Argentina. *Verve*, n. 15, São Paulo, jun. 2009, p.229-248.

[102] Ley n. 4.144, artigo 2º apud OVED, Iaacov, op. cit, p. 267.

[103] Contudo, os anarquistas constituíam a minoria entre os deportados. Como nos mostra Iaacov Oved, a maioria foi composta por militantes sindicais que não tinham vínculos nem com o anarquismo e nem com o socialismo, além de haver casos de expulsões de pessoas que não tinham qualquer vínculo orgânico com os sindicatos, baseados em acusações infundadas. OVED, Iaacov, op. cit., p. 274.

dos anarquistas não só nos círculos operários. Setores do liberalismo portenho ecoaram suas críticas, afirmando a incompatibilidade entre a Lei N. 4.144 e a Constituição Argentina, além de manchar a reputação da Argentina como uma boa anfitriã de estrangeiros[104]. Ademais, o governo se viu forçado a aceitar a existência da questão social no país, nomeando relatores para investigar a situação socioeconômica da classe trabalhadora.

Após 1902, o anarquismo se consolidou como a força hegemônica do movimento operário argentino. Nos congressos da FOA dos anos seguintes, a federação ganhou paulatinamente contornos anarquistas. O IV Congresso, ocorrido em 1904, deliberou sobre sua estrutura baseada nas ideias expostas por Pellicer i Paraire anos atrás. Citaremos alguns trechos das resoluções onde a relação fica clara.

Definiu-se que a organização seria estruturada sob o princípio do federalismo libertário: "Las localidades formarán Federaciones locales; las provincias, Federaciones comarcales; las naciones, Federaciones Regionales y el mundo entero una Federación Internacional." Nestas instâncias, cada federação menor seria representada por comissões formadas por delegados, onde os "individuos no ejercerán autoridad alguna, y podrán ser sustituidos en todo tiempo por el voto de la mayoría de las sociedades federadas reunidas en congreso, o por la voluntad de las sociedades federadas expresada por medio de sus respectivas federaciones locales y de oficio." Dessa forma, cada organização operária filiada "es libre y autónoma en el seno de la Federación local; libre y autónoma en el seno de la Federación comarcal; libre y autónoma en la Federación regional." Por fim, reiterou-se que o objetivo final da federação seria vincular o poder político com o mundo do trabalho:

> Nuestra organización, puramente económica, es distinta y opuesta a la de todos los partidos políticos burgueses y políticos obreros, puesto que así como ellos se organizan para la conquista del poder político, nosotros nos organizarnos para que los estados políticos y jurídicos, actualmente existentes, queden reducidos a funciones puramente económicas, estableciéndose en su lugar una libre Federación de libres asociaciones de productores libres.[105]

[104] Para uma análise mais detalhada das consequências imediatas da greve geral, ver OVED, Iaacov, op. cit., p. 277-309

[105] Todas as resoluções do IV Congresso da FOA de 1904 foram retiradas de SANTILLÁN, op. cit., p. 123-128.

Ainda no IV Congresso, os delegados reunidos decidiram pela mudança no nome da federação. A partir de então, a Federação Obrera Argentina (FOA) passou a se chamar Federação Obrera Regional Argentina (FORA). Apesar de parecer uma modificação ligeira, tratava-se de reafirmar a intenção política do internacionalismo. Conforme Santillán: "Se estima como justificativo de este nombre que no se acepta la división política del territorio, considerando que una nación es una región; una provincia, una comarca; y una ciudad, una localidad."[106]

No ano seguinte, o V Congresso adotou um passo até então inédito na história do anarquismo. Impulsionada como a principal força do movimento operário da época dentro de um ambiente cindido ideologicamente desde 1902, com a fundação da UGT pelos socialistas, o congresso aprovou a seguinte moção:

> El quinto Congreso Obrero Regional Argentino, consecuente con los principios filosóficos que han dado razón de ser a la organización de las federaciones obreras, declara: Que aprueba y recomienda a todos sus adherentes la propaganda e ilustración más amplia, en el sentido de inculcar en los obreros los principios económicos y filosóficos del comunismo anárquico. Esta educación, impidiendo que se detengan en la conquista de las ocho horas, les llevará a su completa emancipación y por consiguiente a la evolución social que se persigue.

Se no quarto congresso a FORA adotou em grande parte o projeto político defendido por Pellicer i Paraire, nesse momento ela tomou um outro caminho. Como vimos, o tipógrafo catalão propunha uma organização dual, na qual se distinguia claramente a organização revolucionária, baseada em critérios ideológicos, e a organização econômica, assentada nos locais de trabalho. Para ele, as duas esferas seriam paralelas, ressaltando que "geométricamente las líneas paralelas no llegan nunca a unirse"[107]. Agora, a FORA atrelava os dois âmbitos ao colocar em seus estatutos a propaganda do anarquismo, transformando-se ao mesmo tempo em uma organização econômica e política. Tal proposta gerou polêmicas no meio ácrata, pois foi de encontro com a estratégia adotada de separar o campo ideológico das atividades profissionais. Por seu ineditismo, pode-se dizer que dentro da FORA gestou-se o

---

[106] Ibidem, p. 122.

[107] *La Protesta Humana*, ano IV, núm. 99, 17/11/1900, p. 2

anarcossindicalismo, que ganhou grandes proporções após a adesão da Confederación Nacional del Trabajo (CNT) na Espanha, em 1919. Como afirma Iaacov Oved: "continua influencia recíproca entre España y Argentina. Ideas que nacieron en España fueron transferidas a la Argentina, donde se consolidaron para retornar luego e influir, en un nuevo formato, en España."[108]

Vimos, portanto, a escalada do anarquismo dentro do movimento operário argentino. Entre outros instrumentos utilizados para alcançar sua posição hegemônica, os militantes ácratas fizeram uso de um recurso comum entre as correntes socialistas do século XIX. Trata-se do jornal, cuja importância veremos a seguir.

2.5 – O jornal como instrumento de organização

Vladimir Lenin, em sua clássica obra *O que fazer?*, discutiu questões teóricas e práticas surgidas no debate interno do Partido Operário Social Democrata Russo, em 1902. Entre suas propostas, o socialista russo preconizou a criação de um jornal para todo o país, cumprindo tanto um papel de agitação como também de organização. Lenin, fazendo referência a um artigo publicado no *Iskra*, afirmou que uma publicação com esse alcance "debe ser el hilo fundamental, asiéndonos al cual podamos invariablemente desarrollar, profundizar y extender esta organización (es decir, la organización revolucionaria, siempre dispuesta a apoyar toda protesta y toda explosión)".[109]

Ao estudarmos as tradições socialistas no século XIX, percebemos que a recomendação de Lenin não era original, mas sim se baseava em seu conhecimento de um recurso utilizado por outros agentes em diversos momentos. Como exemplos, podemos citar personagens mencionados nas páginas anteriores. Foi o caso de Flaesch, um dos fundadores da seção francesa da Internacional em Buenos Aires, quando informou para o Conselho Geral em 1872 os primeiros passos da organização: "Nuestro primer objetivo será, cuando tengamos el número deseado para esto, fundar un diario socialista, y esperamos llegar a ese objetivo

[108] OVED, Iaacov. Influencia del anarquismo español sobre la formación del anarquismo argentino. *Estudios Interdisciplinarios del America Latina y Caribe*, Tel Aviv, vol. 2, n.1, jan.1991, p. 17.
[109] LENIN, Vladimir. *¿Que hacer?* Buenos Aires: Editorial Anteo, 1972, p. 252.

dentro de poco”[110]. Ou então Malatesta, quando iniciou sua atividade política na Argentina por meio da fundação de um círculo de estudos e da edição de *La Questione Sociale*[111].

Os anarquistas sindicalistas, na sua ascensão no seio das organizações operárias portenhas, também fizeram uso desse recurso. Desde sua fundação, o *La Protesta Humana* significou um esforço conjunto de diversos grupos em, primeiramente, combater as ideias dos “antiorganizadores”, e, em seguida, de difundir a estratégia anarquista entre a classe trabalhadora argentina.

2.5.1 – La Protesta Humana e a ascensão dos organizadores

Tanto a ascensão dos organizadores como a estabilização das publicações periódicas ácratas em Buenos Aires ocorreram por volta do mesmo período, isto é, entre os anos de 1894 e 1897. Longe de ser mera coincidência, os anarquistas organizadores utilizaram o jornal não apenas como meio de propaganda, mas também como um instrumento de organização política. Sua função era reunir os militantes e diversos grupos em uma orientação comum e atrair simpatizantes, possibilitando que eles se aproximassem e formassem novos grupos. Em seu papel propagandístico, os núcleos redatores responsáveis pela edição dos jornais também publicavam livros e folhetos.

Nesse contexto, ressaltamos a formação do jornal *La Protesta Humana*. O jornal foi fundado em 1897 em uma somatória de esforços de diferentes grupos para a criação de um jornal anarquista forte, isto é, que tivesse uma periodicidade regular, saindo com a maior frequência possível, e que pudesse alcançar grandes tiragens. Logo tornou-se referência para o movimento anarquista no âmbito internacional, mas demorou algum tempo até conseguir uma boa periodicidade e altas tiragens: transformou-se em um jornal semanário em 1900 e diário em 1904, já com o novo nome de *La Protesta*, quando adquiriu sua própria gráfica.

---

[110] FLAESCH, Émile, Carta ao Conselho Geral da AIT de 14 de abril de 1872. In.: TARCUS, Horacio, op. cit., p. 499. Para uma análise das correspondências enviadas por Flaesch ao Conselho Geral, ver Ibidem, p. 74-79.

[111] Gonzalo Zaragoza indicou a hipótese dessa tática ser parte de uma estratégia intencional e bem definida por Malatesta (ZARAGOZA, op. cit., p. 89). É válido ressaltar que não foram apenas os jornais editados por Malatesta em Florença e Buenos Aires que foram batizados com esse título. Na década de 1880, houve outro jornal em Milão. Na década seguinte, Fortunato Serantoni editou uma revista homônima na capital argentina no mesmo período em que era publicado um jornal com essa alcunha em Patterson (Nova Jérsei), nos EUA. Com isso, levanta-se a hipótese de, ao menos, os títulos dados aos jornais significarem um alinhamento à corrente anarquista pró-organização.

A ideia de ter um jornal anarquista consolidado em Buenos Aires se iniciou em 1895. Há um ano já era editada a revista *La Questione Sociale*, que tinha como principal membro em sua redação o militante florentino Fortunato Serantoni. Também em 1894 foi fundado o jornal *L'Avvenire*. As duas publicações tinham proposta semelhante: defendiam a linha organizadora e eram redigidas na língua italiana, pois eram voltadas aos imigrantes desse país. Dada as suas semelhanças, esses projetos editoriais se apoiaram mutuamente e foram próximos, chegando ao ponto de Fortunato Serantoni, diretor do *La Questione Sociale*, tornar-se administrador do *L'Avvenire* em alguns momentos[112]. Todavia, aproximação maior houve entre *La Questione Sociale* e *El Oprimido*, jornal dirigido por John Creaghe. A relação entre Creaghe e Serantoni foi tão estreita que eles decidiram fundir seus projetos editoriais: a partir de 1896, *La Questione Sociale* tornou-se suplemento literário do jornal *El Oprimido*. As motivações para essa associação foram, segundo Serantoni em *La Questione Sociale*, "per ragioni di economia e per dare maggiore impulso alla propaganda"[113]. Dessa forma, a união entre *La Questione Sociale* e *El Oprimido* foi o primeiro passo para a realização do projeto editorial de criar um jornal que reunisse esforços de vários militantes. Isto é, ao invés de cada grupo ter seu próprio jornal, assim dispersando os recursos e os esforços em uma plêiade de projetos, há a ideia de se fundar apenas um jornal apoiado por diversos grupos, conseguindo uma melhor condição financeira, e por consequência, possibilitando maior periodicidade, permanência ao longo do tempo e aumentando as tiragens.

Esse projeto se tornou mais palpável no ano seguinte, quando a associação entre *La Questione Sociale* e *El Oprimido* terminou, encerrando suas publicações para apoiar o surgimento de um novo jornal: *La Protesta Humana*, dirigido por Gregorio Inglan Lafargua. O dinheiro que John Creaghe tinha em mãos, oriundo das campanhas de subscrição em favor do *El Oprimido*, foi destinado para iniciar a publicação de *La Protesta Humana*[114]. Fortunato Serantoni foi um dos principais organizadores de campanhas para a arrecadação de recursos financeiros e assinaturas para o novo jornal. Desse modo, o projeto editorial que deu à luz o *La Protesta Humana* serviu como instrumento de organização encontrado pelos anarquistas "organizadores" para se sobrepor aos "antiorganizadores".

---

[112] GIORDANO, Adriano Paolo. Fortunato Serantoni: l'editore errante dell'anarchia. In: ANTONIOLI, Maurizio (Org.). Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento. Pisa: Bfs Edizioni, 2007, p. 109.

[113] "Por razões de economia e para dar maior impulso à propaganda. " GIORDANO, Adriano Paolo, op. cit., p. 109.

[114] OVED, Iaacov. El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina. Buenos Aires: Siglo XXI, 1978, p. 70.

Percebendo que o *La Protesta Humana* se tornou um jornal de muita notoriedade, o seu grupo editor enxergou seu potencial de crescimento e procurou concretizá-lo. Apesar da vontade inicial de criar um jornal que saísse semanalmente, *La Protesta Humana* permaneceu com periodicidade irregular, mas em geral saiu a cada quinze dias nos seus três primeiros anos. A partir de dezembro de 1899, o grupo editor retomou a ideia do hebdomadário, afirmando que não insistiria no projeto se não notasse "que en Sud América los anarquistas disponen de vitalidades suficientes para ello y para mucho más con solo ponerlas en acción con decisión y firme voluntad, como cuando queremos sabemos hacerlo"[115].

O grupo editor clamou pelo apoio dos amigos que ajudavam o jornal, incluindo os do exterior, e recomendou algumas ações que poderiam contribuir com sua transformação em semanário: "abriendo subscripciones voluntarias, facilitándonos nuevos suscriptores, tomándose el encargo de repartir paquetes en los talleres y fábricas, recolectando en las reuniones obreras, mandándonos su óbolo particular o bien secundando nuestros esfuerzos."[116] Porém, no mês seguinte, informou-se a desistência temporária do projeto, devido aos problemas encontrados pela manutenção da Casa del Pueblo. O grupo afirmou que retomaria a ideia de tornar o jornal semanal em breve e, para isso, já estava organizando uma tômbola popular, no qual os participantes pagariam a entrada, cujo valor total seria revertido para o jornal. Em contrapartida, haveria uma série de prêmios para os vencedores da tômbola. Os itens que serviriam de prêmios eram recebidos de doações e, portanto, variados: "Los amigos que han oferecido donar objetos para la tómbola y los que a ella quieran contribuir con especialidades de su fabricación, arte o indústria, libros, miniaturas, pinturas, objetos de mesa, de escritório, de pared, de bolsillo, etc."[117]. Mas, apesar dos esforços, o *La Protesta Humana* demorou mais um ano para se transformar em um jornal semanário, conseguindo atingir seu objetivo a partir da sua edição 97, em novembro de 1900.

Todavia, quando foi retomada a proposta de torná-lo semanário, na passagem de 1899 para 1900, já havia a clara intenção de ir além e fazer do *La Protesta Humana* um jornal diário. Nesse sentido, Antonio Pellicer Paraire, nessa época próximo do grupo editor do *La Protesta Humana*, escreveu dois artigos em janeiro de 1900 no qual deixou claro o projeto de se criar um diário anarquista, bem como sua importância enquanto instrumento de organização. Para Paraire, os anarquistas em Buenos Aires estavam na direção certa ao reunir

---

[115] *La Protesta Humana*, ano III, nº 73, 10/12/1899, p. 1.
[116] Ibidem.
[117] *La Protesta Humana*, ano III, nº 75, 07/01/1900, p. 3.

seus esforços em projetos como os círculos de estudos sociais e as escolas libertárias. Tais iniciativas cumpriam um importante papel de propaganda, ao difundirem as ideias anarquistas, porém também desempenhavam outra função não menos importante: aglutinar os militantes, contribuindo para a organização de novos grupos e núcleos e, assim, possibilitando outras iniciativas. Segundo Paraire:

> Hemos entrado ya por el buen camino, y la formación de círculos de estudios sociales y el establecimiento de escuelas libertarias, son en nuestro concepto, sólidos baluartes protectores de los avances de nuestras fuerzas en nuestra carrera hacia la emancipación; son *intereses creados* (sic) para la gran revolución.
> [...] Consecuencia natural de este agrupamiento y de tan activo y acorde trabajo, será una mayor facilidad para la constante obra de propaganda, siempre necesaria formando grandes núcleos que podrán ser base firme para plantear otra aspiración no menos sentida y transcendental de todos puntos de vista: la *fundación de un diario libertario* (sic)[118].

No artigo seguinte, prosseguindo com a discussão, Antonio Pellicer Paraire explicitou a função de cada projeto: os círculos de estudos sociais "reúne los elementos, los educa, armoniza y crea la primera fuerza revolucionaria"; a escola libertaria "forma las nuevas huestes continuadoras de la obra emancipadora hasta su triunfo"; e, por fim, "el folleto, el libro, la hoja, el semanario, instruyen al pueblo y le familiarizan con los nuevos ideales y con la necesidad de su realización"[119]. Contudo, Paraire destacou a centralidade que um jornal diário exerce sobre todos esses projetos:

> el diario libertario reúne todas las bellas cualidades de cada una de las precipitadas instituciones revolucionarias y las supera a todas juntas: como la escuela y el círculo y el folleto y el periódico, instruye y educa y armoniza elementos, pero con más eficacia, porque es la obra constante y diaria, sin intercalaciones de suspensión que facilitan el olvido y debilitan el entusiasmo; el diario es la insistente gota de agua que perfora la roca[120].

---

[118] *La Protesta Humana*, ano III, nº 75, 07/01/1900, p. 1.
[119] *La Protesta Humana*, ano III, nº 76, 21/01/1900, p. 1.
[120] Ibidem.

Após dez meses da publicação dos artigos de Paraire, o *La Protesta Humana* conseguiu se manter como semanário. O projeto de tornar-se diário teve que esperar mais tempo. Além da manutenção do jornal como semanário, as forças dos organizadores também estiveram focadas na construção das organizações operárias, sobretudo da FOA. No ano seguinte, com a repressão à greve geral que eclodiu no mês de novembro, o jornal foi obrigado a parar suas atividades por três meses, retornando somente em fevereiro de 1903. Seu editor desde a fundação, Gregorio Inglan Lafargua, deixou as fileiras do anarquismo após a repressão da greve geral de 1902. Em seu lugar, entrou A. Valenzuela, um militante argentino, que por esse motivo não corria o risco de ser deportado.

No final do ano, retomaram-se os planos para a publicação diária de *La Protesta Humana*. Essa guinada foi encabeçada por John Creaghe, antigo incentivador do jornal que já havia assumido a administração do jornal em fevereiro. Em setembro, ele também se tornou redator do jornal e anunciou: "después del presente número La Protesta Humana va a entrar en una nueva fase de impulsión y progreso"[121].

O primeiro passo para a concretização do almejado projeto foi diminuir seu preço de venda e aumentar a tiragem. A aposta de Creaghe foi conseguir mais leitores com a queda do preço de 5 para 2 centavos e, assim, vender mais exemplares para compensar a perda financeira. Dessa forma, o barateamento do custo expandiria seu público leitor. A motivação para esta ação foi a falta de outras publicações de cunho revolucionário[122]. Sua ideia para o futuro do jornal refletia as intenções expostas anteriormente por Paraire:

> pronto veremos nuestro periódico en una condición próspera e *independiente*, y de ello resultará que podremos, con la ganancia de diez, quince o veinte mil ejemplares a dos centavos, establecer nuestra Imprenta, nuestra Biblioteca, hacer nuestra Librería una casa editorial activa y al fin llegar a establecer aquella Escuela Integral que ha sido mi aspiración - pero que ahora veo que haremos mejor en postergar como secundaria en importancia a la empresa que tenemos entre manos[123].

---

[121] *La Protesta Humana*, ano VII, nº 231, 26/09/1903, p. 1.
[122] *La Protesta Humana*, ano VII, nº 230, 20/09/1903, p. 1.
[123] *La Protesta Humana*, ano VII, nº 231, 26/09/1903, p. 1, grifos do autor.

Em suma, percebe-se a estratégia de criar um jornal diário e, a partir dos recursos obtidos com sua venda e do seu alcance, conseguir fomentar outras iniciativas, como editoras, livrarias, bibliotecas e escolas, para impulsionar seus ideais. Trata-se, portanto, do vínculo estreito entre iniciativas culturais, estratégias econômicas e fins políticos. Na busca de apoio para seus planos, John Creaghe foi o primeiro a contribuir com uma cifra significativa. Ele apoiou, com a quantia de quinze mil pesos, a compra de um terreno no qual poderiam ser construídas todas as iniciativas propostas[124]. Sua estratégia de barateamento do jornal funcionou e as tiragens saltam de 3.400 em novembro de 1902[125] para 8.000 em novembro de 1903[126].

Ao lado das estratégias econômicas, o projeto para a transformação do *La Protesta Humana* em diário também lançou mão de instrumentos simbólicos. Para conseguir novos leitores, foi alterado o título do jornal. Segundo a redação, *La Protesta Humana* soava redundante e pueril, além de ser muito comprido. Então, foi proposto um título mais direto: "LA PROTESTA (sic). Es más sencillo y encierra en si todo lo que quiere significarse con el actual"[127]. A partir de novembro de 1903, o semanário saiu com seu novo título: *La Protesta*.

No início de 1904, discutiu-se a ideia de o jornal adquirir oficina gráfica própria. Diante de tal custo, o grupo editor percebeu que ter sua única fonte de renda na venda do jornal seria insuficiente. A responsabilidade "de tal iniciativa no puede ocultarse a ninguno de los muchos y buenos compañeros que nos leen", segundo o jornal. Nesse sentido, para o *La Protesta* se tornar um diário, "necesitamos 2500 suscriptores, es decir, 2500 pesos mensuales". Contudo, prevendo a dificuldade de obter esse número de assinantes, John Creaghe abriu uma saída temporária: "para ayudar a sostener el diario aceptaremos ciertos avisos para la mitad de la 4ª página, pero así que tengamos 2500 subscriptores necesarios prescindiremos por completo de ellos."[128]

Em meados de fevereiro, quando o *La Protesta* adquiriu sua gráfica, a administração voltou a declarar a importância do projeto em seu editorial. Em primeiro lugar, confirmou a necessidade de se mudar para outro lugar, para comportar um novo maquinário[129]. Em

---

[124] Ibidem.

[125] *La Protesta Humana*, ano VI, nº 198, 01/11/1902, p.4

[126] *La Protesta*, ano VII, nº 238, 14/11/1903, p.4

[127] *La Protesta Humana*, ano VII, nº 233, 10/10/1903, p. 1.

[128] *La Protesta*, ano VIII, nº 248, 23/01/1904, p.1

[129] Até o momento, o endereço de *La Protesta* era a calle Méjico 1902; a partir de então, muda-se para calle Córdoba 359. *La Protesta*, ano VIII, nº 252, 20/02/1904, p.1

seguida, afirmou que o número de subscritores ainda era reduzido. E voltou a asseverar algo que Paraire já tinha exposto: "Ni el Centro, ni el folleto, ni el libro, ni el manifiesto, ni la conferencia, tienen la importancia que tiene el diario. [...] Nada tan eficaz, nada caracteriza tanto una aspiración social, política, religiosa o científica como sus órganos de publicidad."[130]

Menos de um mês depois, o jornal anunciou a data de início da publicação diária: 1º de abril[131]. A viabilização do projeto reformulou o grupo editorial. Para atender as demandas de um diário e dos serviços gráficos, o *La Protesta* passou por uma profissionalização:

> La organización que hemos dado a La Protesta es la siguiente: dos directores, A. Ghiraldo y R. Elam Ravel; dos redactores y un noticiero; un gerente administrativo general; un cajero, el compañero J. Creaghe; un maquinista tipógrafo, 8 tipógrafos, cuatro dobladores y un mandadero.[132]

Com o fim do semanário e o início do diário, o jornal avisou para seus leitores que enviassem correspondências separadas para a administração e para a redação. Já na nova fase, *La Protesta* publicou dois avisos, um de cada seção. O primeiro foi da redação: "Aviso de Redacción: Rogamos a todos los que nos envien artículos, tengan presentes nuestras recomendaciones: ser breves. Tenemos increible cantidad de artículos todos muy extensos lo que nos impide publicarlos." A nota da administração foi a seguinte: "Aviso de Administración: Los compañeros que quieran y puedan remitirnos el importe de la suscripción del mes de Mayo sin esperar al cobrador nos harian un verdadero servicio y un gran bien a La Protesta."[133] Nota-se, portanto, a divisão do trabalho dentro do jornal.

Pouco antes de transformar-se em diário, o *La Protesta* informava que o número de subscritores era pouco maior de mil, quantidade bem inferior àquela prevista inicialmente[134]. Com isso, os anúncios representaram um importante aporte para a iniciativa. Eles começaram a ser veiculados com o advento do diário, com o acréscimo da seguinte nota: "recomendamos

---

[130] Ibidem.

[131] O anúncio é publicado em *La Protesta*, ano VIII, nº 254, 12/03/1904, p.1. Ele se concretiza e a primeira edição com periodicidade diária é *La Protesta*, ano VIII, nº 257, 01/04/1904.

[132] *La Protesta*, ano VIII, nº 254, 12/03/1904, p.1. No entanto, Alberto Ghiraldo teve de desistir de assumir seu posto na última hora (*La Protesta*, ano VIII, nº 257, 01/04/1904, p.1), mas exerceu a redação em agosto do mesmo ano.

[133] *La Protesta*, ano VIII, nº 279, 27/04/1904, p.3

[134] *La Protesta*, ano VIII, nº 255, 19/03/1904, p.1

a los compañeros y lectores, las casas y productos que se anuncian en La Protesta: ayudemos a quien nos ayuda."[135]

Na sua primeira edição diária, o editorial do jornal afirmava: "la aparición de este diário tiene para el mundo obrero una significación cuyos alcances son difíciles de medir."[136] Os agentes nesse processo tinham a consciência da dimensão que significava esse projeto editorial. Em uma fotografia (figura 1) podemos ver alguns dos seus rostos, mas infelizmente não conseguimos identificar seus nomes.

O desenrolar dos eventos nas décadas seguintes mostrou que a citação anterior estava correta. Se o *La Protesta* tornou-se um dos jornais operários de maior difusão na Argentina, em grande parte foi devido às mudanças ocorridas em 1904, que o projetaram definitivamente como o principal órgão anarquista. No entanto, na sua fase anterior, quando se chamava *La Protesta Humana*, o jornal não teve apenas uma função importante como difusor de ideias e agitador político, mas também foi essencial para organizar os anarquistas adeptos da atuação sindical. Como vimos, diversos grupos se aglutinaram em sua órbita, tornando o *La Protesta Humana* uma ferramenta para alcançar a hegemonia dentro do movimento operário argentino.

---

[135] *La Protesta*, ano VIII, nº 257, 01/04/1904, p.4. Sobre os anúncios e o uso da publicidade no *La Protesta*, ver CIVES, Diego G. "Ayudemos a quien nos ayuda": la publicidad en La Protesta (1904-1910). In: *Actas de las XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Mar del Plata: UNMdP, 2017. p. 1 - 15. Disponível em: <https://interescuelasmardelplata.files.wordpress.com/2017/09/96-cives.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.

[136] *La Protesta*, ano VIII, nº 257, 01/04/1904, p.1.

Figura 1 – Fachada da sede do jornal *La Protesta*, em 1904

Fonte: Inventario 151672, Archivo General de la Nación.

*

* *

A trajetória da contribuição dos anarquistas na constituição dos primeiros sindicatos portenhos é extensa. Iniciou-se nos anos de 1880, quando os grupos voltados à propaganda escrita e oral se somaram às greves que estouraram no final da década. Após esse curto período, houve um interregno marcado pela predominância dos ácratas adeptos das ações insurrecionais. Após quase dez anos, voltou a sobressair-se a estratégia sindical entre os anarquistas. A partir de então, ela foi ganhando cada vez mais espaço dentro dos sindicatos, até se tornar sua força hegemônica. Em toda a trajetória, seja na fase "antiorganizadora" ou "organizadora", percebe-se a conexão de Buenos Aires com o restante do anarquismo em outros países.

Para impulsionar sua influência sobre a classe operária, os anarquistas sindicalistas utilizaram um recurso comum às tradições socialistas do século XIX. O jornal *La Protesta*

Humana não só foi um propagandista das suas ideias, como serviu para aglutinar os diversos grupos da corrente em uma mesma orientação. Por congregar diversos esforços, ele conseguiu se firmar, alcançando a proeza de ser um dos poucos diários anarquistas do período com sua própria oficina gráfica. Essa importante transformação de infraestrutura marcou uma nova dinâmica editorial não apenas para o *La Protesta*, mas para o movimento anarquista como um todo. A partir desse momento, o circuito editorial ganhou outros contornos. Agora, o jornal conseguia alcançar tiragens inéditas. Vale destacar outras alterações significativas. Em primeiro lugar, a profissionalização do corpo editorial. Como veremos no próximo capítulo, os trabalhos eram feitos, em geral, de maneira artesanal e voluntária. Ademais, com a utilização dos anúncios, percebe-se uma modificação nos meios de financiamento adotados. Portanto, pode-se afirmar que a transformação do *La Protesta* em diário encerrou um capítulo na história editorial dos anarquistas portenhos, ao mesmo tempo em que abriu novas possibilidades.

CAPÍTULO 3 – OS ARTÍFICES DOS IMPRESSOS: A EDIÇÃO, A CIRCULAÇÃO E SEUS AGENTES

> "Durante vinte e um anos, nosso jornal viveu dia por dia, e em quase todos os números fazíamos apelos na primeira página solicitando dinheiro. Mas enquanto houver homens perseverantes, que consagrem toda sua energia a uma obra, como fizeram Herzig e Dumartheray em Genebra, e como fez Grave durante dezesseis anos, em Paris, o dinheiro aparecerá e as despesas com a impressão serão mais ou menos cobertas, graças, principalmente, às moedas dos operários. Para um jornal, como para todos os outros empreendimentos, os homens têm uma importância maior que o dinheiro."
>
> (Piotr Kropotkin, *Em torno de uma vida*, 1899)

Em novembro de 1902, logo após a promulgação da Lei de Residência, o governo argentino perseguiu figuras centrais do anarquismo portenho. Entre os procurados estava Fortunato Serantoni. O anarquista florentino foi um dos principais propagandistas das ideias ácratas na região, ao ser o principal editor e livreiro do movimento na época. À frente da Librería Sociológica – que também era seu meio de subsistência – Fortunato Serantoni importou impressos libertários de diversos países, além de vender as edições produzidas na Argentina, e, desse modo, sua livraria foi um centro essencial de distribuição de materiais anarquistas.

Quando os policiais invadiram a livraria, depararam-se somente com Isabella, sua esposa. O militante florentino já havia fugido para Montevideo. Após algumas semanas, Serantoni enviou uma carta a Alberto Ghiraldo, diretor da revista *El Sol*, a única publicação anarquista que continuou sendo editada durante o estado de sítio. Nela, afirmou: "Usted sabe ya que me han saqueado mi negocio, por el cual pagaba *la correspondiente patente* (sic). Me han llevado una infinidad de libros que se venden en todas las librerías italianas, españolas, etc." Também apontou o tamanho do seu prejuízo: "Forma todo ello un pequeño capital. Se trata de un carro lleno, que se arrastraron de mi casa. Y hay libros, en cantidad, que debo

pagarlos en Europa, ya que tengo dada la garantía correspondiente a estos casos, de puro comercio, exclusivamente."[1]

Meses depois, Serantoni publicou um texto no jornal *La Protesta Humana*, dando mais informações sobre a batida da polícia, que durou cerca de quatro horas. Fortunato Serantoni assim a descreveu:

> Los esbirros me robaron, pues, unos seis mil folletos de diferentes autores e algunos centenares de ejemplares de las obras de sociología que había en la librería, como ser: "Las Palabras de un Rebelde", "Evolución y Revolución", "La Montaña", "Filosofía del Anarquismo", "Los Nuevos Caminos", "Las Memorias de un Revolucionario", "Conferencias Populares", "Bibliografía de la Anarquia", todas las colecciones de "Ciencia Social", "Memorandum a los Anarquistas de España y Cuba", "La Antroposofia", "La Terza Disfatta del Proletariado", los retratos de Emilio Zola, "La Societa al domani della Rivoluzione" y más de 500 ejemplares de "La Sociedad Moribunda" de Juan Grave. [...]
> Lo que se llevaron los esbirros representa un capital de más de mil pesos[2].

Dada a truculência da repressão policial e, por conseguinte, a necessidade urgente do exílio, a Librería Sociológica foi fechada e seu proprietário retornou à terra natal, Florença. Dessa forma, encerrou-se a atuação de Fortunato Serantoni em Buenos Aires. Em sua história de militância, é possível enxergar aspectos que foram característicos da atividade editorial anarquista como um todo: a trajetória de vida, ao residir e atuar em vários países; o meio de financiamento adotado, arrecadando dinheiro entre o movimento anarquista por meio das listas de subscrição; a própria prática da edição; e, por fim, a dinâmica da circulação de livros e folhetos.

Nesse capítulo, analisaremos como esses aspectos estiveram presentes no circuito editorial anarquista portenho. Vamos explorar desde a busca por recursos até as estratégias adotadas pelos editores para que os impressos chegassem aos leitores, destacando quais eram os principais agentes, suas estratégias e expectativas em relação à atividade editorial. A precariedade econômica dá a marca a todo o circuito como um fator limitante, mas não

[1] *El Sol*, nº 162, 15/12/1902, pp. 8-9.
[2] *La Protesta Humana*, nº 211, 11/04/1903, p. 2.

impeditivo. Mesmo lidando regularmente com a falta de dinheiro, os anarquistas editaram diversas publicações com tiragens significativas. Veremos como os militantes lidaram com essa situação, criando alternativas para ultrapassar o obstáculo financeiro. Em todos os momentos abordados, também perceberemos a participação de agentes de outros países, demonstrando o caráter transnacional do circuito editorial anarquista.

3.1 – A subscrição: o financiamento para além das fronteiras

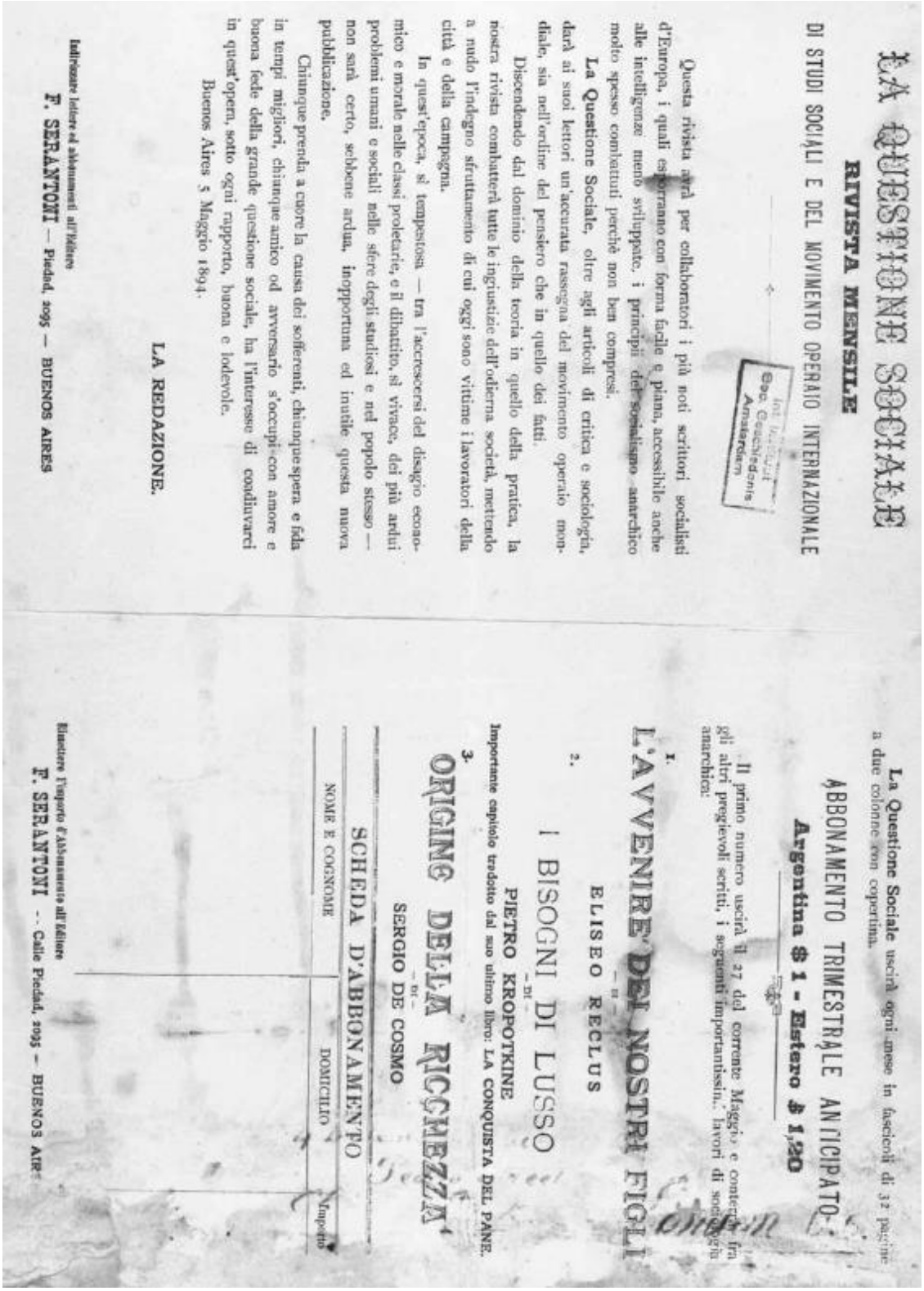
Por não se tratar de uma atividade comercial, as edições não eram vistas pelos anarquistas como o único fim de render lucro. Todavia, era necessário ter dinheiro para custeá-las. Uma maneira buscada era a venda por subscrição, prática recorrente no meio editorial do século XIX. O processo se dava da seguinte maneira: o grupo interessado em editar algum impresso divulgava sua iniciativa, em geral através dos jornais e da distribuição de panfletos. Junto com a divulgação, o grupo imprimia as "listas de subscrição", isto é, panfletos nos quais incluía uma descrição sucinta do que seria publicado, os valores de venda estipulados e uma lista para que as pessoas interessadas pudessem se inscrever, tornando-se, assim, assinantes e adquirindo previamente os impressos. Nas listas havia três colunas: uma para o leitor escrever seu nome, outra para seu endereço e a última para a quantia doada.

Um exemplo de lista de subscrição pode ser visto na figura 2, a qual se faz em favor de *La Questione Sociale*, revista editada por Fortunato Serantoni. Na descrição do que viria a ser a revista, menciona-se que ela contaria com "collaboratori i più noti scrittori socialisti d'Europa, i quali esporrano con forma facile e pianna, accessibile anche alle inteligenze meno sviluppate i principii del socialismo anarchico molto spesso combattuti perchè non ben compresi"[3], além de "darà ai suoi lettori un'accurata rasegna del movimento operário mondiale"[4]. Após esclarecer a proposta da publicação, o editor explicita qual seria o formato e a periodicidade da revista: "La Questione Sociale uscirà ogni mese in fascicoli di 32 pagine a due colonne con copertina"[5]. Também menciona que o primeiro número contaria com textos de Élisée Reclus, Piotr Kropotkin e Sergio de Cosmo. Por fim, há a tabela para os subscritores informarem seus nomes, suas residências e a quantia, sendo que o preço fixado para a

[3] "Colaboradores e os mais conhecidos escritores socialistas da Europa, que escrevem de forma fácil, acessível também para as inteligências que não tem os princípios do socialismo anarquista tão desenvolvidos, muitas vezes porque sua luta não é bem compreendida".
[4] "Dará ao seu leitor uma precisa resenha do movimento operário mundial".
[5] "*La Questione Sociale* será lançada a cada mês em fascículos de duas colunas com 32 páginas e com capa".

assinatura trimestral da revista pagando antecipadamente foi de $1 para a Argentina e $1,20 para o exterior.

Figura 2 – Lista de subscrição em favor de *La Questione Sociale*



LA QUESTIONE SOCIALE

RIVISTA MENSILE

DI STUDI SOCIALI E DEL MOVIMENTO OPERAIO INTERNAZIONALE

Questa rivista avrà per collaboratori i più noti scrittori socialisti d'Europa, i quali esporranno con forma facile e piana, accessibile anche alle intelligenze meno sviluppate, i principii del socialismo anarchico molto spesso combattuti perchè non ben compresi.

La Questione Sociale, oltre agli articoli di critica e sociologia, darà ai suoi lettori un'accurata rassegna del movimento operaio mondiale, sia nell'ordine del pensiero che in quello dei fatti.

Discendendo dal dominio della teoria in quello della pratica, la nostra rivista combatterà tutte le ingiustizie dell'odierna società, mettendo a nudo l'indegno sfruttamento di cui oggi sono vittime i lavoratori della città e della campagna.

In quest'epoca, sì tempestosa — tra l'accrescersi del disagio economico e morale nelle classi proletarie, e il dibattito, sì vivace, dei più ardui problemi umani e sociali nelle sfere degli studiosi e nel popolo stesso — non sarà certo, sebbene ardua, inopportuna ed inutile questa nuova pubblicazione.

Chiunque prenda a cuore la causa dei sofferenti, chiunque spera e fida in tempi migliori, chiunque amico od avversario s'occupi con amore e buona fede della grande questione sociale, ha l'interesse di coadiuvarci in quest'opera, sotto ogni rapporto, buona e lodevole.

Buenos Aires 5 Maggio 1894.

LA REDAZIONE.

Indirizzare lettere ed abbonamenti all'Editore

F. SERANTONI — Piedad, 2095 — BUENOS AIRES

La Questione Sociale uscirà ogni mese in fascicoli di 32 pagine a due colonne con copertina.

ABBONAMENTO TRIMESTRALE ANTICIPATO

Argentina $ 1 - Estero $ 1,20

Il primo numero uscirà il 27 del corrente Maggio e conterrà fra gli altri pregievoli scritti, i seguenti importantissimi lavori di sociologia anarchica:

1. L'AVVENIRE DEI NOSTRI FIGLI — ELISEO RECLUS

2. I BISOGNI DI LUSSO — PIETRO KROPOTKINE

Importante capitolo tradotto dal suo ultimo libro: LA CONQUISTA DEL PANE.

3. ORIGINE DELLA RICCHEZZA — SERGIO DE COSMO

SCHEDA D'ABBONAMENTO

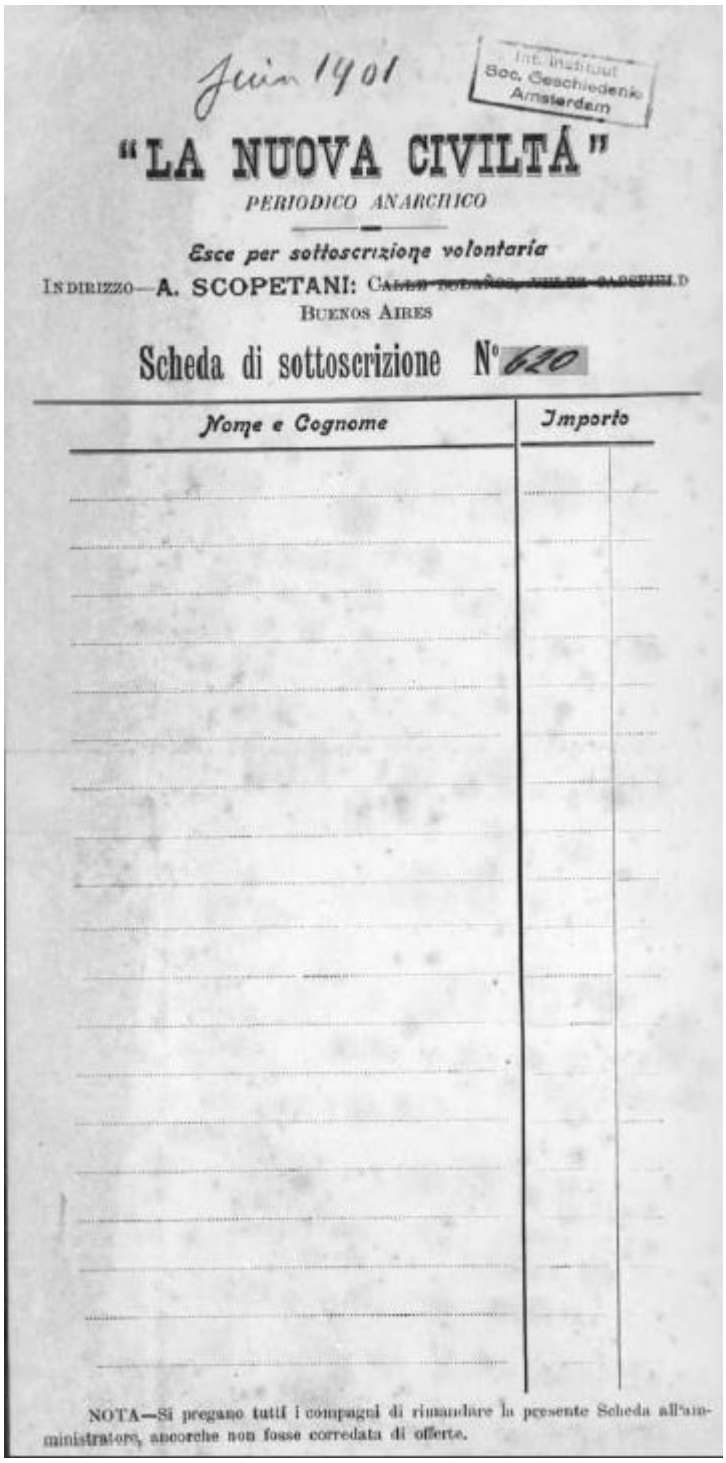
NOME E COGNOME | DOMICILIO | Importo

Rimettere l'importo d'Abbonamento all'Editore

F. SERANTONI — Calle Piedad, 2095 — BUENOS AIRES

Fonte: Fundo Max Nettlau – Acervo do IISG

Figura 3 – Lista de subscrição voluntária em favor do *La Nuova Civiltá*



Juin 1901

Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam

"LA NUOVA CIVILTÁ"

PERIODICO ANARCHICO

Esce per sottoscrizione volontaria

INDIRIZZO—A. SCOPETANI: [redacted]

BUENOS AIRES

Scheda di sottoscrizione N° 620

Nome e Cognome	Importo

NOTA—Si pregano tutti i compagni di rimandare la presente Scheda all'amministratore, ancorche non fosse corredata di offerte.

Fonte: Fundo Max Nettlau – Acervo do IISG.

Todavia, o principal meio de financiamento entre os anarquistas era a subscrição voluntária. Seu funcionamento era o mesmo que acabamos de descrever mas, ao contrário da venda por subscrição, as contribuições poderiam ser de qualquer valor e não necessariamente

os doadores recebiam algum exemplar. Como podemos ver na lista em favor da publicação do jornal *La Nuova Civiltá* (figura 3), há duas colunas ao invés de três. Elas remetem ao nome e ao valor doado e não há referência ao domicílio do doador. Vale notar que a subscrição voluntária não era apenas um mecanismo de arrecadação de dinheiro para as edições. Tratava-se de uma prática recorrente entre os grupos anarquistas com o objetivo de reunir dinheiro para diversos fins, como a edição de impressos, criação de centros sociais e escolas, campanhas de libertação de presos, de apoio à família de militantes presos ou executados, entre outros. Após a coleta das doações, os grupos responsáveis pelas edições publicavam o balanço de contas, nos próprios folhetos ou em jornais, discriminando cada doador e sua localidade, a respectiva quantia doada e os gastos da edição, geralmente indicando o custo da impressão e a tiragem.

É possível notar relações entre a escolha do meio de financiamento e a linha ideológica adotada por cada grupo. Os antiorganizadores, ao se colocarem firmemente contra qualquer sistema de venda, adotavam somente a subscrição voluntária em todos os projetos editoriais. Em contrapartida, suas publicações não conseguiam estabelecer uma periodicidade. Exemplificando a dualidade de se manter somente com doações e aceitar a situação deirregularidade, há no cabeçalho dos seus jornais duas divisas: "se publica por suscripción voluntaria/ aparece cuando puede". Se a maioria dos projetos editoriais não se sustentava e deixava de ser publicada após alguns números há, em contrapartida, os casos de *El Perseguido* e *El Rebelde* que se mantiveram com essa lógica durante anos, ainda que marcados pela intermitência. Já os organizadores, para cobrir os custos adotavam, em geral, a venda por subscrição para suas publicações periódicas e a subscrição voluntária para as publicações esporádicas, ou seja, livros e folhetos. Todavia, mesmo não enxergando problemas em precificar os apoios econômicos, eles recorriam à subscrição voluntária para solucionar seus problemas com o financiamento.

Tais problemas podem ser vistos na revista *Ciencia Social*, cuja administração era encabeçada por Fortunato Serantoni. A primeira fase da revista foi interrompida após a publicação do seu 12º número, em abril de 1898, devido à falta de pagamento dos assinantes. *La Protesta Humana* noticiou dessa forma a interrupção da revista:

> Se ha publicado el número 11-12 de esa importante revista [...] Con este número termina su primer año *Ciencia Social*, y lo acompaña una portada e

> indice como regalo a sus lectores y por si tienen el gusto de encuadernar la colección de la misma.
> Ciencia Social se ve en el lamentable caso de suspender por breve tiempo su publicación, pues el enorme déficit que sobre ella pesa le obliga a ello.
> Sin embargo - dice la expresada revista - si los suscriptores deudores se ponen al corriente con su administración y si los intelectuales de la sana propaganda libertaria prestan su desinteresado concurso, Ciencia Social, a partir de Junio saldrá en tamaño mayor y con esmeradas publicaciones.
> De desear es que se haga un verdadero esfuerzo para que no resulten fallidas las esperanzas que abrigan nuestros compañeros de Ciencia Social.[6]

A administração da revista cumpriu sua palavra e a segunda fase de *Ciencia Social* retornou em julho de 1898. Foi emitida uma circular dirigida "a nuestros suscritores y a los estudiosos en general", afirmando: "después de tres meses de inercia forzosa, hemos otra vez dispuestos a continuar nuestra obra, animados de la mejor voluntad y confiando con el apoyo de todos los amantes de la difusión de regeneradores de la obra". Contudo, a situação financeira não melhorou: "nuestros medios pecuniarios son bien escasos; aun no nos ha sido dable cubrir al déficit que nos abrumaba: pero, como ya hemos indicado, contamos con el entusiasmo de nuestros antiguos suscritores y otros que procurarán, indudablemente, subscribirse."[7]

Na segunda fase, a *Ciencia Social* disponibilizou duas opções de assinaturas. O leitor poderia fazer uma assinatura trimestral, no valor de 1 peso, ou anual, pagando 4 pesos. Aos assinantes do exterior, eram cobrados 3 francos para um semestre e 6 para um ano. Porém, no final do primeiro semestre, a revista foi obrigada a cobrar seus assinantes: "a los que no han abonado aún el primer trimestre, nos vemos en el lamentable caso de advertirlos por última vez que si no se apresuran abonarlo, les suspenderemos el envío de la revista."[8] Há novas cobranças em fevereiro e em abril de 1899[9]. Como as dívidas dos assinantes prejudicavam a manutenção da revista, Serantoni buscou apoio nas subscrições voluntárias. Elas deram resultado, sendo o principal ingresso para diminuir seu prejuízo. Em uma lista de maio, no número 10, *Ciencia Social* conseguiu baixar o déficit de 246 para 96.85 pesos. A quantia de

---

[6] *La Protesta Humana*, ano II, nº32, 01/04/1898, p. 3.
[7] *La Protesta Humana*, ano II, nº38, 26/06/1898, p. 4.
[8] *Ciencia Social*, ano II, nº4, outubro de 1898, segunda capa.
[9] *Ciencia Social*, ano II, nº7, fevereiro de 1899, segunda capa.

$149,15 foi reunida por meio da seguinte soma: $44 de assinaturas atrasadas, $5 da venda de números soltos e $100.15 de subscrições voluntárias. Mesmo com a dívida caindo para menos da metade, *Ciencia Social* seguiu com problemas econômicos, sendo encerrada em fevereiro de 1900.

O financiamento por meio da subscrição voluntária às vezes dava certo, outras vezes não. Quando o montante reunido não era suficiente para cobrir todos os custos da edição, a subscrição voluntária era mantida para, ao menos, atenuar a dívida contraída. Foi o caso do grupo Juventud Comunista Anárquica quando editou o livro *La conquista del pan* de Piotr Kropotkin, cuja história desta edição trataremos com detalhes mais a frente. No momento da impressão o déficit era de 422,76 pesos, caindo para 46 pesos depois de sete meses de manutenção das contribuições após a publicação do livro[10].

Porém, também havia os casos em que o montante reunido ultrapassava os custos da impressão. Nessas situações, o excedente entrava como ingresso para outra edição do mesmo grupo. Foi o caso de folhetos publicados pela Librería Sociológica: na subscrição para financiar a edição de *La anarquia ante los tribunales*, de Pietro Gori, houve um excedente de $48,08, que foi destinado na campanha de subscrição em favor da publicação de *Anarchia e Comunismo*, de Carlo Cafiero[11]. O montante das subscrições voluntárias para o folheto de Cafiero também excedeu os gastos, com o saldo chegando no valor de $15,46, que foi destinado para a impressão de *Enseñanza libertaria y enseñanza burguesa*, de Jean Grave[12]. Porém, o financiamento dessa edição resultou em um déficit $9,87 para o editor, quebrando assim a frágil reserva de dinheiro de um folheto para o seguinte.

Independente do meio de financiamento adotado, seja a venda por subscrição ou subscrição voluntária, todos os projetos editoriais anarquistas passaram por dificuldade econômica, ao menos temporária. Nesse cenário de precariedade financeira, um personagem foi importante para a viabilidade de algumas edições. Em muitas ocasiões, John Creaghe contribuiu com somas vultosas nas arrecadações feitas pelos editores anarquistas. Como destaca Gonzalo Zaragoza, o médico irlandês socorreu o *L'Avvenire* quando fez uma doação de $30 para o jornal, sendo que o grupo gastou $72 para a impressão de 2.500 exemplares[13]. Se Creaghe ajudou o periódico com o qual mantinha uma relação próxima, isso não significou

---

[10] *El Perseguido*, nº 85, 11/07/1895, p. 4; nº 97, 14/02/1896, p. 4.
[11] *La Protesta Humana*, nº56, 26/03/1899, p. 4.
[12] *La Protesta Humana* nº 66, 03/09/1899, p .4.
[13] ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo Argentino* (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996, p. 162, nota 26.

uma atitude exclusiva para com os projetos editoriais da linha pró-organização. O anarquista de Luján foi um contribuidor assíduo dos folhetos do La Expropriación, grupo identificado com o setor antiorganizador. Constam doações suas para três dos cinco folhetos publicados pelo coletivo: John Creaghe doou $5 para *Declaraciones*, de Georges Etievant[14] e o mesmo valor para *Como nos Diezman*[15]; já para *La Anarquía en la evolución socialista*, de Piotr Kropotkin, contribuiu com $40, sendo que os custos de impressão foram de $130[16]. Em suma, aproximadamente um terço do dinheiro gasto pelo La Expropriación para imprimir o folheto de Kropotkin saiu do bolso de John Creaghe[17].

Seus importantes aportes financeiros ajudaram muitas edições mas, aparentemente, criaram uma certa resistência entre alguns militantes para que se mobilizassem em busca de iniciativas para arrecadação de dinheiro em prol de projetos que contassem com a participação de John Creaghe. Em meio ao processo conduzido pelo anarquista irlandês para a transformação do *La Protesta Humana* em um jornal diário, ele notou uma adesão de assinantes aquém do esperado. Depois de uma série de artigos nomeados de "LA PROTESTA diario", decidiu mudar o tom e escrever um artigo na primeira pessoa, assinando com seu próprio nome[18]. Relacionando essa dificuldade com a fama criada de ser uma pessoa endinheirada e que não precisava de ajudas financeiras nas suas edições, o anarquista irlandês respondeu:

> Muchos creen que yo tengo un gran capital. No es cierto. La verdad es que no puedo disponer de un centavo más, hasta despues (sic) de un año, mas ó (sic) menos, de la fecha. Con la renta de lo que me resta tengo para vivir muy modestamente, pero como toda renta procede de la explotación de

[14] "Suscripciones recaudadas hasta la fecha". In.: ETIEVANT, Georges. *Declaraciones*. Buenos Aires: La Expropriación, 1895, p. 28.

[15] "Suscripciones recaudadas - publicación núm.3" In.: COMO nos diezman. Buenos Aires: La Expropriación, 1895, p. 96.

[16] "Suscripciones recaudadas - publicación núm. 5" In.: KROPOTKIN, Piotr. *La Anarquía en la evolución socialista*. Buenos Aires: La Expropriación, 1895, p. 20.

[17] Levantamos a hipótese do salto no valor das doações de Creaghe estar baseado no apelo feito pelo La Expropriación no folheto *Como nos diezman*, afirmando o tamanho do déficit adquirido com suas edições. "Suscripciones recaudadas - publicación núm. 4". In.: LA EXPROPRIACIÓN; KOENINGSTEIN, François Claudius. *Ravachol*. Buenos Aires: La Expropriación, 1895, p.31.

[18] A série de artigos "La Protesta diario" pode ser acompanhada nos seguintes números: *La Protesta*, ano VIII, núm. 248, 23/01/1904; *La Protesta*, ano VIII, núm. 249, 30/01/1904; *La Protesta*, ano VIII, núm.250, 06/02/1904; *La Protesta*, ano VIII, núm. 252, 20/02/1904; *La Protesta*, ano VIII, núm. 253, 05/03/1904; *La Protesta*, ano VIII, núm. 254, 12/03/1904; *La Protesta*, ano VIII, núm. 255, 19/03/1904.

> vosotros, reconozco mi obligación de recompensaros, trabajando con todas mis fuerzas en vuestro servicio.[19]

Os balanços de contas publicados pelos editores, além de registrarem o recebimento de cada doação e a finalidade dos recursos, ao discriminarem todos os gastos, um por um, indicavam igualmente a localização dos doadores. Os apoiadores não eram somente de cidades da Argentina, mas também de outros países. Isso nos mostra o alcance destes projetos editoriais e também a característica transnacional do circuito editorial anarquistas através do financiamento. Sobre essa questão, temos dois exemplos.

O primeiro se refere aos aportes financeiros do grupo Fermin Salvochea, de São Paulo, para Buenos Aires. Ele organizou listas de subscrições na capital paulista entre dezembro de 1899 e fevereiro de 1902, arrecadando dinheiro para contribuir com as publicações dos jornais *La Protesta Humana, L'Avvenire, El Rebelde, El Obrero Panadero* e para a edição de livros e folhetos da Librería Sociológica, além de enviar doações para Soledad Gustavo em Madri – na época, uma das editoras da *Revista Blanca* – e para a campanha de libertação de Cesare Batacchi, na qual Fortunato Serantoni teve papel destacado[20].

O segundo exemplo ocorreu anos antes, em 1892, quando o grupo Mocidade Comunista Anárquico do Rio de Janeiro publicou seu balanço de contas da edição do folheto *A Mocidade*, de Piotr Kropotkin nas páginas do jornal *El Perseguido* de Buenos Aires. As atividades do grupo brasileiro frequentemente eram publicadas no jornal portenho e a edição do folheto contou com doações de anarquistas que residiam na Argentina. No balanço de contas há menção ao nome de Baldomero Salbans (redator do *El Perseguido*), Juan Vila (tradutor de *La Conquista del Pan*, editado na capital argentina por Juventud Comunista Anárquica)[21]. A relação de solidariedade era recíproca: o Mocidade Comunista Anárquica organizou listas de subscrição em favor do *El Perseguido* no Rio de Janeiro. Além disso, alguns dos seus militantes emigraram para Buenos Aires após serem presos e deportados pela polícia brasileira, entrando para o grupo Juventud Comunista Anárquica. A ação da repressão fez com que a edição do folheto *A Mocidade* ficasse prejudicada. Segundo nos informa as páginas do *El Perseguido*, os militantes foram forçados a se exilar, "habiendo quedado el

---

[19] CREAGHE, John. "Una palabra del viejo". *La Protesta*, ano VIII, núm. 256, 26/03/1904, p.1.

[20] *La Protesta Humana*, n°74, 24/12/1899, p.4; n°75, 07/01/1900, p.4; n°80, 18/03/1900, p.4; n°81, 01/04/1900, p.4; n°84, 13/05/1900, p.4; n°86, 10/06/1900, p.4; n°88, 08/07/1900, p.4; n°90, 05/08/1900, p.4; n°92, 02/09/1900, p.4; n°94, [?]/09/1900, p.4; n°108, 26/01/1901, p.4; n°117, 06/04/1901, p.4; n°160, 08/02/1902, p.4.

[21] *El Perseguido*, nº 52, 27/11/1892, p. 4

folleto impreso en la imprenta y con la mitad pago en el momento del destierro"[22]. A outra metade do dinheiro reunido para os custos de impressão foi entregue para Juventud Comunista Anárquica, o novo grupo dos militantes[23].

Acreditamos que *A Mocidade*, de Piotr Kropotkin, editado pela Mocidade Comunista Anárquica em 1892 foi o primeiro folheto anarquista em solo brasileiro. Baseamo-nos nas bibliografias de Adelaide Gonçalves e Jorge Silva[24], e de Max Nettlau[25]. Em termos cronológicos, o primeiro folheto identificado por eles é *L'Espropriazione*, publicado por *L'Avvenire* em São Paulo no ano de 1895. A história de *A Mocidade* não é somente interessante por isso, mas sim por desvelar aspectos das publicações ácratas. O mais evidente é o obstáculo infringido pela repressão policial. Outro elemento são os vínculos transnacionais no circuito editorial anarquista. Por detrás do surgimento do folheto impresso no Rio de Janeiro não havia apenas militantes localizados nesta cidade, mas também outros que residiam no Rio da Prata.

3.2 – As figuras do editor

A edição de livros e folhetos era feita por diversos atores. Em geral, a figura do editor esteve presente de maneira coletiva nos grupos de propaganda, definidos como reunião de militantes com o objetivo de organizar atividades de difusão das ideias anarquistas, tais como conferências, debates públicos, encenações teatrais e a edição de impressos. Sabe-se pouco sobre sua dinâmica interna e, por conseguinte, não conseguimos conhecer com precisão qual era sua composição, quais eram os participantes e como eram divididos os trabalhos para a edição de livros e folhetos. Para abordá-los sob o âmbito editorial, separamos nossa análise entre os grupos editores somente de publicações avulsas (isto é, livros e folhetos) e aqueles que, além destas, também eram responsáveis pela edição de publicações periódicas (sobretudo jornais). A necessidade de manter a periodicidade de um impresso trazia exigências para a configuração do coletivo editor, justificando tal distinção. Como exceção frente à característica comum desses atores, encontramos dois tipos de editores personificados em

---

[22] *El Perseguido*, nº 56, 26/02/1893, p.4.
[23] *El Perseguido*, nº 56, 26/02/1893, p.4.
[24] GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A Bibliografia libertária*: o anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Imaginário, 2001.
[25] NETTLAU, Max. Contribución a la Bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914. In.: *Certamen Internacional de La Protesta*, Buenos Aires, La Protesta, 1927, pp. 5-32

indivíduos, acumuladores de outras tarefas além da edição: o tipógrafo Pedro Tonini e o livreiro Fortunato Serantoni. No entanto, apesar da presença minoritária, os dois foram responsáveis pela maior parte das edições ácratas.

3.2.1 – Grupos de propaganda

No início da década de 1890, destacaram-se os grupos de propaganda de vertente antiorganizadora. Como afirmamos anteriormente, seu escopo de ações foi a propaganda escrita e oral. Seguindo os preceitos dessa linha, reuniam-se para atividades específicas, sem manutenção de vínculos entre si durante muito tempo. Por essa característica, dedicaram-se mais às edições de livros e folhetos do que de periódicos – exceção feita ao grupo Los Desheredados, responsáveis pela publicação do jornal *El Perseguido*.

Um dos primeiros grupos anarquistas da década de 1890 a se dedicar à edição foi o Juventud Comunista Anárquica. As primeiras notícias referentes às suas atividades surgiram em 1891 nas páginas do *El Perseguido*. Tratava-se de chamados públicos para a participação nas suas *reuniones de controversia* realizadas, inicialmente, no bairro de Barracas[26]. A partir de outubro de 1892, o grupo Juventud Comunista Anárquica fixou-se no café Concierto, localizado na Avenida Corrientes, 1315, realizando suas atividades todos os domingos às 14 horas[27]. Quanto às suas edições, Juventud Comunista Anárquica publicou seu primeiro folheto em 1891, escolhendo o título *A los jóvenes*, de Piotr Kropotkin. Nos anos seguintes, editou *Evolución y Revolución*, de Élisée Reclus e *Entre Campesinos*, de Errico Malatesta, ambos em 1892. Esse último título ganhou duas edições: a primeira com tiragem de 2.000 exemplares e a segunda, em 1893, com a impressão de 5.000 cópias. O último título lançado pelo grupo foi *La Conquista del Pan*, de Kropotkin.

Em janeiro de 1893, pouco tempo após o lançamento de *La Conquete du Pain* como livro na França, publicado no ano anterior, o grupo Juventud Comunista Anárquica informava seu desejo de publicá-lo, assim que obtivesse acesso à obra vinda da Europa: "tan pronto se reciba se empezará a imprimir"[28]. Porém, um mês depois o jornal *El Perseguido* informou: "siendo este libro demasiado volumoso, el grupo Juventud Comunista Anárquica no tiene por

---

[26] *El Perseguido*, nº 27, 23/08/1891; nº 28, 06/09/1891.
[27] *El Perseguido*, nº 30, 18/10/1891.
[28] *El Perseguido*, nº 55, 29/01/1893, p. 4.

ahora recursos para imprimirlo, y por esto ha desistido de su pensamiento"[29]. Todavia, o desejo por publicar tal obra se manteve e o grupo mudou de ideia em abril do mesmo ano, anunciando o início da tradução da obra do francês para o espanhol, feita por Juan Vila y Pigrau, carpinteiro catalão[30]. A arrecadação de dinheiro para cobrir os custos da impressão iniciou-se em junho de 1893, tendo como capital inicial o dinheiro que restou da subscrição voluntária para a segunda edição do folheto *Entre Campesinos*[31]. A campanha de subscrição durou dois anos até a publicação do livro, um longo período se compararmos com as arrecadações para a impressão dos demais folhetos do mesmo período. O *El Perseguido* não apenas apoiou a publicação do livro, como participou ativamente, chegando até a interromper suas edições. No número 71, de novembro de 1894, cinco meses após sua última edição, a redação inseriu a seguinte nota: "Se nos creía muertos – ¡No! Debiendo el grupo encargado del Perseguido dedicarse a otros trabajos urgentes de propaganda, y a la traducción e impresión de *La Conquista del Pan*, sale hoy después de cinco meses de silencio nuestro nº 71"[32]. Porém, o livro demorou mais algum tempo para ser publicado, saindo apenas em julho de 1895. Até a impressão do livro, o Juventud Comunista Anárquica conseguiu arrecadar 530,34 pesos, valor que não foi suficiente para cobrir todos os custos da edição, que alcançaram o valor de $953,10[33].

Geralmente, o gasto contabilizado pelos grupos anarquistas para promover a arrecadação de dinheiro era apenas o de impressão, algumas vezes somado à impressão de materiais de divulgação da edição (por exemplo, listas de subscrição e de panfletos). Todavia, nesse caso, foram incluídos outros gastos: além de arcarem com $700 para a impressão e $ 43.25 com panfletos e correspondência, o Juventud Comunista Anárquica pagou 50 pesos para Juan Vila y Pigrau pela tradução da obra. Essa foi a única edição feita com tradução paga que encontramos entre 1890 e 1905. No balanço de contas, também estavam outros gastos incomuns. Parte do dinheiro arrecadado para a edição de *La Conquista del Pan* foi utilizado pelo grupo para ajudar alguns militantes a se exilarem em Montevidéu, quando fugiram da perseguição política da polícia argentina.

---

[29] *El Perseguido*, nº 56, 26/02/1893, p. 1.

[30] *El Perseguido*, nº 58, 16/04/1893; SANTILLÁN, Diego Abad de. *El movimiento anarquista en la Argentina*: Desde sus comienzos hasta el año 1910. Buenos Aires: Argonauta, 1930, p. 54.

[31] *El Perseguido*, nº 61, 18/06/1893, p. 4.

[32] *El Perseguido*, nº 71, 11/11/1894, p. 1.

[33] *El Perseguido*, nº 85, 11/07/1895, p. 4.

Como o montante arrecadado de 530,34 pesos não foi o bastante para cobrir todos os gastos, o grupo foi obrigado a pagar 422,76 pesos do seu próprio fundo[34]. Devido a esse déficit, a campanha de subscrição seguiu após a publicação de *La Conquista del Pan* até, ao menos, fevereiro de 1896, quando se publicou o último balanço de contas do grupo Juventud Comunista Anárquica nas páginas do *El Perseguido*[35]. O balanço apontou um abatimento no déficit, que então chegava ao valor de 46 pesos. Essa nota também é a última referência encontrada das atividades desse grupo.

Todas as publicações do grupo eram vendidas por contribuição voluntária, vindo com a seguinte inscrição: "de cada uno segun sus fuerzas" – divisa não exclusiva do Juventud Comunista Anarquista, mas sim muito utilizada entre os anarquistas portenhos em suas campanhas de subscrição voluntária. É muito provável a existência de causalidade entre o não estabelecimento de um preço fixo e uma facilidade maior para a saída dos folhetos, sobretudo o folheto *Entre Campesinos*, cujo título alcançou 7.000 exemplares em duas edições feitas pelo coletivo. A esse montante foi acrescida outra edição, feita pelo próprio impressor[36], de 8.000 exemplares, na qual ao texto original foram agregados hinos e milongas anarquistas publicadas no jornal *El Perseguido*[372]. Portanto, somando essa edição com a realizada pelo Juventud Comunista Anárquica, o folheto de Malatesta alcançou o número de 15.000 exemplares entre 1892 e 1893. Nos anos seguintes, esse título ganhou outras duas edições portenhas, porém não conseguimos obter a informação referentes às tiragens.

Uma das edições esteve a cargo do La Expropriación. Também alinhado à vertente antiorganizadora, o grupo dedicou-se exclusivamente à propaganda escrita, através da impressão de folhetos. Segundo Zaragoza[38], ele pode ser considerado como uma continuação – por suas atividades, não por seus membros – de Los Desheredados, um dos primeiros grupos formados na Argentina da vertente antiorganizadora e um dos impulsores da fundação do jornal *El Perseguido*. O coletivo também pode ter sido um continuador do Juventud

---

[34] Ibidem.

[35] *El Perseguido*, nº 97, 14/02/1896, p. 4.

[36] Em nota no *El Perseguido*, lê-se: "por su cuenta el proprietario de la imprenta donde se imprimió el folleto, aprovechando la composición del mismo, ha tirado 8000 más, agregándole el Himno anárquico y Las Milongas publicadas por El Perseguido. Este último se vende a cinco pesos m|n, al paquete de 100 folletos y ademas el gasto de correo" (*El Perseguido*, nº 61, 18/06/1893, pp. 3-4). Não há referência de quem seja o proprietário da gráfica e, portanto, o responsável por essa edição agregada.

[37] *El Perseguido*, nº 61, 18/06/1893.

[38] ZARAGOZA, Gonzalo. Anarquismo Argentino (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996, p. 135-136.

Comunista Anárquica, pois o La Expropriación iniciou suas atividades no momento em que esse grupo terminou. Outra semelhança são os autores publicados, com três nomes em comum entre as edições de cada coletivo: Élisée Reclus, Piotr Kropotkin e Errico Malatesta, do qual o La Expropriación reeditou o folheto *Entre Campesinos*.

Ainda sobre a seleção do catálogo, o La Expropriación inaugurou em Buenos Aires a edição de textos de militantes condenados, um gênero muito comum internacionalmente entre os anarquistas da época. *Declaraciones* é o texto de defesa que Georges Etievant preparou para apresentar, em 1892, diante do tribunal, ao ser acusado de participar de um roubo de dinamite com intuito de fornecê-la a Ravachol para a realização de atentados. Porém, o tribunal impediu Etievant de ler o texto, que acabou sendo publicado em partes nos números do jornal francês *Le Libertaire*. O folheto *Ravachol* contém uma pequena biografia do anarquista francês, escrita pelo próprio La Expropriación e uma seleção de trechos das defesas feitas pelo acusado durante seu julgamento. Suas tiragens chegaram números significativos: foram impressos 3.000 exemplares de *Declaraciones*, enquanto *Ravachol* alcançou o número de 5.000 cópias.

O coletivo teve uma duração efêmera: sua primeira publicação surgiu em janeiro de 1895 e em setembro do mesmo ano anunciou o encerramento das suas atividades por falta de dinheiro[39]. Apesar do seu breve tempo, o grupo foi responsável por um grande número de títulos publicados, com tiragens significativas se levarmos em conta que ele não se manteve por muito mais do que seis meses.

Em 1897, formou-se o grupo Los Ácratas, também da vertente anarquista antiorganizadora. Segundo Iaacov Oved[40], em sua declaração de princípios, o grupo afirmava "la necesidad de desarollar la aptitud revolucionaria de los trabajadores, por medio de la impartición de conciencia revolucionaria", o que deveria ser feito "de inmediato, en la labor cotidiana, en las fábricas, en la calle, en los cafés, en las asembleas públicas, en la organización personal, y se previene a no diferirlo para el futuro lejano". Nesse sentido, Los Ácratas puseram em prática seus princípios por meio da organização de atividades de discussão públicas, chamadas de *asembleas de esclarecimento* e pela edição de folhetos. Concentraram suas atividades no bairro de Barracas. Conhecemos apenas dois membros,

---

[39] ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo Argentino* (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996, p. 170.

[40] OVED, Iaacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*. Cidade do México: Siglo XXI, 1978, p. 72.

Ferdinando Antonini e J. Costas, responsáveis pelo recebimento dos aportes financeiros para o grupo e pelo envio das suas publicações.

Los Ácratas conformaram um dos principais grupos editores do período. Sua coleção, chamada Biblioteca Ácrata, foi responsável pela publicação de dez folhetos e as tiragens alcançaram até 10.000 exemplares, como no caso de *De la patria* de Augustin Hamon. Todas as edições eram vendidas diretamente pelo Los Ácratas por contribuições voluntárias, assim como vimos que era feito pelos grupos anteriores. Porém, suas edições também eram vendidas em bancas de jornais e por livrarias pelo preço de $0,10. Podemos afirmar que, em termos de edições de livros e folhetos anarquistas em Buenos Aires na virada do século XIX para o século XX, as edições do Los Ácratas ficaram atrás somente do projeto editorial de Fortunato Serantoni, sobre o qual falaremos a seguir.

Quanto aos títulos publicados, os dois primeiros constituíram textos que já haviam sido editados por outros grupos (*Entre Campesinos*, de Errico Malatesta e *Declaraciones*, de Georges Etievant), mas saíram em edições agregadas com outros textos – *En tiempo de elecciones*, também de Malatesta e *Consecuencias del Estado*, de Marcial Lores. Sobre este último autor, vale esboçar, mesmo que brevemente, sua biografia: tipógrafo galego, nasceu em 1870 e na década de 1890 destacou-se por sua militância anarquista na região da Galícia, sobretudo na cidade de Coruña. Fez parte do Ni Dios Ni Amo, responsável pela edição do jornal *El Corsario* e da coleção de folhetos Biblioteca de El Corsario[41]. Sobre a relação entre o esse grupo e os anarquistas de Buenos Aires, falaremos mais quando tratarmos das traduções de José Prat.

Retornando aos títulos publicados por Los Ácratas, exceção às reedições dos folhetos da Biblioteca de el Corsario, todos foram publicados pela primeira vez na Argentina. Destacamos a mescla entre autores frequentemente publicados, como Piotr Kropotkin e Errico Malatesta, e autores pouco conhecidos hoje em dia, como Palmiro (pseudônimo de Vicente Garcia), J. Illenatnom (pseudônimo de Montanelli) e André Girard.

Em janeiro de 1898, o grupo indicou o aumento de interesse de novas pessoas em integrá-lo, mas que ainda não conheciam seu funcionamento. Para dirimir as dúvidas publicou um artigo no *La Protesta Humana* tratando do objetivo do grupo e da sua dinâmica interna[42]. Reafirmou sua identidade enquanto "comunistas anárquicos" e afirmou não haver nenhuma

---

[41] PEREIRA, Dionisio; FERNÁNDEZ, Elisio. *O anarquismo na Galizia*. Santiago de Compostela: Editora Positivas, 2004, p. 161-162.

[42] *La Protesta Humana*, ano II, núm. 25, 30/01/1898, p.4.

regra de conduta estabelecida. Do mesmo modo o número de membros seria indefinido e "todos los que quieran tornar parte en la o las iniciativas del grupo, son considerados como parte del mismo". Também não era cobrada cota mínima: "cada cual dá lo que buenamente pueda o quiera"[43].

Além da atividade editorial, o artigo apontou a intenção do grupo em distribuir jornais de outros países da América do Sul. Colocou como plano futuro a ideia de importar "un paquete de cada periódico anarquista que se publique en Sud América; un compañero se encargará de cada periódico repatirlo y recolectar fondos para pagar el mismo, y si queda sobrante se entregará integro, pagando el grupo el déficit que hubiere". Dessa forma, o Los Ácratas sintetizou: "Así, la publicación que tenga más simpatías, será la que tenga más solidaridad". O grupo enfatizou ainda que os gastos dessa iniciativa seriam repartidos internamente, não interferindo nas arrecadações para os folhetos. Por fim, fez uma breve caracterização dos seus membros: "Hay en este grupo individuos de varias nacionalidades: Franceses, Italianos y Españoles, habiendo mayor número de estos últimos"[44]. A ausência de elementos locais mostra a preponderância dos estrangeiros, nesse momento, no anarquismo portenho.

Desse modo, percebemos que os grupos de propaganda tiveram um papel muito importante na edição de livros anarquistas em Buenos Aires. A atividade editorial era uma entre outras ações promovidas pelos militantes para a divulgação das ideias ácratas. Suas publicações, ao lado das *reuniones de controversia* ou das *asambleas de esclarecimento*, representaram uma das principais formas de disseminação do anarquismo em meio aos trabalhadores bonaerenses, sobretudo em um período de quase ausência das publicações periódicas - o jornal *El Perseguido*, apesar de não ser publicado com periodicidade definida, manteve-se com certa frequência ao longo de seis anos. Esses mesmos anos correspondem ao período do predomínio dos antiorganizadores no seio do movimento anarquista, o que pôde ser notado quando descrevemos cada grupo, pois todos eles (Juventud Comunista Anárquica, La Expropriación e Los Ácratas) faziam parte dessa corrente. Apesar da corrente se negar a atuar nos sindicatos e a criar organizações políticas nos quais os militantes pudessem ter laços orgânicos, teve sua importância histórica para o anarquismo bonaerense por seu intenso trabalho de propaganda. Isso pode ser percebido ao analisarmos suas edições e principalmente suas tiragens, sendo algumas as maiores do período analisado.

---

[43] Ibidem.
[44] Ibidem.

3.2.2 – Jornais

Como vimos no capítulo anterior, a crescente influência dos "organizadores" se baseou nas publicações periódicas, principalmente com *La Protesta Humana*. Além da sua função organizativa nesse processo, os jornais igualmente tiveram importância para a edição de livros e folhetos. Sua estrutura era semelhante à dos grupos de propaganda; por conseguinte, a atividade editorial era feita de maneira coletiva. Carecemos de informações sobre a divisão interna dos trabalhos: em geral, os jornais apresentam apenas o nome do redator. A diferença, porém, é a estabilidade. Enquanto os grupos citados anteriormente eram desfeitos após alguns anos, os que se dedicaram à edição de jornais permaneceram reunidos por um período de tempo maior. Sem dúvida, o principal fator dessa perenidade foi a hegemonia dos "organizadores". Outro fator que creditamos essencial foi a própria obrigação adquirida na escolha de imprimir uma publicação periódica. Não à toa os antiorganizadores publicavam seus jornais sem uma periodicidade definida, sob o lema do "aparece cuando puede". A preservação da regularidade, seja ela semanal ou mensal, requer a manutenção do grupo editor, uma exigência editorial que se adequa melhor aos princípios dos organizadores, ao aceitarem de bom grado o estabelecimento de vínculos formais entre os militantes, sem que obviamente isso impeça a existência de divergências internas no grupo.

Nesse sentido, é significativo um episódio ocorrido no jornal *La Protesta Humana*. Desde sua fundação, em 1897, teve como redator Gregorio Inglan Lafargua. Porém, em abril de 1900, Lafargua se ausentou de Buenos Aires para residir em Bolívar e foi substituído por Félix Basterra. Nessa época, estavam em curso os preparativos para a organização do Congresso Anarquista Internacional, marcado para novembro desse ano na cidade de Paris, na França[45]. O chamado da organização circulou em Buenos Aires desde o ano anterior, quando o *La Protesta Humana* o publicou em suas páginas, apoiando-o desde o início e tomando a frente para articular a participação dos grupos portenhos[46]. A troca de redatores trouxe uma quebra na coerência do jornal: Basterra publicou um artigo questionando a validade do congresso[47]. Semanas depois, o antigo redator constestou sua opinião, afirmando que a

[45] Para uma análise mais detalhada sobre os debates entre os anarquistas argentinos a respeito do Congresso Anarquista Internacional, ver OVED, Iaacov, op. cit., p. 143-148.

[46] *La Protesta Humana*, nº57, 15/04/1899, p. 1-2

[47] BASTERRA, Félix. Sobre el congreso revolucionario. In.: *La Protesta Humana*, nº 85, 27/05/1900, p.2

iniciativa dos organizadores do evento ia ao encontro das teses defendidas pelo jornal. Contudo, além da sua posição de respeito por já ter ocupado a redação, o texto de Inglan Lafargua veio acompanhado de uma nota de pé de página na qual o grupo responsável pela edição do jornal apoiou o autor: "[...] nos ha remitido el compañero Inglán esta refutación que insertamos con sumo gusto, porque ella interpreta perfectamente las aspiraciones de la redacción de LA PROTESTA HUMANA (sic); y por tanto, se adhiere a los conceptos que emite"[48].

Para esclarecer a contradição exposta entre o redator e o grupo editor, *La Protesta Humana* publicou uma nota, um mês após a publicação da resposta de Lafargua a Basterra, assinada por "la redacción" na qual explicou o incidente a seus leitores. A nota afirmava que Inglán Lafargua foi escolhido como redator com o consenso de todos e que o jornal sempre "mantuvo una regla de conducta y un criterio uniformes dentro de nuestros principios, de conformidad con las ideas de la agrupación [editora] y de los numerosos lectores del periódico". Porém, "circunstancias fortuitas y particulares" obrigaram Lafargua a abandonar a redação. Após Basterra ser escolhido como substituto, surgiram as contradições, pois ele, segundo a nota:

> [...] expuso su criterio particular referente al citado congreso, sin cuidarse para nada del criterio colectivo del grupo, ni de la marcha que hasta entonces seguía LA PROTESTA (sic); lo cual, observado por la agrupación editora e innumeros suscritores, produjo el consiguiente disgusto, porque nunca son agradables contradicciones tan manifestas lo mismo en los individuos que en las colectividades, y a causa de ello fué que el compañero Basterra, comprendiendo la incompatibilidad entre su criterio y el de la colectividad mantenedora de LA PROTESTA (sic), separóse de la dirección del periódico.[49]

Com a saída de Basterra, Gregorio Inglán Lafargua voltou a ser o redator do jornal, mesmo não residindo em Buenos Aires. Esse episódio nos permite perceber a força do caráter coletivo entre os grupos editores. De certa forma, é um contraste com a descrição interna do Los Ácratas. Enquanto anteriormente vimos que esse grupo indicava como sua característica a

[48] *La Protesta Humana*, nº86, 10/06/1900, p. 1
[49] La Protesta Humana, nº88, 08/07/1900, p. 2

ausência de regulamentos internos e a autonomia de cada membro individual, agora notamos que dentro do coletivo editor do *La Protesta Humana* havia um desequilíbrio interno. Apesar de ainda deixar obscuro quais eram os membros com maior poder decisório (nesse sentido, o único nome publicizado na polêmica é o de Lafargua), notamos a força exercida pela coletividade sobre o cargo de redator-chefe, a despeito da sua notoriedade e centralidade para o funcionamento do jornal. Ela é de tal envergadura que a resolução da polêmica foi resolvida com a saída de Basterra e o retorno de Lafargua.

Quanto às edições de folhetos, *La Protesta Humana* editou quatro títulos. Destacamos a preferência dada por um autor local, o argentino Félix Basterra, autor de dois dos quatro folhetos editados pelo jornal: *Sobre Ciencia Social* e *En la sobrecubierta*. Esse militante foi um dos jovens estudantes e literatos, como Pascual Guaglianone e Alberto Ghiraldo, que se aproximaram do anarquismo no fim do século XIX devido à influência exercida por Pietro Gori neste segmento social. *La Protesta Humana* também publicou o folheto *¿Por qué somos anarquistas?*, de Saverio Merlino, que já havia sido publicado em Buenos Aires pela Librería Sociológica de Fortunato Serantoni em versão italiana. Saverio Merlino foi um dos autores anarquistas italianos mais difundidos no fim do século XIX, até abandonar o anarquismo e se tornar socialista.

A coatuação dos jornais próximos ao *La Protesta Humana*, como por exemplo *L'Avvenire*, ilustra muito bem a rede transnacional de militância que dava forma ao anarquismo do momento. Antes de fundar o periódico, Giuseppe Consorti dirigiu um jornal homônimo desde novembro de 1894 em São Paulo. Após alguns meses, o grupo editor do *L'Avvenire* paulistano foi preso após o episódio da "chuva de boletins" ocorrido em 17 de março de 1895. Nessa data, anarquistas italianos atiraram panfletos em memória do aniversário da Comuna de Paris do alto das tribunas do Teatro São José, no Largo de São Gonçalo. A polícia prendeu cerca de vinte militantes nas semanas seguintes e, após meses na cadeia, Giuseppe Consorti, Arturo Campagnoli, Andrea Allemos, Lodovico Tavani e Felice Vazzani foram deportados para Montevidéu em 24 de agosto de 1895. Após breve estadia no Uruguai, Consorti abandonou a banda oriental e cruzou o Rio da Prata, fixando-se em Buenos Aires. Em São Paulo, outros militantes refundaram o jornal em julho de 1895 e, em novembro, Consorti fundou o *L'Avvenire* portenho[50]. Assim, as relações criadas pelos anarquistas com

[50] Sobre o *L'Avvenire* paulistano ver GODOY, Clayton Peron Franco de. *Ação Direta*: Transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908). 248 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, pp. 80-82,

grupos de outros países foram essenciais em sua resposta à situação adversa criada pela repressão da polícia paulistana e, desse modo, permitiu a continuidade das suas atividades políticas.

O *L'Avvenire* foi o segundo jornal mais longevo de Buenos Aires, superado somente pelo *La Protesta Humana*. Permaneceu ativo entre os anos de 1895 e 1903, mantendo a tiragem em 2.500 exemplares a partir do número 9. Tinha como principal público leitor os italianos, motivo de ser redigido integralmente na língua italiana. Publicou dois folhetos no mesmo idioma: *Educazione anarchica. Il nostro dovere*, de Francis Miward e *Le basi morali dell'a anarchia*, de Pietro Gori, os dois publicados em 1900.

Apesar de não se tratar de um jornal especificamente anarquista, mas sindical, é necessário abordar o *El Obrero Panadero*. Como vimos, os padeiros representaram uma categoria tradicionalmente anarquista. Desde seu primeiro número, reivindicou-se como um órgão de todos os trabalhadores e não apenas dos padeiros: "no será sólo el órgano de esta clase de trabajadores, sino de los trabajadores todos"[51]. Para fortalecer seu propósito, em 1900 alterou seu nome para *El Obrero*, incluindo o subtítulo "Periódico defensor de los trabajadores", mas manteve a numeração das edições do *El Obrero Panadero*, deixando claro o caráter de continuidade. Na nota explicativa da refundação do jornal, encontra-se a seguinte explicação: "EL OBRERO (sic) abogará por la instrucción y organización de la clase trabajadora. Buscará de unir, entre si, por medio de un libre acuerdo, a todas las sociedades y agrupaciones obreras, manteniendo así más estrechos los vínculos de solidaridad y compañerismo"[52]. Todavia, em suas duas fases o jornal não se restringiu a um discurso gremial. Nas páginas do *El Obrero Panadero* é possível ler textos abertamente anarquistas e, em 1900, foram publicados dois folhetos: no primeiro constaram os textos *La Família*, de Saverio Merlino e *Lo que quieren los anarquistas* de Henri Dhour. O segundo também foi uma edição conjugada, contando com *Socialismo y anarquismo*, de Jean Grave e *Dos palabras* de Félix Basterra na mesma publicação.

Apesar da hegemonia do anarquismo local ter passado à vertente pró-organização, os "antiorganizadores" permaneciam ativos. Em resposta à ascensão da corrente rival, foi fundado um novo jornal em 1898: *El Rebelde*. Tendo à frente da redação o militante Manuel

---

95-97. Sobre o *L'Avvenire* bonaerense, ver ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo Argentino* (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996, pp. 161-162.

[51] *El Obrero Panadero*, nº1, 16/09/1894, p.1 apud ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo Argentino* (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996, p. 158.

[52] *El Obrero*, nº 32, 29/12/1900, p. 1.

Reguera (com o pseudônimo de J. Mayorka), o jornal foi o principal porta-voz do setor até 1903, quando encerrou suas atividades. Desse modo, o *El Rebelde* substituiu a função de articulação da vertente após o fechamento do *El Perseguido* em 1896. No primeiro número, publicou sua declaração de princípios:

> Somos comunistas-anarquistas, negamos la propriedad individual y la declaramos un robo, queremos que cada cual consuma según sus necesidades y produzca según sus fuerzas. Gritamos al individuo: "Haz lo que quieras" sin perjudicar el "haz lo que queiras" del vecino.
> Como táctica no aceptamos ninguna organización con programa mínimo ni máximo, es decir, no nos queremos ligar a determinadas líneas de conducta, porque estamos suficientemente convencidos de que el individuo debe ser libre de sus facultades, lo que dentro de esa organización con tantos compromisos varios no lo puede ser, rindiéndose, al contrario, como instrumento ciego al movimiento organizado.
> […] La única lucha en la sociedad presente que tenemos que sostener debe ser revolucionaria en toda la extensión de la palabra.
> Nada de términos medios, paliativos, la humanidad tiene de sobra; entretenernos en conjeturas ante el cuadro miserable que contemplamos es un crimen, es rendirnos y volvernos cómplices de las iniquidades dominantes[53].

Como corolário desse posicionamento, o *El Rebelde* condenava a organização operária. Segundo o jornal, além dela representar um entrave para a livre ação dos indivíduos, as reivindicações de melhorias nas relações de trabalho eram uma armadilha, ao incentivar a manutenção do assalariamento. A luta dos trabalhadores deveria ser direcionada apenas pela busca da revolução social e, desse modo, os anarquistas precisavam difundir suas ideias para a formação de uma consciência que possibilitasse a transformação social. Até lá, os trabalhadores tinham o justo direito de vingar-se da classe dominante, por meio de atentados ou de justiçamento contra seus patrões[54]. As posições do *El Rebelde* foram duramente criticadas pelo *La Protesta Humana*. Uma semana após sair o primeiro número do jornal anti-organização, Gregorio Inglan Lafargua publicou um artigo sobre as posições de *El Rebelde*,

[53] *El Rebelde*, nº 01, 11/11/1898, p. 1.
[54] OVED, Iaacov, op. cit., p. 96.

no qual afirmava que não havia conciliação possível entre as posições apresentadas em suas páginas e aquelas dos anarquistas que defendiam a organização: "O se avanza al comunismo con todas sus consecuencias, o se va al individualismo descarnado y grosero, con su destrucción de los débiles y el egoísmo brutal que los caracteriza"[55].

Fora editar o jornal, o *El Rebelde* também publicou folhetos. Entre suas edições, o grupo foi responsável pela reddição do folheto *Entre Campesinos*, a quarta publicada em solo argentino em um intervalo de dez anos. Também publicou o texto do anarquista brasileiro Benjamin Mota, *Ni Dios ni patria*. No Brasil, Benjamin Mota foi o fundador do jornal *A Lanterna*, um dos principais veículos de informação do incipiente movimento anarquista no Brasil. Destacamos o fato de que o militante brasileiro esteve em contato estreito com o jornal *La Protesta Humana*, constantemente enviando notícias do movimento anarquista em São Paulo para o principal porta-voz dos organizadores. Outro elemento que destacamos é a colaboração entre o *El Rebelde* e Altair (pseudônimo de Mariano Cortés), jovem militante profundamente envolvido com o setor pró-organização. Portanto, aqui encontramos mais um indício sobre a complexidade entre "organizadores" e "antiorganizadores", como já apontamos anteriormente ao dissertar sobre Los Ácratas.

Assim, ao abordar a atividade editorial dos jornais anarquistas, notamos outra figura coletiva na edição de livros e folhetos. Se, anteriormente, ela foi observada nos grupos de propaganda, agora ela se faz presente por meio dos jornais. Em seguida, analisaremos outro tipo de editores, personagens que também se envolveram com diferentes atividades do circuito editorial.

3.2.3 – O editor-tipógrafo e o editor-livreiro: Pedro Tonini e Fortunato Serantoni

Conforme afirmamos anteriormente, no circuito editorial anarquista a definição de editor é imprecisa. Nos casos anteriores, eles foram identificados com agentes coletivos. Todavia, há duas exceções: Pedro Tonini e Fortunato Serantoni. Através de suas empreitadas – a Imprenta Elzeviriana e a Librería Sociológica, respectivamente – os dois anarquistas italianos foram os militantes que mais se aproximaram da figura do editor no século XIX. Isto é, o agente inserido na cadeia produtiva dos livros, geralmente na impressão ou na venda, e que também publica obras, dedicando-se ao planejamento de um catálogo de títulos a serem

[55] *La Protesta Humana*, nº 48, 20/11/1898, p. 2.

editados. Tanto o tipógrafo Tonini como o livreiro Serantoni buscaram na edição seu sustento e o meio principal de atividade política.

Há poucas informações biográficas sobre Pedro Tonini. O que sabemos sobre sua vida está baseado nos vestígios encontrados em suas edições e nos materiais impressos na sua gráfica. Nasceu em Veneza e chegou em Buenos Aires aos 21 anos de idade. Trabalhou como tipógrafo nas oficinas Sudamericana e Kraft. Na década de 1890, fundou seu próprio estabelecimento, a Imprenta Elzeviriana[56]. Por meio do mapeamento das impressões realizadas em sua tipografia, assim como do apoio econômico que Tonini recebeu para suas próprias edições, Zaragoza[57] indica a proximidade de Tonini com a vertente "organizadora" do anarquismo, sobretudo com três militantes dessa corrente: Antoni Pellicer i Paraire, José Prat e Fortunato Serantoni. Apesar dessa proximidade, em sua gráfica não eram impressas somente edições dessa corrente. Como afirma Domínguez: "además allí imprimió sus folletos el grupo antiorganizacionista Los Ácratas, y, en general, fue la imprenta no sólo donde se imprimieron la mayoría de los folletos anarquistas durante estos años, sino además algunos materiales socialistas"[58].

O fato de possuir uma tipografia contribuiu para que Pedro Tonini se tornasse o editor do primeiro livro anarquista publicado na Argentina. Foi o caso de *La sociedad moribunda y la anarquia*, de Jean Grave, traduzido por Antonio Cursach e editado com 194 páginas. Em relação às outras edições da Imprenta Elzeviriana, seu catálogo mesclava autores de grande circulação – Piotr Kropotkin, Augustin Hamon e Jean Grave – com outros desconhecidos, como Carlos Malarriga e Roberto Ardigó. Ressaltamos a publicação do folheto *Los anarquistas*, de Cesare Lombroso. O renomado cientista italiano do final do século XIX tornou-se famoso por seus estudos criminológicos. Neste folheto buscou explicar através de aspectos biológicos e psicológicos a suposta propensão dos anarquistas à violência. Desse modo, a edição deste folheto não seguiu o caminho de divulgar as ideias anarquistas, como todos os títulos aqui citados, mas sim de difundir um trabalho que apresentava

---

[56] TARCUS, Horacio (org.). *Diccionario biográfico de la izquierda argentina* (1870-1976). Buenos Aires: Emecé, 2007, p. 577.

[57] ZARAGOZA, Gonzalo. Antoni Pellicer i Paraire i l'anarquisme argentí. *Recerques*: Història, Economia, Cultura, Barcelona, v. 7, pp. 99-115, jan. 1978; ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo Argentino* (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996.

[58] DOMÍNGUEZ, Lucas. La edición de libros y folletos en la conformación del anarquismo argentino. In: *Coloquio argentino de estudios sobre el libro y la edición*, 1., 2012, La Plata. Memorias. La Plata: Unlp, 2012, p. 170.

negativamente o anarquismo, na busca de conhecer os argumentos dos inimigos para melhor combatê-los.

Fortunato Serantoni foi um personagem central no circuito editorial anarquista de Buenos Aires. Segundo Max Nettlau, Serantoni destacava-se entre os libertários por ser um militante que trabalhava pela difusão das ideias anarquistas como um profissional da edição[59]. Como já discorremos sobre sua trajetória biográfica no capítulo anterior, agora veremos como Serantoni faz juz à afirmação de Nettlau ao abordarmos seus projetos editoriais. Posteriormente, trataremos da sua importância na circulação de impressos por meio da sua livraria.

Logo quando se estabeleceu em Buenos Aires, Serantoni colaborou com dois jornais. Participou brevemente do círculo editor do *El Perseguido* e, em seguida, entrou para a redação do *La Riscossa*. Apesar de efêmero, o jornal foi importante por ter sido o único periódico inteiramente em italiano naquele momento em Buenos Aires. Todavia, a partir de 1894 Serantoni deu início aos seus projetos editoriais mais inovadores para o anarquismo argentino até então, ao iniciar a edição da revista *La Questione Sociale – rivista mensile di studi sociali e dei movimento operaio Internazionale*, editada entre os anos de 1894 e 1896. Com seu fim, iniciou a impressão de *Ciencia Social*, que saiu de 1897 a 1900, revista com linha editorial semelhante a anterior: publicação periódica de caráter teórico, trazendo textos dos principais autores ácratas, além de notícias de diversas partes do mundo. Elas representam as únicas revistas com esse corte temático editadas na Argentina no período. Outro projeto inovador de Fortunato Serantoni foram os *Almanaques populares de La Questione Sociale*, impressos anualmente entre 1894 e 1902.

Ressaltamos o fato de o militante florentino ser o responsável pelo maior número de edição de livros e folhetos, totalizando 27 títulos publicados entre 1895 e 1902. Em um primeiro momento, seus folhetos foram publicados com o título de Biblioteca de la Questione Sociale. Teve como primeira coleção a Propaganda anarquista entre las mujeres, no qual foram publicados folhetos sobre o tema da emancipação feminina. Os títulos publicados foram os seguintes: *A las hijas del pueblo* e *A las muchachas que estudian*, de Anna Maria Mozzoni, ambos publicados em 1895, *A las proletarias*, de Soledad Gustavo, e *Un epidosio*

[59] Referência feita por Gonzalo Zaragoza, op. cit., p. 159, a documento manuscrito de Max Nettlau encontrado no IISG (Amsterdã, Holanda).

de amor en la Colonia Socialista Cecilia, de Giovanni Rossi, ambos publicados em 1896[60]. Em sua primeira edição, no folheto *A las hijas del pueblo*, há uma nota da redação do *La Questione Sociale* que identifica o programa da coleção:

> Con el objetivo de propagar las ideas emancipadoras entre nuestras compañeras de trabajo y de miseria, la Redacción de LA QUESTIONE SOCIALE (sic) se propone publicar una serie de folletos especiales para la propaganda entre las mujeres, en los que se tratarán todas aquellas cuestiones que tienen relación directa con la emancipación económica, política y religiosa de la mujer.[61]

Cabe ressaltar a escolha da autora para inaugurar a coleção: Ana Maria Mozzoni (1837-1920), personagem de destaque do socialismo italiano[62]. Apesar da maioria dos livros e folhetos publicados por Serantoni terem sido do campo anarquista, houve casos, como esse, de publicações de autores e autoras de outras vertentes políticas, mas com temáticas convergentes àquelas abordadas pelos anarquistas. Segundo Laura Fernández Cordero, essa coleção marcou o pensamento anarquista sobre a questão da emancipação feminina ao estabelecer "las autoras de referencia y los lineamientos básicos para convocar a las mujeres con una evidente continuidad, ya que fueron reeditados por la editorial La Protesta como folleto único en 1920"[63].

Concomitante à coleção Propaganda anarquista entre las mujeres, também foram publicados folhetos sobre outros temas, como *La Religión y la cuestión social*, de Juan Montseny e *Perché siamo anarchici?*, de Saverio Merlino. Entre 1898 e 1901, Serantoni publicou diversas obras, já como Biblioteca Sociológica. Editou importantes nomes do cânone libertário, como Pietro Gori, Jean Grave, Carlo Cafiero, Sébastien Faure, Liev Tolstoi, Charles Albert, além de autores locais. As tiragens eram geralmente de 2.000 a 3.000

---

[60] Listamos aqui os títulos e suas informações correspondentes a partir das fontes consultadas. Encontramos também o anúncio de futura publicação do folheto *Conversaciones anárquicas, sobre la familia y el amor libre*, porém, não encontramos referências se a sua publicação se efetivou.

[61] MOZZONI, Anna Maria. *A las hijas del pueblo*. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1895, p.2.

[62] GIANNI, Emilio (Org.). MOZZONI Marianna (Anna Maria). In: GIANNI, Emilio (Org.). *Archivo Biografico dei Movimento Operaio*. Genova: Archivo Biografico Dei Movimento Operaio, 2013. Disponível em: <http://www.archiviobiograficomovimentooperaio.org/it/component/k2/item/26200-mozzoni-marianna-anna-maria>. Acesso em: 11 fev. 2018.

[63] CORDERO, Laura Fernández. Queremos emanciparos: anarquismo y mujer en Buenos Aires de fines del XIX. *Revista Izquierdas*, ano III, nº 6, Santiago (Chile), 2010, p. 5.

exemplares, chegando em alguns casos a 4.000 exemplares, como na edição conjunta do texto *Io accuso*, de Sébastien Faure com o texto *Che cosa è l'anarchia*, de Domenico Zavattero.

Ao tentarem conciliar no mesmo trabalho sua militância e seu meio de subsistência, tanto Pedro Tonini como Fortunato Serantoni foram alvos dos "antiorganizadores". Eles acreditavam que os dois se aproveitavam para lucrar em cima dos outros companheiros. O *El Perseguido*, entre uma série de questionamentos que fez à redação de *La Questione Sociale* de Serantoni, indagou: "creeis coherente que un periódico que se titula anárquico haga el RECLAMO (sic) a un explotador como el tipógrafo Tonini, a un libro del loco Lombroso y al CRISTO A LA FIESTA DE TURIN DEL BOVIO (sic)?"[64]. *La Anarquía*, de La Plata, também condenou Tonini por fazer dinheiro às custas dos anarquistas[65]. Meses após ser questionado por *El Perseguido*, o próprio Serantoni foi acusado. Em julho de 1895, o jornal fez a seguinte afirmação sobre o militante florentino: "Pero, hemos dicho y lo repitimos, prontos a dar las pruebas que los administradores de *La Questione Sociale* (sic), especulan sobre la propaganda, explotan la buena fé de los compañeros, mistifican las ideas y son inlógicos e incoherentes"[66]. Adriano Paolo Giordano afirma que Serantoni sofreu acusação semelhante cinco anos depois, nas páginas do jornal *El Rebelde*, também "antiorganizador". Uma carta assinada por um militante chamado Paco assegurava que Serantoni estipulava a venda por preço fixo ou por subscrição voluntária de acordo com as possibilidades de lucro[67].

Talvez tais acusações se relacionem com a declaração publicada por Serantoni em *Ciencia Social*. Depois de mais de três anos carregando uma série de dívidas para mantê-la, no 15º número faz um apelo direcionado "a los abonados, amigos y lectores", pedindo para que se solidarizassem com o pesado déficit:

> Considérese que el déficit de pesos 223.50, que arroja nuestro balance cae de lleno sobre las débiles espaldas de esta administración, que de modo alguno

---

[64] *El Perseguido*, nº77, 10/02/1895, p.1. Como afirmamos anteriormente, Tonini publicou o livro *Los anarquistas*, de Cesare Lombroso. A outra referência provavelmente é da obra *Cristo alla festa di Purim*, de Giovanni Bovio. Não temos a informação de que Tonini editou ou vendia tal obra.

[65] ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo Argentino* (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996, p.160.

[66] *El Perseguido*, nº85, 11/07/1895, p.2; GIORDANO, Adriano Paolo. Fortunato Serantoni: l'editore errante dell'anarchia. ANTONIOLI, Maurizio (org.). *Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento*. Pisa: Bfs Edizioni, 2007, p. 113.

[67] *El Rebelde*, 30/12/1900 apud GIORDANO, Adriano Paolo. Fortunato Serantoni: l'editore errante dell'anarchia. ANTONIOLI, Maurizio (org.). *Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento*. Pisa: Bfs Edizioni, 2007, p. 113.

> son las de un banquero, ni siquiera de un simples capitalista; y considérese, además, los esfuerzos que hemos hecho y véase si somos o no merecedores de que se nos abandone en esta empresa de difusión de un ideal allí donde urge llevarlo.
> Confiados esperamos que se nos apoyará.[68]

Embora tenha se esforçado, Serantoni encerrou seu projeto editorial nesse número. Assim terminou a publicação da "primera revista anarquista seria, recopilación excelente de material de lectura selecta, en la que predominaban, ciertamente, las traducciones", nas palavras de Diego Abad de Santillán[69].

3.3 – José Prat, o tradutor transtlântico

Devido ao número relevante de traduções entre as publicações do período, destacamos a importância do tradutor no circuito editorial anarquista. Dentre os tradutores do período, nota-se José Prat. Na Espanha, se aproximou do anarquismo a partir de 1890, e passou a contribuir com a publicação de artigos e jornais. Entre 1896 e 1897 colaborou com o jornal *El Corsario* de Coruña, dirigido pelo grupo Ni Dios Ni Amo, que tinha acabado de comprar uma gráfica (nomeada de Imprenta del Progreso). Ao todo, a Biblioteca de El Corsario publicou dez folhetos (uma série com sete títulos mais três não numerados). José Prat participou de seis edições: traduziu cinco (*Entre Campesinos*, de Errico Malatesta; *La anarquía es orden*, de Anselme Bellegarrigne; *Páginas de historia socialista*, de Varlaam Tcherkesov, *El socialismo y el congreso de Londres*, de Augustin Hamon e *Primero de Mayo* de Pietro Gori) e escreveu o prefácio, ao lado de Ricardo Mella, de *La Barbarie gubernamental en España*. Documentos sobre las torturas de Montjuich[70]. O tema tratado pelo último folheto foi o motivo do exílio de Prat: o recrudescimento da repressão do governo espanhol aos anarquistas. Para fugir do mesmo destino dos seus companheiros encarcerados

---

[68] *Ciencia Social*, ano III, núm. 15, fevereiro de 1900, segunda capa.

[69] SANTILLÁN, Diego Abad de. *El movimiento anarquista en la Argentina: Desde sus comienzos hasta el año 1910*, Buenos Aires, Argonauta, 1930, p. 73.

[70] As outras quatro obras que compõem a Biblioteca de El Corsario são: *Sociología anarquista*, de Juan Montseny; *Consecuencias del Estado*, de Marcial Lores; e *L'art et la revolte*, de Fernand Pelloutier, todas publicadas em 1896. Completando a coleção, há a edição de *El manual del soldado*, de Georges Ivetot, sem data de publicação. MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio, *Antología documental del Anarquismo Español Volumen VI – Bibliografía del Anarquismo en España (1868-1939)*, Barcelona, CEDALL, 2016, pp. 404-405.

na Fortaleza de Montjuich, em Barcelona, José Prat se exilou. Primeiro viajou a Londres e, em seguida, para Buenos Aires, permanecendo na cidade entre os anos de 1897 e 1898.

A chegada de Prat repercutiu entre os grupos anarquistas locais, divididos entre os "antiorganizadores" e os "organizadores". Apesar das evidências indicarem como exagerada a tese da vinda de Prat a Buenos Aires com o fim último de propagandear as propostas pró-organização, sem dúvida alguma o anarquista espanhol foi um entusiasta da organização entre os anarquistas. Com isso, se acercou do jornal *La Protesta Humana*. Escreveu diversos artigos e traduziu o primeiro folheto editado pelo jornal: *¿Por qué somos anarquistas?*, de Saverio Merlino, em 1898. Também foi próximo de Fortunato Serantoni, publicando artigos para sua revista *Ciencia Social* e traduzindo dois folhetos publicados pela Biblioteca Sociológica, organizada pelo anarquista florentino, quando já não estava mais na Argentina (*La anarquia ante los tribunales*, de Pietro Gori e *Enseñanza burguesa y enseñanza libertaria*, de Jean Grave, ambos publicados em 1899). Todavia, apesar das suas ideias e relações com os grupos organizadores, José Prat também colaborou com a Biblioteca Ácrata, coleção de folhetos do grupo homônimo de linha antiorganizadora, com a tradução de *Entre Campesinos*, de Errico Malatesta, publicado em 1897. Como citado anteriormente, este título já havia sido traduzido por Prat e publicado pela Biblioteca de El Corsario. *Consecuencias del Estado*, de Marcial Lores, texto publicado por Los Ácratas em uma edição conjugada com *Declaraciones*, de Georges Etievant, em 1897, saiu anteriormente pelo grupo galego no ano anterior.

Em sua estadia no Rio da Prata, notamos não apenas suas atividades de tradutor, mas também na articulação entre grupos portenhos e europeus. Após sua chegada a Buenos Aires, apareceram anúncios de venda nos jornais locais dos títulos publicados pela *Biblioteca de El Corsario*, entre eles os livros e folhetos traduzidos por Prat. Acreditamos que não se trata de mera coincidência, mas de um indício de que José Prat era o principal intermediário entre o grupo galego e os anarquistas da capital argentina. Um personagem central nessa trama foi Fortunato Serantoni. Além da colaboração de Prat em seus projetos editoriais por meio de artigos inéditos e traduções, encontramos uma breve nota no jornal *Les Temps Nouveaux*, de Paris. Em janeiro de 1898, o jornal francês publicou na seção de correspondência: "Le camarade Prat nous prie de donner son adresse: Corrientes 2041, Buenos-Ayres"[71]. O destino publicado por Prat para receber as correspondências vindas da Europa em sua permanência em Buenos Aires era o mesmo endereço da Librería Sociológica, dirigida por Serantoni. A

[71] "O camarada Prat nos pede para dar seu endereço: Corrientes 2041, Buenos Aires". *Les Temps Nouveaux*, ano III, nº 39, 22-28/01/1898, p.4.

relação direta entre o livreiro e o grupo de Coruña também era estreita. Em nota da redação da revista *Ciencia Social* publicada no primeiro número da sua segunda época, Serantoni dirigiu-se aos assinantes espanhóis: "rogamos a los suscriptores deudores de España procuren remitir a la mayor brevedad el importe a: *Imprenta del Progreso* (sic), calle Torreiro 22, Coruña; como también pueden dirigirse allí cuantos compañeros de esta región deseen suscribirse a CIENCIA SOCIAL (sic)"[72]. Assim, notamos que a intermediação entre os leitores da revista de Fortunato Serantoni na Espanha e sua redação era feita pelo grupo Ni Dios Ni Amo, responsável pelo jornal *El Corsario*, a coleção de folhetos Biblioteca de El Corsario e a gráfica Imprenta del Progreso.

Embora sua curta estadia tenha se encerrado em 1898, quando retornou para a Espanha, José Prat seguiu intervindo no anarquismo bonaerense com suas colaborações nos títulos publicado por Serantoni e também através do envio de artigos para o *La Protesta Humana*. Nos anos seguintes, tornou-se editor de uma revista ácrata - *Naturaleza* - e escreveu e traduziu diversos livros e folhetos publicados tanto por grupos anarquistas como pela Sempere y Cia, uma editora comercial espanhola. Além disso, seguiu com seu labor periodístico ao publicar artigos em vários jornais libertários.

Desse modo, por meio de José Prat percebemos a complexidade da relação entre organizadores e antiorganizadores no anarquismo portenho da década de 1890. Um mesm personagem colaborava nas duas correntes, demonstrando que não havia uma fronteira tão rígida entre elas. Além disso, também percebemos alguns elementos da dinâmica da tradução entre os anarquistas. Os tradutores ocupavam um lugar destacado na relação entre grupos de vários países, em razão do domínio conhecimento de vários idiomas e, em certos casos (como no de Prat), do seu caráter de exilado. Na breve menção que fizemos à sua trajetória percebemos suas ligações na Espanha (Ni Dios Ni Amo e seus projetos editoriais), na Argentina (*La Protesta Humana*, Librería Sociológica e Los Ácratas) e na França (*Les Temps Nouveaux*). Em segundo lugar, percebemos como as tarefas editoriais eram misturadas. José Prat não apenas traduzia, mas também escrevia frequentemente para os jornais e as revistas e, na sua volta para a Espanha, passou a publicar livros e tornou-se editor. Portanto, em um mesmo personagem, encontramos as figuras de tradutor, escritor e editor.

[72] *Ciencia Social*, ano II, nº1, julho de 1898, segunda capa.

3.4 – A circulação: os caminhos dos impressos

Depois de saírem das oficinas gráficas, as publicações trilhavam diferentes rotas. Elas podiam ser entregues nas mãos dos seus leitores diretamente pelos editores, mas também havia trajetos indiretos por meio de intermediários. Como tinham uma posição de destaque devido à sua visibilidade, as redações dos jornais anarquistas de maior renome eram um ponto de retirada de edições de outros grupos. Contudo, as livrarias eram centrais no processo de distribuição. Além de se encarregarem da circulação dos impressos portenhos, elas foram os principais agentes na difusão de publicação de outras partes da Argentina e do globo. Indo além dos espaços anarquistas, alguns dos impressos também eram vendidos em pontos comerciais, como bancas de jornal e livrarias. Porém, para compreendermos a circulação das edições anarquistas precisamos ir além dos seus espaços e atores, e também tratar das suas expectativas e estratégias.

3.4.1 – A distribuição orientada para a propaganda

Em abril de 1895, o *El Perseguido* publicou a seguinte nota: "El grupo *La Expropriación*, nos ruega avisar a los compañeros de Europa que piden grandes paquetes de folletos, que si no los reciben es debido a que sus fuerzas no le permiten, por el momento, atender a todos pedidos grandes."[73] O trecho é significativo em dois aspectos: primeiro, para compreendermos como era feita a distribuição dos exemplares impressos em Buenos Aires; em segundo lugar, ao notarmos quais eram, em parte, seus destinatários.

Conforme já destacamos, a edição era entendida como uma atividade de propaganda. Os editores se preocupavam em difundir suas publicações o máximo possível e, por isso, além de fazerem a distribuição diretamente para seus leitores, também contavam com a colaboração de outros grupos, que repassavam os impressos em suas atividades. Dessa forma, os editores criavam estratégias pensadas para manter essa cadeia de distribuição em funcionamento.

Em primeiro lugar, havia uma diferenciação nos preços. Não raro o preço cobrado do público militante era distinto daquele pago nos pontos comerciais. Em agosto de 1898, a Librería Sociológica anunciava dois valores para *Anarquía ante los tribunales*, de Pietro Gori,

[73] *El Perseguido*, nº 83, 16/05/1895, p. 4.

editado por ela própria: “15 centavos en las librerías y los kioscos - a los compañeros precio voluntario”[74]. No mesmo sentido, havia preços mais baixos para a venda em pacotes de 100 exemplares. Com o título “Buena ocasión para hacer propaganda”, *La Protesta Humana* noticiou:

> En la Librería Sociológica, Corrientes 2041, hay una gran existencia del folleto, editado lujosamente, Entre Campesinos de Malatesta, traducción de J. Prat, el cual se venderá a pesos 6 cada 100 ejemplares a fin de que los grupos y compañeros que quien distribuirlo entre los trabajadores del campo les pueda ser de más fácil adquisición.[75]

Anos depois, em 1902, o Defensores de Nuevas Ideas adotou a mesma estratégia. Na ocasião da jornada de conferências do deputado italiano Dino Rondani, organizada pelo Partido Socialista local mas que contou com a presença de anarquistas para contestá-lo[76], o grupo publicou o folheto *Verité* para ser distribuído pelos seus companheiros. O folheto era curto, com 16 páginas, reunindo textos de Élisée Reclus, Octave Mirabeau e Carlo Pisacane contrários à política parlamentar. O pacote de 100 exemplares custava 1,25 pesos para o envio a Buenos Aires e 1,5 pesos para o interior[77].

A respeito de demanda não atendida, ocasião evidenciada no trecho citado do La Expropriación, Fortunato Serantoni propôs uma solução inusitada para superar essa inconveniente situação. Em nota no *La Protesta Humana*, publicou o aviso de que chegavam pedidos à sua livraria de vários companheiros das províncias do interior e do Brasil interessados em adquirir *La Barbarie Gubernamental en España*, livro que reúne documentos que denunciam a tortura sofrida por anarquistas presos na prisão de Montjuich, em Barcelona. Com prefácio de José Prat e Ricardo Mella, foi publicado por *El Despertar* - grupo de Pere Esteve localizado em Nova Iorque - e vendido em Buenos Aires pela Librería Sociológica. Serantoni afirmou não ser possível satisfazer as solicitações “por haberse agotado el reducido número de ejemplares que los editores nos enviaron” e que ele não dispunha dos recursos

---

[74] *Ciencia Social*, ano II, nº1, julho de 1898, terceira capa.

[75] *La Protesta Humana*, nº 9, 10/10/1897, p. 4.

[76] Sobre a jornada de conferências de Dino Rondani em Buenos Aires, ver mais em ZARAGOZA Gonzalo, *Anarquismo Argentino* (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996, pp. 339-343.

[77] *La Protesta Humana*, nº 194, 04/10/1902, p.4

necessários para fazer outra edição do livro[78]. Diante desse entrave, fez a seguinte proposta:

> Bastaria que los que ya lo hubieran leido quisieran desprenderse de ellos en beneficio de la propaganda que la circulación del susodicho libro haría. Y si los que lo hubieren adquirido se creyeran perjudicados económicamente, con su devolución estamos dispuestos a devolverles lo que por él hubieran pagado. Y caso de desprenderse desinteresadamente tengan en cuenta que los nuevos ingresos servirán para alivio de los compañeros que sufren en presidio y de los que vagan errantes por el mundo víctimas de las draconianas leyes españolas. Con esto satisfacíamos al propio tiempo el deseo de los compañeros autores y editores expreso en la cubierta del libro[79].

Ou seja, o livreiro sugeriu que os leitores devolvessem o livro comprado e, caso quisessem, receberiam em troca o dinheiro de volta para que ele seguisse circulando e, assim, cumprisse os desejos do autor e do editor. Uma evidência de como os impressos eram mais um meio de propaganda do que uma mercadoria na visão dos anarquistas.

O segundo elemento destacado na citação do La Expropriación foi seu destinatário. A nota foi escrita aos grupos europeus, para os quais o grupo portenho não garantiu atender a todas as demandas. Trata-se de um caso em que a distribuição de impressos publicados em Buenos Aires foi feita para grupos de outros países. Além da circulação dentro da Argentina, os impressos chegavam a diferentes latitudes.

Um dos maiores centros consumidores era Patterson, nos Estados Unidos. O principal remetente dos anarquistas residentes em Nova Jersey era Fortunato Serantoni. Há notícias de que os exemplares do *Almanaque de La Questione Sociale* enviados para a cidade estadunidense não foram suficientes para cobrir a demanda[80]. Outro êxito editorial de Serantoni em Patterson foi o folheto *Perché siamo anarchici?*, de Saverio Merlino, publicado em 1896. Desde lá houve pedidos para uma segunda edição, feita pelo anarquista florentino em 1900[81]. Devido à intensa atividade de propaganda desenvolvida pelos anarquistas italianos nas duas cidades, acreditamos que tais episódios representam apenas parte de uma relação

[78] La Protesta Humana, nº 10, 17/10/1897, p.3-4.
[79] Ibidem.
[80] GIORDANO, op. cit., p. 110.
[81] Idem, p. 111.

estreita entre os circuitos editoriais de Buenos Aires e Patterson[82].

Outra cidade onde houve a presença de publicações portenhas foi São Paulo. Tal relação pode ser vista nas páginas do *L'Avvenire*. Entre janeiro e agosto de 1895, é possível encontrar mensagens enviadas para grupos de Buenos Aires na seção "In barba al Correio", destinada à troca de mensagens escritas de forma telegráfica. Algumas delas referem-se ao envio de folhetos do Rio da Prata para a cidade paulistana, mas não há referências dos títulos listados, exceto em uma oportunidade. No número de julho de 1895, o *L'Avvenire* fez seu pedido: "B. Ayres. F.S. ricevuto 12 Q.S. gli opuscoli a quando? Gr. J. An. Spediteci copie C. del P. Gr. Expropr. Riceveste copie Espropriazione? Spediteci op. Ravachol"[83]. A linguagem abreviada pode dificultar o entendimento do texto, contudo a leitura do conjunto das comunicações enviadas pelo jornal à Buenos Aires auxilia a compreensão. Há três destinatários no trecho citado: o primeiro é Fortunato Serantoni, para o qual é acusado o recebimento de doze exemplares de *La Questione Sociale* e é feita uma cobrança para a expedição de folhetos; em seguida, há o pedido para o Juventud Comunista Anárquica enviar cópias do seu *La Conquista del Pan*, de Kropotkin; por fim, pergunta-se ao La Expropriación se receberam a remessa com o título *Espropriazione*, editado pelo *L'Avvenire* e pede-se para mandar o folheto *Ravachol*, publicado pelo grupo bonaerense.

Vemos, portanto, mais uma vez como o circuito editorial anarquista de Buenos Aires estava inscrito na rede transnacional estabelecida por seus militantes. Antes percebemos essa manifestação nos momentos do financiamento e na trajetória biográfica dos seus agentes, como editores e o tradutor José Prat. Porém, a relação entre a edição e a circulação dos impressos e a configuração do movimento anarquista é nítida também em outras esferas, como veremos a seguir.

---

[82] Vale ressaltar que Max Nettlau já havia indicado a necessidade de explorar com maior profundidade a atividade editorial em Buenos Aires e Patterson nos estudos da bibliografia anarquista na América Latina: "Para la época que va desde 1890 a 1904 falta, por ejemplo, casi todo lo que se refiere a la obra de P. Gori en la Argentina, los orígenes de la organización regional, los preparativos del cotidiano, las ediciones, sin duda más numerosas, de los dos centros de ediciones en Buenos Aires y en Patterson". NETTLAU, Max. Contribución a la Bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914. In.: *Certamen Internacional de La Protesta*, Buenos Aires, La Protesta, 1927, p. 22.

[83] Tradução sem manter as abreviaturas: "Buenos Aires. Fortunato Serantoni recebido 12 *La Questione Sociale* os folhetos quando? Grupo Juventud Anárquica envie-nos cópias *Conquista del Pan*. Grupo Expropriación recebeu cópias *Espropriazione*? Envie-nos folheto Ravachol." "IN BARBA AL CORREIO", L'Avvenire, Série II, núm. 01,14/07/1895, p.4

3.4.2 – A questão da venda

Um elemento de diferenciação entre os dois principais setores do anarquismo portenho esteve no fim do circuito editorial. Enquanto para os antiorganizadores a transformação dos seus impressos em mercadorias era negada, os organizadores não enxergavam problemas em vender suas edições. Isso não quer dizer que os últimos também não recorressem à difusão por meio da doação de qualquer quantia, mas sim que para os primeiros essa era a única via de distribuição. Embora para os antiorganizadores fosse uma questão ideológica, em contraste, para os organizadores a escolha entre estabelecer um preço fixo ou não para um impresso era uma decisão feita a partir das expectativas da sua difusão, baseada no potencial efeito para a propaganda. Vimos um prelúdio do debate originado entre tais posições distintas quando tratamos das acusações feitas a Fortunato Serantoni e Pedro Tonini, bem como em relação aos meios de financiamento adotados.

A venda sem precificação era chamada de "contribuição voluntária". Tratava-se de um sistema de doações, no qual cada pessoa poderia ter um exemplar pagando o valor que quisesse. Para os grupos da linha anti-organização, com sua postura radical de rechaço de qualquer tipo de venda, tratava-se de um princípio. Sobre as consequências dessa opção, podemos fazer um paralelo referente às consequências da utilização da subscrição voluntária como único meio de financiamento para cobrir os custos das suas edições. Apontamos, previamente, de qual maneira a adoção das subscrições voluntárias afetava as edições irregulares em seus jornais, representados pelo lema "aparece cuando puede"; agora é possível perceber uma situação análoga a respeito da venda. Ao contarem somente com as contribuições voluntárias como forma de distribuição, a edição de seus livros e folhetos sofreu mais com a instabilidade econômica do que aquelas dos grupos pró-organização. Todos os projetos editoriais anarquistas do período apresentavam dificuldades em suas finanças, contudo nota-se como essa situação foi mais determinante para o abandono do trabalho editorial entre os antiorganizadores. Citamos dois episódios já tratados: o Juventud Comunista Anárquica, quando abandonou suas atividades após adquirir uma dívida de mais de 400 pesos com a publicação de *La Conquista del Pan*, levando sete meses para diminuir seu prejuízo em quase dez vezes devido ao dinheiro doado por seus companheiros. Outro caso foi o La Expropriación, forçado a encerrar seu projeto editorial com duração de nove meses afirmando

como razão sua situação financeira[84]. Aliás, acreditamos que o grupo fez a melhor síntese de como os anarquistas contrários à organização pensavam economicamente suas edições:

> Hacemos notar a los compañeros que la propaganda de este grupo depende de la ayuda pecuniaria y la actividad de todos los que simpatizan con sus publicaciones.
> Siendo nosotros Anarquistas-Comunistas y por consiguiente contrarios a todo sistema de venta, aunque este sea para la propaganda, ponemos nuestras publicaciones a disposición de todos los trabajadores, sin embargo contamos con la cooperación de
> CADA UNO, SEGUN SUS FUERZAS (sic).[85]

Em suma, a distribuição por valores simbólicos dependia diretamente da colaboração para o financiamento das edições. Essa aposta em adotar apenas uma forma de ingresso monetário foi levada a cabo rigidamente, não obstante seus riscos. Quando essa estratégia não surtia os efeitos desejados, reforçavam-se os pedidos por um maior apoio. O próprio La Expropriación, após adquirir um déficit acumulado da edição de quatro folhetos na quantia de $178.57, conclamou os simpatizantes do seu projeto para que "no se cansen de abrir por todos lados suscriciones voluntarias. De esta manera solamente podremos realizar la idea de publicar un opúsculo mensual. Pues, voluntad compañeros, y que nuestros esfuerzos no queden infructuosos"[86].

O Los Ácratas representou a única exceção entre os "antiorganizadores". O coletivo iniciou suas publicações em 1897 exclusivamente com o aporte das subscrições voluntárias e repassando-as aos seus leitores ou redistribuidores através de doações. No entanto, a partir de 1899, o grupo passou a cobrá-los. A primeira edição com valor fixado foi *El Espíritu Revolucionario*, de Kropotkin[87]. Em março de 1900, deixou um lote de seus folhetos à venda na redação do *La Protesta Humana*, sendo que metade da quantia arrecadada seria passada para o jornal[88]. Mais um indício de que a divisão entre as correntes pró e contra a organização

---

[84] ZARAGOZA, Gonzalo, op. cit., p. 170.

[85] ETIEVANT, Georges. *Declaraciones*. Buenos Aires: La Expropriación, 1895, p. 29.

[86] "Suscripciones recaudadas - publicación núm. 4". In: LA EXPROPRIACIÓN; KOENINGSTEIN, François Claudius. *Ravachol*. Buenos Aires: La Expropriación, 1895, p.31.

[87] "Biblioteca Acrata", *La Protesta Humana*, Ano III, núm. 63, ?/[julho]/1899, p.4

[88] "Suscripción voluntaria a favor de la publicación de folletos de la BIBLIOTECA ÁCRATA", *La Protesta Humana*, Ano III, núm. 63, 04/03/1900, p.4. Os folhetos citados são: *La peste religiosa*, de Johann Most;

não era tão rígida.

Já para a linha pró-organização, a escolha de precificar ou não algum título era pensada caso a caso. Como exemplo, veremos o caso de Fortunato Serantoni. No início, seus primeiros folhetos eram repassados por contribuição voluntária, mas a partir de 1898 passou a cobrar um valor fixo. Porém, depois desse ano, abriu duas exceções: *Anarchia e Comunismo*, de Carlo Cafiero e *Per un innocente d'Italia*, escrito por ele mesmo. Conforme já tratamos, esse título se inscreve em um contexto específico: a campanha de libertação de Cesare Batacchi, na qual Serantoni teve uma participação destacada. Feita para prover a atuação dos seus companheiros na Itália, a edição foi distribuída gratuitamente. Para esclarecer seu intuito, Fortunato Serantoni escreveu uma nota introdutória:

> A gli amici e ai giornali socialisti e anarchici d'Italia a cui rimettiamo gratis buon numero di copie del presente opuscoletto, raccomandiamo loro a volersi interessare per la maggiore diffusione di questa nostra modesta pubblicazione, la quale ha un solo ed unico pregio: quello, cioé, di dire la veritá VERA (sic) intorno alle mostruose infamie che racchiude il processo della bomba di Firenze.[89]

Assim, a expectativa do editor em torno da publicação determinou sua distribuição gratuita. Além disso, *Per un innocente d'Italia* foi outro folheto bonaerense destinado, em parte, para leitores fora da Argentina. Na próxima seção, veremos edições que seguiram a direção contrária.

3.4.3 – As livrarias

A distribuição não era feita apenas pelos próprios grupos editores. Além da venda direta, muitos grupos deixavam alguns dos seus exemplares nas redações dos jornais pois, em

---

Nuestras convicciones, de J. Illetnamon; *De la pátria*, de Augustin Hamon; *La anarquia se impone*, de Palmiro; *La ley y la autoridad* e *El espiritu revolucionario*, ambos de Piotr Kropotkin; e *Los crímenes de dios*, de Sébastien Faure.

[89] "Aos amigos e jornais socialistas e anarquistas da Itália, para os quais enviamos gratuitamente um bom número de cópias do presente folheto, recomendamos que se interessem pela maior difusão desta modesta publicação, que contém um só e único mérito: o de dizer a verdade verdadeira sobre a monstruosa infâmia que envolve o processo da bomba de Florença". SERANTONI, Fortunato. Per um inocente d' Italia: Cesare Batacchi, condannato all'ergastolo. Buenos Aires: Librería Sociológica, 1899, p. 2

geral, eram eles que tinham mais conexões e relações com outros grupos e indivíduos, tanto no âmbito local quanto no âmbito internacional. Nesse sentido, os jornais que mais contribuíram para a difusão de edições de outros grupos foram o *El Perseguido* e o *La Protesta Humana*, dado que confirma o alcance que esses jornais tiveram.

Todavia, a distribuição mais recorrente dos impressos anarquistas em Buenos Aires era por meio das livrarias. Além de distribuírem edições produzidas na Argentina, as livrarias importavam diversos impressos. Desse modo, se até agora vimos a circulação de folhetos portenhos para outros países, por meio do catálogo das livrarias conseguimos estudar o fluxo no sentido inverso: a presença dos impressos estrangeiros na capital argentina.

Temos notícias de três livrarias que cumpriram uma função essencial: a Librairie Internationale, a Librería Sociológica e a Librería Libertaria. A Librairie Internationale foi fundada por Émile Piette, imigrante belga que se fixou em Buenos Aires na década de 1880. Piette foi próximo do círculo de anarquistas francófonos, responsáveis pela edição do jornal *La Liberté*, criado em 1893. Após a morte de Piette, em 1895, a livraria – também nomeada de Librería Francesa – segue suas atividades sob os cuidados de Alexander Sadier, outro membro do mesmo círculo e também fazia parte da livraria junto com Piette[90]. Em 1892, quando estava sob sua direção, a livraria localizava-se na Rua Esmeralda 610[91]. Já sob os auspícios de Sadier, encontramos referências da sua localidade na mesma rua, mas no número 574[92].

A partir de maio de 1894 o jornal *La Liberté* anunciou a venda de folhetos em francês[93]. Apesar de não existir uma evidência direta, acreditamos tratar-se de parte do catálogo da Librairie, pois os redatores do jornal eram os mesmos que organizavam a livraria. Nos títulos, vemos somente folhetos em francês, indicando uma restrição do seu público ao setor francófono do anarquismo portenho. Ao longo dos anos, a Librairie manteve contato frequente com o *Les Temps Nouveaux*, jornal parisiense que figurava entre um dos mais influentes entre os libertários e o editor de uma vasta coleção de folhetos.

Principal centro de distribuição de impressos nacionais e internacionais, a Librería Sociológica foi iniciativa de Fortunato Serantoni, citado anteriormente sobre sua atividade

---

[90] ZARAGOZA, Gonzalo, op. cit., p. 162.

[91] "Avis", *El Perseguido*, Ano III, nº53, 15/12/1892, p.3

[92] "Bibliografia", *La Protesta Humana*, Ano I, nº07, 15/09/1897, p.4; "Bibliografia", *La Protesta Humana*, Ano I, nº11, 24/10/1897, p.4; VEDIA, Julio Molino y, Escuela Libertaria, *La Protesta Humana*, Ano I, nº11, 13/02/1898, p.3

[93] *La Liberté*, ano II, nº8, 06/05/1894, p.4.

enquanto editor. Logo que se instalou na cidade portenha, Serantoni abriu uma livraria. Nesses anos, nomeou-a de Serantoni y Cia, localizada na rua Piedad, 2095. Em janeiro de 1894 já havia menções de que neste endereço era possível a aquisição de jornais anarquistas italianos, como *Il Pensiero*, de Chieti. O historiador Adriano Paolo Giordano afirma que provavelmente na segunda metade de 1894 Serantoni mudou sua livraria para a Avenida Corrientes, 2039-2041, endereço no qual permaneceu durante o restante de sua estadia em Buenos Aires[94].

Ao elaborarmos o levantamento dos títulos anunciados pela Librería Sociológica em suas edições e nas páginas do jornal *La Protesta Humana*, percebemos o seu alcance. Em um total de 182 títulos levantados, conseguimos identificar o local de origem de 151[95]. A seguir, na Tabela 1 apresentamos os dados recolhidos:

Tabela 1 – Local de publicação dos livros e folhetos vendidos pela Librería Sociológica (1894-1902)

País	**Número de títulos**	**% (valor aproximado)**
Argentina	62	34
Espanha	34	18,6
Itália	20	10,9
França	16	8,7
Estados Unidos	15	8,2

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor. Ver Apêndice I.

Dessa forma, a partir do levantamento ressaltamos duas observações. A venda de edições portenhas forma a grande parcela (34%), porém se somarmos os títulos oriundos de outros quatro países (Espanha, Itália, França e Estados Unidos) chegamos quase à metade (46,4%). Isso mostra o peso das importações nos títulos disponíveis na livraria de Serantoni. Todavia, também nota-se a evolução das edições produzidas na Argentina. Ademais de ser o país com maior número de títulos, a diferença é enorme diante dos demais países. A Espanha, segundo país com maior número de obras vendidas pelo anarquista italiano em Buenos Aires, representa praticamente metade do número de publicações argentinas. Nesse sentido, através do catálogo da Librería Sociológica é possível notar o crescimento de livros e folhetos

[94] Adriano Paolo Giordano, op. cit., p. 102.

[95] Na Tabela 1, incluímos os locais de publicação com mais de três títulos. Dessa forma, não está presente o Uruguai (dois títulos), a Suíça e o Brasil (um título cada). Sobre a metodologia empregada no levantamento, ver Apêndice I.

impressos no país entre o final do século XIX e início do século XX.

A quantidade de títulos importados na conformação do catálogo da Librería Sociológica indica como Buenos Aires era um ponto importante na circulação de impressos anarquistas em âmbito internacional. Além de quase alcançar a metade do conjunto dos livros e folhetos vendidos, percebe-se a variedade dos locais de origem. Em convergência, a Librería Sociológica também vendia jornais anarquistas publicados em diversas partes do mundo. Em maio de 1898, junto com o catálogo de livros e folhetos, havia o anúncio das seguintes publicações do exterior: *L'Agitazione* (Ancona, Itália), *L'Asino* (Roma, Itália), *La Questione Sociale* (Patterson, Estados Unidos), *L'Avvenire Sociale* (Messina, Itália), *El Despertar* (Nova Iorque, Estados Unidos), *La Idea Libre* (Madri, Espanha), *Le Libertaire* (Paris, França), *Le Temps Nouveaux* (Paris, França), *Le Père Peinard* (Paris, França)[96]. Dessa forma, no âmbito político a presença de tantos impressos de locais tão diversos é uma mostra da conexão da cidade argentina, sobretudo, com a Europa. Quanto à esfera editorial, o consumo de tantas importações reforça que a distribuição das edições anarquistas era pensada internacionalmente. Se percebemos essa orientação no envio das edições portenhas para o exterior, agora nota-se o mesmo aspecto ao olhar para as publicações estrangeiras destinadas a Buenos Aires.

Em 1902, com a repressão desencadeada com a promulgação da Ley de Residencia em resposta à greve geral de novembro do mesmo ano, a polícia fechou a Librería Sociológica e Fortunato Serantoni foi obrigado a se exilar. A lacuna aberta com a perda do mais relevante centro de distribuição de impressos anarquistas foi preenchida, em um primeiro momento, com o *La Protesta Humana*. O jornal passou a anunciar títulos de livros e folhetos à venda em sua redação em abril de 1903. Já no primeiro anúncio há a referência a um barateamento para os interessados em comprar grande quantidade: "a los pedidos mayores de 20 ejemplares se hará un descuento importante"[97]. Três meses depois, a iniciativa foi batizada de Librería Libertaria, nome utilizado nos catálogos seguintes. O aviso de anúncio do nome da nova livraria anarquista de Buenos Aires também confirmou seu próposito: "hemos resuelto vender los libros de propaganda y folletos al precio más barato posible, y a los Centros de Estudios Sociales y Sociedades Obreras, mandaremos todo pedido a precio de costo, no siendo menor de veinte el pedido y pago anticipado"[98]. Outra medida adotada para seguir seu projeto de vender a preços baixos foi a redução dos livros vendidos a 40 e 50 centavos para 30 centavos.

---

[96] *La Protesta Humana*, nº 35, 15/05/1898, p. 4.

[97] "Avisos", *La Protesta Humana*, nº 211, 11/04/1903, p. 4.

[98] "Aviso", *La Protesta Humana*, nº 220, 11/07/1903, p. 3.

Também anunciaram a possibilidade de troca de um livro lido por outro novo mediante pagamento de 10 centavos[99].

O surgimento da Librería Libertaria e sua rapidez em conseguir constituir um catálogo de venda em meio à difícil situação vivida pelos anarquistas portenhos nos primeiros meses de 1903 levou a indagações se o *La Protesta Humana* conseguiu reaver, ao menos em parte, o conjunto de impressos da Librería Sociológica apreendidos pela polícia. Se não temos como saber se havia tal relação na formação da livraria, é possível afirmar que ela existiu nos meses seguintes por meio da intermediação de Isabella Serantoni, companheira de Fortunato que permaneceu em Buenos Aires apesar do exílio de seu marido. A nota publicada em outubro de 1903 informou: "En la Librería Libertaria, Méjico 1602, se ha recibido de la compañera de Serantoni una pequeña pero variada cantidad de folletos, resto del saqueo que todos conocen"[100].

A reestruturação do *La Protesta Humana*, iniciada com John Creaghe assumindo o posto de administrador, conduziu – entre outras mudanças conforme vimos no capítulo anterior – à dissociação da livraria com o projeto do jornal e, por conseguinte, ao abandono da Librería Libertaria. O rebatizado *La Protesta* passou a dedicar exclusivamente suas atenções à manutenção da sua edição diária e dos trabalhos de impressão encomendados à sua gráfica. No final de abril de 1904 (o primeiro mês em que passou a ser publicado diariamente), o jornal anunciou: "Aviso a los que piden libros, folletos, diarios, etc. Todos los pedidos concernientes a la librería deben dirigirse a B. Fueyo. Hacemos esto presente porque la librería nada tiene que ver con el diario. De esta (sic) modo se evitarán confusiones y pérdida de tiempo"[101]. Dias depois, percebemos nas páginas do *La Protesta* o direcionamento das atividades de livraria do jornal para Bautista Fueyo. Em nota intitulada "Biblioteca de 'LA PROTESTA'", o jornal enunciou: "Avisamos a todos los lectores y compañeros que en esta Biblioteca pueden adquirir toda clase de libros, folletos y periódicos que traten de sociología. Pedidos a BAUTISTA FUEYO (sic), Calle Córdoba 359"[102].

Além da relação estabelecida por meio da livraria, há outros indícios da proximidade

---

[99] "Aviso", *La Protesta Humana*, nº 225, 15/08/1903, p. 4.

[100] "Cosas varias", *La Protesta Humana*, nº 236, 31/10/1903, p. 4.

[101] "Aviso", *La Protesta*, nº 280, 28/04/1904, p. 2.

[102] "Biblioteca de La Protesta", *La Protesta*, nº 284, 03/05/1904, p. 4. Ressaltamos que o endereço de Bautista Fueyo indicado nessa nota era o mesmo da sede do *La Protesta*, enquanto sua livraria localizava-se no endereço Paseo de Julio, 1342. Não sabemos se os pedidos realmente eram enviados para o jornal e depois repassados para o livreiro ou se foi um erro de redação ou impressão.

existente entre Bautista Fueyo e o *La Protesta*. A livraria de Fueyo foi um dos pontos de venda, coleta de assinaturas e comunicados do jornal quando este reunia esforços para transformar-se em diário[103]. Outra participação do livreiro nesse processo se deu através da compra de anúncios da sua livraria inseridos nas páginas do jornal, tornando-se anunciante desde o início da fase diária[104]. Ademais, nos anos que se seguiram, Fueyo tornou-se o principal livreiro do anarquismo portenho, além de editar um grande conjunto de livros e folhetos ácratas. Dessa forma, podemos afirmar que Bautista Fueyo foi quem realmente ocupou o vácuo deixado por Fortunato Serantoni.

*

* *

Conforme assinalamos, o funcionamento do circuito editorial anarquista em seus distintos momentos. Acompanhamos desde as formas de financiamento, centradas na subscrição voluntária, até a distribuição dos impressos, voltados para a propaganda. Percebe-se um forte caráter voluntarista em todo circuito. Essa característica foi marcante, ao mesmo tempo, tanto para potencializar como para debilitar seus projetos editoriais. Através do dinheiro arrecado por meio das doações e dos impressos acessíveis a valores simbólicos, os grupos editores publicaram um alto número de títulos com tiragens significativas, mas poucos conseguiram manter suas atividades por um grande período de tempo. Nota-se, portanto, um caráter contraditório da voluntariedade no circuito, pois ela refreou, por um lado, e estimulou, por outro, seu desenvolvimento. Os projetos editoriais ácratas conviveram em um cenário precário, não só do ponto de vista econômico, mas também político, ao sofrer com a repressão policial desencadeada após 1902. Apesar das adversidades, o circuito editorial anarquista ocupou um papel significativo para a cultura impressa portenha, fora sua relevância para o movimento anarquista em outras partes do mundo.

Nesse ponto, a análise editorial nos permite vislumbrar os vínculos transnacionais dos ácratas da época. Se é inegável a importância de Buenos Aires como um centro impressor do anarquismo americano e atlântico nas primeiras décadas do século XIX, é possível ver que sua presença começa a ser consolidada no período estudado. Nesse sentido, ressaltamos o

[103] "Agencias de LA PROTESTA (sic)", *La Protesta*, nº 250, 06/02/1904, p. 1.

[104] É possível encontrar os anúncios da livraria de Bautista Fueyo a partir de *La Protesta*, nº260, 05/04/1904, p.4

envio de dinheiro de cidades estrangeiras para os grupos editores portenhos e a remessa de títulos publicados no Rio da Prata para regiões do Brasil, Estados Unidos e Itália. Destacamos também o intenso fluxo de chegadas e partidas de agentes presentes no circuito. A partir delas, os militantes teciam a trama que envolvia os editores bonaerenses com aqueles de outras cidades do globo. José Prat foi um caso enfatizado por nós, porém há muitos outros que desempenharam função semelhante.

Após voltar nosso olhar para a organização das tarefas relacionadas à edição e à circulação dos impressos, vamos tratar das publicações dos anarquistas portenhos. Quais suportes eram escolhidos? É possível mensurar o alcance das suas publicações? Os preços dos livros e folhetos eram adequados ao bolso do trabalhador? Quais eram os autores e as leituras prediletas dos editores? Vamos responder essas questões nas próximas páginas.

CAPÍTULO 4 – OS PERCURSOS DOS TEXTOS: MEDIAÇÃO EDITORIAL, SUPORTES MATERIAIS E ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

> "As ideias anarquistas, conscientemente desenvolvidas na sua forma atual, são de tal origem recente que se pode facilmente imaginá-las ainda existindo em um período rudimentar de propaganda. Sem dúvida, a grande maioria dos documentos citados nesta coleção está destinada a desaparecer, e quase não merece ser preservada, mas algumas dessas obras certamente marcarão uma época na história do século XIX."
>
> (Élisée Reclus, prefácio a *Bibliographie de l'anarchie*, de Max Nettlau, 1897)

Em seu estudo sobre as publicações anarquistas editadas na América, Max Nettlau fez uma advertência sobre a bibliografia: "si para centenares es un género aburridor, no es sin embargo, un género inútil". Para o autor, ela só é digna de tal juízo quando limita-se ao mero exercício de listar as notórias obras que compõe a "boa" literatura. Esse traço elitista ignora a relação existente entre o surgimento de talentos geniais com a formação do seu entorno, formado a partir do silencioso trabalho da grande massa anônima. Segundo Nettlau, para uma boa compreensão das personagens que se ressaltam deve-se remontar todas as contribuições, mesmo aquelas mais humildes. No campo da literatura, essa é a tarefa da bibliografia, "dando el cuadro del esfuerzo de *todos* (sic) sobre un asunto, y proporcionando así los medios para examinar cuál es el verdadero alcance de la obra saliente de los más eminentes"[1].

Nas próximas páginas buscaremos analisar os impressos anarquistas, como foco nos livros e folhetos, a partir de uma leitura baseada na bibliografia material. Isto é, pretendemos resgatar quais foram os títulos e os autores publicados pelos anarquistas, porém sem esquecer que os textos circulam através de suportes materiais específicos. Como afirma Roger Chartier:

> os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que

[1] NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. *Certamen Internacional de La Protesta*. Buenos Aires: La Protesta, 1927, p. 7.

> as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados.[2]

Dessa forma, analisando os textos e suas conformações, conseguimos interpretar os significados dos livros entre as intenções do autor, as intervenções dos demais agentes da cadeia produtiva dos impressos, como os tradutores, revisores, tipógrafos, e as mediações editorais. Intenta-se, portanto, trabalhar a bibliografia como a sociologia dos textos, no termo cunhado por Donald F. McKenzie[3].

Para ilustrar a importância da análise dos suportes materiais e das mediações editoriais nos estudos bibliográficos, trataremos em especial de um folheto: *Capacidad revolucionaria de la clase obrera*, publicado pelo Los Ácratas em 1897. Em seguida, iremos discutir os principais suportes adotados pelos anarquistas. Por fim, apresentamos uma análise bibliográfica dos livros e folhetos ácratas editados em Buenos Aires entre 1890 e 1905, buscando compreender o alcance das práticas culturais dos libertários na passagem do século XIX para o século XX e quais eram as leituras preferidas.

4.1 – *Capacidad revolucionaria de la clase obrera*: a história de uma leitura errônea?

Publicado em 1897, o folheto *Capacidad revolucionaria de la clase obrera* gerou controvérsias acerca da sua autoria. Em sua folha de rosto não há menções a quem o escreveu, embora no final o texto termine com a seguinte assinatura: "Los Ácratas. Buenos Aires y Barracas, Julio 1º de 1897"[4]. Contudo, é inconclusivo se a firma se refere a quem editou ou a quem publicou a obra. Max Nettlau atribuiu a autoria para o próprio grupo editor[5]. As pesquisas de Santillán[6] e de Oved[7] decidiram não indicar a autoria, imputando ao grupo apenas a responsabilidade enquanto editor. Juan Suriano acompanhou os dois autores e referiu o autor como anônimo[8]. Por sua vez, Gonzalo Zaragoza indicou Emilio Arana como autor,

---

[2] CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002, pp. 61-62.

[3] MCKENZIE, Donald F. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: Edusp, 2018.

[4] CAPACIDAD REVOLUCIONARIA DE LA CLASE OBRERA. Buenos Aires: Los Ácratas, 1897, p.14.

[5] NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: *Certamen Internacional de La Protesta*. Buenos Aires: La Protesta, 1927., p. 21

[6] SANTILLÁN, Diego Abad de Santillán, Bibliografía anarquista argentina. *Timón*, n. 3, 1938, p. 186.

[7] OVED, Iaacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1978, p. 435.

[8] SURIANO, Juan. *Anarquistas:* Cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2001, p. 346.

todavia não fez referências às suas fontes[9]. Contudo, nenhum dos autores citados percebeu que essa não era uma edição original, mas sim uma adaptação de um texto publicado anos antes na Espanha.

Nos percursos da pesquisa, encontramos outro texto homônimo, publicado em 1890 na compilação dos trabalhos enviados para o Segundo Certamen Socialista, realizado em Barcelona em novembro do ano anterior. O autor é Teobaldo Nieva[10]. Em um exercício de comparação entre as duas edições, percebemos que o folheto publicado na Argentina teve sua gênese no trabalho de Nieva, porém sofreu diversas alterações nas mãos do Los Ácratas[11]. Observando o catálogo da Librería Sociológica de Fortunato Serantoni, percebemos que o livreiro florentino vendia exemplares do *Segundo Certamen Socialista* um ano antes do Los Ácratas editar o folheto.[12]

Cotejando a publicação de Barcelona com o folheto bonaerense, nota-se a manutenção de alguns trechos, porém, com a subtração e acréscimos de outros. A primeira intervenção dos editores portenhos é vista logo no início, com a adição de um parágrafo que apresenta a discussão presente no texto: a distinção de classes na sociedade e a exploração dos trabalhadores pelos proprietários. Após essa breve sinopse, o folheto segue:

> Si algo hay raro en el mundo, es, sin duda alguna, que la mayoria de los hombres, la parte más numerosa de la humanidad, esto es: trabajadores todos, fuerza armada, dependientes, criados, miserables y despojados, en una palabra, *desheredados del patrimonio universal*, se dejen supeditar y espoliar por los menos y que aquellos permanezcan aquiescentes y sumisos, obedientes y respetuosos, agradecidos y serviciales, ante los que les explotan, oprimen y maltratan, ante aquellos que les perjudican y rodean de privaciones, véjamenes y desprecios, obligándolos a hacer cosas difíciles y repugnantes, contrarias á su voluntad, á sus gustos y comodidades, á su propria salud y vida[13].

---

[9] ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo Argentino* (1876-1902). Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996, p. 165 e p. 516.

[10] NIEVA, Teobaldo. Capacidad Revolucionaria de la Clase Obrera. In.: SEGUNDO CERTAMEN SOCIALISTA. Barcelona: Tipografia La Academia, 1890.

[11] Convidamos o leitor para que nos acompanhe lendo as duas edições reproduzidas nos Anexos I e II.

[12] MONTSENY, Juan. *La religión y la cuestión social*. Buenos Aires: Biblioteca de la Questione Sociale, 1896, p. 31.

[13] CAPACIDAD REVOLUCIONARIA DE LA CLASE OBRERA. Buenos Aires: Los Ácratas, 1897, p.3. Grifos originais.

Há poucas, mas significativas, alterações em relação ao que Nieva publicou:

> Si algo hay raro en el mundo, es, sin duda alguna, que la mayoría de los hombres, la parte más numerosa del género humano, esto es, trabajadores, fuerza armada de orden público, ejércitos, dependientes, criados, miserables y despojados, de todos los géneros y condiciones, se dejen supeditar por los menos y permanezcan aquiescentes y sumisos, obedientes y respetuosos, agradecidos y serviciales, ante los que les explotan y maltratan, ante aquellos que les perjudican y rodean de privaciones, véjamenes, riesgos y desprecios, obligándolos a hacer, por lo general, cosas difíciles y repugnantes, contrarias á su voluntad, á sus gustos y comodidades, á su propria salud y vida[14].

Na versão de Buenos Aires, percebe-se o uso de mecanismos gráficos e retóricos ausentes no texto de Nieva. A começar pela intervenção mais notória. Após listar os grupos sociais que compõem a parte mais numerosa da humanidade, o folheto portenho faz uma pausa para sintetizar e sublinhar: "en una palabra, *desheredados del patrimonio universal*"[15]. Esse acréscimo não só pode ser considerado como um recurso didático, mas também muda o sentido do que foi expressado. O elemento econômico é reforçado na argumentação pelos editores, ao sublinharem o termo acima e ao incluírem o verbo "espoliar" na continuação da sentença ("se dejen supeditar y espoliar"[16]). Em contraste, Nieva ressalta a questão da opressão e da autoridade, afirmando de forma indignada que a maioria das pessoas se permite ser oprimida por uma minoria, indo na linha do que La Boétie cunhou como a "servidão voluntária"[17].

Os recursos didáticos foram utilizados outras vezes no folheto do Los Ácratas. Em primeiro lugar, há uma divisão do texto em quatro seções, inexistente no texto publicado em Barcelona. Em segundo lugar, na edição de Buenos Aires as referências ao filósofo Pierre-Joseph Proudhon são diferentes daquelas feitas por Teobaldo Nieva. O anarquista catalão

---

[14] NIEVA, Teobaldo. Capacidad revolucionaria de la clase obrera. In.: SEGUNDO CERTAMEN SOCIALISTA Barcelona: Tipografía La Academia, 1890, p.361.

[15] CAPACIDAD REVOLUCIONARIA DE LA CLASE OBRERA. Buenos Aires: Los Ácratas, 1897, p.3. Grifos originais.

[16] Ibidem.

[17] BOÉTIE, Etienne de la. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

citou *De la capacité politique des classes ouvrières*[18], livro de Proudhon publicado postumamente, como sua inspiração direta[19]. Nieva toma como ponto de partida a tese do filósofo francês de que o proletariado, ao adquirir a consciência e organizar-se como uma própria classe com a percepção clara de que os capitalistas representam uma classe antagônica, demonstra ter a potência para se consolidar como um agente político. Todavia, para Nieva, a classe operária demonstrou a partir da AIT que não só é uma força política como também o principal vetor revolucionário da sociedade e, dessa forma:

> dió un paso gigante hacia adelante, separandóse de todos los partidos políticos y agrupandose como *clase*, contra la *clase capitalista*, declarando que *la emancipación de los trabajadores debe ser obra de los trabajadores mismos*. Este sorprendente y prodigioso paso de avance, orientó desde luego al proletariado consciente y enérgico, y determinó, no ya la *capacidad política*, sino *revolucionaria*, teórica y práctica de la clase obrera. Una de las primeras manifestaciones de esta orientación y capacidad revolucionaria fué el sorprendente lema de la *Internacional de los Trabajadores*:
> *No más deberes sin derechos.*
> *No más derechos sin deberes.*[20]

Contudo, tais trechos não se encontram na edição portenha. Os editores do Los Ácratas simplesmente decidiram por sua supressão. Ao invés de reproduzirem a discussão feita por Nieva, os editores fazem outra discussão baseada no pensamento de Proudhon: a questão da propriedade privada[21]. A segunda seção inteira está dedicada às críticas à

---

[18] PROUDHON, Pierre-Joseph. *De la capacité politique des classes ouvrières*. Paris: E.Dentu, 1865. Versão em castelhano: PROUDHON, Pedro José. *La capacidad política de la clase obrera*. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1974.

[19] "Cuando Proudhon escribió su *Capacidad política de la clase obrera*, se complacía aquel gran filósofo revolucionario en reconocer que el proletariado sabía ya que *el capital* era ese enemigo formidable, contra el que debía dirigir su acción común y todas sus rebeldes energías; pero que ignoraban aún los procedimientos y medios de vencerlo y anonadarlo, á fin de triunfar de su omnipotencia."NIEVA, Teobaldo. Capacidad revolucionaria de la clase obrera. In: SEGUNDO CERTAMEN SOCIALISTA Barcelona: Tipografía La Academia, 1890, p.363. Grifos originais.

[20] NIEVA, Teobaldo. Capacidad revolucionaria de la clase obrera. In.: SEGUNDO CERTAMEN SOCIALISTA Barcelona: Tipografía La Academia, 1890, p.363. Grifos originais.

[21] "[...] la expresión más sincera de esta verdad es que la propriedad individual es un robo, apesar de la mistificación que de este aserto se ha formulado acerca del origen de la riqueza. Los que repiten las viejas teorias, los que miran esta verdad superficialmente y los cebados burgueses que sostienen lo contrario, se sonrojan e intimidan al solo oir semejante argumento o fingen tomarlo a risa, porque no tienen lógica suficiente que

propriedade e ao direito de herança. Segundo o texto, nos tempos primitivos, não havia desigualdade social e a terra e seus frutos pertenciam a todos. Porém, a partir da dominação baseada na "ley del más fuerte", a sociedade começa a cindir-se em duas classes: "surge una clase de hombres que trabaja continuamente para mal alimentarse; y otra clase, que recreándose en el ocio, malgasta el producto del pobre paria, al que quita el fruto de su trabajo, le prostituye las hijas y le deshonra la mujer."[22] A discussão sobre o proletariado como classe revolucionária é apresentada no trecho seguinte, quando afirma que a classe operária "dió un paso gigante hacia adelante, separandóse de todo partido político, de toda farsa convencional, agrupandose como clase desheredada, contra la clase capitalista, declarando que *la emancipación de los trabajadores debe ser obra de los trabajadores mismos*[23]." Portanto, as intervenções dos Los Ácratas alteraram a citação original a Proudhon e elidiram a referência direta a AIT, mantendo uma alusão indireta por meio do seu lema.

Na sequência, nota-se que a edição de Buenos Aires sintetiza o texto de Nieva, em geral resumindo longos trechos em parágrafos menores. Contudo, em alguns momentos, o Los Ácratas volta a acrescentar trechos que não existem no original. O anarquista catalão, em certo momento do texto, exemplifica algumas atitudes que um revolucionário adota em seu cotidiano, afirmando que sua posição política "se manifiesta no casándose ni religiosa ni civilmente, sino por la atracción libre de los sexos, y educando a sus hijos para que hagan lo proprio. Esos caracteres no bautizan a sus hijos, rechazan, el enterramiento religioso, el sepelio católico [...][24]." Na versão bonaerense, lê-se:

> Las protestas de los caracteres rebeldes, se manifestarán, no casándose religiosa ni civilmente, sino por la atracción libre de los sexos en la unión, sin la intervención de un tercero; y educando a sus hijos para que hagan lo proprio.

---

contradiga a esta verdad; y sin embargo, este lema destinado a resolver la cuestión social, es sin duda una gran verdad, es lo mejor que ha dicho Proudhon y no podemos menos de suscribar esta sentencia que vale mucho más que todas las sandeces que han sostenido los economistas burgueses." CAPACIDAD REVOLUCIONARIA DE LA CLASE OBRERA. Buenos Aires: Los Ácratas, 1897, pp.4-5.

[22] CAPACIDAD REVOLUCIONARIA DE LA CLASE OBRERA. Buenos Aires: Los Ácratas, 1897, p.5.

[23] CAPACIDAD REVOLUCIONARIA DE LA CLASE OBRERA. Buenos Aires: Los Ácratas, 1897, p.9. Grifos originais.

[24] NIEVA, Teobaldo. Capacidad revolucionaria de la clase obrera. In.: SEGUNDO CERTAMEN SOCIALISTA Barcelona: Tipografía La Academia, 1890, p.368.

> Los seres conscientes demostrarán su carácter rebelde, no siendo celosos de sus compañeras, de sus hijas puesto que no se comprenderá, que considerándolas conscientes, diesen motivo para esos estúpidos celos; además, deben considerarlas con las mismas aspiraciones á la libertad, á la emancipación, que ellos mismos; los caracteres de que venimos hablando no quieren respetar la tiranía del burgués y en este caso demostrarían la tiranía de ellos mismos sobre la mujer, en cuyo caso, esta, tendría que rebelarse sobre la tiranía del padre, marido o compañero, estos caracteres no bautizan á sus hijos, rechazan el enterramiento religioso, el sepelio católico [...][25]

Enquanto na primeira edição a ênfase se encontra em rejeitar a intervenção do Estado e da Igreja na vida privada, a segunda faz emergir uma outra questão: a emancipação feminina. Se ainda prevalece o discurso dirigido a um interlocutor masculino, a intervenção dos editores ressalta a importância da solidariedade com as mulheres e equipara a sua luta contra a opressão dos homens ao conflito entre trabalhadores e burgueses.

Deste modo, por meio da trajetória das publicações de *Capacidad revolucionaria de la clase obrera* podemos notar o papel das mediações editoriais, concluindo que outros agentes da cadeia produtiva dos impressos, além dos autores, também intervêm nos textos. Assim, para se compreender o processo de circulação das ideias por meio dos estudos bibliográficos, deve-se atentar tanto para o autor e seu contexto como para as formas materiais nas quais seus textos foram publicados, traduzidos e reeditados. No processo de transposição do texto para o impresso há inúmeras intervenções que modificam a gama de possíveis significados a serem interpretados no momento da leitura. Assim, inverte-se a preocupação da bibliografia clássica. Ao invés de fazer uma crítica genealógica em busca do texto "puro", que reflete as intenções originais do autor, o olhar centra-se nos mecanismos da transmissão dos impressos, procurando as apropriações que os leitores fazem dos textos. Em suma, como afirma Donald F. McKenzie: "deve-se concluir que qualquer história do livro – sujeita tanto quanto os livros a mudanças tipográficas e materiais – deve ser uma história de leituras errôneas[26]."

[25] CAPACIDAD REVOLUCIONARIA DE LA CLASE OBRERA. Buenos Aires: Los Ácratas, 1897, p.13.
[26] MCKENZIE, Donald F. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: Edusp, 2018, p. 41.

4.2 – Os suportes materiais

Analisando a produção bibliográfica anarquista de Buenos Aires, percebe-se o predomínio do jornal como suporte frente aos demais impressos. Muitos textos não eram publicados diretos em livros ou folhetos, sendo antes publicados em jornais. Uma parte considerável da produção editorial anarquista nesses formatos foi antes publicada de outras maneiras. Essa parte era difundida pela primeira vez sob duas formas: textos publicados em jornais e folhetim. Sob essas formas o texto original era dividido em partes, em cada número do jornal veiculava uma parte. A primeira forma foi a mais comum, também por se tratar da mais simples. A seguir, traremos alguns exemplos.

Figura 4 – *¿Por qué somos anarquistas?* de Saverio Merlino – primeira parte

BUENOS AIRES, 9 DE ENERO DE 1898. NÚM 22

ROTESTA HUMANA

PERIODICO ANARQUISTA

$ 1.00
» 4.00
1.00.

Sale todos los Domingos

NUMERO SUELTO: CINCO CENTAVOS

DIRECCIÓN:
G. LAFARGA
Casilla de Correo Núm. 1227
BUENOS AIRES

¡La Justicia, la Libertad, la Fraternidad, aspiración suprema, nobilísimo deseo, ideal eterno de la humanidad que sufre, bien venidas sean si con ellas se realiza la más grande de todas las conquistas, la conquista del pan; que mientras divago sobre las abstracciones necesarias de un mundo mejor, los ogros del Capital, de la Teocracia y del Poder chupan mi sangre después de explotar mi trabajo, macerar mi cuerpo y esterilizar mi espíritu.

Este grito brutal de brutal egoísmo que á la realidad me trae, es la expresión ruda, descarada del anhelo primero, de la necesidad perentoria que desde la cuna agita á la pobre humanidad que arrastra su penosa existencia, entre hambres y suplicios. Dad pan al hambriento, redimid al esclavo y la Justicia, la Libertad y la Fraternidad no habrán menester de otros soldados que por ellos luchen y sucumban generosamente.

¡Pan, pan para el hambriento que lo demás vendrá por añadidura!

R. MELLA.

Bellezas del militarismo

Encontramos en *La Prensa Militar* los siguien-

¿PORQUÉ SOMOS ANARQUISTAS?

POR

S. F. MERLINO

INTRODUCCIÓN

Todo obrero, todo hombre que tenga un poco de sentido común, estará descontento del estado actual de cosas. Hay quien sufre porque no halla trabajo; quien se lamenta porque esta mal retribuido y el salario no le basta para aplacar su hambre; quien ve con espanto el mañana incierto; quien con terror ve acercarse las enfermedades producidas por un trabajo mortifero; y otros hay que, precozmente viejos, se ven arrojados de la fabrica y no tienen otra perspectiva que morirse de hambre en mitad del arroyo.

Y esto, no es todo aún. Otros mil problemas se agolpan á nuestra mente. Si nos fijamos en las grandes riquezas acumuladas por algunos individuos en todos los paises, nos preguntamos cómo es posible que un hombre haya trabajado y producido en su vida tanto cuanto no son capaces de producir millones de hombres. Y nos preguntamos aún, qué uso puede hacer un millonario de sus riquezas, qué satisfacciones puede de ellas sacar, cómo es posible pueda ver morir de hambre al vecino de al lado sin que la conciencia le remuerda. Y, viceversa, nos pregunganta sin que estas tengan la fuerza para lanzar un debil grito.

Bien pueden los panegiristas del regimen capitalista ensalzar la libertad que se goza bajo este regimen. El obrero se vende libremente para producir; se vende libremente para actuar de espia, para actuar de verdugo, para ser esbirro de los demás obreros, hasta para aplastarlos sangrientamente... á mayor gloria y en beneficio de sus dueños. El obrero es una cosa, un instrumento, una máquina en manos del capitalista, el cual la hace funcionar en su exclusivo beneficio.

Ahora bien; la diferencia entre el obrero que no es socialista-anárquico y aquel que lo es, es esta: uno obra inconscientemente como quiere, como manda el amo, el capitalista; en el taller se somete y busca, para sustraerse á la explotación, convertirse en capataz y oprimir á los demás obreros en mayor escala, si cabe, que lo fué él mismo; y si en fuerza de indecibles privaciones, logra reunir un pequeño capital para establecer un pequeño taller ó un pequeño negocio, explotará tan despiadadamente á sus ex-compañeros como otros hicieron con el; y no querrá fijarse en que la mayor parte de lo que habrá robado al pobre obrero se lo quitarán otros capitalistas mayores que el y el gobierno, insaciables despojadores, pero en cambio buscara rehacerse de las pérdidas que capitalistas y gobierno le infieren, redoblando la explotación de sus victimas.

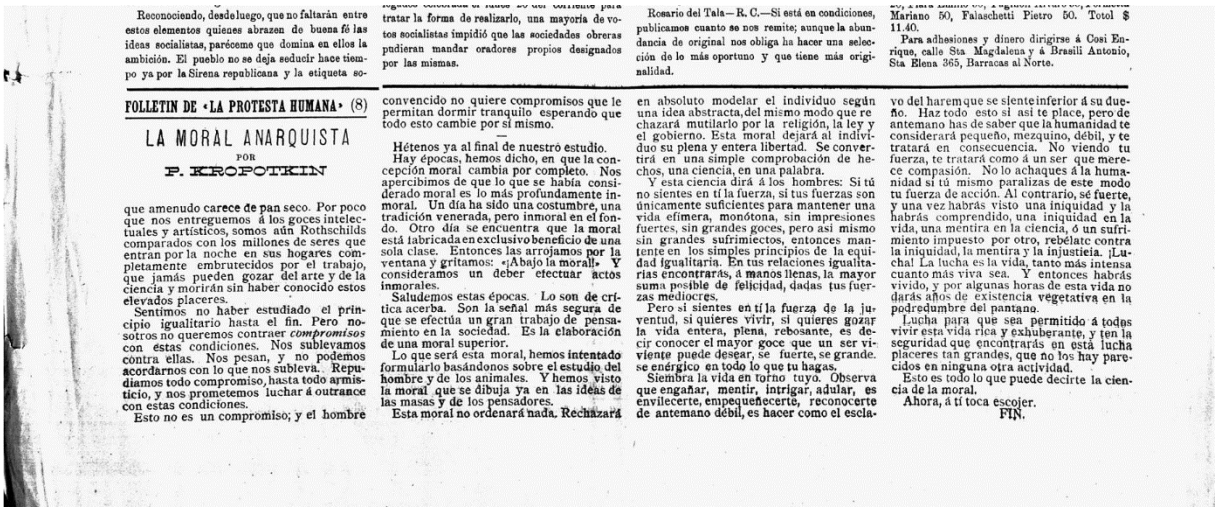
El socialista-anárquico, al contrario, desdeña hacer servir de escabel al compañero para subir él; no busca mejorar su posición convirtiendose en instrumento de la avaricia patronal; no se

Fonte: La Protesta Humana, nº22, 09/01/1898 (Biblioteca digital da UCLA)

Como podemos ver na figura 4, o texto *¿Por qué somos anarquistas?*, de Saverio Merlino foi publicado como um texto entre os demais que compunham o número do jornal. O texto saiu no meio das páginas do *La Protesta Humana*, em partes. Posteriormente, no mesmo ano, o texto foi editado pelo grupo editor do jornal em formato de folheto, sendo o primeiro número da Biblioteca de la Protesta Humana. Diversos outros textos editados em folhetos seguiram o mesmo trajeto do texto de Merlino.

Outra forma era o folhetim. Forma de publicação extremamente comum nos jornais do século XIX, também foi adotada pelos jornais anarquistas. Tratava-se da publicação de textos, divididos em partes e seriados, no pé do jornal. Um exemplo é *La Moral Anarquista*, de Piotr Kropotkin. Antes de ser publicado em folheto pela Biblioteca de la Librería Sociólogica de Fortunato Serantoni em 1898, o texto foi publicado em folhetim, como podemos ver na figura 5, entre 1897 e 1898.

Figura 5 – *La Moral Anarquista* de Piotr Kropotkin – oitava parte



Reconociendo, desde luego, que no faltarán entre estos elementos quienes abrazen de buena fé las ideas socialistas, paréceme que domina en ellos la ambición. El pueblo no se deja seducir hace tiempo ya por la Sirena republicana y la etiqueta so-

tratar la forma de realizarlo, una mayoría de votos socialistas impidió que las sociedades obreras pudieran mandar oradores propios designados por las mismas.

Rosario del Tala—R. C.—Si está en condiciones, publicamos cuanto se nos remite; aunque la abundancia de original nos obliga ha hacer una selección de lo más oportuno y que tiene más originalidad.

Mariano 50, Falaschetti Pietro 50. Totol $ 11.40.

Pars adhesiones y dinero dirigirse á Cosi Enrique, calle Sta Magdalena y á Brasili Antonio, Sta Elena 365, Barracas al Norte.

FOLLETIN DE «LA PROTESTA HUMANA» (8)

LA MORAL ANARQUISTA

POR

P. KROPOTKIN

que amenudo carece de pan seco. Por poco que nos entreguemos á los goces intelectuales y artísticos, somos aún Rothschilds comparados con los millones de seres que entran por la noche en sus hogares completamente embrutecidos por el trabajo, que jamás pueden gozar del arte y de la ciencia y morirán sin haber conocido estos elevados placeres.

Sentimos no haber estudiado el principio igualitario hasta el fin. Pero nosotros no queremos contraer *compromisos* con estas condiciones. Nos sublevamos contra ellas. Nos pesan, y no podemos acordarnos con lo que nos subleva. Repudiamos todo compromiso, hasta todo armisticio, y nos prometemos luchar á outrance con estas condiciones.

Esto no es un compromiso; y el hombre convencido no quiere compromisos que le permitan dormir tranquilo esperando que todo esto cambie por sí mismo.

—

Hétenos ya al final de nuestro estudio.

Hay épocas, hemos dicho, en que la concepción moral cambia por completo. Nos apercibimos de que lo que se había considerado moral es lo más profundamente inmoral. Un día ha sido una costumbre, una tradición venerada, pero inmoral en el fondo. Otro día se encuentra que la moral está fabricada en exclusivo beneficio de una sola clase. Entonces las arrojamos por la ventana y gritamos: «¡Abajo la moral!» Y consideramos un deber efectuar actos inmorales.

Saludemos estas épocas. Lo son de crítica acerba. Son la señal más segura de que se efectúa un gran trabajo de pensamiento en la sociedad. Es la elaboración de una moral superior.

Lo que será esta moral, hemos intentado formularlo basándonos sobre el estudio del hombre y de los animales. Y hemos visto la moral que se dibuja ya en las ideas de las masas y de los pensadores.

Esta moral no ordenará nada. Rechazará en absoluto modelar el individuo según una idea abstracta, del mismo modo que rechazará mutilarlo por la religión, la ley y el gobierno. Esta moral dejará al individuo su plena y entera libertad. Se convertirá en una simple comprobación de hechos, una ciencia, en una palabra.

Y esta ciencia dirá á los hombres: Si tú no sientes en tí la fuerza, si tus fuerzas son únicamente suficientes para mantener una vida efímera, monótona, sin impresiones fuertes, sin grandes goces, pero así mismo sin grandes sufrimiectos, entonces mantente en los simples principios de la equidad igualitaria. En tus relaciones igualitarias encontrarás, á manos llenas, la mayor suma posible de felicidad, dadas tus fuerzas mediocres.

Pero si sientes en tí la fuerza de la juventud, si quieres vivir, si quieres gozar la vida entera, plena, rebosante, es decir conocer el mayor goce que un ser viviente puede desear, se fuerte, se grande, se enérgico en todo lo que tu hagas.

Siembra la vida en torno tuyo. Observa que engañar, mentir, intrigar, adular, es envilecerte, empequeñecerte, reconocerte de antemano débil, es hacer como el esclavo del harem que se siente inferior á su dueño. Haz todo esto si así te place, pero de antemano has de saber que la humanidad te considerará pequeño, mezquino, débil, y te tratará en consecuencia. No viendo tu fuerza, te tratará como á un ser que merece compasión. No lo achaques á la humanidad si tú mismo paralizas de este modo tu fuerza de acción. Al contrario, sé fuerte, y una vez habrás visto una iniquidad y la habrás comprendido, una iniquidad en la vida, una mentira en la ciencia, ó un sufrimiento impuesto por otro, rebélate contra la iniquidad, la mentira y la injusticia. ¡Lucha! La lucha es la vida, tanto más intensa cuanto más viva sea. Y entonces habrás vivido, y por algunas horas de esta vida no darás años de existencia vegetativa en la podredumbre del pantano.

¡Lucha para que sea permitido á todos vivir esta vida rica y exhuberante, y ten la seguridad que encontrarás en esta lucha placeres tan grandes, que no los hay parecidos en ninguna otra actividad.

Esto es todo lo que puede decirte la ciencia de la moral.

Ahora, á tí toca escojer.

FIN.

Fonte: La Protesta Humana, nº 20, 26/12/1897 (Biblioteca digital da UCLA)

Por último, destacamos a forma mais inovadora, mas também a mais rara. Referimo-nos à publicação de textos em fascículos. Todavia, diferentemente das outras duas formas apresentadas, os textos que encontramos publicados em fascículos não tiveram aparição posterior em folhetos ou livros. As três formas guardam uma semelhança entre si: todas são publicações de textos em partes, com uma continuação, formando uma série. A novidade do fascículo perante as demais é que, ao contrário das outras duas, o formato é pensado para o leitor formar sua própria edição, não precisando guardar o jornal para manter o texto.

Um dos casos de publicação em fascículo é o texto *¡Fallido!... Monólogo dedicado a los circulos de estudios sociales*, de Antoni Pellicer i Paraire (figura 6). Publicado no pé da página do *La Protesta Humana*, como nos folhetins, o fascículo diferencia-se por sua diagramação seguir a mesma de um folheto. Na figura X, vemos a publicação da frente do fascículo, que leva as páginas 1 e 4 do fascículo, publicado na página 3 da edição do jornal. Na página seguinte do jornal, a página 4, há o verso do fascículo, com as páginas 2 e 3. Dessa forma, o leitor poderia recortar o jornal e, juntando os fascículos, formar seu próprio folheto.

Figura 6 – *¡Fallido!* de Antoni Pellicer i Paraire – primeira parte

atan, más de lo que se piensa, á los individuos que tienen mucho que perder claudicando abiertamente de mil prejuicios legalitarios, viéndose atados de este modo y muy de todas veras á una *extraviada orientación sociológica*...

José Ingegnieros, siguiendo una serie de estudios escritos sobre los «problemas sociales contemporáneos», hará una buena obra de demolición social, y legalitaria ante todo, como acontece con *La Jornada de Trabajo*.

F. B. BASTERRA.

Desde España

Compañero de «LA PROTESTA HUMANA»

Diciembre del 99.

Por fin parió la burra. El paternal gobierno que nos desadministra ha presentado ya un proyecto de ley de reformas sociales. Ya no nos moriremos de hambre por falta de este nuevo parto de los montes. La famosísima Comisión de reformas sociales que tantos años lleva bregando está de enhorabuena.

Quienes no lo están son los socialistas de Estado. Hallan que la ley es mezquina, deficiente, inferior á la de otros países, de fácil falsear y de ninguna planteación.

El proyecto es relativo al trabajo de la mujer, del niño, á la responsabilidad patronal en los accidentes del trabajo, y al descanso dominical. No podía faltar lo último, aquí donde se tira todo hacia la religiosidad.

Y con decir que hasta los socialistas la encuentran mala ya está hecho todo el elogio. ¿La opinión de los anarquistas? ¿para qué? Las leyes no pueden curar los males sociales: los crean y mantienen. La nueva ley es perfectamente inútil, remedo grosero de las de otros países, plagio puro.

Es decir, inútil no es. Sirve para demostrar hasta la evidencia que, desde el momento que el Estado *quiere protejer al obrero*, confiesa que no lo ha protejido nunca, y por lo tanto sobraba toda legislación existente. Es la mejor confesión: ó de la imbecilidad de las mal llamadas clases directoras que hacen las leyes, ó del secular robo y explotación de que hacen víctima al trabajador. ¡Bonito papel representan, por lo tanto, su tradicional jurídica noción del derecho, su justicia histórica y su sabiduría! Del propio que las leyes existentes favorecían y amparaban la

se cortó la coleta. Grillo, un poeta *grilla*, le largó una endecha á la cortadora que partía los corazones.

Cuento tódas estas minucias pasa convencer á los lectores americanos de como está esto de embrutecido, sin duda porque somos los *hijos predilectísimos* del Santo Padre que está en Roma por equivocación y no en una horca por derecho.

***

La infamia de Montjuich tiene una segunda parte tanto ó más infame que la primera.

La prensa en general tan sosa como siempre, y *convencional*. Bonafoux, desde las columnas de *Vida Nueva* les atiza cada palo que arde troya, pero como si no. La prensa española tendría que pasar por la prueba del fuego. No saldría incólume.

En libros, *Fecondité*, de Zola, al español.

Y me queda en el buche unas ganas de hablar del individualismo ácrata.....pero esto es materia para tratar sobre el terreno.

Y hasta otra, vuestro

URANIA.

franqueza.

Esperamos los que le hemos escuchado y los que le estimamos como amigo y compañero, que no se arredre jamás ante las contrariedades que le opondrá, miedosa de su inteligencia, la sociedad burguesa, y que persevere en la lucha en pro de la idea ácrata que derrocará, en no lejano día, el baluarte corrompido de las actuales instituciones y las preocupaciones sociales.

***

— 4 —

mirla!... (*Levantándose de un salto*). Y que caigas en las garras de los *ingleses*... ¡pillos!... Aunque no sé bien quién es más tunante, si ellos ó yo. ¿Je, je, je! (*Riéndose*). Cuidado que lo he probado todo: cambiar la maquinaria, emplear mujeres, niños... Yo creo que de esto me viene todo el mal, porque me han puesto la fábrica como cosa de roperejero... Pedido entregado, género devuelto por la mala confección... Pongo otra vez hombres; en seguida presentación de tarifas, y huelga... Pero si no habría ganado nada pagando los jornales que se me exigía; si ahora por una bicoca se tienen las tiendas repletas de toda clase de generos... ¡Bandidos!... La verdad es que ellos no tienen toda la culpa; los grandes fabricantes son los que lo echan á perder todo; naturalmente, cuentan con centenares de telares; mujeres y niños los cuidan, dos ó tres ó cuatro cada una... La competencia es terrible... y con la maldita huelga... Esta, sí, que me partió por la mitad. Entonces, ni hombres, ni mujeres, ni niños... la casa llena de telas... para tirar... las telas... tocándose como los dedos de la mano. ¡Nunca hubiera creído que resistiesen tanto esos perdidos, que siempre se quejan que no pueden comer, y se pasan las semanas y meses sin trabajar ¡Y no diga usted nada; porque... de burgués, egoísta, explotador, no te dejan!... Mas, ¿y qué sacamos con preocuparnos de lo que ya no tiene remedio?... No hay que engañarte á ti mismo, Casimiro. Ahora que no me oye nadie, bien puedo reconocer toda la verdad. (*Va recobrando el dominio de sí mismo, á medida que lo requiere el parlamento*). Es más que probable que si no hubiese sido tan calaverón; y me hubiese concretado á ganar poco, ahorrando, aun tendría la propiedad que me legó mi madre, y... ¡pero si no había para nada con ella!... y tantos que derrochan... ¡Hombre, esto sería ser muy torpe! Yo me llamo Guerrero, ¿estamos? y á donde llega otro, quiero llegar yo; de lo contrario sería no tener dignidad, ni cosa que lo parezca... Pero, ¿llegar á dónde? si en estos mismos momentos no tengo casi un céntimo, y debo más de diez mil duros!... (*Pausa*). ¡Ah! ¡si yo hubiese seguido los amorosos consejos de Pepita!... ¡Pobre joven!... Ahora empiezo á creer que me amaba; con seguridad que es la que más me ha querido... pues la primera que tuve... ¿cómo se llamaba?... ¡ah!

¡FALLIDO!...

MONÓLOGO

DEDICADO Á LOS «CIRCULOS DE ESTUDIOS SOCIALES»

POR PARAIRE

Personaje: Don CASIMIRO GUERRERO

La escena representa un salucito bien amueblado, con puertas al fondo y á ambos lados. A la derecha una mesa escritorio. A la izquierda sofá y sillas.

LA ACCION PASA EN BARCELONA, DURANTE EL CARNAVAL

BUENOS AIRES
1900

Fonte: La Protesta Humana, nº 76, 21/01/1900 (Biblioteca digital da UCLA)

Portanto, se ao abordarmos os editores vimos que as funções do trabalho editorial eram muitas vezes mescladas (como Fortunato Serantoni, editor-livreiro-autor ou Pedro Tonini, editor-impressor) notamos o transbordamento do papel do leitor, que com a publicação dos fascículos tinha um papel de intervenção na própria edição que estava lendo.

Porém, mais do que isso, ao analisarmos os três percursos apontados, percebemos que havia um cálculo editorial por parte dos anarquistas. Isto é, antes de gastar dinheiro na impressão de folhetos, muitas vezes os editores preferiram colocar o texto à prova através da sua publicação nos jornais, um meio muito menos custoso.

Percebe-se a centralidade do jornal entre os anarquistas não somente como veículo, mas também no estabelecimento de práticas e estratégias editoriais baseando-as em preceitos característicos da imprensa. O jornal é o principal suporte de publicação, não só como meio de informação, mas também de comunicação, por meio das trocas de mensagens entre os grupos e na difusão de literatura doutrinária.

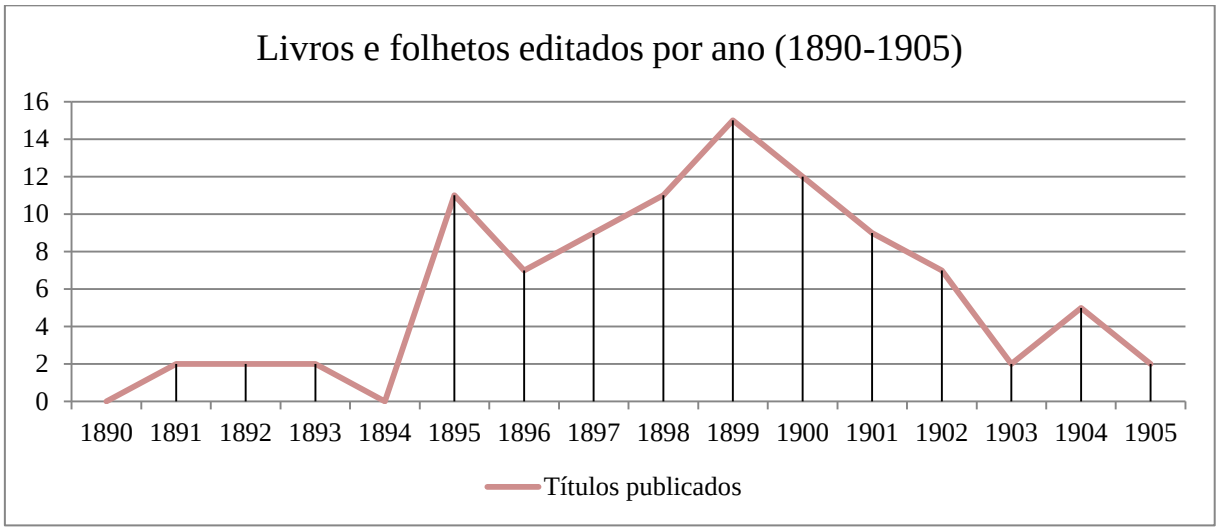
4.3 – A análise bibliográfica dos livros e folhetos anarquistas editados em Buenos Aires (1890-1905)

A seguir, abordaremos a produção editorial anarquista portenha entre 1890 e 1905 sob uma perspectiva quantitativa. Em primeiro lugar, pretendemos verificar o total de edições ao longo do tempo, quais foram as suas tiragens e em quais idiomas foram publicadas. Em seguida, observaremos os preços dos livros e folhetos em comparação com o poder aquisitivo dos trabalhadores de Buenos Aires. Por último, discutiremos quais foram os principais editores e suas escolhas editorias, lançando luz sobre os autores e títulos mais editados nesse período.

4.3.1 – O alcance de uma ideia

Na contagem total, incluindo traduções, reedições e escritos originais, encontramos 96 livros e folhetos publicados por anarquistas ao longo desses quinze anos. Como podemos ver no gráfico 1, a distribuição não foi regular durante todo o período. Iniciou-se um crescimento vertiginoso a partir de 1895, quando foram publicadas onze obras, praticamente o dobro da soma das edições anteriores. A partir de então, o número de títulos publicados por ano se manteve estável até 1902. No ano seguinte voltou a cair e não retornou ao mesmo patamar anterior.

Gráfico 1 - Livros e folhetos anarquistas editados por ano (1890-1905)



Fonte: Dados coletados pelo próprio autor. Para detalhes, ver Apêndice II.

Podemos inferir duas relações entre a evolução das publicações anarquistas e o movimento operário. Nos anos de 1895 e 1896, houve tanto o arranque das edições como o ciclo de greves que representou uma guinada no movimento operário finissecular. Conforme tratamos anteriormente, esses anos foram decisivos para a intensificação do conflito social na Argentina. Pensando nessa relação, também podemos compreender o auge dos livros e folhetos ácratas. Dentro do conjunto total, mais da metade (54 títulos) foram publicados no quinquênio 1898-1902.[27] Nada mais razoável, pois significa que os anarquistas intensificaram sua atividade editorial à medida em que crescia sua influência entre os operários portenhos.

Em relação aos momentos de queda apresentados no gráfico, a justificativa principal está na repressão. O primeiro declínio ocorre logo após a Greve Geral de novembro de 1902. Apesar do estado de sítio ter sido revogado em janeiro de 1903, nesse ano os anarquistas sofreram as consequências da perseguição policial, potencializada com a Lei de Residência. Com isso, não é estranho o fato das edições anarquistas terem se reduzido a dois títulos. Eduardo Gilimón, diretor do *La Protesta* na segunda metade da década de 1900, escreveu sobre a situação dos projetos editoriais nesse contexto:

> En 1903 la vida de las publicaciones anarquistas era difícil. Sin embargo, aparecieron algunas, adoptando el aspecto y las modalidades propias de las

[27] Ver Apêndice II.

> revistas, en vez del de periódicos de combate que caracterizó a casi todos los periódicos de los años antecedentes. Aparte de los obstáculos materiales, falta de escritores, escasez de recursos por el pánico que la represión había originado, era factor importante para la no publicación de periódicos la actitud de la policía, que no se concretaba a deportar a los propagandistas y a quienes en una forma u otra ayudaban a la propaganda, sino que presionaba a los dueños de locales e imprentas para que no pudieran aparecer los periódicos anarquistas. Esta actitud policial se extremaba sobre todo con La Protesta Humana, cuya influencia en el proletariado era conocida.
>
> La colección de aquella época es de una originalidad estupenda. Cada número se imprimía en distinto establecimiento, y se comprende que las imprentas que se prestaban a editar el periódico no eran de las que tenían mejor material. Desde el título hasta la última línea se veía la más desconcertante variedad de tipos de letra.[28]

No ano seguinte, a publicação de cinco títulos é um indicativo do restabelecimento das atividades anarquistas. Em 1905, contudo, há outra quebra. Também nesse ano, apenas duas obras ácratas foram registradas. Uma vez mais, a razão esteve no recrudescimento da ordem policial. Em fevereiro, deflagrou-se a Revolução Radical, que se desenrolou até agosto, com a derrota dos insurgentes. Apesar das organizações operárias terem se mantido afastadas dos eventos, elas sofreram duramente com a instauração de um novo estado de sítio[29]. Um dos livros publicados, *La tiranía del frac* de Alberto Ghiraldo, trata dos eventos na ótica de um perseguido. O autor relata em primeira pessoa sua prisão e, em seguida, a deportação para

[28] GILIMÓN, Eduardo. *Hechos y comentarios y otros escritos*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2011, p. 57.

[29] Para termos uma ideia da repressão sofrida pelos anarquistas, segue a lista de alguns militantes deportados em 1905: "Manuel Vázquez, administrador de "La Protesta" y militante activo de FORA; Cayetano Criado; Guillermo E. Cerfoglio, secretario de la Sociedad de Joyeros; Antonio Marzovillo; Constante Carballo, secretario de la Sociedad Obrera del Puerto; Francisco Luna; Constantino López; José Telechea, de la Confederación de ferrocarrileros; Cipriano López; Vicente Perducca, del sindicato de serradores, Francisco Jacquet, secretario de la FORA y militante activo del movimiento obrero durante muchos años; Benito Puente; Joaquín Hucha, militante conocido del gremio de panaderos; Alfredo Iglesias; José Donato; Antonio Leoncio; Rodolfo Sanchéz; Carlos Balsán; Juan Llorca; Narciso Bartolozzi; Emilio Saavedra; Antonio Rey; Manuel Manrique; Aurelio Paganelli; Francisco Albigni; Bautista Fueyo; Dante Silva; Enrique Bilbao; Francisco Corney; Angel Rivas; Mariano Barrajón; Leopoldo Rodríguez, redactor este último de "La Protesta"; Antonio Loredo, obrero peluquero, etc." SANTILLÁN, Diego Abad de. La Protesta: su historia, sus diversas fases y su significación en el movimiento anarquista de América del Sur. In.: *Certamen Internacional de La Protesta*. Buenos Aires: La Protesta, 1927, p. 39-40.

Montevidéu. Na obra, Ghiraldo faz críticas tanto ao governo de Quintana quanto aos radicais, ambos envolvidos em uma disputa política sem representar nenhum anseio popular[30].

A banda oriental do Rio da Prata foi o destino mais comum para os anarquistas em busca de refúgio nos momentos de repressão. No país vizinho, os militantes prosseguiam suas atividades e, na medida do possível, estabeleciam vínculos com aqueles que permaneciam na cidade. Como era inviável editar livros e folhetos ácratas em Buenos Aires, os impressos publicados em Montevidéu preenchiam, em certa medida, essa lacuna. Vemos, por exemplo, em 1903, o jornal *La Protesta Humana* noticiar a venda de folhetos de um livreiro de Montevidéu. Anunciava-se apenas o preço dos pacotes de 25 exemplares, sem constar outro tipo de venda[31]. É possível imaginar, portanto, que a intenção fosse suprir a demanda não atendida devido ao contexto descrito por Gilimón. Ademais, duas obras de temas específicos da Argentina foram editadas no Uruguai. Em 1903, Félix Basterra lançou seu ensaio sobre a realidade argentina, *El Crepúsculo de los Gauchos*[32], em uma coedição da Libreria de la Universidad de Claudio Garcia com Les Temps Nouveaux, de Paris, projeto editorial dirigido por Jean Grave. *Críticas al Proyecto Gonzalez: Ley Nacional del Trabajo*[33], de García Balsas e Alberto Castro, cujo tema era o projeto de lei trabalhista de Joaquín González, provavelmente foi editado em 1904, ano em que a lei foi apresentada.

Para avaliar a dimensão da produção editorial ácrata, é preciso verificar qual era a tiragem das publicações. A despeito das limitações impostas pela documentação fragmentada[34], acreditamos que as informações coletadas representam uma contribuição relevante para nossa análise. Abaixo, no quadro 2 apresentamos as tiragens de alguns títulos.

---

[30] GHIRALDO, Alberto. *La tírania del frac*: crónica de un preso. Buenos Aires: Biblioteca de Martín Fierro, 1905.

[31] Os títulos anunciados foram: *Generación Voluntaria* (pacote vendido por $1.75), *La anarquía y la Iglesia* ($1.75) e *Por qué de la Huelga General* ($3). O livreiro tinha por nome Hermínio Calabaza, localizado na calle Miguelete, núm. 65. *La Protesta Humana*, ano VII, núm. 234, 17/10/1903, p. 4.

[32] BASTERRA, Félix. *El crepúsculo de los gauchos*. Montevidéu/Paris: Librería de la Universidad/Les Temps Nouveaux, 1903.

[33] BALSAS, C. García; CASTRO, J. Alberto. *Críticas al proyecto González*: Ley Nacional del Trabajo. Montevideo: Aurora, 190[?].

[34] Conseguimos encontrar as tiragens de 27% do conjunto total, isto é, 26 títulos de 96 listados. Ver Apêndice II.

Quadro 2 – Tiragens das edições anarquistas (1890-1905)

Ano	Título	Autor	Tiragem
1892	Entre campesinos (primeira edição)	Errico Malatesta	2.000
1893	Entre campesinos (segunda edição)	Errico Malatesta	5.000
1893	Entre campesinos/Himno Anárquico/Milongas anarquistas	Errico Malatesta e outros	8.000
1895	La conquista del pan	Piotr Kropotkin	2.000
1895	Declaraciones	Georges Etievant	3.000
1895	Como nos diezman	[Vicente March]	3.000
1895	Ravachol	La Expropriación e Ravachol	5.000
1895	La anarquía en la evolución socialista	Piotr Kropotkin	5.000
1895	A las hijas del pueblo (primeira edição)	Anna Maria Mozzoni	2.500
1895	A las muchachas que estudian / La unión libre	Anna Maria Mozzoni / Giovanni Rossi	4.000
1896	La religión y la cuestión social	Juan Montseny	3.000
1896	Un Episodio de amor en la Colonia Cecilia	Giovanni Rossi	3.000
1896	Perché siamo anarchici?/Discorso di Émile Henry	Saverio Merlino/Émile Henry	3.000
1897	Capacidad revolucionaria de la clase obrera	Teobaldo Nieva [Los Ácratas]	2.000
1897	Los crímenes de Dios	Sébastien Faure	5.000
1897	La Moral. Su proclamación - su consecuencia	Grupo de propaganda anárquica El Anti-Autoritario	2.000
1898	¿Por qué somos anarquistas? (primeira edição)	Saverio Merlino	2.500
1898	A las hijas del pueblo (segunda edição)	Anna Maria Mozzoni	4.000
1898	Educación y autoridad paternal	André Girard	4.000
1898	De la patria	Augustin Hamon	10.000
1898	La ley y la autoridad	Piotr Kropotkin	5.000
1899	Anarchia e comunismo	Carlo Cafiero	4.000
1899	Che cosa è l'anarchia/Io accuso!	Domenico Zavattero/Sébastien Faure	4.000
1899	Enseñanza burguesa y enseñanza libertaria	Jean Grave	3.000
1899	Per un innocente d'Italia. Cesare Batacchi condannato all'ergastolo	Fortunato Serantoni	3.000
1902	Verité	Élisée Reclus/ Octave Mirabeau/ Carlo Pisacane	10.000

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor. Para detalhes, ver Apêndice II.

Entre 1892 e 1902, portanto, os anarquistas imprimiram 107.000 cópias dos seus títulos. Se tomarmos como parâmetro a população alfabetizada indicada no Censo de 1904 (754.541 de letrados), a relação é de um exemplar impresso de um livro e folheto ácrata para

cada sete pessoas aptas para ler. Essa proporção só pode ser tomada como uma estimativa razoável ao levarmos em conta algumas ponderações. Primeiro, assim como discutimos no capítulo 1, não existe uma correspondência direta entre capacidade de ler e acesso aos impressos. Apesar de não termos encontrado nenhum caso concreto no período pesquisado, sabe-se que a prática de leitura em voz alta era um recurso muito utilizado pelos militantes libertários[35] e há registro dessa atividade a partir da década de 1910, sob o nome de *lecturas comentadas*[36]. Em segundo lugar, devemos lembrar o ritmo intenso do crescimento da população bonaerense. Com isso, o número apresentado no censo de 1904 perde sua plausibilidade quando confrontado com os anos da década de 1890. A terceira consideração refere-se ao destino das publicações portenhas. Conforme já dito, elas não se limitavam a Buenos Aires e nem à Argentina, sendo enviadas para outras partes do mundo como Brasil, Estados Unidos e Itália. E, finalmente, devemos lembrar que somamos as tiragens de menos de um terço dos títulos editados.

Desse modo, a relação entre impressos e população letrada tem valor meramente especulativo. Ressaltamos que ela nos diz algo somente sobre a capacidade material dos projetos editoriais anarquistas e pouco vale para a entendermos a difusão das suas ideias. Como afirma Lily Litvak, se quisermos decifrar a recepção do anarquismo é preciso ter em mente que "un mismo ejemplar pasaba por varias manos y era conservado y leído repetidas veces. Igualmente en el estudio de la difusión del anarquismo por este medio, no debemos pasar por alto la lectura colectiva del periódico."[37]

Para compreendermos o lugar da atividade editorial anarquista no campo de leitura portenho, é preciso comparar suas tiragens com aquelas alcançadas pela literatura *criollista*, resgatando os números apresentados por Prieto e discutidos por nós outrora. Segundo o autor, títulos como *El moderno payador Candelario* e *Los apuros de un vigilantes*, ambos de 1897,

---

[35] Sobre as práticas de leitura em voz alta e o anarquismo, ver LITVAK, Lily. *Musa Libertaria*: arte, literatura, y vida cultural del anarquismo español (1880-1913). Madri: Fundación Anselmo Lorenzo, 2001, p. 211-238; LITVAK, Lily. Cultura Obrera en Cuba: la lectura colectiva en los talleres de tabaquería. *Educación y biblioteca*. Madri: vol. 16, n. 143, p. 69-73, 2004. NAVARRO, Francisco Javier. *La revolución por la cultura*: prácticas culturales y sociabilidad libertarias en el país valenciano (1931-1939). Valencia: Universitat de Valencia, 2004, p. 147-157. A respeito da leitura em voz alta entre os operários, ver LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças e operários. In.: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Gugliemo (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental, vol. 2*. São Paulo: Editora Ática, 1999, p. 165-202.

[36] BARRANCOS, Dora. "As 'leituras comentadas': um dispositivo para a formação da consciência contestatória entre 1914-1930". *Cadernos AEL*, Campinas, n. 8 e 9. AEL, 1998, pp. 151-161.

[37] LITVAK, Lily. *Musa Libertaria*: arte, literatura, y vida cultural del anarquismo español (1880-1913). Madri: Fundación Anselmo Lorenzo, 2001, p. 212.

tiveram uma impressão de 20.000 cópias[38]. Como observamos no quadro 2, as maiores tiragens de publicações ácratas foram alcançadas por *De la patria*, de Augustin Hamon, publicado em 1898 pelo grupo Los Ácratas, e *Verité*, uma compilação de textos de Élisée Reclus, Carlo Pisacane e Octave Mirabeau, editado em 1902 pelo Defensores de Nuevas Ideas, quando ambas tiveram 10.000 exemplares. Isto posto, nota-se uma inferioridade quantitativa, mas que não deixa de representar números importantes para o período. Basta comparar com os números obtidos por edições de autores considerados da elite letrada. Em 1905, em contraste, Leopoldo Lugones imprimiu 2.000 cópias de seu *La guerra gaucha*. Essa cifra foi a quantidade mínima das publicações ácratas.[39]

Por fim, cabe avaliar a produção impressa dos libertários a partir da questão idiomática. Os títulos encontrados em nosso levantamento se dividem em dois idiomas: espanhol e italiano. O primeiro grupo é o mais numeroso, representando aproximadamente 80%, enquanto o segundo compõe os cerca de 20% restantes[40]. Esses dados são condizentes com a estrutura demográfica de Buenos Aires. A primazia das edições em castelhano acompanha a parcela majoritária dos hispanófonos enquanto as publicações em italiano aproximam-se da porcentagem da população falante do idioma apresentada nos censos de 1895 e 1904, que girou em torno de 25%[41].

4.3.2 – O preço da leitura

Ainda sobre as possibilidades materiais que condicionaram a difusão do anarquismo portenho, faremos uma abordagem sobre os preços dos livros e folhetos. Sobre esse tema, daremos novamente voz para Eduardo Gilimón. Em um trecho muito citado, o militante anarquista fala das facilidades encontradas em Buenos Aires para a atividade editorial. Na sua avaliação, "en pocas partes, en efecto, se lee tanto como en dicha nación. Un cierto desahogo

---

[38] PRIETO, Adolfo, *El discurso criollista en la formación de la Argentina Moderna*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988, p. 67-68.

[39] A respeito dessa comparação, temos que levar em conta as características físicas de cada edição. Enquanto as publicações ácratas eram, em geral, rudimentares, a qualidade do livro enquanto objeto era levada em conta para os leitores cultos, o que refletia no custo de impressão e, por conseguinte, nas tiragens. EUJANIÁN, op. cit, p. 567

[40] Setenta e oito dos títulos foram publicados em espanhol e dezenove em italiano. Um leitor atento aos números deve ter percebido que a soma supera as 96 publicações listadas. Isso porque o *Cancionero revolucionario ilustrado*, editado por Bautista Fueyo em 1905, foi uma edição bilíngue e, dessa forma, foi contabilizada tanto como um título em espanhol quanto em italiano. Ver Apêndice II.

[41] Tratamos do tema no capítulo 1, ver quadro 1. Informações retiradas de BOURDÉ, Guy. *Buenos Aires*: urbanización e inmigración. Buenos Aires: Editora Huemul , 1977, p. 156-157

económico y la diferencia existente entre la moneda del país y las europeas facilita en sumo grado la adquisición de libros." Ele estabelece uma comparação entre o cenário da França e da Argentina:

> Para un obrero europeo que tenga un salario de cinco francos, la adquisición de un libro de un franco representa un gasto de la quinta parte del jornal. El obrero argentino, con un salario de cuatro pesos adquiere ese mismo libro por cuarenta centavos, lo que solamente le representa un dispendio de la décima parte de su salario.[42]

Em primeiro lugar, observaremos a evolução do salário nominal dos trabalhadores portenhos. Em seguida, no quadro 3, listamos algumas categorias e sua remuneração por um dia de trabalho:

Quadro 3 – Jornada dos trabalhadores em Buenos Aires
(em pesos-papel)

Ofícios	1886	1896	1904
Carpinteiros	2,5	3,5	4,5
Ferreiros	3	5,87	3,8
Operário fabril	1	-	3
Padeiros	1	5,5	4
Pedreiros	2,25	4,75	5,25
Sapateiros	1	4,5	4

Fonte: Dados retirados de BOURDÉ, Guy, op. cit, p. 202-204; MAFUD, Julio. *La vida obrera en Argentina*. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1976, p. 213.

No final do século XIX, no entanto, o peso argentino sofreu muito com a desvalorização monetária. Para contê-la, o governo fixou o preço de $1 peso-papel em $0,44 peso-ouro em 1899[43], medida sentida pelos trabalhadores devido à queda de seu poder aquisitivo. Para nos ajudar a ter uma noção do salário real dos trabalhadores, apresentamos os valores das suas jornadas em peso-ouro no quadro 4. Nota-se a diferença encontrada em relação aos números indicados acima.

[42] GILIMÓN, Eduardo, op. cit., p. 48-49.
[43] O peso iniciou sua desvalorização em 1885. Com a crise de 1890, seu valor caiu bruscamente, chegando a um peso-moeda valer 0,25 peso-ouro. Entre 1899 e 1914, o peso-moeda fixou-se em 0,44 peso-ouro. BOURDÉ, Guy, op. cit., p. 204.

Quadro 4 – Jornada dos trabalhadores em Buenos Aires

(em pesos-ouro)

Ofícios	1886	1896	1904
Carpinteiros	1,8	1,2	1,9
Ferreiros	2,1	1,9	1,6
Operário fabril	0,72	-	1
Padeiros	0,72	1,8	1,7
Pedreiros	1,5	1,6	2,3
Sapateiros	0,72	1,5	1,7

Fonte: Dados retirados de BOURDÉ, Guy, op. cit, p. 202-204; MAFUD, Julio. *La vida obrera en Argentina*. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1976, p. 213.

Enquanto os salários dos trabalhadores não acompanharam as variações da moeda, os produtos tiveram inflação alta. Dessa forma, o aumento do salário nominal do período foi anulado pela alta dos preços. Para contrapormos as estatísticas, citaremos dois orçamentos operários na década de 1890. Em *Los Trabajadores en Argentina*, de 1898, o socialista Adrián Patroni fez um dos estudos mais detalhados sobre o cotidiano da classe trabalhadora argentina. Na seção sobre o custo de vida, Patroni traz diversos orçamentos familiares obtidos por questionários respondidos por operários da época. Um deles retrata a vida de um casal com um filho pequeno, onde o pai trabalha como tipógrafo e ganha 80 pesos por mês. Os gastos mensais eram os seguintes: mais ou menos vinte e cinco pesos eram destinados para a alimentação e consumo; vinte para o aluguel; doze para o vestuário; dez para calefação; por fim, dez para gastos diversos, incluindo dois pesos para aquisição de livros e contribuição para "sociedades". No fim do mês, restava três pesos para algum imprevisto[44].

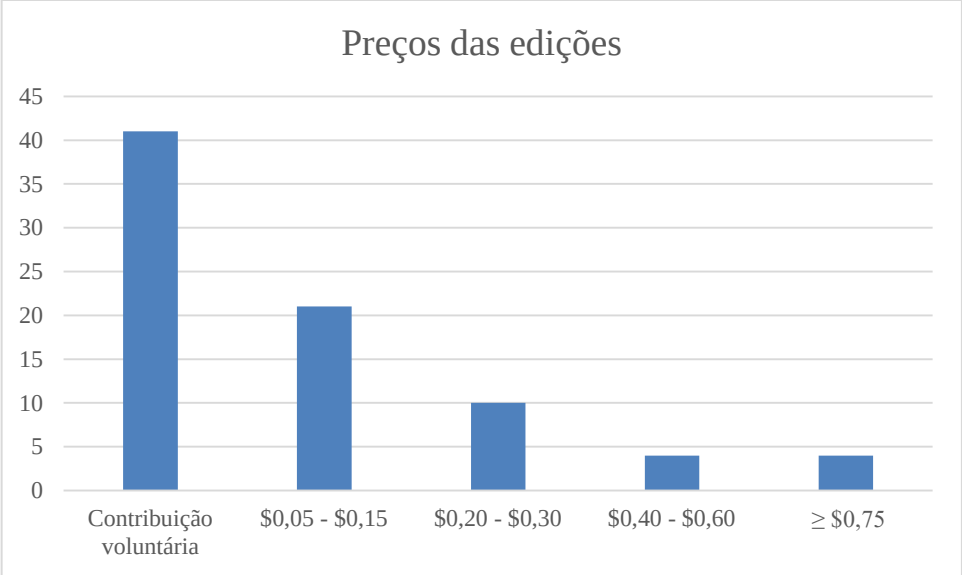
Nem todos conseguiam fechar suas contas. O autor apresenta outra situação: uma família formada por cinco filhos, o mais velho com nove anos, a mãe e o pai, que sustenta a família trabalhando como marceneiro ebanista. Sua jornada é de 4 pesos. Patroni calcula que o máximo de dias trabalhados por ele pode ser de 28, alcançando uma renda mensal de $112. Essa família gasta, por mês, os seguintes valores: 52 pesos para comprar alimentos; 20 para o aluguel; 18 para o vestuário; 12 para a diversão e os "vícios"; 12 para gastos diversos; e, por fim, 3 para gastos relacionados à consultas médicas e farmácia. Para essa família, faltavam cinco pesos para pagar suas despesas mensais.[45]

[44] PATRONI, Adrián. *Los trabajadores en Argentina*. Volume 2. Buenos Aires: CEAL, 1990, p. 185-186.
[45] Idem, p. 184-185.

Os trabalhadores portenhos seguiam penando para arcar com os custos do dia a dia na década seguinte. Segundo as pesquisas do Departamiento Nacional del Trabajo em 1907, quatro a cada dez famílias da classe trabalhadora eram obrigadas a se endividarem para cobrir os gastos do mês. Mais da metade do orçamento mensal era para comprar alimentos e cerca de um terço despendia-se para o aluguel. Não dava para contar com a renda vinda somente do trabalho do pai. Era necessário um complemento, seja por meio do filho, da filha ou da mãe. Caso um dos trabalhadores da família adoecesse, era certo que a família passaria por apuros financeiros.[46]

Dentro desse cenário de penúria, uma pergunta vem à mente: os anarquistas conseguiram tornar suas edições acessíveis ao poder aquisitivo dos operários? Para responde-la, analisaremos os preços dos exemplares. No nosso levantamento bibliográfico, conseguimos identificar o valor de venda de um exemplar único de 80% dos títulos listados. Cerca de 4% indicava apenas o preço de pacotes com vinte ou mais cópias e não conseguimos encontrar informações sobre os 16% restantes[47]. No gráfico 2, dividimos os preços unitários de livros e folhetos em faixas de preços, como pode ser observado abaixo:

Gráfico 2 – Faixas de preços dos livros e folhetos anarquistas publicados em Buenos Aires (1890-1905)



Fonte: Dados coletados pelo próprio autor. Para detalhes, ver Apêndice II.

[46] BOURDÉ, Guy, op. cit., p. 206.

[47] Oitenta edições entraram na composição do gráfico. Quatro títulos indicavam apenas o preço de pacotes e não encontramos informações sobre dezessete publicações. No conjunto total, quatro edições foram distribuídas por contribuição voluntária e, posteriormente, vendidas por $0,10 e uma era vendida, simultaneamente, por $0,15 nas livrarias e nos kioscos, e distribuída por contribuição volunária para os "companheiros". Dessa forma, contabilizamo-nas tanto em uma faixa de preço como na outra. Ver Apêndice II.

A grande parcela das edições era vendida ser ter um preço estipulado pelo editor, sob a forma de "contribuição voluntária", sobre a qual comentamos no capítulo anterior. Esses títulos agrupam aproximadamente 40% do conjunto total[48]. Em seguida, o segundo maior conjunto é a de publicações vendidas por no máximo $0,15, correspondendo a mais ou menos 20%[49]. Atrás encontram-se aquelas com preço que variavam entre 20 e 30 centavos, com 10%[50]. Por fim, tanto a faixa de preço de $0,40 a $0,60, como a de livros e folhetos que custavam, no mínimo $0,75, representavam cerca de 5% cada[51].

Portanto, quase a metade dos títulos ácratas podia ser adquirida por um valor simbólico. Somando esse conjunto com as edições com valor de até $0,15, o montante de obras acessíveis a um preço módico chega a 60%. Dessa forma, ao contrapormos esses dados com os salários nominais acima discutidos, tendo por base os valores apresentados para o ano de 1904, concluímos que a estimativa de Gilimón é conservadora. Isso porque de seis a cada dez edições anarquistas custavam menos do que uma décima parte da jornada de cada categoria abordada: para um operário fabril (o menor salário da tabela), representava 5% do valor recebido por dia e para um pedreiro (o maior salário), respondia a cerca de 3%.

Para uma noção mais concreta, vejamos o que os trabalhadores conseguiam comprar com uma quantia aproximada. Em 1904, o quilo do pão de primeira qualidade custava $0,20, enquanto o de segunda era vendido por $0,13. Com quase o mesmo valor era possível comprar um litro de leite, vendido por $0,12. Por ser um dos produtos que mais subiu devido a inflação argentina do início do século XX, o trabalhador conseguia ter apenas meio quilo de carne bovina, vendida por $0,30 o quilo[52]. Por fim, para andar de bonde, era necessário pagar a passagem de $0,10.[53] Dessa forma, embora o orçamento dos operários fosse bem apertado, eles podiam ter uma edição anarquista sem onerar suas contas.

Cabe frisar que as características físicas dos impressos eram um fator determinante na definição do preço. As obras com maior quantidade de páginas tinham uma impressão mais cara e, geralmente, eram vendidas com um preço maior do que a média. Contudo, nem todos os impressos eram determinados por esse elemento. *La conquista del pan*, com mais de duzentas páginas, foi uma obra custosa para seu grupo editor, acarrentando uma enorme

[48] 41 dos 96 títulos no total. Ver Apêndice II.
[49] 21 dos 96 títulos no total. Ver Apêndice II.
[50] 10 dos 96 títulos no total. Ver Apêndice II.
[51] Cada faixa de preço citada está composta por 4 dos 96 títulos no total. Ver Apêndice II.
[52] Preços retirados de FERRERAS, Norberto, *O cotidiano dos trabalhadores de Buenos Aires (1880-1920)*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2006, p. 131-134.
[53] BOURDÉ, Guy, op. cit., p. 104.

dívida, já que foi distribuída por contribuição voluntária. A revista *El Sol*, dirigida por Alberto Ghiraldo, imprimiu *Revolucionarios* e vendia a publicação de trinta e duas páginas por $0,50. Essa difícil distinção nos impede separar claramente "folheto" e "livro". Até porque os próprios agentes não viam a necessidade de diferenciar seus impressos nessas duas categorias[54].

Em comparação com outras iniciativas editoriais, os impressos anarquistas listados com maior preço não estavam muito acima da média do mercado de livros populares argentino. Como vimos no capítulo 1, o jornal *La Nación* iniciou sua coleção de livros populares em 1902. O valor estipulado variava para os assinantes e não assinantes, mas girava em torno de $0,50. Indiscutivelmente a empresa da família Mitre possuía condições materiais muito superiores aos dos grupos editores aqui apresentados. No entanto, ao confrontarmos algumas edições, percebemos que elas eram vendidas por um preço próximo ao das obras difundidas pela Biblioteca de la Nación. *Conferencias populares sobre sociología*, com cento e oito páginas e escrito por Pellicer i Paraire, foi lançado pelo valor de $0,60 em 1900. No mesmo ano em que foi fundada a coleção do *La Nación*, Fortunato Serantoni imprimia a segunda edição portenha de *La sociedad moribunda y la anarquía* de Jean Grave com mais de trezentas páginas, vendido por $0,75[55].

As publicações que tinham alto preço custavam a sair. Em 1895, Pedro Tonini foi o responsável pela primeira edição de *La sociedad moribunda y la anarquía* de Jean Grave, com o preço fixado de $1,5. O valor afastou seus possíveis leitores e a obra foi um fracasso de venda. Em mais uma intervenção redentora para as finanças dos projetos editoriais anarquistas, John Creaghe comprou os exemplares que Tonini tinha em mãos e decidiu revendê-los por $0,75.[56] Esse caso demonstra que, além da intenção de propagar suas ideias, os ácratas eram forçados pela situação socioeconômica do seu público leitor a baixar os preços das suas publicações.

4.3.3 – Os editores e as leituras selecionadas

No capítulo anterior, tratamos da organização do trabalho editorial e apenas comentamos brevemente quais foram os agentes mais ativos do período. Abaixo, no quadro 5,

[54] Sobre as edições e suas respectivas características físicas, ver Apêndice II.
[55] Ver Apêndice II.
[56] ZARAGOZA, Gonzalo. *Anarquismo argentino* (1876-1902). Madri: Ediciones de la Torre, 1996, p. 160.

indicamos a quantidade de títulos publicados por cada grupo editor. Apenas listamos aqueles que lançaram três ou mais títulos. Como podemos ver, somando todas as publicações desse conjunto temos cerca de 80% do total de títulos listados. Os outros 20% estiveram distribuídos de maneira pulverizada entre catorze grupos.

Quadro 5 – Grupos editores com maior número de publicações (1890-1905)

Grupos editores	Quantidade de títulos
Fortunato Serantoni	27
Los Ácratas	12
La Protesta	8
Pedro Tonini	7
La Expropriación	6
El Rebelde	5
Juventud Comunista Anárquica	5
Bautista Fueyo	4
Imprenta Galileo	3

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor. Para detalhes, ver Apêndice II.

Conforme destacado anteriormente, somando as publicações lançadas pela Biblioteca de la Questione Sociale e pela Biblioteca de la Librería Sociológica, Fortunato Serantoni foi responsável pela edição de quase um terço dos títulos. Sua importância para o circuito editorial anarquista é visível ao notarmos a quantidade de edições promovidas pelo anarquista florentino em comparação com os demais grupos editores. Também é notável a participação dos grupos "antiorganizadores". Reunindo as edições dos grupos Los Ácratas, La Expropriación, El Rebelde e Juventud Comunista Anárquica, temos o total de 28 títulos, ou seja, outro terço da produção impressa do período.

Quais foram os autores mais publicados pelos grupos editores? O quadro 6 nos ajuda a compreender essa questão. Nota-se o destaque dado a dois autores: Errico Malatesta e Piotr Kropotkin. Se compararmos esses dados com a bibliografia do anarquismo global até 1897 e do anarquismo americano até 1915, ambas compiladas por Max Nettlau[57], percebemos que os anarquistas portenhos estiveram dentro de uma tendência internacional. Malatesta e Kropotkin também estavam no topo da lista dos autores mais editados nos dois levantamentos feitos pelo historiador austríaco.

[57] NETTLAU, Max. *Bibliographie de l'anarchie*. Bruxelas/Paris: Bibliothèque des Temps Nouveaux/ P. V. Stock, 1897; NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de América latina hasta 1914. In: *Certamen Internacional de La Protesta*. Buenos Aires: 1927

Quadro 6 – Autores com maior número de edições (1890-1905)

Autores	Quantidades de publicações
Errico Malatesta	10
Piotr Kropotkin	9
Jean Grave	5
Saverio Merlino	5
Anna Maria Mozzoni	4
Pietro Gori	4
Sébastien Faure	4
Élisée Reclus	4
Félix Basterra	3

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor. Para detalhes, ver Apêndice II.

Uma possível razão para Malatesta ser o autor mais publicado pode se encontrar na sua atuação em Buenos Aires entre os anos de 1885 e 1889. No entanto, essa justificativa não é um fator determinante. Isso porque Pietro Gori esteve na Argentina justamente nos anos em que os anarquistas mais editaram livros e folhetos e o advogado libertário não alcançou uma quantidade de títulos fora da média dos demais autores. Além desses, destacaremos dois outros autores presentes nas listas dos mais editados: Anna Maria Mozzoni e Saverio Merlino.

Conforme assinalamos anteriormente, Ana Maria Mozzoni (1837-1920), escolhida para inaugurar a coleção Propaganda Anarquista entre las mujeres, foi militante ativa do socialismo italiano. Escreveu diversas obras sobre a questão feminina, defendendo a igualdade política entre os gêneros, e uma das suas principais pautas foi a defesa do sufrágio feminino. Próxima da maçonaria, mas distante do anticlericalismo, a autora era crítica contumaz da influência da Igreja sobre as mulheres.[58]

Voltando nosso olhar para as bibliografias escritas por Nettlau, percebemos que Saverio Merlino também tinha muitas publicações em outras partes do globo. Contudo, o advogado ácrata abandonou as fileiras libertárias em 1894 e se tornou socialista, polemizando com sua antiga doutrina[59]. A despeito da sua mudança ideológica, seus textos escritos no período anarquista não foram abandonados. As quatro publicações de Merlino foram lançadas

[58] GIANNI, Emilio (Org.). MOZZONI Marianna (Anna Maria). In: GIANNI, Emilio (Org.). *Archivo Biografico dei Movimento Operaio*. Genova: Archivo Biografico Dei Movimento Operaio, 2013. Disponível em: <http://www.archiviobiograficomovimentooperaio.org/it/component/k2/item/26200-mozzoni-marianna-anna-maria>. Acesso em: 11 fev. 2018.

[59] Sobre a trajetória política de Saverio Merlino, ver NETTLAU, Max. *Saverio Merlino*. Montevidéu: Edizioni Studi Sociali, 1948.

quando o napolitano já era socialista. Apesar dessa postura tolerante por parte dos editores ao separar a obra do autor, era preciso deixar claro que os textos publicados eram da sua primeira fase. Em 1904, o *La Protesta* veiculou em suas páginas o artigo "El lado fósil del socialismo contemporáneo" com uma nota esclarecendo que o texto foi escrito em 1889.[60]

Acreditamos que o fato de Merlino e Mozzoni serem dois dos autores mais publicados pelos anarquistas denota o caráter antidogmático presente nos grupos. Não são apenas autores não anarquistas, mas sim figuras que representavam, cada um de uma forma, posições polêmicas dentro do movimento. Enquanto Mozzoni era árdua defensora do voto feminino, um ponto de grande discórdia entre os ácratas, Merlino deixou de ser anarquista e passou a criticar a ideologia libertária. A despeito dos pontos conflitantes, ambos escreveram textos que, aos olhos dos editores, convergiam com seus interesses e serviam de propaganda para suas próprias ideias.

Ainda sobre a seleção feita pelos editores sobre quais leituras publicar, trataremos agora dos títulos mais editados. No quadro 7, vemos quais foram reeditados e suas respectivas tiragens. Os três autores que acabamos de comentar encabeçam a lista, tanto no número de reedições quanto nos exemplares impressos. Malatesta está novamente à frente. Vale ressaltar a presença de Benjamin Motta como um dos poucos autores que teve algum título reeditado do período. O anarquista de São Paulo manteve estreito contato com Buenos Aires, correspondendo-se com várias correntes. Ele enviava notícias para os "organizadores" do *La Protesta Humana*, teve um título editado pelos "antiorganizadores" do *El Rebelde* e foi o editor do folheto *Patriotismo*, do socialista José Ingenieros, publicado na capital paulista em 1898[61].

Quadro 7 – Títulos anarquistas reeditados em Buenos Aires (1890-1905)

Títulos	Autores	Quantidade de edições	Exemplares impressos
Entre campesinos	Errico Malatesta	6	15.000
A las hijas del pueblo	Anna Maria Mozzoni	3	6.500
¿Por qué somos anarquistas?	Saverio Merlino	4	5.500
Los crímenes de Dios	Sébastien Faure	2	5.000
Declaraciones	Georges Etievant	2	3.000
Ni Dios ni Patria	Benjamin Motta	2	-
La peste religiosa	Johann Most	2	-

[60] *La Protesta*, ano VIII, n. 256, 26/03/1904, p. 2.
[61] INGENIEROS, José. *Patriotismo*. São Paulo: Typographia Internacional, 1898.

La sociedad moribunda y la anarquía	Jean Grave	2	-
A mi hermano el campesino	Élisée Reclus	2	-

Fonte: Dados coletados pelo próprio autor. Para detalhes, ver Apêndice II.

Não temos os dados de tiragem de quatro das reedições do período, como vimos no quadro acima. Duas das publicações listadas tiveram edições em espanhol e em italiano. Foram os casos do folheto de Saverio Merlino e de Sébastien Faure. Desse autor, foi editado *I delitti di Dio* e *Los crímenes de Dios*, o mesmo texto, mas em idiomas diferentes. O título de Merlino teve duas edições em italiano – uma em 1896 e outra em 1900, ambas de Fortunato Serantoni – e outras duas em espanhol – publicadas em 1898 e 1902 pelo *La Protesta Humana*.

No caso do anarquista italiano, chama a atenção o curto intervalo de tempo entre as reedições. Também foi o caso *Declaraciones*, de Georges Etievant. Publicado pela primeira vez em 1895, com a impressão de 3.000 cópias[62], apenas dois anos depois foi reeditado pelo Los Ácratas em uma edição conjugada com *Consecuencias del Estado*, de Marcial Lores. Situações semelhantes ocorreram com *La sociedad moribunda y la anarquía*, de Jean Grave (publicado pela primeira vez em 1895 e reeditado em 1902), *A mi hermano el campesino*, de Élisée Reclus (também lançado em 1895 e 1902) e *La peste religiosa*, de Johann Most (primeira publicação em 1899, segunda em 1901). As reedições separadas por poucos anos representam o rápido esgotamento das tiragens. Caso mais significativo foi de *A las hijas del pueblo*, de Anna Maria Mozzoni. Fortunato Serantoni editou esse folheto em 1895, como o primeiro número da coleção Propaganda emancipadora entre las mujeres[63]. No quarto volume – *A las proletarias*, de Soledad Gustavo – lançado no ano seguinte, o editor anunciou seu catálogo e indicou que o título de Mozzoni tinha se esgotado[64]. Ou seja, 2.500 exemplares foram distribuídos em um ano. Em 1898, Serantoni faz uma nova edição com tiragem de 4.000 cópias[65]. Quatro anos depois, o mesmo título foi impresso novamente pelo *La Protesta Humana*[66], mas com tiragem desconhecida.

[62] ETIEVANT, Georges. Declaraciones. In.: ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). *Folletos Anarquistas en Buenos Aires*: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropriación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, p. 243.
[63] MOZZONI, Anna Maria. *A las hijas del pueblo*. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1895.
[64] GUSTAVO, Soledad. *A las proletarias*. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1896, p. 15.
[65] *La Protesta Humana*, ano II, n. 25, 30/01/1898, p.1; *La Protesta Humana*, ano II, n. 27, 13/02/1898, p.4
[66] *La Protesta Humana*, ano IV, n. 201, 21/11/1902, p. 4

No entanto, nenhum título foi tão impresso quanto *Entre campesinos*, de Errico Malatesta. Ao todo, teve seis reedições. A primeira ocorreu em 1892, quando o Juventud Comunista Anárquica fez uma tiragem de 2.000 cópias[67]. No ano seguinte, o grupo reimprimiu mais 5.000. O editor da oficina gráfica que recebeu a encomenda do grupo decidiu fazer uma edição própria, que incluía também as milongas publicadas nas páginas do *El Perseguido*, e imprimiu 8.000 exemplares[68]. Nas três primeiras edições, publicadas em pouco mais de um ano, o título já atingiu as 15.000 cópias. A quarta edição foi realizada em 1895, por La Expropriación[69]. Dois anos depois, o título foi reimpresso, agora pelo Los Ácratas[70]. Por fim, em 1902, o título conhecia sua última edição do período, nas mãos do grupo El Rebelde[71]. Em suma, *Entre Campesinos* teve, somente em Buenos Aires, seis edições em dez anos.

Por fim, ainda a respeito do folheto de Malatesta, cabe prestar atenção aos seus responsáveis. Os grupos identificados compunham os quadros dos "antiorganizadores". Apesar de considerar o anarquista italiano como um "organizomaníaco"[72] ou então como o "papa Malatesta"[73], não deixavam de reconhecer a qualidade da sua pena para difundir as ideias libertárias. Mais uma prova de que a relação entre os grupos anarquistas foi mais complexa do que a fronteira entre "organizadores" e "antiorganizadores" nos faz pensar.

*

* *

Se antes vimos como os anarquistas faziam para levar a cabo a edição e a circulação dos seus impressos, agora, nesse capítulo, fizemos uma análise bibliográfica dos seus impressos, com ênfase nos livros e folhetos. A história de *Capacidad revolucionaria de la clase obrera* nos lembra da importância dos suportes materiais em pesquisas dessa natureza. Como vimos nesse caso, os editores interviram demasiadamente, dando origem a significados

---

[67] *El Perseguido*, ano III, núm. 40, 10/04/1892, p.4; *El Perseguido*, ano III, núm. 45, 24/07/1892, p.4.
[68] As duas edições de *Entre Campesinos* de 1893 estão relatadas em *El Perseguido*, ano III, núm. 61, 18/06/1893, p.4.
[69] *El Perseguido*, ano VI, núm. 96, 08/12/1895, p. 4.
[70] *La Protesta Humana*, ano I, núm. 11, 24/10/1897, p. 4
[71] GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. *Cadernos AEL*, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 154
[72] *El Perseguido*, ano VI, núm. 61, 21/05/1895, p. 4.
[73] *El Perseguido*, ano VII, núm. 100, 06/12/1896, p. 2.

ausentes na versão original. Ressalta-se, assim, a importância de estudar os textos em seus suportes para compreender a circulação das ideias presentes na formação do anarquismo portenho.

Acerca dos suportes, vimos brevemente como certos textos saíam primeiro nos periódicos para depois terem uma publicação na forma de livro ou folheto. Eles eram veiculados em uma das suas colunas ou então em uma seção especial no pé da página, seja como folhetim ou fascículo. Percebe-se a centralidade do jornal entre as publicações ácratas, não apenas por ser o impresso mais editado, mas também por estabelecer os preceitos editoriais que nortearam a publicação dos demais impressos. Foi o caso do sistema de venda por subscrição, como vimos no capítulo passado, e também por ser o primeiro espaço de publicação de alguns textos, como vimos agora. Através da última prática citada, os editores podiam ter uma mensuração de quais leituras tinham maior aceitação por parte do seu público e, por conseguinte, valeriam o custo de uma edição de livro ou folheto.

Por último, através de uma análise quantitativa, conseguimos dimensionar o alcance das edições anarquistas, através das tiragens e dos preços de venda. Ressaltamos que nossa preocupação foi apontar as informações referentes às condições materiais. Elas, por si só, apenas indicam como se deu o processo de recepção, mas não o determinam. Em um sentido semelhante, encontra-se nossa análise sobre as leituras e os autores mais publicados. Evidentemente, ela não é suficiente para estudarmos o repertório de leituras dos anarquistas portenhos, mas contribui para tal tarefa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa investigação procurou demonstrar a importância do circuito editorial anarquista para a cultura impressa de Buenos Aires. Com a brusca ampliação do público leitor após as campanhas de alfabetização, o ato de ler deixou de ser exclusivo à elite. Os seus novos leitores trouxeram consigo seus gostos, interesses e hábitos de leitura. Dessa forma, ocorreu uma reconfiguração dos campos de leitura, abrigando tanto manifestações da cultura erudita como da cultura popular. Entre os dois campos, houve tensões ao mesmo tempo em que houve contaminações. Nesse espaço marcado pelas contradições entre cultura erudita e popular, inscreveu-se a produção literária ácrata.

O circuito editorial anarquista se organizou em um espaço compartilhado, como afirma Luciana Anapios. Em sua composição, percebemos elementos comuns ao circuito comercial; outros comuns aos projetos editoriais das esquerdas; e, por fim, características específicas ao seu próprio circuito. Tentaremos sintetizar cada uma dessas camadas.

Tal qual os grandes projetos editoriais do período, é notável a importância do jornal em todo o circuito. Sua centralidade entre os anarquistas não se dá apenas como veículo, mas também no estabelecimento de práticas e estratégias editoriais baseando-as em preceitos da imprensa. O jornal é o principal suporte de publicação, não só como meio de informação, mas também de comunicação, por meio das trocas de mensagens entre os grupos, além de ser um vetor de literatura doutrinária. Nota-se também que os folhetos, em sua grande maioria, saíram de tipografias específicas para a impressão de jornais, atentando-se aos seus aspectos físicos. A venda por subscrição também estava presente em outros empreendimentos editoriais do período. Outro traço em comum com o circuito comercial dos impressos é o lugar de relevo do editor-livreiro e do editor-tipógrafo. Essas figuras também foram essenciais para a atividade editorial ácrata, principalmente através de Fortunato Serantoni.

Assim como outros circuitos editoriais do campo da esquerda, os anarquistas compartilharam a crença na difusão da palavra escrita como instrumento de transformação da ordem social vigente, colocando a propaganda como o objetivo central de sua atividade editorial. Ademais, tanto para os anarquistas como para os socialistas, o jornal desempenhou uma importante função de organização. Vimos como o *La Protesta Humana* foi projetado para, entre outras intenções, aglutinar os grupos pró-organização e impulsar a estratégia anarquista de atuação sindical. Um papel homólogo foi desempenhado, entre os socialistas, por *El Obrero*, *El Artesano* e, principalmente, *La Vanguardia*. Desde 1890, os três jornais

reuniram em torno de si os diversos agrupamentos dessa tendência, organizados de acordo com as respectivas identidades étnico-nacionais. A imprensa representou um espaço de ação comum, preparando o terreno para a fundação do Partido Socialista, em 1896[1].

Por fim, cabe sublinhar os elementos específicos do circuito editorial anarquista. Em primeiro lugar, destacamos a busca dos anarquistas em afastar das suas edições o caráter de mercadoria. Nota-se essa pretensão no uso da subscrição voluntária como meio de financiamento. Adaptada do tradicional modelo de venda por subscrição, esse mecanismo era, na prática, um arrecadamento de doações. Aqueles que contribuíam com qualquer quantia não recebiam em troca a publicação. Esse propósito também é visível na distribuição sob a forma de contribuição voluntária. Dessa forma, livros e folhetos não eram precificados e cada pessoa podia obtê-los seja qual fosse o valor que pudesse dar. O voluntarismo dos anarquistas para promover suas edições representou sua força e também sua debilidade. Por um lado, a tentativa de não mercantilizar as publicações trouxe instabilidade econômica para muitos grupos editores, que se viram forçados a abandonar suas ações. No entanto, o apelo às doações e a circulação por quantias simbólicas, fez com que as famílias operárias, mesmo com seu orçamento apertado, pudessem adquirir seus impressos. Além disso, possibilitou aos ácratas a impressão de inúmeros títulos com tiragens elevadas. Talvez o exemplo mais claro dessa realidade contraditória tenha sido o La Expropriación. Ao mesmo tempo em que o grupo foi responsável pela edição de seis títulos, dos quais quatro alcançaram uma tiragem de 16.000 quando somados, todos eles distribuídos sem preço fixado, suas atividades não duraram mais do que oito meses.

As dinâmicas aqui descritas sofreram uma ruptura em 1904, com a transformação do *La Protesta* em diário e a aquisição da sua própria gráfica. Nesse momento, novas práticas foram incorporadas ao circuito, afetando-o como um todo. Se, até então, ele se caracterizava pela estrutura artesanal, na qual a divisão das tarefas editoriais não era clara, o *La Protesta* inaugurou a profissionalização no círculo dos projetos editoriais ácratas, com o uso de profissionais remunerados. Entre os meios de financiamento adotados, foi utilizado, pela primeira vez, a veiculação de anúncios comerciais. Sua nova infraestrutura possibilitou ao jornal alcançar tiragens maiores, consolidando-o como o principal projeto editorial anarquista. É evidente que essa ruptura não ocorreu de forma abrupta. Diversos elementos presentes no

[1] MAZZOLA, Ricardo Martínez. El papel de la prensa en la formación del socialismo en la Argentina (1890-1912). *Historia Politica*: Dossier. Socialismo y cultura en la Argentina (1890-1945), Buenos Aires, n. 87, p.1-15, set. 2016.

circuito editorial anrquista se mantiveram nos anos seguintes ao período estudado. Contudo, é preciso um estudo para compreender o impacto da nova fase do *La Protesta* na história editorial do anarquismo de Buenos Aires.

Outra característica marcante foi sua formação transnacional. Pode-se objetar que existiram relações similares em outros circuitos. Nas edições socialistas, por exemplo, a primeira tradução argentina d' "O Capital" realizada por Juan B. Justo em Buenos Aires foi publicada em Madri[2]. No entanto, tratam-se de episódios, presentes também em outros projetos editoriais, enquanto que o transnacionalismo é constitutivo em todas as esferas do circuito de produção de impressos ácratas. Desde a captação de recursos, impulsionada por meio de doações coletadas por militantes de outros países, até a relação entre os distribuidores e o público leitor, com os pedidos de reedição de títulos portenhos vindos dos Estados Unidos, nota-se que o circuito editorial anarquista é, ao mesmo tempo, condicionado e condiciona a rede transnacional de militância ácrata.

Dessa forma, ao explorarmos como os anarquistas organizaram as tarefas editoriais e de circulação das suas publicações, elucidamos, em parte, os vínculos transnacionais dos anarquistas portenhos. Além da circulação de impressos e recursos através das fronteiras, vistos através das subscrições voluntárias e da distribuição de jornais, livros e folhetos para outros países, passamos brevemente pelo fluxo de ideias e militantes. Nesse sentido, vimos principalmente a conexão entre o anarquismo catalão e o bonaerense, através dos elos entre os anarco-comunistas de Barcelona com os "antiorganizadores", com a ênfase na adoção das estratégias insurrecionais. Por outro lado, percebemos também que as propostas de atuação sindical desenvolvidas na região do Prata se conectavam com a tradição desenvolvida na Espanha desde a Internacional.

Para entender a chegada dessas ideias em Buenos Aires, devem ser feitas duas considerações. A primeira é que tanto as concepções insurrecionais com as sindicais foram apropriadas e ressignificadas. De um lado, os "antiorganizadores", no período estudado, não se utilizaram de ações violentas, apenas as defenderam em seu discurso. Do outro, a FORA se inspirou nas práticas do anarquismo espanhol, mas rompeu em um ponto central da sua doutrina: a neutralidade política dentro das organizações operárias. Com isso, a experiência forista tornou-se a primeira a atrelar organização política com aquelas de cunho econômico, fomentando as bases do anarcossindicalismo adotado, entre outras associações, pela CNT em

[2] Ver TARCUS, Horacio. *Marx en Argentina*: sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires, Siglo XXI, 2007, p. 363-374.

1919. A segunda consideração é que as ideias não circulam de maneira abstrata, mas sim por meio de materiais e agentes. Assim, tem relevância acompanhar o trânsito dos militantes para compreendermos a formação do anarquismo em Buenos Aires. Nessa investigação, apenas esboçamos algo nessa trilha, ao destacar as atuações transatlânticas de alguns nomes como Rafael Roca, Victoriano San José, Fortunato Serantoni e José Prat.

No caso dos militantes citados e de outros que também estiveram presentes exercendo alguma função no circuito, poderiam ser levantadas suas trajetórias biográficas e examiná-las exaustivamente. A partir de uma análise prosopográfica, poderíamos conhecer melhor seus vínculos pessoais e políticos e entender até que ponto eles condicionaram a atividade editorial ácrata. Nos limites dessa pesquisa, foi apenas possível relacionar brevemente as conexões entre Espanha e Argentina. Contudo, é possível explorar em outras direções. Talvez a mais clara seja os nexos entre os anarquistas italianos, tanto aqueles que estavam na Itália como outros que se fixaram em noutras partes como em Buenos Aires.

Outro caminho a ser descoberto é o da recepção do anarquismo em Buenos Aires. Nossa pretensão foi tratar da edição e circulação, porém, como existe uma relação estreita entre estas duas esferas e aquela, nossa pesquisa apontou alguns caminhos para essa direção. O levantamento bibliográfico e o catálogo da Librería Sociológica, por exemplo, podem contribuir para uma reflexão sobre o repertório de leituras dos ácratas portenhos. Evidentemente que isso não é o bastante: para tanto, seria necessário olhar atentamente para as ideias difundidas não só através dos livros e folhetos, mas também nos outros impressos e o que as práticas culturais (peças de teatro, conferências, bibliotecas, escolas, entre outras) libertárias veiculavam. Mas estamos já a tratar do objeto de futuras investigações.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

A) Arquivos pesquisados

AEL (Arquivo Edgard Leuenroth - Universidade Estadual de Campinas) – Campinas/Brasil.

Archivo Alfredo Seoane (Biblioteca Popular José Ingenieros) – Buenos Aires/Argentina

Archivo General de la Nación – Buenos Aires/Argentina

Ateneo Anarquista de Constitución – Buenos Aires/Argentina

BAEL-FLA (Biblioteca y Archivo de Estudios Libertarios - Federación Libertaria Argentina) – Buenos Aires/Argentina

Biblioteca digital da UCLA (University of California - Estados Unidos) – disponível online: http://digital2.library.ucla.edu/. Último acesso em: 27/01/2018

Biblioteca Edgard Carone (Museu Republicano - Universidade de São Paulo) – Itu/Brasil.

Biblioteca Popular Juventud Moderna – Mar del Plata/Brasil

Biblioteca Social Fábio Luz – Rio de Janeiro/Brasil

Biblioteca Terra Livre – São Paulo/Brasil

CCS (Centro de Cultura Social) – São Paulo/Brasil

CEDEM (Centro de Documentação e Memória - Universidade Estadual Paulista) – São Paulo/Brasil

CeDInCI (Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas) – Buenos Aires/Argentina

Fundo Max Nettlau, IISG (Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis - Amsterdã, Holanda) – disponível online: https://search.socialhistory.org/Record/ARCH01001. Último acesso em: 27/01/2018.

Lidiap (List of digitalized anarchist periodicals - Bibliothek der Freien, Berlim, Alemanha) – disponível online: http://www.bibliothekderfreien.de/lidiap/eng/index.html. Último acesso em: 27/01/2018.

NELCA (Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri) – Guarujá/Brasil

Portal AméricaLee (Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas - Buenos Aires, Argentina) – disponível online: http://americalee.cedinci.org/. Último acesso em: 27/01/2018.

B) Publicações periódicas consultadas

Almanaque de La Vanguardia para 1899. Buenos Aires: La Vanguardia, 1898

Ciencia Social (Buenos Aires, Argentina)

El Obrero - periódico defensor de los trabajadores (Buenos Aires, Argentina)

El Obrero Panadero (Buenos Aires, Argentina)

El Perseguido (Buenos Aires, Argentina)

El Productor (Barcelona, Espanha)

El Rebelde (Buenos Aires, Argentina)

El Sol (Buenos Aires, Argentina)

L'Avvenire (São Paulo, Brasil)

La Justicia Humana (Barcelona, Espanha)

La Liberté (Buenos Aires, Argentina)

La Protesta (Buenos Aires, Argentina)

La Protesta Humana (Buenos Aires, Argentina)

La Questione Sociale (Buenos Aires, Argentina)

La Questione Sociale (Patterson, Nova Jérsei, Estados Unidos)

La Revolución Social (Barcelona, Espanha)

Les Temps Nouveaux, (Paris, França)

C) Livros e folhetos citados

BALSAS, C. García; CASTRO, J. Alberto. **Críticas al proyecto González**: Ley Nacional del Trabajo. Montevideo: Aurora, 190[?].

BASTERRA, Félix. **El crepúsculo de los gauchos**. Montevidéu/Paris: Librería de la Universidad/Les Temps Nouveaux, 1903.

CAPACIDAD revolucionaria de la clase obrera. Buenos Aires: Los Ácratas, 1897

COMO nos diezman. Buenos Aires: La Expropriación, 1895

ETIEVANT, Georges. **Declaraciones**. Buenos Aires: La Expropriación, 1895

GHIRALDO, Alberto. **La tiranía del frac**: crónica de un preso. Buenos Aires: Biblioteca de Martín Fierro, 1905.

GUSTAVO, Soledad. **A las proletarias**. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1896

INGENIEROS, José. **Patriotismo**. São Paulo: Typographia Internacional, 1898.

KROPOTKIN, Piotr. **La Anarquía en la evolución socialista**. Buenos Aires: La Expropriación, 1895

LA EXPROPRIACIÓN; KOENINGSTEIN, François Claudius. **Ravachol**. Buenos Aires: La Expropriación, 1895

MONTSENY, Juan. **La religión y la cuestión social**. Buenos Aires: Biblioteca de la Questione Sociale, 1896

MOZZONI, Anna Maria. **A las hijas del pueblo**. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1895.

NIEVA, Teobaldo. Capacidad Revolucionaria de la Clase Obrera. In.: **SEGUNDO CERTAMEN SOCIALISTA**. Barcelona: Tipografia La Academia, 1890.

ROSSI, Juan. **Un episodio de amor en la Colonia Socialista Cecilia.** Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1896.

SERANTONI, Fortunato. **Per un inocente d' Italia**: Cesare Batacchi, condannato all'ergastolo. Buenos Aires: Librería Sociológica, 1899

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACREE, William. **La lectura cotidiana**: cultura impresa e identidad colectiva en el Río de la Plata. Buenos Aires: Prometeo, 2013

ALBARRACÍN-SARMIENTO, Carlos. **Estructura del Martín Fierro**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1981

ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). **Folletos Anarquistas en Buenos Aires**: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropiación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, p. 243.

ANAPIOS, Luciana. Una promesa de folletos. El rol de la prensa en el movimiento anarquista en la Argentina (1890-1930). **A Contracorriente. Una revista de historia social y literatura en America Latina**. Vol. 8, nº 2, Raleigh, 2011, p. 1-33

_____. Prensa y estrategias editoriales del movimiento anarquista en la Argentina de entreguerras. **Anuario del Instituto de Historia Argentina**, vol. 16, n. 2, La Plata, 2016, p. 1-21

ANDERSON, Benedict. **Sob três bandeiras**: Anarquismo e imaginação anticolonial. Campinas; Fortaleza: Editora da Unicamp; Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2014

BAKUNIN, Mikhail. **Escritos contra Marx**. São Paulo: Editora Imaginário, 2014

BARRANCOS, Dora. **Anarquismo, Educación y Costumbres en la Argentina de principios de siglo**. Buenos Aires: Editorial Contrapunto, 1990.

_____. "As 'leituras comentadas': um dispositivo para a formação da consciência contestatória entre 1914-1930". **Cadernos AEL**, Campinas, n. 8 e 9. AEL, 1998, pp. 151-161.

BAYER, Osvaldo. **Severino Di Giovanni**: el idealista de la violencia. Coyhaique: Sombraysén Editores, 2009

BERTHIER, René. **Poder, classe operária e "ditadura do proletariado"**. São Paulo: Editora Imaginário, 2010

BETTINI, Leonardo. **Bibliografia dell'anarchismo**. 2 vols. Firenze: CP editrice, 1972

BILSKY, Edgardo. **La F.OR.A. y el movimiento obrero (1900-1910)**. 2 vols. Buenos Aires: Centro Editor de la America Latina, 1985

BOÉTIE, Etienne de la. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BOURDÉ, Guy. **Buenos Aires**: urbanización e inmigración. Buenos Aires: Editora Huemul, 1977

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II**. São Paulo: Edusp, 2016

CHAMBAT, Grégory (org.). **Instruir para revoltar**: Fernand Pelloutier e a educação rumo a uma pedagogia da ação direta. São Paulo: Editora Faísca: 2006

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UnB, 1994

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002

CIVES, Diego G. "Ayudemos a quien nos ayuda": la publicidad en La Protesta (1904-1910). In: **Actas de las XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Mar del Plata: UNMdP, 2017. p. 1 - 15. Disponível em: <https://interescuelasmardelplata.files.wordpress.com/2017/09/96-cives.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.

CONDE, Roberto Cortés; GALLO, Ezequiel. **La República Conservadora**. Buenos Aires: Editorial Hyspamerica, 1986

CONSTANZO, Gabriela Anahí. O inadmissível feito história: a ley de residencia de 1902 e a ley de defensa social de 1910 na Argentina. **Verve**, n. 15, São Paulo, jun. 2009, p.229-248

CORDERO, Laura Fernández. Queremos emanciparos: anarquismo y mujer en Buenos Aires de fines del XIX. **Revista Izquierdas**, ano III, nº 6, Santiago (Chile), 2010

_____. Sobre o concerto da imprensa anarquista a partir de Mikhail Bakhtin: um exercício de leitura (Argentina, 1895-1925). **Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição**, n.6, novembro de 2016, p. 151-166.

CUNHA, Eduardo Augusto Souza. "Para além das fronteiras: a história do anarquismo através da ótica transnacional". In: **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**, 2017, Brasília. São Paulo: Anpuh, 2017. p. 1-16.

_____. A subversão cruza o oceano: o debate sobre a organização política entre os anarquistas na Espanha e na Argentina (1874-1896). In: SARMIENTO, Érica (org.) **E-imigração em debate**: novas abordagens na contemporaneidade. Niterói: Editora ASOESC, 2018

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln (orgs.). **Edgard Carone**: leituras marxistas e outros estudos. São Paulo: Xamã, 2004.

DEVOTO, Fernando. **Historia de la inmigración en la Argentina**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003

DOMÍNGUEZ, Lucas. La edición de libros y folletos en la conformación del anarquismo argentino. In: **Coloquio argentino de estudios sobre el libro y la edición**, 1., 2012, La Plata. Memorias. La Plata: Unlp, 2012

EUJANIAN, Alejandro. La cultura: público, autores y editores. In.: BONAUDO, Marta (org). **Nueva Historia Argentina, tomo IV**: Liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999

FALCÓN, Ricardo. **Los orígenes del movimiento obrero (1857-1899)**. Buenos Aires, CEAL, 1984

_____. Los trabajadores y el mundo del trabajo. BONAUDO, Marta. **Nueva História Argentina, tomo IV**: Liberalismo, Estado y Orden Burgués (1852 – 1880). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999

_____. Izquierdas, régimen político, cuestión étnica y cuestión social en Argentina (1890-1912). **Estudios Sociales**, Santa Fe, vol. 40, n. 1, primeiro semestre 2011, p. 193-221.

FERRERAS, Norberto Osvaldo. **O cotidiano dos trabalhadores de Buenos Aires** *(1880-1920)*. Niterói: EdUFF, 2006

_____. A formação da sociedade Argentina contemporânea: sociedade e trabalho entre 1880 e 1920. **História**, vol. 25, n.1, 2006

FORD, A. G.. Argentina and the Baring Crisis of 1890. **Oxford Economic Papers**, Oxford, v. 8, n. 2, p. 127-150, jun. 1956. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/2661728.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2017

FRANCO, Stella Maris. **Luzes e sombras na construção da nação argentina**: os manuais de História Nacional (1868-1912). Bragança Paulista: EDUSF, 2003

FREYMOND, Jacques (org.). **La Primera Internacional**. 2 vols. Madri: Editorial Zero, 1973

GERMANI, Gino. **Política e sociedade numa época de transição**: da sociedade tradicional à sociedade de massas. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973

GIANNI, Emilio (Org.). MOZZONI Marianna (Anna Maria). In: GIANNI, Emilio (Org.). **Archivo Biografico dei Movimento Operaio**. Genova: Archivo Biografico Dei Movimento Operaio, 2013. Disponível em:

<http://www.archiviobiograficomovimentooperaio.org/it/component/k2/item/26200-mozzoni-marianna-anna-maria>. Acesso em: 11 fev. 2018.

GILIMÓN, Eduardo. **Hechos y comentarios y otros escritos**. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2011

GIORDANO, Adriano Paolo. Fortunato Serantoni: l'editore errante dell'anarchia. In: ANTONIOLI, Maurizio (Org.). **Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento**. Pisa: Bfs Edizioni, 2007

GODIO, Julio. **Los orígenes del movimiento obrero**. Buenos Aires, Centro Editor de la America Latina, 1971

GODOY, Clayton Peron Franco de. **Ação direta**: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908). Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GÓMEZ, Francisco de Paula Fernandéz. **Anarcocomunismo en España (1882-1896)**: El grupo de "Gràcia" y sus relaciones internacionales. 2014. 2 v. Tese (Doutorado em História Comparada, Política e Social) – Departament D'Història Moderna I Contemporània, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2014

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. **A bibliografia libertária**: o anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Editora Imaginário, 2001

GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. **Cadernos AEL**, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 154

GUTIÉRREZ, Leandro; ROMERO, Luis Alberto. **Sectores populares, cultura y política**: Buenos Aires en la Entreguerra. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2007

GUTMAN, Margarita; HARDOY, Jorge Enrique. **Buenos Aires**: Historia urbana del área metropolitana. Madri: Editorial MAPFRE, 1992

JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2000

KORN, Francis; SIGAL, Silvia. **Buenos Aires antes del centenario**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2012

KROPOTKIN, Piotr. **Em torno de uma vida**: memórias de um revolucionário. São Paulo: Livraria José Olympio, 1946

_____. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2011

LAFFORGUE, Edmundo. **La escuela popular**: su evolución y su proyección. Buenos Aires: Eudeba, 1980

LENIN, Vladimir. **¿Que hacer?** Buenos Aires: Editorial Anteo, 1972

LIDA, Clara. **Anarquismo y revolución en la España del XIX**. Madri: Siglo XIX, 1972

_____. Los discursos de la clandestinidad en el anarquismo del XIX. **Historia Social**, Valencia: Fundación Instituto de Historia Social, n.17, 1993

_____. Hacia la clandestinidad anarquista: de la Comuna de París a Alcoy. 1871-1874. **Historia Social**, Valencia: Fundación Instituto de Historia Social, n.46, 2003

LIDA, Clara; YANKELEVICH, Pablo (Orgs.). **Cultura y política del anarquismo en España e Iberoamérica**. Cidade de México: El Colegio de Mexico, 2012

LITVAK, Lily. **Musa Libertaria**: arte, literatura, y vida cultural del anarquismo español (1880-1913). Madri: Fundación Anselmo Lorenzo, 2001

_____. **Cultura Obrera en Cuba**: la lectura colectiva en los talleres de tabaquería. *Educación y biblioteca*. Madri: vol. 16, n. 143, p. 69-73, 2004.

LINDEN, Marcel Van der. Globalizando a Historiografia das Classes Trabalhadoras e dos Movimentos Operários: Alguns Pensamentos Preliminares. **Revista Trajetos**, Fortaleza, v. 1, n. 2, jan. 2002, p.1-14

_____. História do Trabalho: o velho, o novo e o global. **Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 1, n. 1, mar. 2009, p.11-26

LUDMER, Josefina, Los escándalos de Juan Moreira. In.: LUDMER, Josefina (org.). **Las culturas de fin de siglo en América Latina**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1994

LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças e operários. In.: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental, vol. 2**. São Paulo: Editora Ática, 1999, p. 165-202.

MADRID, Francisco. Anarquismo e organização na Espanha: Solidaridad Obrera e as origens da CNT. In: COLOMBO, Eduardo (org.). **História do movimento operário revolucionário**. São Paulo: Editora Imaginário, 2004, p. 45-54.

MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. **Antología documental del anarquismo español**: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016

MAFUD, Julio. **La vida obrera en la Argentina**. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1976

MARINI, Gualtiero. **Revolução, anarquia e comunismo**: as origens do socialismo internacionalista italiano (1871-1876). 2016. 387 f. Tese (Doutorado) - Curso de

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016

MAZZOLA, Ricardo Martínez. El papel de la prensa en la formación del socialismo en la Argentina (1890-1912). **Historia Politica**: Dossier. Socialismo y cultura en la Argentina (1890-1945), Buenos Aires, n. 87, p.1-15, set. 2016.

MCKENZIE, Donald F. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. São Paulo: Edusp, 2018.

MELLA, Ricardo. **Organización, agitación y revolución**. Barcelona: Ediciones Tierra y Libertad, 1936

MERBILHAÁ, Margarita. 1900–1910. La época de organización del espacio editorial. In.: DE DIEGO, José (org). **Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014

MUSTO, Marcello (org.). **Trabalhadores, uni-vos!** Antologia Política da Primeira Internacional. São Paulo: Boitempo, 2014

NAVARRO, Francisco Javier. **La revolución por la cultura**: prácticas culturales y sociabilidad libertarias en el país valenciano (1931-1939). Valencia: Universitat de Valencia, 2004, p. 147-157.

NETTLAU, Max. **Bibliographie de l'anarchie**. Bruxelas: Bibliothèque Des Temps Nouveaux, 1897.

_____. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: **Certamen Internacional de La Protesta**. Buenos Aires: La Protesta, 1927, pp. 5-32.

_____. Más sobre la Internacional en Buenos Aires: algunas notícias de los años 1870 a 1873. **Suplemento quincenal de La Protesta**, janeiro de 1928, Buenos Aires: La Protesta, 1928

_____. **Saverio Merlino**. Montevidéu: Edizioni Studi Sociali, 1948.

NIETO, Agustín. Notas críticas en torno al sentido común historiográfico sobre 'el anarquismo argentino'. **A Contracorriente. Una revista de historia social y literatura en America Latina**. Vol. 7, nº 3, Raleigh, 2010, p. 219-248

ODDONE, Jacinto. **Gremialismo proletario argentino**: su origen, su desarollo, sus errores. Su ocaso como movimiento democrático libre. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1975

OLIVEIRA, Rodrigo de La Torre. **Públicos leitores em formação**: popularização das coleções de livros na Argentina (1901-1924). 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado) -

Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010

ORTIZ, Ricardo M. **Historia económica de la Argentina**: 1850-1930. 2 vols. Buenos Aires: Pampa y Cielo, 1964

OVED, Iaacov. **El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina**. Cidade do México: Siglo XXI, 1978

_____. Influencia del anarquismo español sobre la formación del anarquismo argentino. **Estudios Interdisciplinarios del America Latina y Caribe**, Tel Aviv, vol. 2, n.1, jan.1991

PASTORMELO, Sergio. 1880-1899: el surgimiento de un mercado editorial. In.: DE DIEGO, José (org). **Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014

PATRONI, Adrián. **Los trabajadores en Argentina**. 2 vols. Buenos Aires: CEAL, 1990, p. 185-186.

PELLOUTIER, Fernand. **Historia de las bolsas del trabajo**: los orígenes del sindicalismo revolucionario. Bilbao: Editorial Zero, 1978

PEREIRA, Dionisio; FERNÁNDEZ, Elisio. **O anarquismo na Galizia**. Santiago de Compostela: Editora Positivas, 2004

_____. **O anarquismo e os sindicatos operários**. São Paulo: Editora Imaginário, 2013

PLANAS, Javier. Bibliotecas populares en la Argentina decimonónica. Aproximaciones críticas a una política de lectura. In: **Actas de la I Jornada de intercambio y reflexión acerca de la investigación en bibliotecología**. La Plata, 6-7 de diciembre de 2010. La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata, 2010

_____. **Libros, lectores y lecturas**: Las bibliotecas populares en la Argentina entre 1870 y 1876. 2012. 169 f. Dissertação de mestrado - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata. La Plata, 2012. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.799/te.799.pdf. Acesso em 12/11/2017

_____. **Hacer las reglas del hacer**: concepciones y rutinas bibliotecarias en los reglamentos de las bibliotecas populares en la Argentina (1870-1875). *Revista de História Regional*, [s.l.], v. 19, n. 1, p.203-226, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5212/rev.hist.reg.v.19i1.0009>. Acesso em: 23 nov. 2017

PRAT, José. **Ser o no ser**: trabajo leído en la "Sociedad de obreros albañiles" de Gracia (Barcelona) en el día 14 de mayo de 1904. Barcelona: Biblioteca El Productor, 1905

PRIETO, Adolfo. **El discurso criollista en la formación de la Argentina moderna**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988

PROUDHON, Pierre-Joseph. **De la capacité politique des classes ouvrières**. Paris: E.Dentu, 1865.

_____. **La capacidad política de la clase obrera**. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1974.

_____. **Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria**. Tomo I. São Paulo: Editora Ícone, 2003

PUIGGRÓS, Adriana. **¿Que pasó en la educación argentina?** Buenos Aires: Editorial Galema, 2003

PUIGGRÓS, Rodolfo. **Historia economica del Río de la Plata**. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1948

RIVERA, Jorge. **El folletín**: Eduardo Gutiérrez. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980

QUESADA, Ernesto. **El criollismo en la literatura argentina**. Buenos Aires: Imprenta y Casa Editora Coni Hermanos, 1902

ROMERO, José Luis. **Las ideas políticas en Argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1987

SAGASTIZÁBAL, Leandro de. **La edición de libros en la Argentina**: Una empresa de cultura. Buenos Aires: Eudeba, 1995

_____. **Diseñar una nación**: Un estudio sobre la edición en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Editorial Norma, 2002

SAMIS, Alexandre. **Negras Tormentas**: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris. São Paulo: Editora Hedra, 2011

SAMIS, Alexandre; TAVARES, Milton (orgs.). **Caderno de formação**: anarquismo e sindicalismo. Rio de Janeiro: SINDSCOPE, 2012

SANTILLÁN, Diego Abad de. La Protesta. Su historia, sus diversas fases y su significación en el movimiento anarquista de América del Sur. In.: **Certamen Internacional de La Protesta**. Buenos Aires: La Protesta, 1927

_____. **El movimiento anarquista en la Argentina**: Desde sus comienzos hasta el año 1910. Buenos Aires: Argonauta, 1930

_____. **Bibliografía anarquista argentina**. *Timón*, n. 3, 1938

_____. **La FORA**: ideología y trayectoria del movimiento obrero revolucionario en la Argentina. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Educación Común**. Santiago: Imprenta del Ferrocarril, 1856

_____. **Educación Popular**. La Plata: UNIPE, 2011

SCOBIE, James R. **Revolution on the Pampas**: a social history of argentine wheat, 1860-1910. Austin: University of Texas Press, 1964.

_____. **Buenos Aires**: Plaza to suburb. Nova Iorque: Oxford University Press, 1974

SEIXAS, Jacy Alves de. Anarquismo e socialismo no Brasil: as fontes positivistas e darwinistas sociais. **Revista História & Perspectivas**, Uberlândia, n.12/13, jan./dez/1995

SHAFFER, Kirwin. **Havana hub**: Cuban anarchism, radical media and the trans-caribbean anarchist network, 1902-1915. Caribbean Studies, Río Piedras, vol. 37, n. 2, jul.-dez. 2009, p. 45-81

SHAFFER, Kirwin; LAFORCADE, Geoffroy de (orgs.). **In defiance of boundaries**: Anarchism in latin american history. Gainesville: University Press of Florida, 2015

SHUNWAY, Nicolás. *La invención de la Argentina*: historia de una idea. Buenos Aires: Emecé, 1993

SMITH, Peter H. **Carne y politica en la Argentina**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968

SOARES, Gabriela Pellegrino. **Semear horizontes**: Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007

SOLOMONOFF, Jorge N. **Ideologías del movimiento obrero y conflicto social**: de la Organización Nacional hasta la Primera Guerra Mundial. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 1988

SURIANO, Juan. **Anarquistas**: Cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890 - 1910. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2001

TARCUS, Horacio. **Marx en Argentina**: sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires: Siglo XIX, 2007

_____ (org.). **Diccionario biográfico de la izquierda argentina (1870-1976)**. Buenos Aires: Emecé, 2007

TEDESCO, Juan Carlos. **Educación y sociedad en la Argentina (1880-1945)**. Buenos Aires: Solar, 1993

TURCATO, Davide. Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915. **International Review of Social History,** Amsterdã, v. 52, n. 03, nov. 2007, p. 407-444

_____. **Making sense of anarchism**: the experiments with revolution of Errico Malatesta, Italian exile in London (1889-1900). 433 f. Tese (Doutorado em História) - Department of History, Simon Fraser University, Burnaby, Canadá, 2009

VALADES, José. Documentos para la historia del anarquismo en América. In: **Certamen Internacional de La Protesta**. Buenos Aires, 1927

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ZARAGOZA, Gonzalo. Antoni Pellicer i Paraire i l'anarquisme argentí. **Recerques**: Història, Economia, Cultura, Barcelona, v. 7, p. 99-115, jan. 1978

_____. **Anarquismo Argentino (1876-1902)**. Buenos Aires: Ediciones de La Torre, 1996.

APÊNDICE I - Catálogo da Librería Sociológica (1894-1902)

Através dos catálogos de títulos à venda publicados por Serantoni nas páginas do La Protesta Humana e nas suas próprias publicações, conseguimos elaborar um levantamento das obras que eram vendidas na Librería Sociólogica. Todavia, nesses catálogos somente eram informados os títulos, seus respectivos autores e os preços. Em alguns casos sequer era informado o autor. Para superar essa dificuldade, fizemos um cruzamento dos dados coletados com o levantamento da produção bibliográfica do anarquismo espanhol, feita por Ignacio Soriano e Francisco Madrid [1] e italiano, de autoria de Leonardo Bettini. [2] Ademais, consultamos também o catálogo do acervo do *Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis* (IISG)[3] de Amsterdã. Por meio desse levantamento, elaboramos a lista de títulos distribuídos pela *Librería Sociológica* entre os anos de 1894 e 1902, acrescentando informações como os autores, os grupos responsáveis pelas edições e em qual ano tais títulos foram publicados[4].

Quadro 8 – Livros e folhetos vendidos pela Librería Sociológica (1894-1902)

Ano da edição	Título (Idioma)	Autor/Tradutor	Editor (cidade/país)	Preço
-	Al giovani (italiano)	Piotr Kropotkin	-	$0,10
-	Barlumi D'Ideale (italiano)	-	-	$0,20
-	El derecho a la pereza (espanhol)	Paul Lafargue	-	$0,25
-	Los instigadores (espanhol)	T. Turatti	-	-
-	Los deberes del soldado (espanhol)	Leon Tolstoi	-	$0,25

[1] MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antologia documental del anarquismo español*: Bibliografia e Historiografia. Barcelona: CEDALL, 2016.
[2] BETTINI, Leonardo. *Bibliografia dell'anarchismo*. 2 vols. Firenze: CP editrice, 1972.
[3] Disponível em: https://search.socialhistory.org/.
[4] As informações que não conseguimos identificar estão referidas com o sinal "-". Quando nas próprias edições não constavam as informações, escrevemos "sem data", "sem autor" ou "sem local".

-	Fra contadini (italiano)	Errico Malatesta	-	$0,15
-	El Revolucionario, idilio diabolico (espanhol)	Adolphe Retté	-	$0,20
-	L'uomo é cattivo? (italiano)	Jean Grave	-	$0,05
-	A mio fratello il contadino (italiano)	Élisée Reclus	-	$0,05
-	Il prete, il carabinere e la vittima (romanzo sociale) (italiano)	N. del Vecchio	-	$0,50
-	A los jóvenes (espanhol)	Piotr Kropotkin	-	$0,10
-	Primo Maggio (italiano)	Pietro Gori	-	$0,50
-	La philosophie de l'Anarchie (francês)	Charles Malato	-	$2,75
-	Le dogme et la science (francês)	Emile Janvion	Ed. Le Libertaire (Paris / França)	$0,25
-	Les Temps Nouveaux (francês)	Piotr Kropotkin	Publications de La Révolte (Paris / França)	$0,25
-	La Societá all'indomani della Rivoluzione (italiano)	Jean Grave	-	$0,60
-	Processo Malatesta i compagni (italiano)	-	-	$0,20
-	La nuova gioventú (italiano)	Domenico Zavattero	-	$0,10
-	Alle Fanciulle (italiano)	Anna Mozzoni	-	$0,10
-	La anarquia (espanhol)	Errico Malatesta / tradução: Ricardo Mella	-	$0,15
-	La química de la cuestión social (espanhol)	Teobaldo Nieva	-	$1,50
-	El hombre Libre (espanhol)	Liev Tolstói	-	$0,60

-	Socialismo o monopolismo? Confutazione delle obiezioni in voga contro il Socialismo Anarchico (italiano)	Saverio Merlino	-	$1,30
-	Bases Económicas del derecho (espanhol)	Aquiles Loria	-	$0,30
-	Alla conquista del Pane (italiano)	Paolo Valera	-	$0,50
-	I Farabutti (italiano)	Alberto Costa	-	$1,30
-	Cristo ala festa di Purim (italiano)	Giovanni Bovio	-	$1
-	Preciosas Canciones Anárquicas (espanhol)	-	-	$0,05
-	Evolución y revolución / La Comuna de Paris (espanhol)	Élisée Reclus/ Piotr Kropotkin	-	$0,25
-	Mensage del gobernador de Illinois sobre los mártires de Chicago (espanhol)	-	-	$0,10
-	Gli anarchici e l'art. 248 del cod. pen. italiano. Difesa dell'avv. Pietro Gori al Tribunale penale di Genova (italiano)	Pietro Gori	Tip. Telesca & Rossi (Nova Iorque / Estados Unidos)	$0,15
-	El Contrato Social (espanhol)	Jean Jacques Rousseau	-	$0,40

Sem data	Las ruínas de Palmira (espanhol)	Conde de Volney (Constantin François Chassebeuf)	Biblioteca de Estudios – Imp. Cosmos (Valencia / Espanha)	$1,20
1885	Paroles d'un Révolté (francês)	Piotr Kropotkin	C. Marpon et E. Flammarion Éditeurs (París/ França)	$2,00
1889	¿Dónde está Dios? (español)	Miguel Rey	Tip. La Academia (Barcelona/ Espanha)	$0,10
1890	Segundo Certamen Socialista (espanhol)	Varios autores	Grupo Once de Noviembre/ Tip. La Academia (Barcelona/ Espanha)	$3
1890	El crimen de chicago (espanhol)	Hugh Pentecost Tradução: J.C Campos	Biblioteca de El Productor (Barcelona/ Espanha)	$0,10
1891	En tiempo de elecciones (espanhol)	Errico Malatesta	Biblioteca de El Productor (Barcelona/ Espanha)	$0,10
1891	Sinopsis Social (espanhol)	Ricardo Mella	La Solidaridad (Sevilha/ Espanha)	$0,10
1891	La politica parlamentaria en el movimiento socialista (espanhol)	Errico Malatesta	Biblioteca de El Productor (Barcelona/ Espanha)	$0,10

1892	Perché siamo anarchici? (italiano)	Saverio Merlino	Biblioteca comunista-anarchica del "Grido degli oppressi" (Nova Iorque/ Estados Unidos)	$0,10
1892	Primo passo alla anarquía (italiano)	Edoardo Milano	Sempre Avanti (Livorno/ Itália)	$0,10
1892	Evolución y revolución / El Gobierno Representativo (espanhol)	Ricardo Mella/ Piotr Kropotkin	Grupo de Propaganda Anarquista (Sabadell, Barcelona / Espanha)	$0,10
1893	La anarquía (espanhol)	Errico Malatesta	El Productor (Barcelona/ Espanha)	$0,15
1893	Cecilia, Comunitá Anarchica sperimentale (italiano)	Giovanni Rossi	Tip. Belforte (Livorno/ Itália)	$0,15
1893	La ley de la vida (espanhol)	Juan Montseny	Biblioteca del Grupo de Juventud Anárquica – Imp. Celestino Fernando (Reus/ Espanha)	$0,10
1893	La Societé Mourante et l'Anarchie (francês)	Jean Grave	Tresse & Stock (Paris/ França)	$1,25
1893	Consideraciones sobre el hecho y la muerte de Pallas (espanhol)	Juan Montseny	Biblioteca de El Corsario (La Coruña/ Espanha)	Contribuição voluntária

1893	La ley y la autoridad (espanhol)	Piotr Kropotkin	Biblioteca de El Despertar (Nova Iorque/ Estados Unidos)	$0,10
1893	Los sucesos de Jerez (espanhol)	Ricardo Mella	Sem identificação do editor, somente o local: Barcelona/ Espanha	Contribuição voluntária
1893	La Societé au lendamain de la révolution (francés)	Jean Grave	La Révolte (Paris/ França)	$0,75
1894	Anarquistas literarios (espanhol)	José Martínez Ruiz	Imp. de F. Vives Mora (Valencia/ Espanha)	$0,50
1894	Notas sociales (espanhol)	José Martínez Ruiz	Imp. de F. Vives Mora (Valencia/ Espanha)	$0,30
1894	Socialismo e Scienza Positiva (italiano)	Enrico Ferri	Tip. Italiana (Roma/ Itália)	$1
1895	L'Espropriazione (italiano)	Piotr Kropotkin	L'Avvenire (São Paulo/ Brasil)	$0,15
1895	Apuntes Sociológicos. Del Derecho a la Vida – Del Cambio (espanhol)	David Lence	Biblioteca Ácrata (Barcelona/ Espanha)	$0,25

1895	La Roma libera dei patriotti italiani (italiano)	Francisco Berti	Sem identificação do editor, somente a tipografia e o local: Tipografia y Libreria (Montevidéu/ Uruguai)	Contribuição voluntária
1895	El Estado (espanhol)	Anselmo Lorenzo	Biblioteca Ácrata (Barcelona/ Espanha)	$0,25
1895	El proceso de un gran crimen (espanhol)	Juan Montseny	Biblioteca de El Corsario (La Coruña/ Espanha)	Contribuição voluntária
1895	La anarquia, su filosofia, su ideal (espanhol)	Piotr Kropotkin	Imp. José Gil y Navarro (Madri / Espanha)	Contribuição voluntária
1895	La conquista del pan (espanhol)	Piotr Kropotkin / Tradução: Juan Vila y Pigrau	Juventud Comunista Anárquica (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1895	La sociedade moribunda y la anarquía (espanhol)	Jean Grave / Tradução: Antonio Cursach	Imprenta Elzeviriana (Buenos Aires/ Argentina)	$1,5
1895	Declaraciones (espanhol)	Georges Etievant	La Expropriación (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1895	A mi hermano el campesino (espanhol)	Élisée Reclus	La Expropriación (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária

1895	Como nos diezman (espanhol)	Sem autor	La Expropriación (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1895	Ravachol (espanhol)	*La Expropriación* e Ravachol	La Expropriación (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1895	La anarquía en la evolución socialista (espanhol)	Piotr Kropotkin	La Expropriación (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1895	Entre campesinos (espanhol)	Errico Malatesta	La Expropriación (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1895	Los Anarquistas (espanhol)	Cesare Lombroso	Imprenta Elzeviriana (Buenos Aires/ Argentina)	$0,40
1895	A las hijas del pueblo (1ª edição portenha) (espanhol)	Anna Maria Mozzoni	Biblioteca de la Questione Sociale (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1895	A las muchachas que estudian (espanhol)	Anna Maria Mozzoni	Biblioteca de la Questione Sociale (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1895	¿Donde está Dios? (espanhol)	Miguel Rey	Biblioteca de El Corsario (La Coruña / Espanha)	$0,10
1895	Le due utopie – Studio Sociale (italiano)	Salvatore Visalli	Libreria Internazionale (Messina/ Itália)	$1

1896	La Russia Soterranea – Profili e Bozzeti Rivoluzionari (italiano)	Sergey Stepniak	Tip. Fratelli Treves (Milão/ Itália)	$1
1896	La Sociedad Futura (espanhol)	Jean Grave / Tradução: Luis Marco	Imprenta Elzeviriana (Buenos Aires/ Argentina)	$2
1896	Sentido común y sugestión (espanhol)	Roberto Ardigó	Imprenta Elzeviriana (Buenos Aires/ Argentina)	$0,15
1896	Las huelgas ante la ley (espanhol)	Carlos Malarriga	Imprenta Elzeviriana (Buenos Aires/ Argentina)	-
1896	Per che siamo anarchici? / Discorso di Emile Henry (italiano)	Saverio Merlino / Émile Henry	Biblioteca de la Questione Sociale (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,10
1896	La religión y la cuestión social (espanhol)	Juan Montseny	Biblioteca de la Questione Sociale (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,10
1896	Un Episodio de amor en la Colonia Socialista Cecilia (espanhol)	Giovanni Rossi	Biblioteca de la Questione Sociale (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária

1896	A las proletarias (espanhol)	Soledad Gustavo (pseudônimo: Teresa Mané)	Biblioteca de la Questione Sociale (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1896	Sociología anarquista (espanhol)	Juan Montseny	Biblioteca de El Corsario (La Coruña / Espanha)	$0,75
1896	Páginas de Historia Socialista (espanhol)	Warlaam Tcherkesoff / tradução: José Prat	Biblioteca de El Corsario (La Coruña / Espanha)	$0,25
1896	Entre Campesinos (espanhol)	Errico Malatesta/ tradução: José Prat	Biblioteca de El Corsario (La Coruña / Espanha)	$0,15
1896	Socialismo libertario e socialismo autoritario (italiano)	Ferdinand Domela Nieuwenhius	Biblioteca di propaganda del Circolo di studii social (Ancona / Itália)	$0,25
1896	Gli Uomini e le teorie dell'anarchia (italiano)	Augustin Hamon	Biblioteca della Questione Sociale (Paterson, Nova Jersey / EUA)	$0,15
1896	Comunismo Anarchico (italiano)	Piotr Kropotkin	Biblioteca di propaganda dell' avvenire sociale (Messina / Itália)	$0,15
1896	El Socialismo y el congresso de Londres (espanhol)	Augustin Hamon / tradução: José Prat	Biblioteca de El Corsario (La Coruña / Espanha)	$1
1896	La Grande Famille. Roman militaire (francês)	Jean Grave	Bibliothèque sociologique (Paris / França)	$2,75

1896	Lombroso y los anarquistas (espanhol)	Ricardo Mella	Ciencia Social; Tip. La Publicidad (Barcelona / Espanha)	$0,50
1896	Consecuencias del Estado (espanhol)	Marcial Lores	Biblioteca de El Corsario; Tip El Progreso (La Coruña / Espanha)	$0,05
1896	L'Anarchie (francês)	Élisée Reclus	Publications des "Temps Nouveaux" (Paris/ França)	$0,10
1897	Misére et Mortalité (francês)	Groupe des étudiants socialistes révolutionnaires internationalistes	Publications des Temps Nouveaux (Paris/ França)	$0,15
1897	Le socialismo en danger (francês)	Ferdinand Domela Nieuwenhuis	Bibliothèque sociologique – Éditions Stock (Paris/ França)	$2,75
1897	L'Individu et la societé (francês)	Jean Grave	Bibliothèque sociologique – Éditions Stock (Paris/ França)	$2,75
1897	Les Crimes de Dieu (francês)	Sébastien Faure	Le Libertaire (Paris/ França)	$0,15
1897	La anarquía, su filosofía, su ideal (espanhol)	Piotr Kropotkin	Imprenta Elzeviriana (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária

1897	Germinal (italiano)	Rastignac	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	-
1897	Declaraciones / Consecuencias del Estado (espanhol)	Georges Etievant / Marcial Lores	Los Ácratas (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1897	Entre campesinos / En tiempo de elecciones (espanhol)	Errico Malatesta / Tradução: José Prat	Los Ácratas (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1897	La capacidad revolucionaria de la clase obrera (espanhol)	Emilio Arana	Los Ácratas (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1897	Los crímenes de Dios (espanhol)	Sébastien Faure	Los Ácratas (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1897	Primero de Mayo (espanhol)	Pietro Gori / tradução: José Prat	Biblioteca de El Corsario (La Coruña / Espanha)	$0,25
1897	La conferenza proibita. Democrazia, Socialismo, Anarchia (italiano)	Saverio Merlino	Imp. Biccheri (Roma / Itália)	$0,10
1897	La Barbarie Gobernamental en España. Documentos sobre las torturas de Montjuich (espanhol)	sem autor (prefácios de José Prat e Ricardo Mella)	Imp. El Despertar (Nova Iorque / EUA)	Contribuição voluntária
1897	La legge e l'autoritá (italiano)	Piotr Kropotkin	Biblioteca di propaganda del Circolo di studii sociali (Ancona / Itália)	$0,15

1897	La mujer y la família (espanhol)	Emilio Arana	Grupo “Ciencia y progreso” (Rosário / Argentina)	Contribuição voluntária
1897	Vittime e pregiudizi (italiano)	Pasquale Pensa	Circolo di studi social (Turim / Itália)	$0,10
1897	Il delitti di Dio (italiano)	Sébastien Faure / tradução: Cambronne	Biblioteca di propaganda dell' avvenire sociale (Messina / Itália)	$0,10
1898	Les anarchistes et l’affair Dreyfus (francês)	Sébastien Faure	Tip. Lafont (Paris/ França)	$0,15
1897	Los trabajadores en la Argentina (espanhol)	Adrián Patroni	Biblioteca Obrera (Buenos Aires/ Argentina)	$1
1898	L'utopia collettivista e La crisi del "Socialismo scientifico" (italiano)	Saverio Merlino	Sem identificação do editor, somente o local: Milão/ Itália	$1
1897	Le basi della societá (italiano)	Jean Grave	Circolo di Studi Sociali (Turim / Itália)	$0,10
1898	Les Anarchistes et les syndicats (francês)	Groupe des étudiants socialistes révolutionnaires internationalistes	Publications des Temps Nouveaux (Paris/ França)	$0,15
1898	Le Machinisme (francês)	Jean Grave	Publications des Temps Nouveaux (Paris/ França)	$0,10
1898	La mentira patriótica, el militarismo y la guerra (espanhol)	José Ingenieros	Librería Obrera (Buenos Aires / Argentina)	$0,60

1898	La esclavitud antigua y moderna (espanhol)	Emilio Arana	Ciencia y Progreso (Rosario / Argentina)	$0,25
1898	Proximus tuus. Bozzeto sociale in un atto. (italiano)	Pietro Gori	Teatro del Popolo (Milão / Itália)	$0,40
1898	L'Evolution, la Révolution et l'Ideal anarchique (francês)	Élisée Reclus	Bibliothèque sociologique (Paris / França)	$2,75
1898	Canti Rivoluzionari (italiano)	Vários autores	Biblioteca della Questione Sociale (Paterson, Nova Jersey / EUA)	$0,10
1898	La peste religieuse (francês)	Johann Most	Ed. Du Cravacheur ; Imprimerie G. Deryckere (Wattrelos / França)	$0,05
1898	Antroposofia (italiano)	Bartolomeo Giaroli	Biblioteca della Questione Sociale (Paterson, Nova Jersey / EUA)	$0,80
1898	El Dolor Universal (espanhol)	Sebastien Faure	Francisco Sempere y cia Editores (Valencia / Espanha)	$1,30
1898	Psicología del socialista anarquista (espanhol)	Augustin Hamon / Tradutor: José Prat	Imprenta Elzeviriana (Buenos Aires/ Argentina)	$1 antecipado / $1,5
1898	¿ Por qué somos anarquistas? (espanhol)	Saverio Merlino / tradução: José Prat	Biblioteca de la Protesta Humana (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária

1898	La Moral Anarquista (espanhol)	Piotr Kropotkin	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,15
1898	Cancionero Revolucionario (espanhol)	-	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,10
1898	Educación y autoridad paternal (espanhol)	André Girard	Los Ácratas (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária direto com o grupo; $0,10 nos kioscos
1898	De la patria (espanhol)	Augustin Hamon	Los Ácratas (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária direto com o grupo; $0,10 nos kioscos
1898	La ley y la autoridad (espanhol)	Piotr Kropotkin	Los Ácratas (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária direto com o grupo; $0,10 nos kioscos
1898	A las hijas del pueblo (2ª edição portenha) (espanhol)	Anna Maria Mozzoni	Biblioteca de la Questione Sociale (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária

1898	La anarquia ante los tribunales (espanhol)	Pietro Gori / tradução: José Prat	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,15 nas livrarias e nos kioscos; Contribuição voluntária para os companheiros
1898	La peste religiosa (italiano)	Johann Most / tradução: Torrens Ross	Biblioteca della Questione Sociale (Paterson, Nova Jersey / EUA)	$0,10
1899	La anarquia se impone (espanhol)	Palmiro (pseudônimo de Vicente Garcia)	Los Ácratas (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária direto com o grupo; $0,10 nos kioscos
1899	El espírito revolucionário (espanhol)	Piotr Kropotkin	Los Ácratas (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária direto com o grupo; $0,10 nos kioscos
1899	La peste religiosa (espanhol)	Johann Most / tradução: Torrens Ross	Los Ácratas (Buenos Aires/ Argentina)	$0,20
1899	Anarchia e comunismo (italiano)	Carlo Cafiero	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária

1899	Che cosa é l'anarchia / Io accuso! (italiano)	Domenico Zavattero / Sébastien Faure	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,10
1899	La Inquisición de fin de siglo (espanhol)	Sem autor	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,20
1899	Senza Patria (italiano)	Pietro Gori	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,30
1899	I torturati nel Castelo di Montjuich Barcellona (espanhol)	Sem autor	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,20
1899	Enseñanza burguesa y enseñanza libertaria (espanhol)	Jean Grave / tradução: José Prat	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,20

1899	Per un innocente d'Italia. Cesare Batacchi condannato all'ergastolo (italiano)	Fortunato Serantoni	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	Distribuição gratuita
1899	Certamen socialista libertario internacional (espanhol)	Varios autores	La Anarquia (La Plata / Argentina)	$1
1899	Honor, Alma y Vida (espanhol)	Federico Urales	La Revista Blanca (Madri / Espanha)	$0,50
1899	La conquista del pane (italiano)	Piotr Kropotkin (prefácio de Élisée Reclus) / tradução: Giuseppe Ciancabilla	Biblioteca della Questione Sociale (Paterson, Nova Jersey / EUA)	$1,25
1899	Studi e Ricordi (italiano)	Guglielmo Ferrero	Tipografia Editrice “Cesare Beccaria” (Milão / Itália)	$0,60
1899	Alle madri d'Italia (italiano)	Félix Vezzani	Bibliothèque des Temps Nouveaux (Paris / França)	$0,10
1899	Giorgio e Silvio. Dialogo fra due militari (italiano)	Emilio Siveiri	Biblioteca della Questione Sociale (Paterson, Nova Jersey / EUA)	$0,10
1899	La settimana sanguinosa. Episodio della Commune Parigina, Maggio 1871. (italiano)	Giuseppe Ciancabilla	Biblioteca della Questione Sociale (Paterson, Nova Jersey / EUA)	$0,05
1899	Lotte Civili (italiano)	Edmundo de Amicis	Tip. Giuseppe Nerbini (Florença/ Itália)	$1,50

1900	Nuestras Convicciones (espanhol)	J. Illenatnom (pseudônimo de Montanelli) / Tradução: Palmiro (pseudônimo de Vicente Garcia)	Los Ácratas (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária direto com o grupo; $0,10 com o jornal *LPH*
1900	El Amor Libre (espanhol)	Charles Albert / Tradução: Torrens Ros	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,15
1900	Fundamentos y lenguaje de la doctrina anarquista (espanhol)	Altair (pseudônimo de Mariano Cortés)	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,15
1900	Ni Dios, ni patria (espanhol)	Benjamin Mota	Biblioteca de El Rebelde (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1900	Ley de herencia (espanhol)	Federico Urales	La Revista Blanca (Madri / Espanha)	$0,50
1900	La Contribución de Sangre (espanhol)	Fermín Salvochea	La Revista Blanca (Madri / Espanha)	$0,15
1900	El Problema social (espanhol)	Piotr Kropotkin / tradução: Fermín Salvochea	La Revista Blanca (Madri / Espanha)	$0,15
1900	Congressi Socialisti Internazionali (italiano)	Piotr Kropotkin / Errico Malatesta / Pere Esteve	Biblioteca della Questione Sociale (Paterson, Nova Jersey / EUA)	$0,15

1900	Lo spirito di ribellione (italiano)	Piotr Kropotkin	Biblioteca sociale libertaria (sem local)	$0,10
1900	La credenza religiosa (italiano)	Salvatore	Combattiamo! (Genova / Itália)	$0,05
1900	La politica parlamentaria nel movimento socialista (italiano)	Errico Malatesta	Ed. Giordano Amoroso (Nova Iorque / EUA)	$0,10
1900	Fiori di Maggio (italiano)	Giuseppe Ciancabilla	Ruffo & Ciani (sem local)	$0,25
1900	Gli Anarchici e cio che vogliono (italiano)	Sem autor	Biblioteca anarchica dell'Aurora (West Hoboken, Nova Jersey / EUA)	$0,10
1900	Memorandum a los anarquistas de España y Cuba (espanhol)	Pere Esteve	Imp. El Despertar (Nova Iorque / EUA)	$0,50
1900	I crimini della polizia nei processi politici (italiano)	Eugenio Ciacchi	Tip. Giuseppe Nerbini (Florença/ Itália)	$1,20
1900	La mujer en la lucha ante la naturaleza (espanhol)	Pilar Taboada	Biblioteca de La Tribuna Libertaria (Montevideo/ Uruguai)	$0,10
1901	Sobre ciencia social (espanhol)	Félix Basterra	Biblioteca de la Protesta Humana (Buenos Aires/ Argentina)	$0,10
1901	En la sobrecubierta (espanhol)	Félix Basterra	Biblioteca de la Protesta Humana (Buenos Aires/ Argentina)	-

1901	Elementos de anarquia (espanhol)	Gaspar Christopher Clemens	Biblioteca de la Protesta Humana (Buenos Aires/ Argentina)	$0,20
1901	Entre Campesinos (espanhol)	Errico Malatesta	Biblioteca de El Rebelde (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1901	La anarquía es inevitable (espanhol)	Piotr Kropotkin / Tradução: Altair (pseudônimo: Mariano Cortés)	Biblioteca de El Rebelde (Buenos Aires/ Argentina)	Contribuição voluntária
1901	La peste religiosa (espanhol)	Johann Most	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	-
1901	Il regicídio. Bresci e Savoya (italiano)	Almicare Cipriani	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	-
1901	¿Donde está Dios? (espanhol)	Miguel Rey	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	$0,10

1901	El Proletariado Militante (espanhol)	Anselmo Lorenzo	Librería Española (Barcelona / Espanha)	$1,50
1901	La peste religiosa (italiano)	Johann Most	Biblioteca Socialista Anarchica/ Editrice Il Risveglio (Genebra / Suíça)	$0,10
1901	Palabras de un rebelde (espanhol)	Piotr Kropotkin / tradução: A. López Rodrigo	Francisco Sempere y cia Editores (Valencia / Espanha)	$0,65
1901	La defensa de los criminales – crítica de la moralidad (espanhol)	Edward Carpenter / Tradução: J. Molina y Vedia	Imprenta Elzeviriana (Buenos Aires/ Argentina)	$0,25
1901	Dopo la scomunica (italiano)	Liev Tolstói / Tradução: Garzia Cassola	Tip. Giuseppe Nerbini (Florença/ Itália)	$0,25
1901	Allo czar! (italiano)	Liev Tolstói / Tradução: Pompeo Ciotti	Tip. Giuseppe Nerbini (Florença/ Itália)	$0,25
1901	La aurora social (espanhol)	Liev Tolstói / Tradução: R. Sempau	Pertierra, Bartolí y Ureña (Barcelona / Espanha)	$0,60
1902	El congreso revolucionario internacional de París. Septiembre de 1900 (espanhol)	Sem autor	Biblioteca de la Librería Sociológica (Fortunato Serantoni) (Buenos Aires/ Argentina)	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

APÊNDICE II - A bibliografia anarquista de Buenos Aires (1890-1905)

O levantamento dos livros e folhetos anarquistas que apresentamos a seguir foi elaborado no curso da nossa pesquisa. Ele está organizado cronologicamente, iniciando no ano de 1891. Para seu estabelecimento, consultamos sobretudo notícias e anúncios de edições que eram veiculadas nos jornais anarquistas. Outra fonte essencial foram os balanços de contas que também eram publicados nos jornais. Através deles, conseguimos coletar informações como as tiragens e os custos de impressão. Tratou-se, portanto, de uma costura de uma colcha de retalhos, colhendo informações em fontes díspares.

Após a leitura crítica das fontes, cruzamos os dados coletados com os levantamentos que já foram feitos anteriormente. Desde os mais antigos, como os de Max Nettlau, passando pelos trabalhos mais acurados da historiografia sobre anarquismo argentino, como os de Iaacov Oved e Gonzalo Zaragoza. Também complementamos os dados com o levantamento feito pelos pesquisadores Eric Gordon, Hobart Spalding e Michael Hall, sobre os fundos de documentos relativos aos movimentos operários do Brasil e da Argentina (1996). Acreditamos que o trabalho de fazer um levantamento bibliográfico nunca é definitivo e individual, mas sim coletivo e em permanente agregação. Da mesma forma que para elaborar o presente levantamento contamos com a indubitável contribuição dos levantamentos anteriores, temos a esperança de que nosso trabalho contribua para pesquisas futuras.

1891

Título: El salariado
Autor: Piotr Kropotkin
Tradutor: -
Editor: El Perseguido
Preço: contribuição voluntária
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 32
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Primeiro volume da *Biblioteca del Perseguido*. Sobre a publicação, ver EP, Ano II, núm. 14, 18/01/1891, p.1; EP, Ano III, núm 36, 07/02/1892, p.4. Sobre a quantidade de páginas, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19.

Título: A los jóvenes
Autor: Piotr Kropotkin
Tradutor: -
Editor: Juventud Comunista Anárquica
Preço: contribuição voluntária
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: -
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, ver EP, Ano II, núm. 27, 23/08/1891, p.4; EP, Ano III, núm. 36, 07/02/1892, p.4;

1892

Título: Entre campesinos (primeira edição)
Autor: Errico Malatesta
Tradutor: -
Editor: Juventud Comunista Anárquica
Preço: Contribuição voluntária
Tiragem: 2.000 exemplares ,
Custo de impressão: 92 pesos
Páginas: -
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, ver EP, Ano III, núm. 40, 10/04/1892, p.4. A respeito da tiragem e o custo de impressão, ver EP, Ano III, núm. 45, 24/07/1892, p.4.

Título: Evolución y revolución
Autor: Élisée Reclus
Tradutor: -
Editor: Juventud Comunista Anárquica
Preço: contribuição voluntária
Tiragem: -
Custo da edição: 50 pesos
Páginas: 22
Formato: in-16º
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação e o custo da edição, ver EP, Ano III, núm. 49, 09/10/1892, p.4; Informações sobre formato e as páginas, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 18

1893
Título: Entre campesinos (segunda edição)
Autor: Errico Malatesta

Tradutor: -

Editor: Juventud Comunista Anárquica

Preço: Contribuição voluntária

Tiragem: 5.000 exemplares

Custo de impressão: 175 pesos

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Informações sobre a publicação, a tiragem e o custo de impressão, ver EP, Ano III, núm.61, 18/06/1893, p.4.

Título: Entre campesinos/Himno Anárquico/Milongas anarquistas

Autor: Errico Malatesta

Tradutor: -

Editor: -

Preço: 5 pesos (pacote de 100 exemplares)

Tiragem: 8.000 exemplares

Custo da impressão: -

Páginas: -

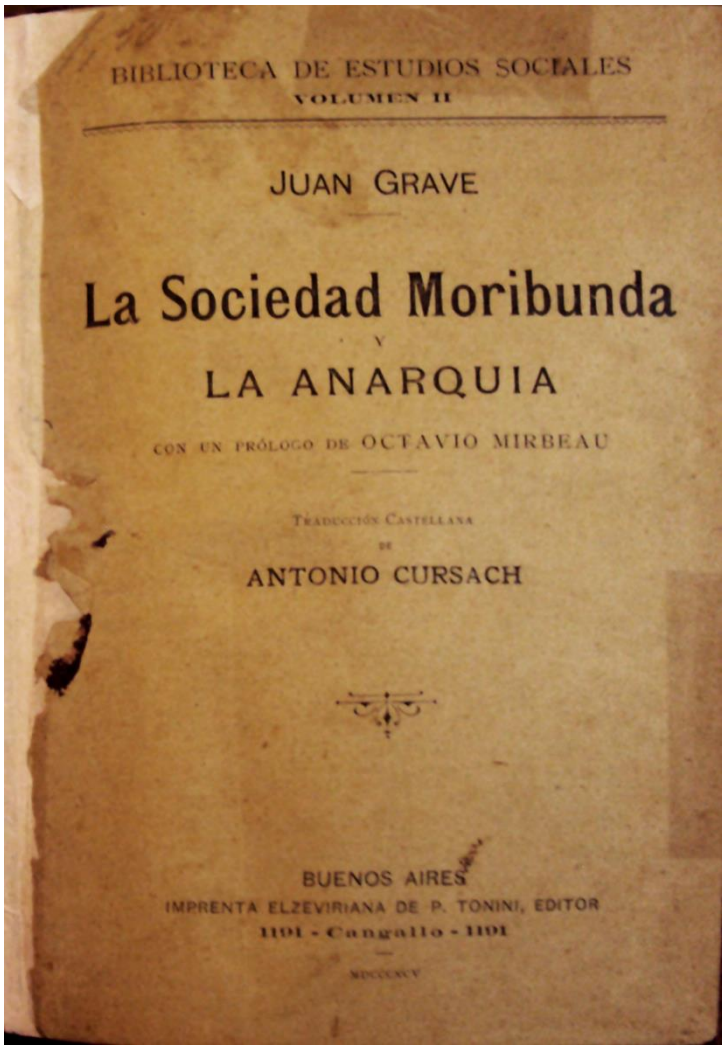
Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação, a tiragem e preço de venda, ver EP, Ano III, núm.61, 18/06/1893, p.4.

1895

Figura 7 – Folha de rosto de *La Sociedad Moribunda y la anarquía*


BIBLIOTECA DE ESTUDIOS SOCIALES
VOLUMEN II

JUAN GRAVE

La Sociedad Moribunda
Y
LA ANARQUIA

CON UN PRÓLOGO DE OCTAVIO MIRBEAU

TRADUCCIÓN CASTELLANA
DE
ANTONIO CURSACH

BUENOS AIRES
IMPRENTA ELZEVIRIANA DE P. TONINI, EDITOR
1191 - Cangallo - 1191

Fonte: CeDInCI

Título: La sociedad moribunda y la anarquía

Autor: Jean Grave

Tradutor: Antonio Cursach

Editor: Pedro Tonini (Imprenta Elzeviriana)

Preço: $1,5

Tiragem: -

Custo da impressão: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: documento pode ser encontrado no CeDInCI. Sobre a publicação e o preço de venda, ver EP, Ano VI, núm.78, 13/03/1895, p.1; LQS, Ano II, núm.11, 01/05/1895, quarta capa.

Título: La conquista del pan

Autor: Piotr Kropotkin

Tradutor: Juan Vila y Pigrau

Editor: Juventud Comunista Anárquica

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 2.000 exemplares

Custo da edição: 953,10 pesos

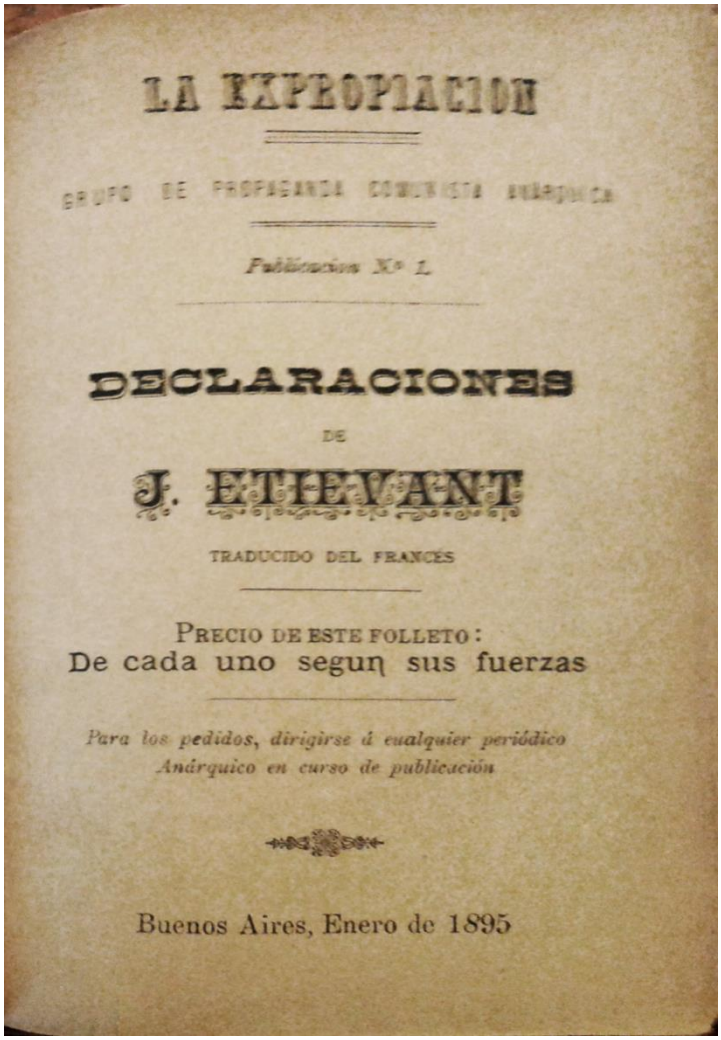
Páginas: 215

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação e o preço de venda, ver EP, Ano VI, núm. 82, p.4. Informações a respeito do custo da edição e da tiragem, ver EP, Ano VI, núm. 86, 09/10/1892, p.4. Nome do tradutor encontrado em SANTILLÁN, Diego Abad de. El movimiento anarquista en la Argentina: Desde sus comienzos hasta el año 1910. Buenos Aires: Argonauta, 1930, p. 54. Informações sobre a quantidade de páginas, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19

Figura 8 – Folha de rosto de *Declaraciones*



LA EXPROPIACION

GRUPO DE PROPAGANDA COMUNISTA ANARQUICA

Publicacion N° 1.

DECLARACIONES

DE

J. ETIEVANT

TRADUCIDO DEL FRANCES

PRECIO DE ESTE FOLLETO:
De cada uno segun sus fuerzas

Para los pedidos, dirigirse á cualquier periódico Anárquico en curso de publicación

Buenos Aires, Enero de 1895

Fonte: CeDInCI

Título: Declaraciones

Autor: Georges Etievant

Tradutor: -

Editor: La Expropiación

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 3.000 exemplares

Custo da edição: 110 pesos

Páginas: 32

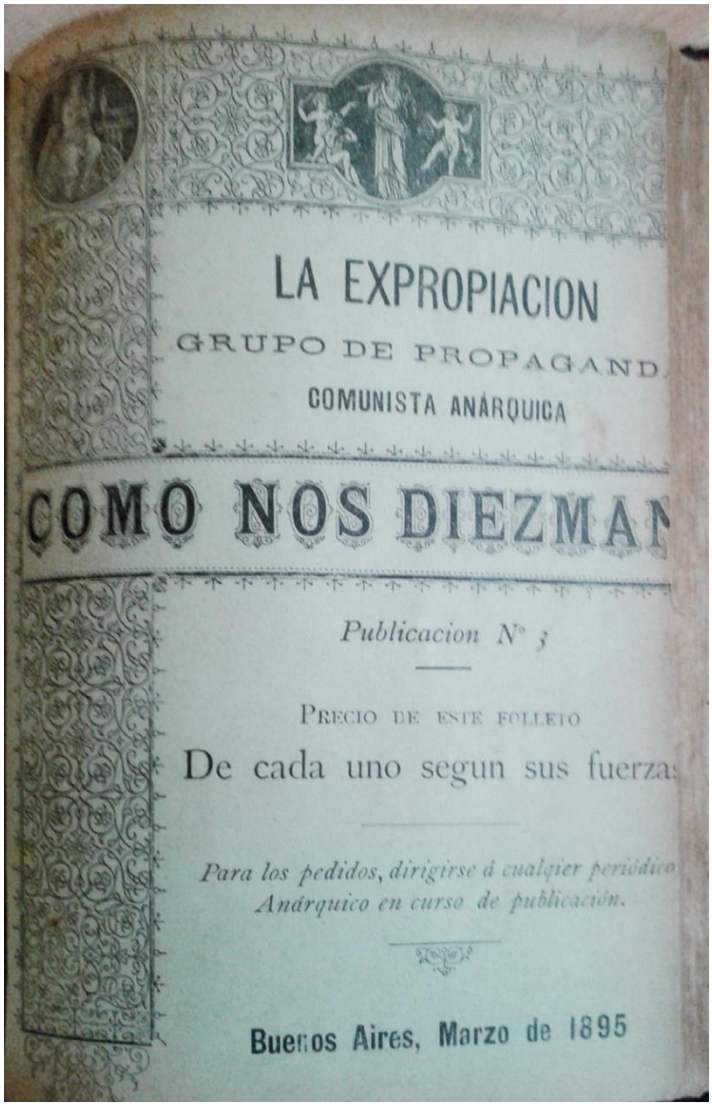
Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Primeiro folheto da coleção de La Expropriación. Informações a respeito da tiragem e do custo de edição, ver edição fac-similar em ETIEVANT, Georges. Declaraciones. In.: ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). Folletos Anarquistas en Buenos Aires: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropriación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, p. 243. Sobre a publicação e preço de venda, ver EP, Ano VI, núm. 75, p.4.

Título: A mi hermano el campesino
Autor: Élisée Reclus
Tradutor: -
Editor: La Expropriación
Preço: contribuição voluntária
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 16
Formato: in-16º
Idioma: espanhol
Observações: Segundo folheto da coleção de La Expropriación. Sobre a publicação e preço de venda, ver EP, Ano VI, núm. 76, p.4. Informações a respeito da quantidade de páginas e do formato, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p.18

Figura 9 – Capa de *Como nos Diezman*



Fonte: CeDInCI

Título: Como nos diezman

Autor: [Vicente March]

Tradutor: -

Editor: La Expropriación

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 3.000 exemplares

Custo da edição: 301 pesos

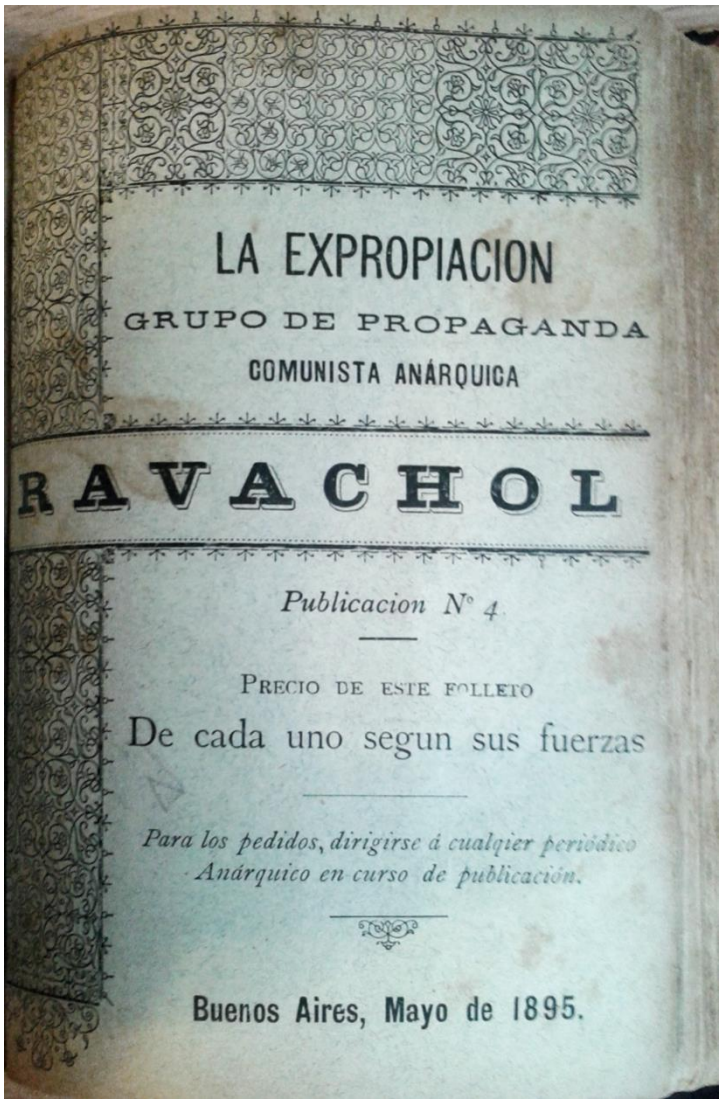
Páginas: 100

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Terceiro folheto da coleção de La Expropriación. Informações de custo da edição e página retiradas da edição facsimilar: COMO NOS DIEZMAN. In.: ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). Folletos Anarquistas en Buenos Aires: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropriación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, p. 344. Sobre a questão da autoria, ver LQS, Ano II, núm. 9, 01/03/1895, p.24; El Productor, Ano III, núm. 163, 27/09/1889, p.4; El Productor, Ano III, núm. 165, 04/10/1889, p.1. Sobre a publicação e preço de venda, ver EP, Ano VI, núm. 80, 21/04/1895, p.4.

Figura 10 – Capa de *Ravachol*



Fonte: CeDInCI

Título: Ravachol

Autor: La Expropriación e Ravachol (pseudônimo de François Claudius Koënigstein)

Tradutor: -

Editor: La Expropriación

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 5.000 exemplares

Custo da edição: 188.92 pesos

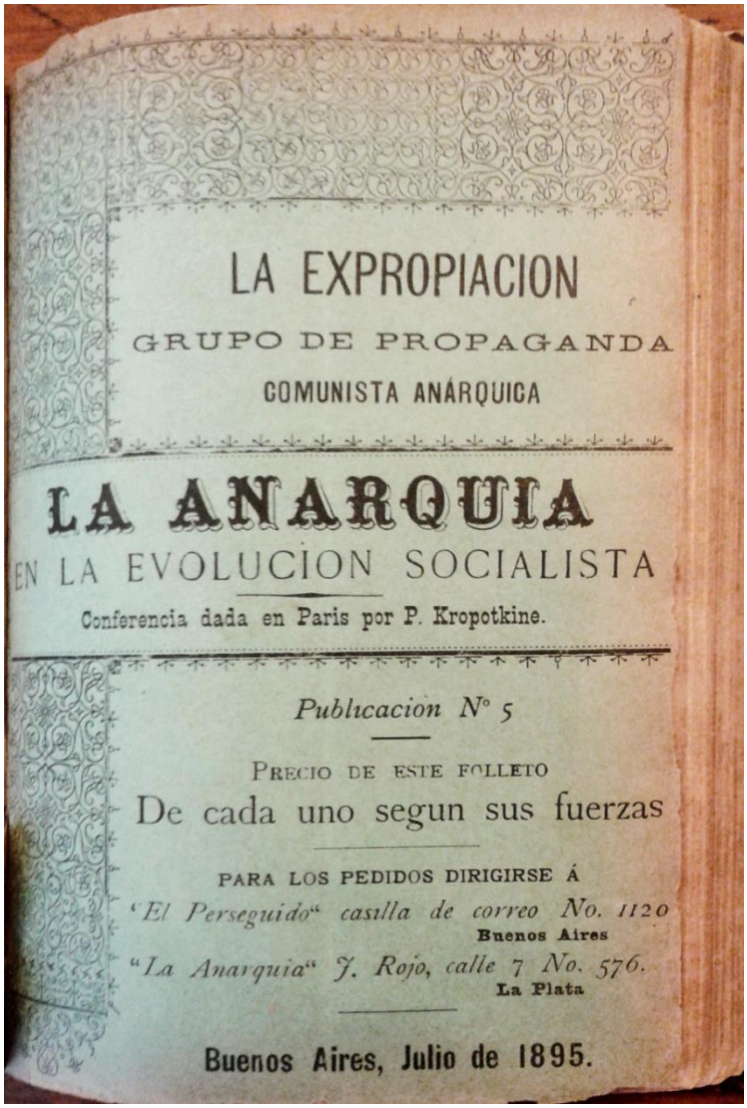
Páginas: 32

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Quarto folheto da coleção de La Expropriación. Informações a respeito da tiragem e do custo de edição, ver edição fac-similar em In.: RAVACHOL. ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). Folletos Anarquistas en Buenos Aires: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropriación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, p. 379. Sobre a publicação e preço de venda, ver EP, Ano VI, núm. 82, 31/05/1895, p.4.

Figura 11 – Capa de *La Anarquía en la evolución socialista*


LA EXPROPIACION

GRUPO DE PROPAGANDA

COMUNISTA ANÁRQUICA

LA ANARQUIA

EN LA EVOLUCION SOCIALISTA

Conferencia dada en Paris por P. Kropotkine.

Publicacion N° 5

PRECIO DE ESTE FOLLETO

De cada uno segun sus fuerzas

PARA LOS PEDIDOS DIRIGIRSE Á

"El Perseguido" casilla de correo No. 1120
Buenos Aires

"La Anarquia" J. Rojo, calle 7 No. 576.
La Plata

Buenos Aires, Julio de 1895.

Fonte: CeDInCI

Título: La anarquía en la evolución socialista

Autor: Piotr Kropotkin

Tradutor: -

Editor: La Expropriación

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 5.000 exemplares

Custo da edição: 143,44 pesos

Páginas: 24

Formato: -

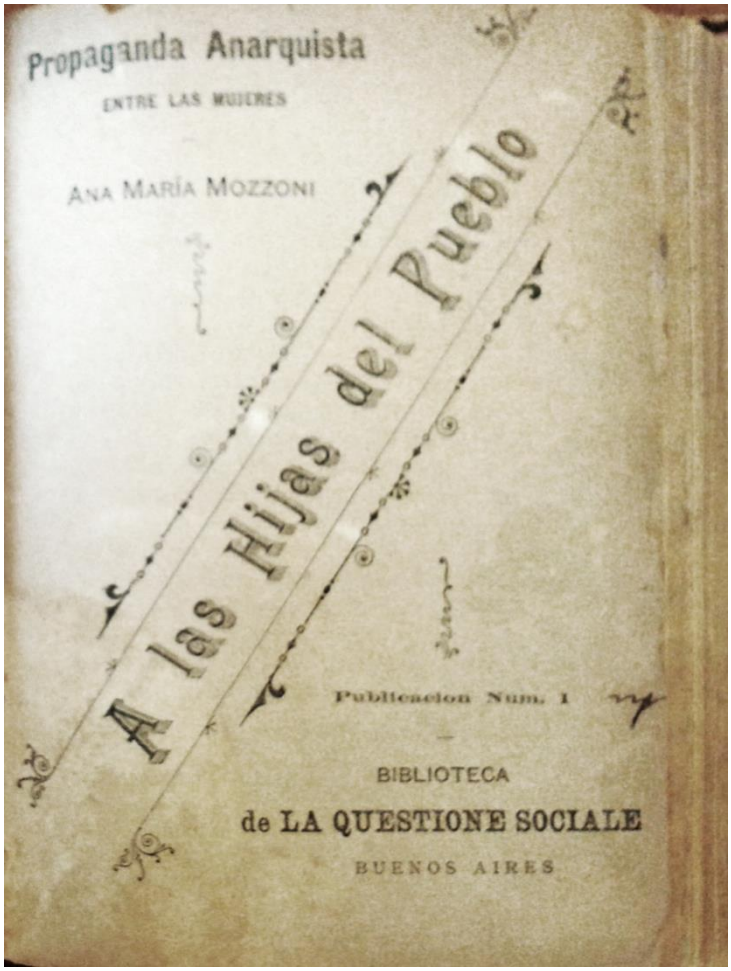
Idioma: espanhol

Observações: Quinto folheto da coleção de La Expropriación. Informações a respeito da tiragem e do custo de edição, ver edição fac-similar em In.: RAVACHOL. ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). Folletos Anarquistas en Buenos Aires: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropriación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, p. 403. Sobre a publicação e preço de venda, ver EP, Ano VI, núm. 86, 24/07/1895, p.4.

Título: Entre campesinos
Autor: Errico Malatesta
Tradutor: -
Editor: La Expropriación
Preço: contribuição voluntária
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 64
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sexto folheto da coleção de La Expropriación. Sobre a publicação e preço de venda, ver EP, Ano VI, núm. 96, 08/12/1895, p.4. Informações a respeito da quantidade de páginas, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p.19

Título: Los anarquistas
Autor: Cesare Lombroso
Tradutor: -
Editor: Pedro Tonini (Imprenta Elzeviriana)
Preço: $0,40
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: -
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, ver LQS, Ano II, núm. 8, 01/02/1895, quarta capa.

Figura 12 – Capa de *A las hijas del Pueblo* (primeira edição)



Fonte: CeDInCI

Título: A las hijas del pueblo (primeira edição)

Autor: Anna Maria Mozzoni

Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Questione Sociale)

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 2500 exemplares

Custo da edição: 50,70 pesos

Páginas: 16

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Informações a respeito da tiragem e do custo de edição, ver LQS, Ano II, núm. 11, 01/05/1895, p.4. Edição facsimilar em MOZZONI, Anna Maria. A las hijas del pueblo. In.:

ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). Folletos Anarquistas en Buenos Aires: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropriación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, pp. 69-84.

Figura 13 – Capa de *A las muchachas que estudian*

Fonte: CeDInCI

Título: A las muchachas que estudian / La unión libre

Autor: Anna Maria Mozzoni / Giovanni Rossi

Tradutor: José Prat

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Questione Sociale)

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 4.000 exemplares

Custo da edição: 75.60 pesos

Páginas: 16

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: autoria de "A las muchachas que estudian" atribuída a Anna Maria Mozzoni por José Moya (MOYA, José. Italians in Buenos Aires's Anarchist Movement: Gender Ideology and Women's Participation, 1890-1910. In.: GABACCIA, Donna; IACOVETTA, Franco. Women, Gender and Transnational Lives: Italian Workers of the World. Toronto: University of Toronto, 2002, p. 213). Autoria de "La unión libre" identificada e de José Prat como tradutor em LQS, ano II, n. 14, 01/08/1895, p. 25. Informações a respeito da tiragem e do custo de edição, ver LQS, ano II, n. 15, 01/09/1895, p.16. Edição fac-similar em A LAS MUCHACHAS QUE ESTUDIAN. In.: ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). Folletos Anarquistas en Buenos Aires: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropriación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, p. 85-100.

1896

Título: La sociedad futura

Autor: Jean Grave

Tradutor: Luis Marco

Editor: Pedro Tonini (Imprenta Elzeviriana)

Preço: $2

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: sobre a publicação, ver LQS, Ano III, núm. 20, 26/04/1896, quarta capa.

Título: Sentido común y sugestión

Autor: Roberto Ardigó

Tradutor: -

Editor: Pedro Tonini (Imprenta Elzeviriana)

Preço: $0,15

Tiragem: -

Custo da edição: -

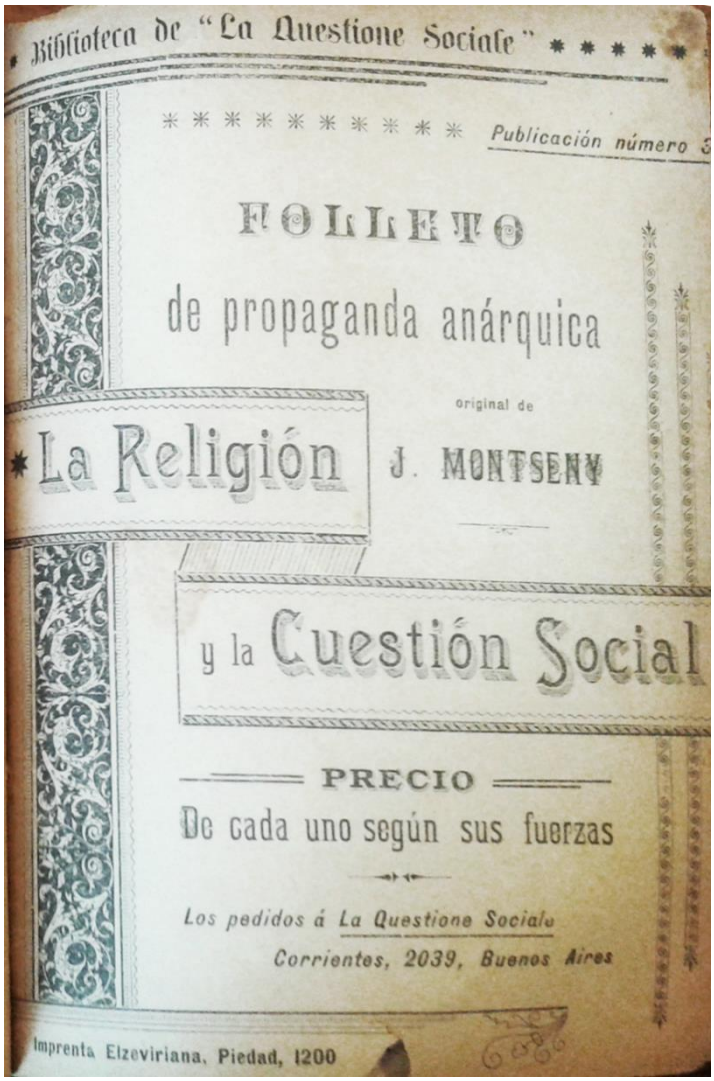
Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Documento original disponível no acervo do CeDInCI. Sobre o preço de venda, ver LPH, ano I, núm. 6, 02/09/1897, p.4

Figura 14 – Capa de *La religión y la cuestión social*



Fonte: CeDInCI

Título: La religión y la cuestión social

Autor: Juan Montseny

Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Questione Sociale)

Preço: Contribuição voluntária (1896) / $0,10 (1902)

Tiragem: 3.000 exemplares

Custo da edição: 139 pesos

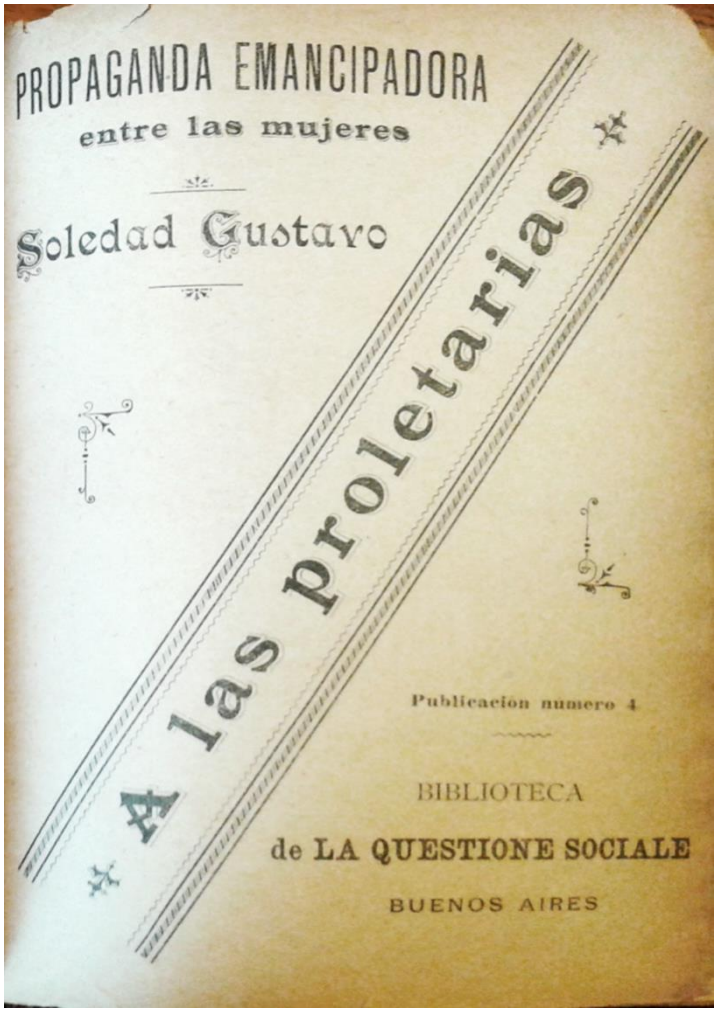
Páginas: 32

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Informações a respeito da tiragem e do custo de edição, ver LQS, ano III, núm. 19, 15/03/1896, quarta capa. Edição fac-similar publicada em: MONTSENY, Juan. La religión y la cuestión social. In.: ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). Folletos Anarquistas en Buenos Aires: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropriación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, pp. 101-132. Sobre os distintos preços de venda, ver folha de rosto do documento (primeiro caso) e LPH, ano VI, núm. 191, 15/09/1902, p.4 (segundo caso).

Figura 15 – Capa de *A las proletarias*



Fonte: CeDInCI

Título: A las proletarias

Autor: Soledad Gustavo (pseudônimo de Teresa Mané)

Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Questione Sociale)

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: -

Custo da edição: -

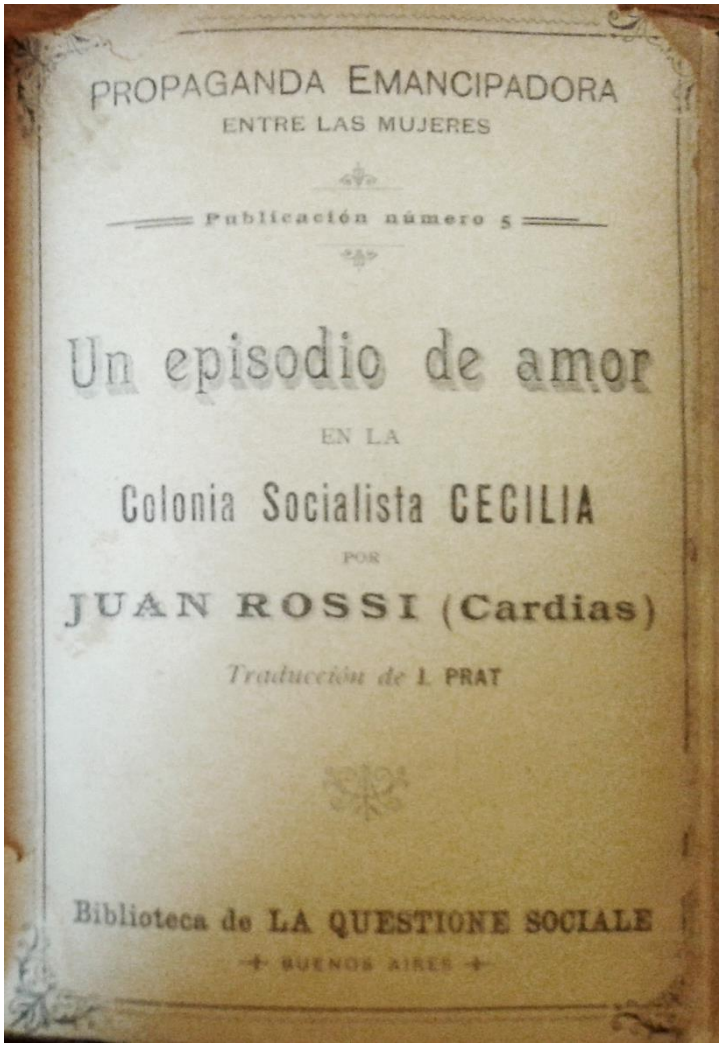
Páginas: 16

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação e o preço de venda, ver LQS, ano III, n. 20, 26/04/1896, p. 12. Edição fac-similar publicada em: GUSTAVO, Soledad. A las proletarias. In.: ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). Folletos Anarquistas en Buenos Aires: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropriación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, p. 29.

Figura 16 – Capa de *Un episodio de amor en la Colonia Socialista Cecilia*


PROPAGANDA EMANCIPADORA
ENTRE LAS MUJERES

Publicación número 5

Un episodio de amor
EN LA
Colonia Socialista CECILIA
POR
JUAN ROSSI (Cardias)
Traducción de L. PRAT

Biblioteca de LA QUESTIONE SOCIALE
BUENOS AIRES

Fonte: CeDInCI

Título: Un Episodio de amor en la Colonia Cecilia

Autor: Giovanni Rossi

Tradutor: José Prat

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Questione Sociale)

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 3.000 exemplares

Custo da edição: -

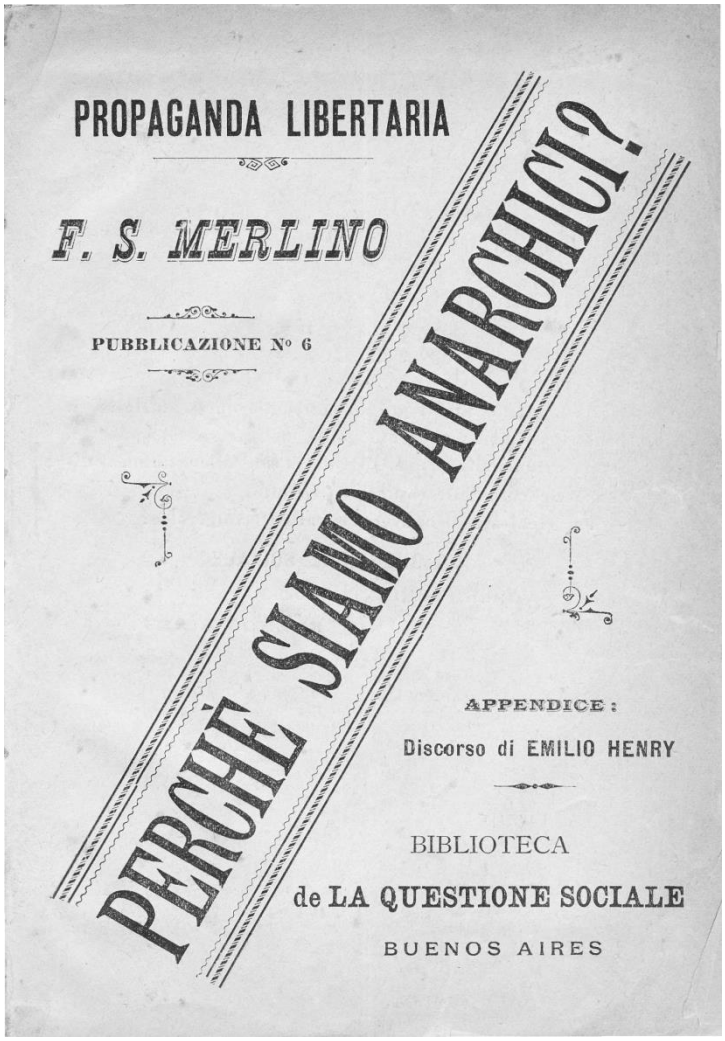
Páginas: 32

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Documento original disponível para a consulta no acervo do CeDInCI. Edição fac-similar publicada em: ROSSI, Juan. Un Episodio de amor en la Colonia Cecilia. In.: ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). Folletos Anarquistas en Buenos Aires: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropriación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, p. 149-180. Sobre a tiragem, ver ZARAGOZA, Gonzalo. Anarquismo argentino (1876-1902). Madri: Ediciones de la Torre, p. 160.

Figura 17 – Capa de *Perché siamo anarchici?*



Fonte: Centro de Studi Sociali Francesco Saverio Merlino

Título: Perché siamo anarchici?/Discorso di Émile Henry

Autor(es): Saverio Merlino/Émile Henry

Tradutor: Luis Marco

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Questione Sociale)

Preço: $0,10

Tiragem: 3.000 exemplares

Custo da edição: -

Páginas: 32

Formato: -

Idioma: italiano

Observações: Edição fac-similar publicada em: MERLINO, Saverio; HENRY, Émile. Perché siamo anarchici?; Discorso de Émile Henry. In.: ALBORNOZ, Martín; FERRER, Christian (orgs.). Folletos Anarquistas en Buenos Aires: Publicaciones de los grupos La Questione Sociale y La Expropriación. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2015, p. 181-212. Sobre a tiragem e a identificação do autor, ver ZARAGOZA, Gonzalo. Anarquismo argentino (1876-1902). Madri: Ediciones de la Torre, p. 160.

Título: Santo Caserio. Appunti Storici
Autor: Pietro Gori
Tradutor: -
Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Questione Sociale)
Preço: $0,10
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 16
Formato: in-8º
Idioma: italiano
Observações: Sobre a publicação, a quantidade de páginas e o formato, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 20.

1897

Título: La anarquía, su filosofia, su ideal
Autor: Piotr Kropotkin
Tradutor: -
Editor: Pedro Tonini (Imprenta Elzeviriana)
Preço: contribuição voluntária
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 46
Formato: -
Idioma: espanhol

Observações: Sobre o preço de venda, ver LPH, Ano I, n. 1. Informações sobre a publicação em NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19.

Título: Germinal
Autor: Rastignac
Tradutor: -
Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Questione Sociale)
Preço: -
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: -
Formato: -
Idioma: italiano
Observações: Sobre a publicação, ver LPH, Ano I, n. 10, 17/10/1897, p.4.

Título: Primo passo alla anarchia
Autor: Edoardo Milano
Tradutor: -
Editor: -
Preço: -
Tiragem: -
Custo da edição:
Páginas: 68
Formato: in-8º
Idioma: italiano
Observações: Documento original disponível para consulta no acervo do IISG. Informações sobre a publicação em NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 20.

Título: Entre campesinos
Autor: Errico Malatesta
Tradutor: -

Editor: Los Ácratas

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 40

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Primeiro volume da "Biblioteca de propaganda anárquica del grupo Los Ácratas". Sobre a publicação, ver LPH, Ano I, n. 11, 24/10/1897, p.4 e também NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19.

Título: Declaraciones/Consecuencias del Estado

Autor: Georges Etievant/Marcial Lores

Tradutor: -

Editor: Los Ácratas

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: -

Custo da edição:

Páginas: 24

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Segundo volume da "Biblioteca de propaganda anárquica del grupo Los Ácratas". Sobre a publicação, ver LPH, Ano I, n. 11, 24/10/1897, p.4. Identificação dos autores em: NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19.

Título: En tiempo de elecciones

Autor: Errico Malatesta

Tradutor: -

Editor: Los Ácratas

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 18

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Terceiro volume da "Biblioteca de propaganda anárquica del grupo Los Ácratas". Sobre a publicação, ver LPH, Ano I, n. 11, 24/10/1897, p.4 e também em: NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19.

Figura 18 – Folha de rosto de *Capacidad revolucionaria de la clase obrera*

Biblioteca de Propaganda anárquica del grupo "Los Acratas"

Capacidad Revolucionaria

DE LA

CLASE OBRERA

VOLUMEN IV

PRECIO DE ESTE FOLLETO

dé cada uno segun sus fuerzas

DIRECCION

Ferdinando Antonini

CASILLA DE CORREO 1114

Agosto de 1897

BUENOS AIRES

Fonte: Biblioteca Edgard Carone

Título: La capacidad revolucionaria de la clase obrera

Autor: Los Ácratas [Teobaldo Nieva]

Tradutor: -

Editor: Los Ácratas

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 2000 exemplares

Custo de impressão: 46 pesos

Páginas: 16

Formato: in-8º

Idioma: espanhol

Observações: Quarto volume da "Biblioteca de propaganda anárquica del grupo Los Ácratas". Documento disponível para consulta no acervo da Biblioteca Edgard Carone (MR-USP). Sobre a tiragem e os custos de impressão, ver LPH, ano I, n. 07, 15/09/1897, p.4.

Título: Los crímenes de Dios

Autor: Sébastien Faure

Tradutor: José Prat

Editor: Los Ácratas

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 5000 exemplares

Custo da edição: 124.77 pesos

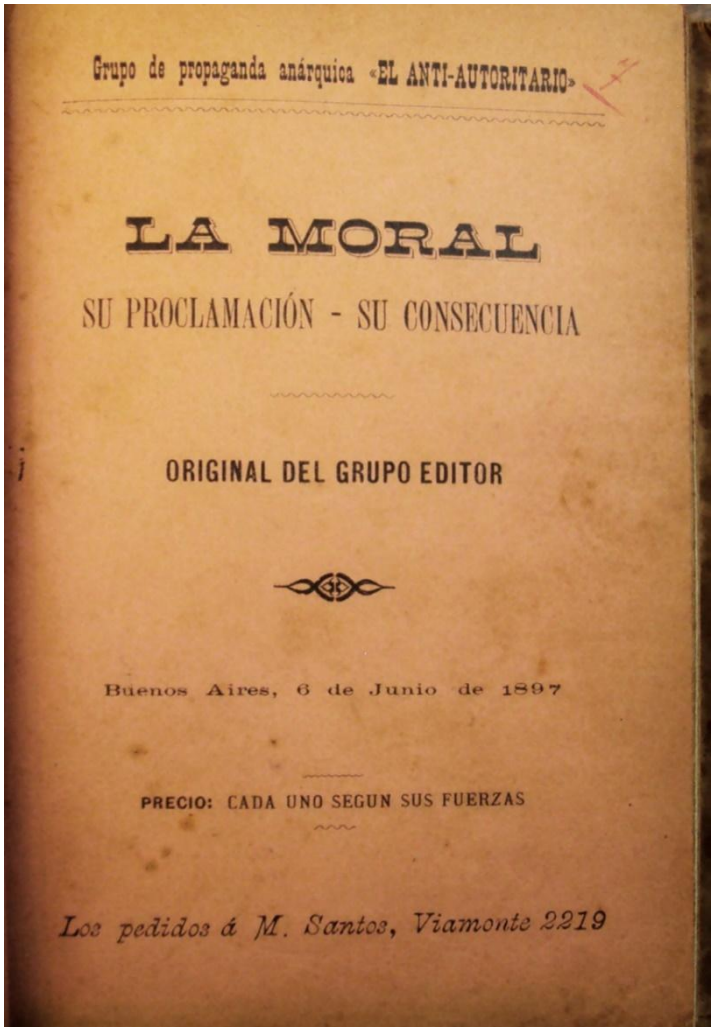
Páginas: 32

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Quinto volume da "Biblioteca Ácrata". Sobre a publicação, ver LPH, ano I, n. 15, 21/11/1897, p.4. Informações a respeito da tiragem e do custo de edição, ver LPH, ano II, n. 21, 02/01/1898, p.4.

Figura 19 – Folha de rosto de *La moral*



Grupo de propaganda anárquica «EL ANTI-AUTORITARIO»

LA MORAL

SU PROCLAMACIÓN - SU CONSECUENCIA

ORIGINAL DEL GRUPO EDITOR

Buenos Aires, 6 de Junio de 1897

PRECIO: CADA UNO SEGUN SUS FUERZAS

Los pedidos á M. Santos, Viamonte 2219

Fonte: CeDInCI

Título: La Moral. Su proclamación - su consecuencia

Autor: Grupo editor

Tradutor: -

Editor: Grupo de propaganda anárquica “El Anti-Autoritario”

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 2.000 exemplares

Custo da impressão: $70

Páginas: 32

Formato: -

Idioma: espanhol

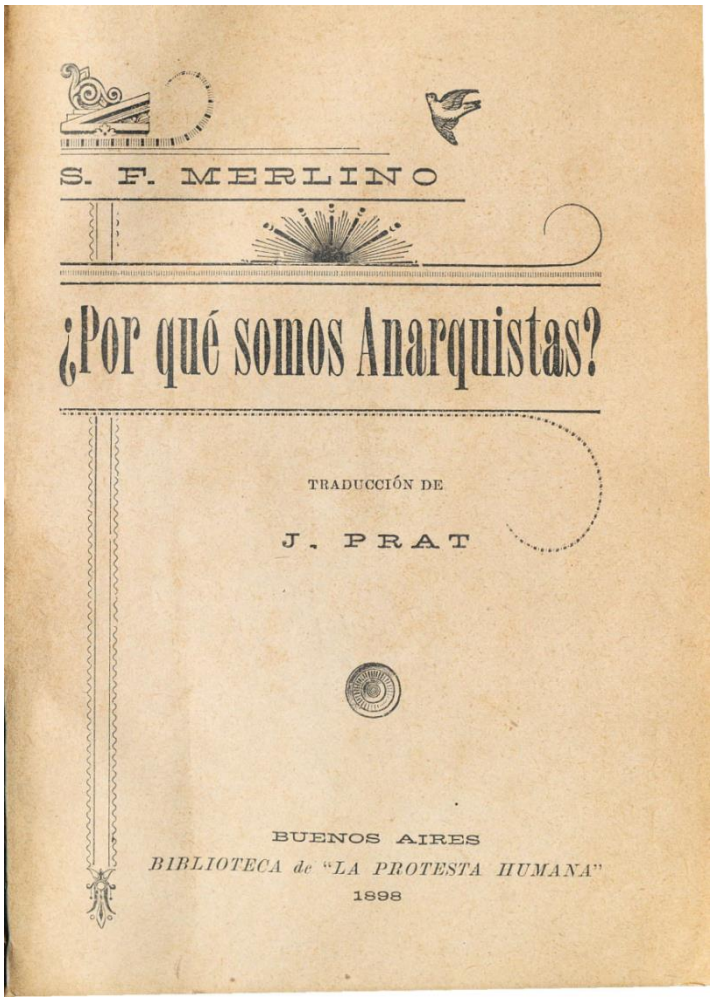
Observações: Documento disponível para consulta no acervo do CeDInCI. Informações retiradas do próprio documento.

1898

Título: Psicología del socialista anarquista
Autor: Augustin Hamon
Tradutor: José Prat
Editor: Pedro Tonini (Imprenta Elzeviriana)
Preço: venda antecipada por $1; após publicação $1,5
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 236
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre o preço da venda antecipada e a quantidade de páginas, ver LPH, ano II, n. 30, 06/03/1898, p.1. Informações a respeito do preço de capa e da tradução, ver LPH, ano II, n. 33, 17/04/1898, p.2

Título: La moral anarquista
Autor: Piotr Kropotkin
Tradutor: -
Editor: La Protesta Humana
Preço: $0,15
Tiragem: -
Custo de impressão: -
Páginas: 72
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, ver LPH, ano II, n.28, 20/02/1898, p.1

Figura 20 – Capa de *¿Por qué somos anarquistas?*



Fonte: Centro de Studi Sociali Francesco Saverio Merlino

Título: ¿Por qué somos anarquistas? (primeira edição)

Autor: Saverio Merlino

Tradutor: José Prat

Editor: La Protesta Humana

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: 2.500 exemplares

Custo da edição: 75 pesos

Páginas: 46

Formato: in-16º

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação, ver LPH, ano II, n.34, 01/05/1898, p.4. Informações sobre o custo de impressão e tiragem, ver LPH, ano III, n° 36, 29/05/1898, p.4

Figura 21 – Capa de *143 dias de inquisición*

Fonte: CeDInCI

Título: 143 días de inquisición

Autor: Eloy Bessiéres

Tradutor: -

Editor: Imprenta Galileo

Preço: $0,15

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 48

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Documento disponível para consulta no acervo da Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de las Izquierdas (CeDInCI). Sobre a publicação, ver LPH, ano II, n.34, 01/05/1898, p.4.

Título: A las hijas del pueblo (segunda edição)

Autor: Anna Maria Mozzoni

Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Questione Sociale)

Preço: contribuição voluntária.

Tiragem: 4000 exemplares

Custo da edição: 65 pesos

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação ver LPH, ano II, n. 25, 30/01/1898, p.1. Informações a respeito da tiragem e do custo de edição, ver LPH, ano I, n. 27, 13/02/1898, p.4

Título: Cancionero revolucionario

Autor: -

Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)

Preço: $0,10

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação ver LPH, ano II, 25/09/1898, n. 44, p.4

Título: La anarquía ante los tribunales

Autor: Pietro Gori

Tradutor: José Prat

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)

Preço: $0,15 nas livrarias e nos kioscos; Contribuição voluntária para os companheiros

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 48

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Documento original disponível no acervo do IISG. Sobre a publicação e preços de venda, ver CS, ano II, nº1, julho de 1898, terceira capa; GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. Cadernos AEL, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 149 e também em NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 20.

Título: Educación y autoridad paternal

Autor: André Girard

Tradutor: -

Editor: Los Ácratas

Preço: Contribuição voluntária direto com o grupo; $0,10 nos kioscos

Tiragem: 4.000 exemplares

Custo de impressão: 80 pesos

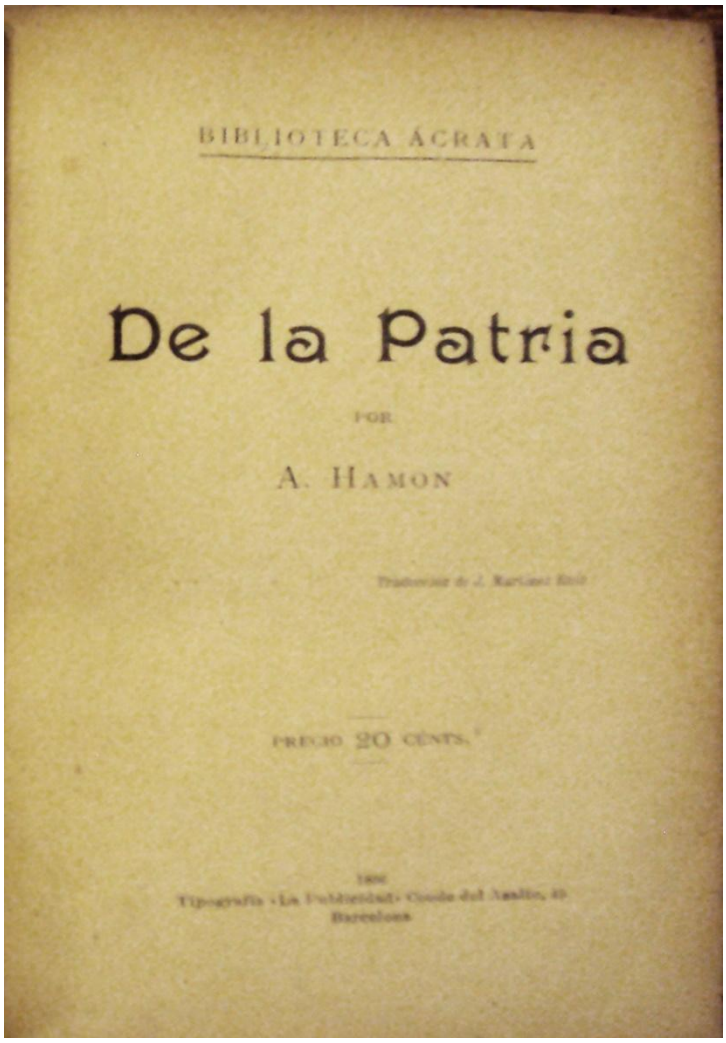
Páginas: 16

Formato: in-16º

Idioma: espanhol

Observações: Sexto volume da "Biblioteca de propaganda anárquica del grupo Los Ácratas". Sobre a publicação, ver LPH, ano II, n.28, 20/02/1898, p.1. Informações a respeito da tiragem e do custo de edição, ver LPH, ano II, n.27, 13/02/1898, p.4. Sobre o formato, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19.

Figura 22 – Folha de rosto de *De la Patria*


BIBLIOTECA ÁCRATA

De la Patria

POR

A. HAMON

PRECIO 20 CÉNTS.

Fonte: CeDInCI

Título: De la patria

Autor: Augustin Hamon

Tradutor: J. Martinez Ruiz

Editor: Los Ácratas

Preço: Contribuição voluntária direto com o grupo; $0,10 nos kioscos

Tiragem: 10.000 exemplares

Custo da edição: 112 pesos

Páginas: 16

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sétimo volume da "Biblioteca Ácrata". Documento disponível para consulta no acervo da Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de las Izquierdas (CeDInCI). Sobre a publicação, ver LPH, ano II, n. 34, 01/05/1898, p.4. Informações a respeito do custo de impressão e da tiragem, ver LPH, ano II, n. 35, 15/05/1898, p.4

Título: La ley y la autoridad
Autor: Piotr Kropotkin
Tradutor: -
Editor: Los Ácratas
Preço: Contribuição voluntária
Tiragem: 5.000 exemplares
Custo da edição: 105 pesos
Páginas: -
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Oitavo volume da "Biblioteca Ácrata". Sobre a publicação, ver CS, ano II, n.3, setembro de 1898, p.48 e LPH, ano II, n. 41, 07/08/1898, p.3. Informações a respeito do custo de impressão e da tiragem, ver LPH, ano II, n. 42, 21/08/1898, p.4.

Título: Proceso Malatesta e compagni innanzi al tribunale penale di Ancona
Autor: vários autores (reprodução do interrogatório de Errico Malatesta, Adelmo Smorti, Rodolfo Felicioni, Alfredo Panfichi, Italo Bellavigna, Ciro Bersaglia, Tito Alfredo Baiocchi, Antonio Petrosini e Alessandro Cerusici, e das intervenções dos advogados de defesa, Enrico Ferri, Francesco Saverio Merlino, Pietro Gori, Eliso Rivera, Gino Vendemini, Cosimo Maria Pugliesi, Alfredo Angelucci, Alfredo Felici, Domenico Pacetti, Aristide Ferri frente aos juízes); prefácio de Pietro Gori
Tradutor: -
Editor: Biblioteca socialista libertaria
Preço: $0,20
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 103
Formato: in-12º

Idioma: italiano

Observações: Sobre o preço de venda, ver LPH, Ano IV, núm. 98, 10/11/1900, p. 4. A respeito da publicação, do formato, quantidade de páginas ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19.

1899

Título: La anarquia se impone

Autor: Palmiro (pseudônimo de Vicente García)

Tradutor: -

Editor: Los Ácratas

Preço: Contribuição voluntária direto com o grupo; $0,10 nos kioscos

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 32

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Nono volume da "Biblioteca Ácrata". Sobre a publicação, ver LPH, ano III, n. 55, 26/02/1899, p. 3.

Título: El espíritu revolucionario

Autor: Piotr Kropotkin

Tradutor: -

Editor: Los Ácratas

Preço: $0,10 o exemplar; $1,50 o pacote de 30 cópias

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Décimo volume da "Biblioteca Ácrata". Sobre a publicação, ver LPH, ano III, n. 63, [?]/07/1899, p. 4. A respeito dos preços de venda, ver LPH, ano III, n. 64, 06/08/1899, p. 4.

Título: La peste religiosa
Autor: Johann Most
Tradutor: Torrens Ros
Editor: Los Ácratas
Preço: $0,20
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 16
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Décimo primeiro título da "Biblioteca Ácrata". Documento disponível no acervo no IISG. Sobre a publicação e a tradução, ver MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antología documental del anarquismo español*: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016, p. 279

Título: Anarchia e comunismo
Autor: Carlo Cafiero
Tradutor: -
Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)
Preço: contribuição voluntária
Tiragem: 4.000 exemplares
Custo da edição: 65 pesos
Páginas: 16
Formato: -
Idioma: italiano
Observações: Sobre a publicação e o preço de venda, ver LPH, ano III, n. 55, 26/02/1899, p. 3. A respeito da tiragem e o custo da impressão, ver LPH, ano III, n. 56, 26/03/1899, p. 4.

Título: Che cosa è l'anarchia/Io accuso!

Autor: Domenico Zavattero/Sébastien Faure

Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)

Preço: $0,10

Tiragem: 4.000 exemplares

Custo da edição: 46 pesos

Páginas: -

Formato: -

Idioma: italiano

Observações: Sobre a publicação, a tiragem, o custo da impressão e o preço de venda, ver LPH, ano III, n. 60, 11/06/1899, p. 4.

Título: La inquisición de fin de siglo

Autor: -

Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)

Preço: $0,20

Tiragem: -

Custo da edição:

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação e o preço de venda, ver LPH, ano III, n. 60, 11/06/1899, p. 4.

Título: Senza patria

Autor: Pietro Gori

Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)

Preço: $0,30

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 32

Formato: -

Idioma: italiano

Observações: Sobre a publicação, o preço de venda e a quantidade de páginas ver LPH, ano III, núm. 64, 06/08/1899, p. 4.

Título: I torturati nel Castelo di Montjuich Barcellona

Autor: -

Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)

Preço: $0,20

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: italiano

Observações: Sobre a publicação, o preço de venda ver LPH, ano III, núm. 64,06/08/1899, p. 4.

Título: Enseñanza burguesa y enseñanza libertaria

Autor: Jean Grave

Tradutor: Altair (Mariano Cortés)

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)

Preço: $0,20

Tiragem: 3.000 exemplares

Custo da edição: 57 pesos

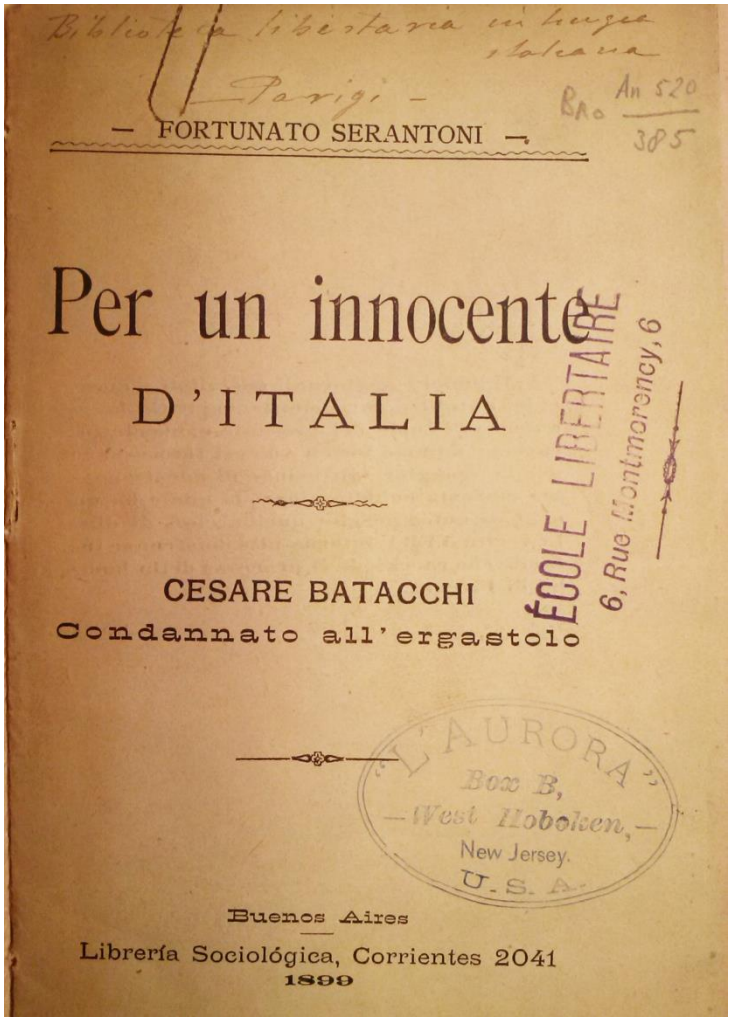
Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a tiragem e o preço de venda, ver LPH, ano III, núm. 66, 03/09/1899, p. 4. A respeito do tradutor e do preço de venda, ver MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antología documental del anarquismo español*: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016, p. 203

Figura 23 – Folha de rosto de *Per un innocente d'Italia*



Fonte: IISG

Título: Per un innocente d'Italia. Cesare Batacchi condannato all'ergastolo

Autor: Fortunato Serantoni

Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)

Preço: gratuito

Tiragem: 3.000 exemplares

Custo da edição: 40 pesos

Páginas: 16

Formato: -

Idioma: italiano

Observações: Documento disponível no acervo no IISG. Sobre a tiragem e o custo de impressão, ver LPH, ano III, n. 74, 24/12/1899, p. 4. Informações sobre o preço de venda e a quantidade de páginas retiradas do próprio documento.

Título: I Delitti di Dio
Autor: Sébastien Faure
Tradutor: -
Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)
Preço: $0,10
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 32
Formato: -
Idioma: italiano
Observações: Documento disponível no acervo no IISG. Sobre a publicação e o preço de venda, ver LPH, ano III, n. 66, 03/09/1899, p. 4. A respeito do editor e da quantidade de páginas, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19.

Título: L'Anarchia
Autor: Errico Malatesta
Tradutor: -
Editor: Grupo "Alba"
Preço: $0,15
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 61 páginas
Formato: in-16º
Idioma: italiano
Observações: Sobre a publicação, ver LPH, Ano III, núm. 69, 15/10/1899, p. 4 e núm. 71, 12/11/1899, p. 4. A respeito do formato e da quantidade de páginas, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19.

Título: El conventillo. Cuadro de costumbres bonaerenses

Autor: Elám Ravel

Tradutor: -

Editor: El Rebelde

Preço: -

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação, ver MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antología documental del anarquismo español*: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016, p. 160

Título: Primo Maggio

Autor: Dr. Ezio Rubini (prólogo de Pietro Gori)

Tradutor: -

Editor: Imprenta Galileo

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: -

Custo da edição: -

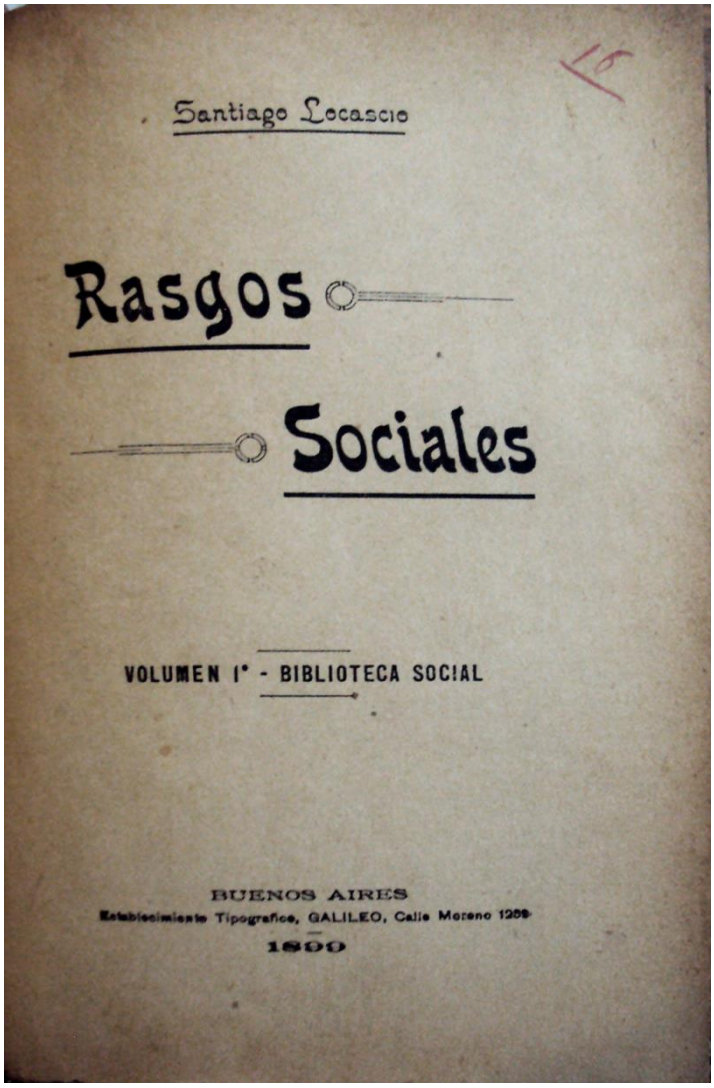
Páginas: 32

Formato: -

Idioma: italiano

Observações: Documento disponível para consulta no acervo do CeDInCI. Sobre a publicação, ver LPH, ano II, 14/05/1899, n. 58, p. 3.

Figura 24 – Capa de *Rasgos sociales*



Fonte: CeDInCI

Título: Rasgos Sociales

Autor: Santiago Locascio

Tradutor: -

Editor: Imprenta Galileo

Preço: -

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 48

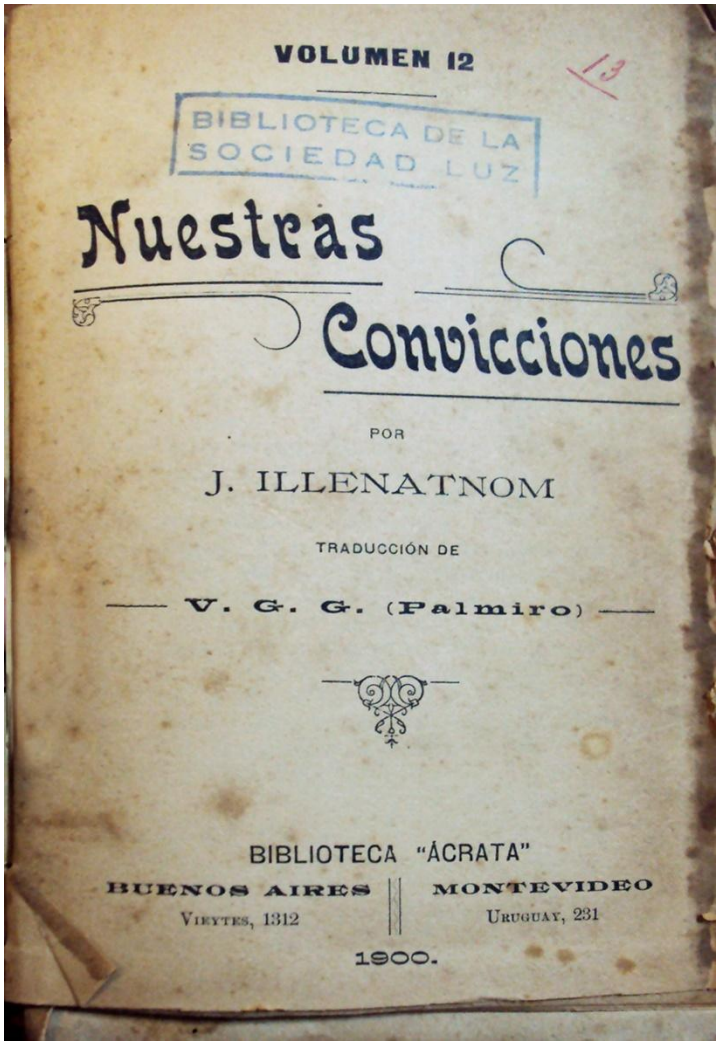
Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Primeiro volume da “Biblioteca Social”. Documento disponível para consulta no acervo do CeDInCI. Informações retiradas do próprio folheto.

1900

Figura 25 – Capa de *Nuestras convicciones*



Fonte: CeDInCI

Título: Nuestras convicciones

Autor: J. Illenatnom (pseudônimo de Montanelli)

Tradutor: Palmiro (pseudônimo de Vicente García)

Editor: Los Ácratas

Preço: $0,10 cada exemplar. Desconto de 20% para pedidos de 20 ou mais exemplares.

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Décimo segundo volume da "Biblioteca Ácrata". Sobre a publicação e o preço de venda, ver LPH, ano III, núm. 76, 21/01/1900, p. 4. A respeito do tradutor, ver MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antología documental del anarquismo español*: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016, p. 189.

Título: El amor libre

Autor: Charles Albert

Tradutor: Torrens Ros

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)

Preço: $0,15

Tiragem: -

Custo da edição: -

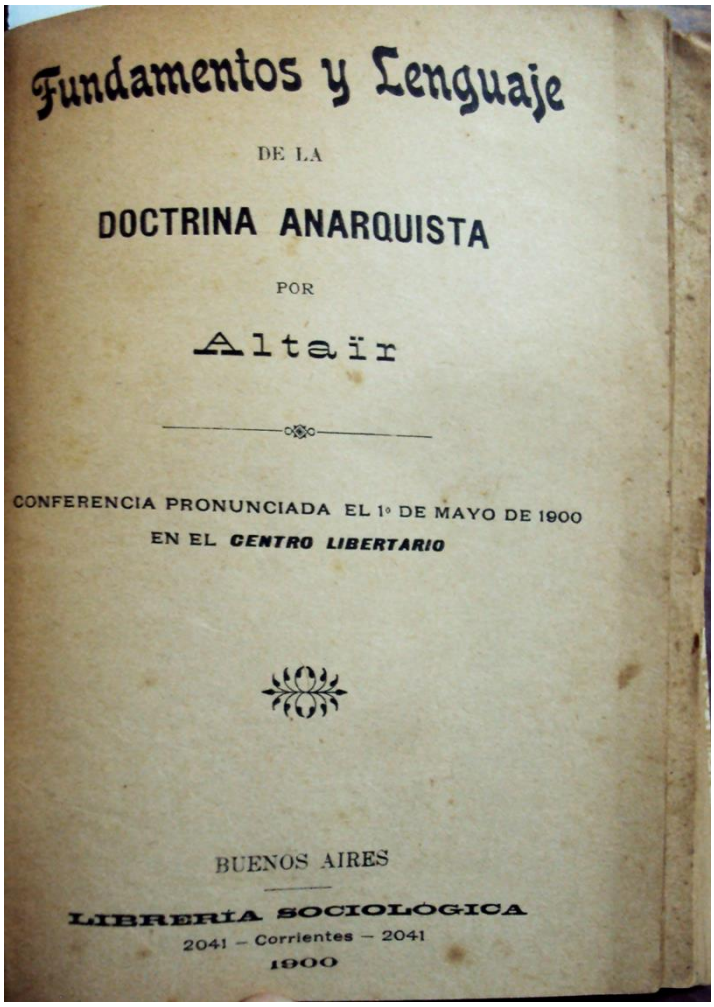
Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação e o tradutor, ver LPH, Ano III, núm. 82, 15/04/1900, p. 4

Figura 26 – Capa de *Fundamentos y lenguaje de la doctrina anarquista*


Fundamentos y Lenguaje

DE LA

DOCTRINA ANARQUISTA

POR

Altaïr

CONFERENCIA PRONUNCIADA EL 1º DE MAYO DE 1900
EN EL CENTRO LIBERTARIO

BUENOS AIRES

LIBRERÍA SOCIOLÓGICA
2041 – Corrientes – 2041
1900

Fonte: CeDInCI

Título: Fundamentos y lenguaje de la doctrina anarquista

Autor: Altair (pseudônimo Mariano Cortés)

Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)

Preço: $0,15. Desconto de 20% para pacotes de 20 ou mais exemplares.

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 48

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Conferência ocorrida no "Centro Libertario" em virtude do 1º de maio. Sobre a publicação e o preço de venda, ver LPH, Ano IV, núm. 86, 10/06/1900, p. 4

Título: Perché siamo anarchici?
Autor: Saverio Merlino
Tradutor: -
Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)
Preço: -
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: -
Formato: -
Idioma: italiano
Observações: Sobre a publicação, ver GIORDANO, Adriano Paolo. Fortunato Serantoni: l'editore errante dell'anarchia. In: ANTONIOLI, Maurizio (Org.). *Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento*. Pisa: Bfs Edizioni, 2007, p. 111.

Título: Ni dios, ni patria
Autor: Benjamin Motta/ Vicente García
Tradutor: -
Editor: El Rebelde
Preço: contribuição voluntária
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 32
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, ver LPH, Ano III, nº 92, 02/09/1900, p.4. A nota do "La Protesta Humana" noticia a edição conjunta do texto de Motta com o de García, porém, não informa o título do último.

Título: Conferencias populares sobre sociología
Autor: Antoni Pellicer i Paraire

Tradutor: -

Editor: Biblioteca Geopolita

Preço: $0,60

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 108

Formato: in-8º

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação e a quantidade de páginas, ver LPH, Ano III, n. 75, 07/01/1900, p.4. A respeito do preço de venda, ver LPH, Ano III, n. 78, 18/02/1900, p.4. Sobre o formato, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 21.

Figura 27 – Capa de *Lo que quieren los anarquistas /La Familia*

Biblioteca de El "Obrero Panadero"

ENRIQUE DHORR

LO QUE QUIEREN LOS ANARQUISTAS

F. S. Merlino

LA FAMILIA

PRECIO VOLUNTARIO

BUENOS AIRES
IMP. DEL PERIÓDICO «L'AVVENIRE» — CORRIENTES 1258
Volumen n. 1.
1900

Fonte: Centro de Studi Sociali Francesco Saverio Merlino

Título: La familia/ Lo que quieren los libertarios

Autor: Henri Dhour/ Saverio Merlino

Tradutor: -

Editor: El Obrero Panadero

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 16

Formato: in-12°

Idioma: espanhol

Observações: Primeiro volume da Biblioteca de “El Obrero Panadero”. Sobre a publicação, ver LPH, Ano III, n. 76, 21/01/1900, p. 2. A respeito do preço de venda, ver LPH, Ano III, n. 77, 04/02/1900, p. 2. Sobre o formato, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19.

Figura 28 – Capa de *Socialismo y anarquismo /Dos palabras*

Biblioteca de "El Obrero Panadero"

SOCIALISMO Y ANARQUISMO

(MÉTODOS)

POR

JUAN GRAVE

con «Dos palabras» por

Félix B. Basterra

PRECIO VOLUNTARIO

BUENOS AIRES

Imp. del periódico "L'Avvenire" — Corrientes 1258

Volumen N. 2

1900

Fonte: CeDInCI

Título: Socialismo y anarquismo (métodos)/ Dos palabras

Autor: Jean Grave/ Félix Basterra

Tradutor: Antonio López (“Socialismo y anarquismo (métodos)”)

Editor: El Obrero Panadero

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 16 páginas

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Segundo volume da Biblioteca de "El Obrero Panadero". Sobre a publicação, quantidade de páginas e o tradutor, ver LPH, Ano III, nº 84, p.4.

Título: Del amor - modo de acción y finalidad social

Autor: Ricardo Mella

Tradutor: -

Editor: Biblioteca Geopolita

Preço: $0,50

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 60 páginas

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação, ver LPH, Ano III, nº 88, 08/07/1900, p. 3. A respeito do preço de venda, ver MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antología documental del anarquismo español*: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016, p. 269.

Título: Educazione anarchica. Il nostro devere

Autor: Francis Mirward

Tradutor: -

Editor: L'Avvenire

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 16 páginas

Formato: in-8º

Idioma: italiano

Observações: Primeiro volume da Biblioteca de "L'Avvenire". Sobre a publicação, ver ER, Ano II, n. 38, 24/06/1900, p. 4; sobre o formato, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 22.

Título: Revolucionarios

Autor: A. Steens (prólogo de Alberto Ghiraldo)

Tradutor: -

Editor: El Sol

Preço: $0,50

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 32 páginas

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação e o preço de venda, ver ES, Ano II, nº 94 e LPH, Ano III, nº96, 28/10/1900, p. 3.

Título: Le basi morali dell'Anarchia

Autor: Pietro Gori

Tradutor: -

Editor: Biblioteca socialista-anarchica di Barracas

Preço: $0,10

Tiragem: -

Custo da edição:

Páginas: 24

Formato: in-8º

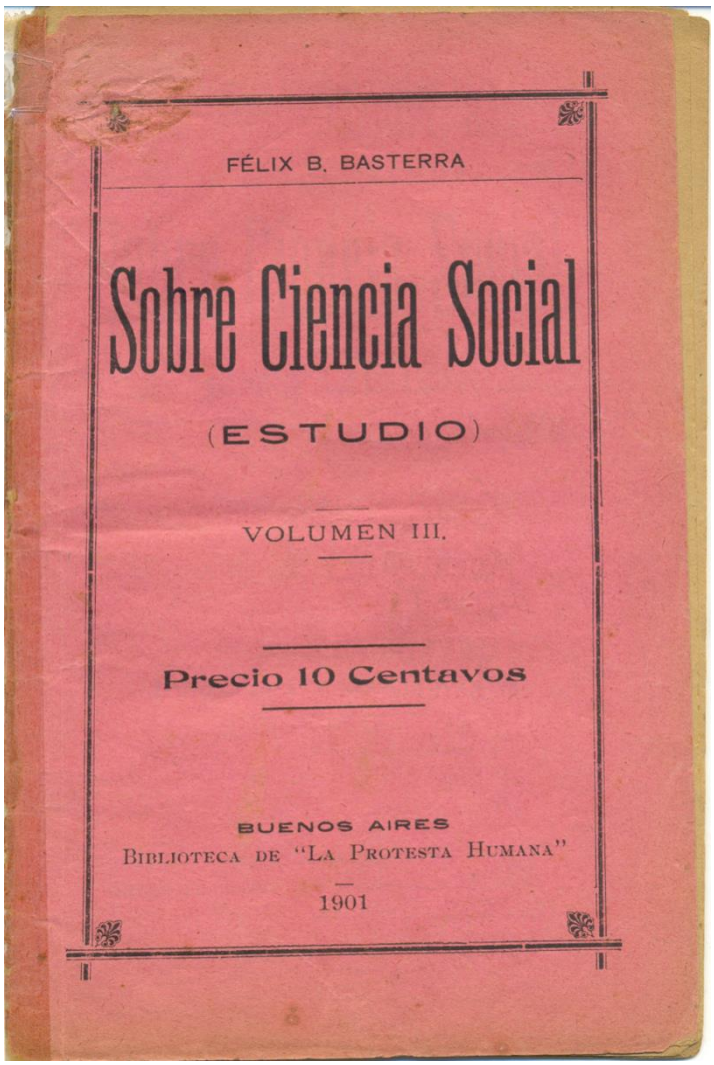
Idioma: italiano

Observações: Primeiro volume da Biblioteca socialista-anarchica di Barracas. Sobre o preço de venda, ver LPH, Ano IV, nº 98, 10/11/1900, p. 4. A respeito da publicação, do formato e da quantidade de páginas, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de

América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 20.

1901

Figura 29 – Capa de *Sobre Ciencia Social*



Fonte: BAEL - FLA

Título: Sobre ciencia social

Autor: Félix Basterra

Tradutor: -

Editor: La Protesta Humana

Preço: $0,10

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Terceiro volume da "Biblioteca de La Protesta Humana". Sobre a publicação e o preço de venda, ver LPH, Ano V, nº 108, 26/01/1901, p. 4.

Título: En la sobrecubierta

Autor: Félix Basterra

Tradutor: -

Editor: La Protesta Humana

Preço: -

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação, ver GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. Cadernos AEL, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 141

Título: Elementos de anarquía

Autor: Gaspar Christopher Clemens

Tradutor: -

Editor: La Protesta Humana

Preço: $0,20

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 80

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Quarto volume da "Biblioteca de La Protesta Humana". Sobre a publicação, o preço de venda e a quantidade de páginas, ver LPH, Ano V, n. 136, 17/08/1901, p. 4.

Título: Entre Campesinos
Autor: Errico Malatesta
Tradutor: -
Editor: El Rebelde
Preço: contribuição voluntária
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: -
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, ver GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. Cadernos AEL, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 154

Título: La anarquía es inevitable
Autor: Piotr Kropotkin
Tradutor: Altair (pseudônimo de Mariano Cortés)
Editor: El Rebelde
Preço: contribuição voluntária
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: -
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, ver GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. Cadernos AEL, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 152 e MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antología documental del anarquismo*

español: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016, p. 224. A respeito do preço de venda, ver LPH, Ano VI, n. 191, 15/09/1902, p. 4.

Título: La peste religiosa
Autor: Johann Most
Tradutor: -
Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)
Preço: -
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: -
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, ver LPH, ano V, n. 112, 23/02/1901, p. 2.

Título: Il regicidio. Bresci e Savoya
Autor: Almicare Cipriani
Tradutor: -
Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)
Preço: -
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 32
Formato: -
Idioma: italiano
Observações: Sobre a publicação, ver LPH, ano V, n. 112, 23/02/1901, p. 2. A respeito da quantidade de páginas, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografia anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 19.

Título: ¿Donde está Dios?
Autor: Miguel Rey
Tradutor: -

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)
Preço: $0,10
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: -
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, ver LPH, Ano V, n. 112, 23/02/1901, p. 2. A respeito do preço de venda, ver LPH, Ano V, n. 117, 06/04/1901, p. 4.

Título: La defensa de los criminales - crítica de la moralidad
Autor: Edward Carpenter
Tradutor: J. Molina y Vedia
Editor: Pedro Tonini (Imprenta Elzeviriana)
Preço: $0,25
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 30 páginas
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, o tradutor e o preço de venda, ver LPH, Ano V, n. 116, 30/03/1901, p. 4.

1902

Título: El congreso revolucionario internacional de París. Septiembre de 1900
Autor: vários (compilação de artigos e informes enviados de diversos países para o Congresso Internacional Anarquista, marcado para 1900, mas que não ocorreu).
Tradutor: -
Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)
Preço: -
Tiragem: -
Custo da edição: -

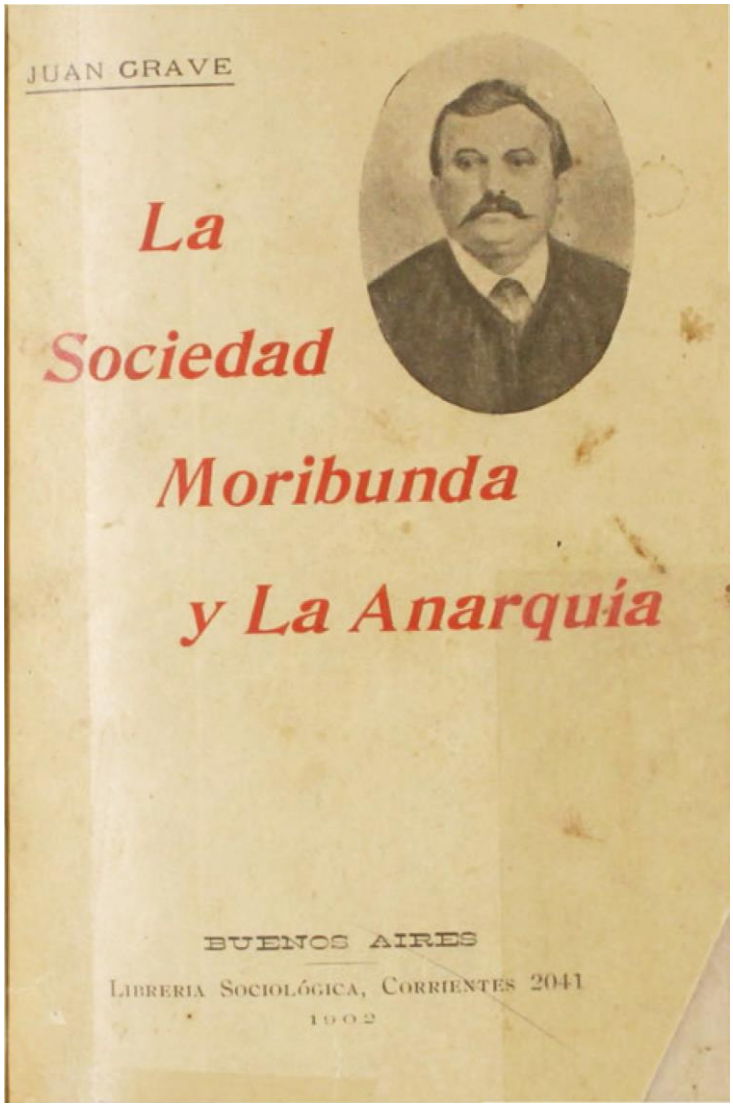
Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação, ver MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antología documental del anarquismo español*: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016, p. 145.

Figura 30 – Capa de *La sociedad moribunda y la anarquía*



Fonte: IISG

Título: La Sociedad moribunda y la anarquía

Autor: Jean Grave

Tradutor: Pere Esteve

Editor: Fortunato Serantoni (Biblioteca de la Librería Sociológica)

Preço: $0,75

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 307

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Documento disponível para consulta no acervo do IISG. Sobre a publicação, o tradutor e a quantidade de páginas, ver o próprio documento. A respeito do preço de venda, ver LPH, ano VII, n. 211, p. 4.

Título: A las hijas del pueblo (terceira edição)

Autor: Anna Maria Mozzoni

Tradutor: -

Editor: La Protesta Humana

Preço: pacote de 25 exemplares: $1; de 50, $2; de 100, $4.

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação e os preços de venda, ver LPH, ano IV, n. 199, 08/11/1902, p. 3 e LPH, ano IV, n. 201, 21/11/1902, p. 4

Título: ¿Por qué somos anarquistas? (segunda edição)

Autor: Saverio Merlino

Tradutor: José Prat

Editor: La Protesta Humana

Preço: pacote de 25 exemplares: $2; de 50, $3.50; de 100, $7.

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação e os preços de venda, ver LPH, ano IV, n. 199, 08/11/1902, p. 3 e LPH, ano IV, n. 201, 21/11/1902, p. 4

Título: Verité

Autor: Élisée Reclus/ Octave Mirabeau/ Carlo Pisacane

Tradutor: -

Editor: Defensores de Nuevas Ideas

Preço: pacote de 100 exemplares para Buenos Aires: $1,25; para o interior: $1,50

Tiragem: 10.000 exemplares

Custo da edição: $67

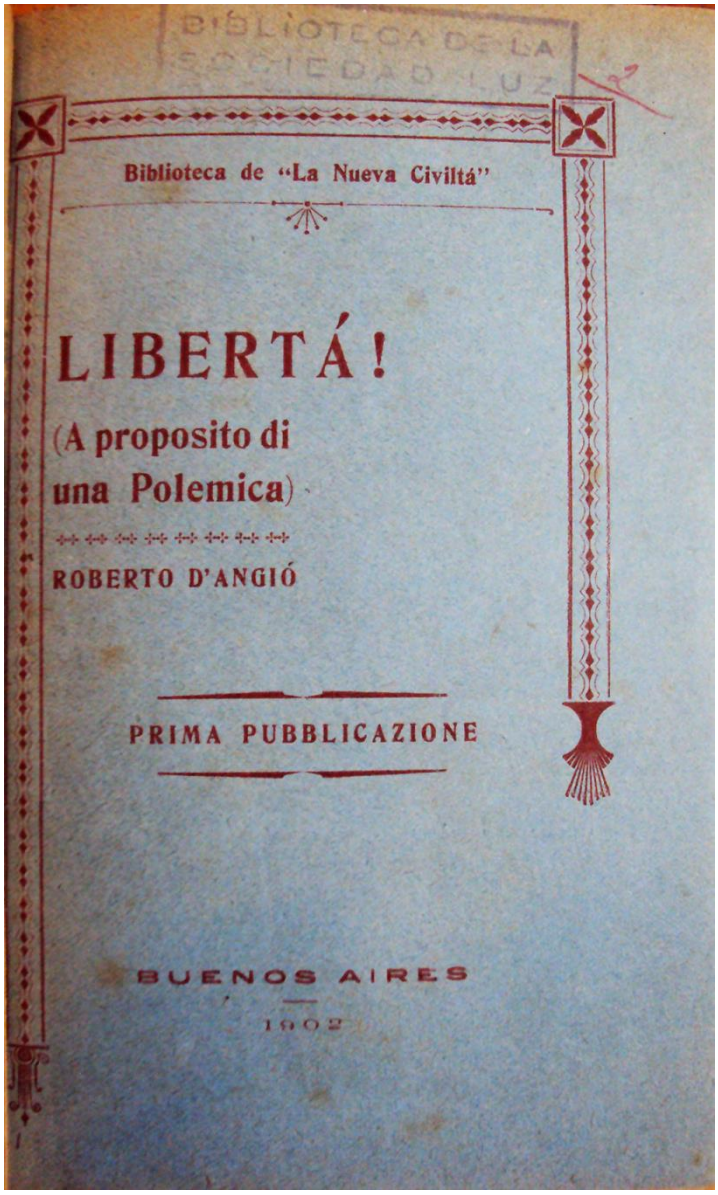
Páginas: 16

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação, preço e quantidade de páginas, ver LPH, ano VI, nº 194, 04/10/1902, p. 4. A respeito da tiragem e do custo da edição, ver LPH, ano VI, nº 196, 13/10/1902, p.4.

Figura 31 – Capa de *Libertá!*



Fonte: CeDInCI

Título: Libertá! A proposito d'una polemica

Autor: Roberto D'Angio

Tradutor: -

Editor: La Nuova Civilitá

Preço: -

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 32

Formato: in-16º

Idioma: italiano

Observações: Primeiro volume da "Biblioteca de La Nuova Civilitá". Documento disponível para consulta no acervo do CeDInCI. Sobre a publicação, ver o próprio documento. A respeito do formato e da quantidade de páginas, ver NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de América latina hasta 1814. In.: Certamen Internacional de La Protesta. Buenos Aires: 1927, p. 20.

Título: A mi hermano el campesino

Autor: Élisée Reclus

Tradutor: -

Editor: El Sol

Preço: -

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação, ver SANTILLÁN, Diego Abad de. Bibliografía anarquista argentina. *Timón*, n. 3, 1938, pp. 178-184

1903

Título: Militarismo

Autor: Ladislao Homnes

Tradutor: -

Editor: El Rebelde

Preço: contribuição voluntária

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 16

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Sobre a publicação, ver GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. Cadernos AEL, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 151

Título: Deísmo y materialismo

Autor: Oreste Ristori

Tradutor: -

Editor: -

Preço: -

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 28

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Documento disponível para consulta no IISG. Sobre a publicação, ver GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. Cadernos AEL, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 162

1904

Título: El problema de la población.

Autor: Sébastien Faure

Tradutor: L. Bulffi

Editor: Bautista Fueyo

Preço: -

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Conferência dada em Paris em 16/11/1903. Documento disponível para consulta no IISG. Sobre a publicação, ver GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. Cadernos AEL, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 146

Título: Heróe ignorado. Monólogo en verso
Autor: Alfonso Grijalvo
Tradutor: -
Editor: Bautista Fueyo
Preço: $0,25
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: -
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, ver MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antología documental del anarquismo español*: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016, p. 204.

Título: ¡Sin Patria! Diálogo en verso estrenado
Autor: Ramón Brotons e Manuel Torres
Tradutor: -
Editor: Bautista Fueyo
Preço: $0,25
Tiragem: -
Custo da edição: -
Páginas: 16
Formato: -
Idioma: espanhol
Observações: Sobre a publicação, ver MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antología documental del anarquismo español*: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016, p. 373.

Título: Los métodos de lucha (eficacia del boicot y sabotaje) / Ni Dios ni Patria

Autor: G. Balsas / Benjamin Motta

Tradutor: J. G. (do texto de Benjamin Motta)

Editor: La Protesta

Preço: -

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 32

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Documento disponível para consulta no IISG. Sobre a publicação, ver GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. Cadernos AEL, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 140

Título: En el café. Conversaciones sobre el comunismo anárquico

Autor: Errico Malatesta

Tradutor: -

Editor: Biblioteca del Grupo Germinal

Preço: -

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Documento disponível para consulta no IISG. Sobre a publicação, ver GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. Cadernos AEL, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 154

1905

Figura 32 – Capa de *La tiranía del frac*

Fonte: UCLA

Título: La tiranía del frac (Crónica de un preso)

Autor: Alberto Ghiraldo

Tradutor: -

Editor: Martín Fierro

Preço: -

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: 150

Formato: -

Idioma: espanhol

Observações: Documento disponível para consulta no IISG. Sobre a publicação, ver GORDON, Eric; HALL, Michael; SPALDING, Hobart. Um levantamento dos materiais brasileiros e argentinos no Internationaal Instituut Voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã. Cadernos AEL, n. 5/6, Campinas: AEL, 1996/1997, p. 148

Título: Cancionero revolucionario ilustrado. Colección de himnos y canciones libertarias en español e italiano

Autor: -

Tradutor: -

Editor: Bautista Fueyo

Preço: -

Tiragem: -

Custo da edição: -

Páginas: -

Formato: -

Idioma: espanhol e italiano

Observações: Sobre a publicação, ver MADRID, Francisco; SORIANO, Ignacio. *Antología documental del anarquismo español*: Bibliografía del anarquismo en España (1868-1939). 8ª edição. Barcelona: CEDALL, 2016, p. 117.

ANEXO I – *Capacidad Revolucionaria de la Clase Obrera* (Barcelona, 1890)

A seguir, apresentamos a reprodução fotocopiada do texto *Capacidad Revolucionaria de la Clase Obrera*, de Teobaldo Nieva, publicado no *Segundo Certamen Socialista* editado pela *Tipografia La Academia*, de Barcelona, em 1890. Edição original se encontra no acervo da Fundación Anselmo Lorenzo (Madri, Espanha) que gentilmente nos enviou a cópia.

Los resortes del sistema imperante se han gastado por completo. Las crisis sobrevienen con rapidez vertiginosa. Las guerras se dibujan en el horizonte próximas á estallar. Las clases dominantes han llegado al máximo de degradación. Todo vacila, todo se tambalea pronto á caer con horrísono estrépito. De otró lado la agitación revolucionaria aumenta asombrosamente. Los elementos socialistas pronuncian y acentúan sus protestas y sus medios de acción. Los hambrientos se ven arrojados á una lucha desesperada. Y los nuevos ideales son ya comunes á todos los países y á todas las razas. ¿Qué falta?

Un momento no más, un momento propicio y la Revolución, la gran Revolución Social estallará, en todas partes á la vez, imponente, amenazadora.

Corred, pues, á uniros con los combatientes; corred á las avanzadas del ejército revolucionario; corred, apresuráos que el tiempo vuela, que los sucesos se precipitan y quizás lleguéis tarde.

Siglos y más siglos de esclavitud os hacen vacilar; vuestros hábitos pueden más que vuestra razón. ¡Romped de una vez con el pasado, héroes del porvenir! ¡Romped para siempre con la tradición de esclavos y proclamáos hombres libres!

La Revolución Social, pronta, inmediata, requiere vuestro esfuerzo. A combatir, pues; á pelear.

Asociación de fuerzas, agitación permanente, revolución total de lo existente: tal es vuestro deber.

¡A la asociación, trabajadores! ¡A la agitación, obreros! ¡A la Revolución Social, esclavos del presente, parias, ilotas y siervos de siempre! ¡A la Revolución Social, proletarios todos, para reconquistar la libertad, la riqueza y la ciencia!

¡A la Revolución por todo y en todo!

R. M.

CAPACIDAD REVOLUCIONARIA DE LA CLASE OBRERA

Si algo hay raro en el mundo, es sin duda alguna, que la mayoría de los hombres, la parte más numerosa del género humano, esto es, trabajadores, fuerza armada de orden público, ejércitos, dependientes, criados, miserables y despojados, de todos los géneros y condiciones, se dejen supeditar por los menos y permanezcan aquiescentes y sumisos, obedientes y respetuosos, agradecidos y serviciales, ante los que les explotan y maltratan, ante aquellos que les perjudican y rodean de privaciones, vejámenes, riesgos y desprecios, obligándolos á hacer, por lo general, cosas difíciles y repugnantes, contrarias á su voluntad, á sus gustos y comodidad, á sus propias salud y vida.

Y este fenómeno de extrañeza crece considerablemente, si consideramos, sobre todo, la organización de los ejércitos, en donde una fuerza insignificante de menor número y cuantía se impone contra un mayor número de seres fuertes, robustos y armados, para privarlos de su libertad y hasta del sueño algunas veces, hacerlos instrumentos viles de fines contrarios á sus intereses, y conducirlos á padecer y á morir en medio de horrores y sufrimientos, matando á sus propios padres, hermanos y familias de ordinario, y esto, justamente, en la edad viril, cuanto más se manifiesta la entereza de las pasiones y de la personalidad humana, para ejecutar su capricho y aquello que les halague y les sea conveniente y necesario.

Verdaderamente, parece que todo esto y mucho más pueda suceder, hasta el punto de que si fuera posible que algunos habitantes de otros globos más perfeccionados, bajasen á éste nuestro, microscópico y despreciable en que vivimos, se quedarían pasmados de sorpresa al ver y

observar las barbaries é iniquidades de estos pequeños seres invisibles llamados hombres, esto es, *animales racionales*, que se mueven y agitan de una manera tan ajena de sus propios fines; y esta sorpresa sería sin duda alguna infinitamente mayor que la que produce en nosotros mismos el salvajismo de los tiempos pasados.

La filosofía de la historia nos demuestra el secreto de este extraordinario fenómeno, y es la ignorancia y cobardía de la incipiencia humana desde los primeros grupos de la primitiva animalidad.

Mentira parece, repito, esta falta de capacidad, y, sobre todo, en el mayor número reducido ya por el hambre, por la miseria y por la misma ignorancia y cobardía.

Lejos de mí y de todos, el desconocer los asombrosos adelantos, los grandiosos perfeccionamientos que ha alcanzado nuestra especie; pero estas mejoras, no están aún, en tantísimos siglos como el mundo lleva de existencia, al alcance de todos, no se disfrutan todavía en igualdad de condiciones, y aquellos que más contribuyeron y contribuyen á crear bienestar tan sobrado, son los que menos lo gozaron y gozan, contra toda justicia y razón. Y esto prueba, fehacientemente, que aquella ignorancia y cobardía de la incipiencia humana, ha tomado, si se quiere, mayor incremento y proporciones, á causa del mismo progreso.

La razón y motivo de tan extraños contrastes, no son otros, sino que los unos, los *dominadores*, tuvieron desde luego una naturaleza y temperamento distintos que los *dominados*.

Los primeros, eran y son, no sólo *carnivoros*, sino *omnivoros*, dotados por consiguiente de superiores apetitos y goces, puesto que con el ázoe de la carne y la mezcla de alimentos, pueden y pudieron nutrirse mejor y tener mayor fósforo en su cerebro, circulación más activa y fogosa en su sangre: hé ahí el secreto de su fuerza y poderío, á pesar de ser los menos.

Los segundos, *herviboros* y frugales, desde aborigine, alimentándose sólo de raíces y plantas tuberculosas, se contentaron siempre con poco, y son la raza escrofulosa y débil que ya desde aquellos primeros grupos humanos fueron sojuzgados por la conquista, la fuerza y la expropiación, para hacerlos trabajar á latigazos y refinar los gustos y comodidades de los primeros, á fin de poder triunfar estos cómoda y satisfactoriamente en la lucha por la vida, contribuyendo también así á la mejor selección de la especie.

Tales son las causas originarias y permanentes de la propiedad absorbente, del principio de autoridad, de las religiones, de la moral restrictiva y represiva, de cuantos sistemas y reglamentos sofocan toda que-

ja y aspiraciones en los sometidos, que los reduce á la muerte de todas sus iniciativas más salvadoras, como de sus más legítimos deseos y expansiones, que de sus movimientos pasionarios surgen y pudieron surgir en el tiempo y en el espacio.

Muchos siglos estuvieron los explotados sin poder conocer ni distinguir las causas de sus males, sin poder discernir cual era el enemigo para aniquilarlo y emanciparse, confundidos y mezclados como estaban y aun con él, para alimentarlo y engrandecerlo cada vez más, con la fuerza de su trabajo asalariado.

Cuando Proudhon escribió su *Capacidad política de la clase obrera*, se complacía aquel gran filósofo revolucionario en reconocer que el proletariado sabía ya que *el capital* era ese enemigo formidable, contra el que debía dirigir su acción común y todas sus rebeldes energías; pero que ignoraban aún los procedimientos y medios de vencerlo y anonadarlo, á fin de triunfar de su omnipotencia.

Después, la clase obrera, aleccionada y desengañada en lo general de las falsas promesas de los prohombres políticos y de todos los sistemas gubernamentales más avanzados, dió un paso gigantesco hacia adelante, separándose de todos los partidos políticos y agrupándose como *clase*, contra la *clase capitalista*, declarando que *la emancipación de los trabajadores debía ser obra de los trabajadores mismos.*

Este sorprendente y prodigioso paso de avance, orientó desde luego al proletariado consciente y enérgico, y determinó, no ya la *capacidad política*, sino *revolucionaria*, teórica y práctica de la clase obrera.

Una de las primeras manifestaciones de esta orientación y capacidad revolucionaria, fué el sorprendente lema de la *Internacional de Trabajadores*.

No más deberes sin derechos.

No más derechos sin deberes.

Pero como quiera que cayeron en los mismos defectos que la burguesía, en las mismas redes de los dominadores, continuaron invocando la propia moral restrictiva y represiva que sofocaba la efervescencia pasionaria, continuaron sistematizando y desarrollando dogmas y doctrinarismos, y volvieron á desorientarse, concluyendo por asemejarse y copiar á los viejos y desacreditados partidos políticos.

Fluctuó, por tanto, la capacidad revolucionaria de la clase obrera, porque los trabajadores no se habían hecho aún cargo de que la verdadera revolución está reñida con todo dogma, con todo doctrinarismo, y es enemiga acérrima y declarada de todo sistema, ley y reglamentación que cohiba y coarte las libérrimas facultades y manifestaciones de los

167

13

seres por los impulsos de sus necesidades y aspiraciones, y que para ser revolucionario, lejos de metodizarse y sujetarse á reglamentos y sistemas, era menester tener, como el mismo Proudhon dijo, *el diablo en el cuerpo*.

Esta posesión del diablo, esta figura alegórica, no es otra que la rebeldía eterna; esto es, la Anarquía.

Porque, como también dijo Proudhon, y es preciso repetir á menudo, los revolucionarios somos hijos de Satanás. Pues bien, para Satanás. *todo es suyo*, y no obedece *ni á Dios;* esto es, *á nadie*, puesto que Dios *es nadie*.

Hé aquí la gran síntesis de la Revolución, que ha de trastornar las cabezas é infundir capacidad y aliento para destruir el orden existente:

TODO ES DE TODOS Y NADIE DEBE OBEDIENCIA Á NADIE.

Este y no otro es el gran principio que, unido á la rebelión perpetua que lógicamente se traduce en huelga permanente y reivindicaciones sucesivas y simultáneas, ha de dar muestra y señal de la capacidad revolucionaria, cuando esta conciencia se despierte para disolver esta sociedad y que venga el entenderse y arreglarse.

Pero para poder, es preciso conocer y querer.

Es preciso ante todo conocerse á sí mismo, y esto es, tener conciencia de su personalidad, de sus derechos, sin los que dicha personalidad no se realiza y el derecho implica su propia conservación, y no teniendo la garantía por toda la vida, en toda ocasión, lugar y tiempo, nadie puede estar ni permanecer en aptitud de cumplir deberes.

Por esta razón, el derecho es la salud, la vida del individuo, sin la cual no le es dado manifestarse ni tener movimientos; y por consiguiente el derecho se confunde y compenetra con el deber, y la esencia de éste, no es más que dar satisfacción al derecho, comenzando por sí propio.

Por eso el individuo debe querer para sí la integridad de su sér, que no puede dividirse ni enajenarse para fines contrarios á los suyos propios, que son, su *autonomía*, *garantía* y *seguridad* de conservar su existencia, que no otra cosa significa, ni para otra cosa busca la relación social. Y esa conservación de sí propio, primer derecho natural é impositivo del hombre, debe buscarla con todas las comodidades y bienestar á cuya creación ha contribuído ó puede contribuir en sociedad, con sus aptitudes y facultades.

De aquí que la sociedad, que necesita del individuo, debe proporcionar y allanar para él todos los medios de desarrollo, facilitarle todos los

grandes factores de la producción y de su propio desenvolvimiento; y poner además á su alcance todos los conocimientos científicos que puedan nutrir é ilustrar su inteligencia, si es tal sociedad, pues todos estos beneficios los ha acumulado la humanidad para bien del hombre, para bien de la sustantividad individual, sin la cual la célula social, el germen fecundo de la humanidad perece en flor y la humanidad no existe.

Y para que la manifestación individual pueda aparecer y desarrollarse y, por lo tanto, la humanidad en conjunto, en la relación y manifestación de sus partes, estas no deben éstar vejadas, oprimidas ni atrofiadas, sino todo lo contrario, desenveltas con vida propia, según sus gustos, inclinaciones, impulsos, apetitos y hasta caprichos, que son, en resumen, movimientos naturales de todo organismo pensante y consciente.

Y estas relaciones humanas y racionales del individuo y de la sociedad, nadie puede sujetarlas ni imponerlas, ni menos reglamentarlas á condición alguna, porque surgen por los pactos en el determinismo de las fuerzas materiales y sociales, que es el movimiento y la vida de la naturaleza como de la sociedad, sin que nadie pueda dárselo ni quitárselo.

Y por eso, todo gobierno, toda autoridad, todo reglamento, toda organización, toda ley, por lo que el individuo esté expuesto á perder el más pequeño átomo de su libertad, es una injuria para la humanidad y para el individuo, y que éste no debe, si es digno, acatar ni sostener, y la fuerza bruta que todos estos vejámenes, arbitrariedades y depresiones sostiene, un contra sentido que prueba la bestialidad y la ceguera humana.

Y como el individuo en el orden actual de las sociedades y de la humanidad, encuentra deprimido su sér y conculcado su derecho, si es hombre, si es racional, deberá odiar y declarar guerra sin cuartel al orden social y á la humanidad entera, porque, como primera condición de la vida y de la inteligencia, necesita la Justicia, y por tanto, ser revolucionario, que la revolución no es otra cosa que las iras y venganzas populares en la plenitud de su ejercicio y sin que se dejen dominar por nada ni por nadie.

Y en su acción revolucionaria manifestará su odio mortal á todas las mentiras religiosas que trastornan las conciencias para someterlas á todo sistema de gobierno que se coloque sobre el hombre y contra el hombre, y destruirá é incendiará los templos y condenará á muerte á todo sacerdote para que no quede ni uno; á muerte á todo dictador, grupo, jefes ó junta revolucionaria que centralice el poder de la revolución para transformarla en reacción, impidiendo con todas sus fuerzas que sobre

las ruinas de un poder autoritario se levante ninguno, como otra nueva forma de la tiranía.

Porque unos y otros, sacerdotes y hombres de estado, en híbrido consorcio,—no hay estado sin religión,—lo que quieren es mutilar la razón, matar al hombre, matar la Revolución, por la cual éste logra su libre iniciativa; y la Revolución, principio y fin de la Justicia, tiene que obrar al exterminarlos, con sus mismas leyes, esto es, en la *reciprocidad*, una de las condiciones necesarias de la Justicia, de que no puede humanamente prescindir en realidad por más que el ideal sea superior y exento de pasión y de venganza.

Y la tea revolucionaria incendiará inmediatamente el registro de la propiedad para que no quede de ella ni aún rastro; los bancos, las audiencias territoriales, las cárceles, los presidios, después de haber dado libertad á todas las víctimas de una sociedad madrastra que los dejó aislados á sus propios recursos y abandonados en la resbaladiza pendiente del crimen. Incendiará y hará volar así mismo los cuarteles, llamando anteriormente á los hijos del pueblo para que dejen de ser instrumentos viles del despotismo de la infame burguesía.

Y la ira popular implacable para hacerse Justicia, como lo fueron y lo son eternamente todos los sostenedores de las injusticias é iniquidades de la tierra, los aniquilará sin humanitarismos ni *sensibilerías*, en la conciencia de que la Revolución, al destruir las personas y las cosas que se opongan á la majestuosa y triunfante marcha de la Justicia, y al destruir y derribar los infames monumentos que perpetúan los odios de los pueblos, no causará ni podrá causar tantas hecatombes y ruinas en su furibundo rencor por tantos siglos contenido como motivó y motiva la frialdad calculada, sanguinaria y despótica de la explotación del capital y de la inicua propiedad individual.

Y como la Revolución no puede ser política, sino social, se apoderará de toda la riquezza social creada por el trabajo; de la tierra, de las máquinas é instrumentos de la producción, á fin de hacerla común y universalizarla para la emancipación del proletariado, y establecer con base segura la solidaridad humana y económica que sustituye al cosmopolitismo, á la filantropía, á la moral misma, entre todos los hombres y pueblos del globo que habitamos como una sola familia.

¡Y hé ahí la capacidad revolucionaria, la conciencia y poder de la Revolución!

Porque la Revolución debe ser práctica, y lo será destruyendo todas las iniquidades para edificar el reinado de la Justicia y del Derecho en la igualdad, para la conservación y bienestar de la especie humana, harmo-

nizando después los intereses sociales con los del individuo, complementando y desarrollando el *egoismo*, primer grito y manifestación de la conciencia del sér, con el *altruismo*, consecuencia ineludible de la sociabilidad y de las mutuas relaciones humanas en ejercicio, instigadas y estimuladas por las propias necesidades del individuo.

Y como esas necesidades son latentes é intensas en el tiempo y en el espacio, la capacidad revolucianaria de la clase obrera de todos los desheredados y despojados, *conociendo*, *queriendo* y *pudiendo*, no aguardará seguramente el momento de la *liquidación total diferida* al día ó época definitiva de la Revolución, sino que se manifestará ya desde luego por las *liquidaciones parciales*, que son reivindicación inmediata del derecho usurpado por los sucesivos y permanentes despojos de que aquélla ha sido y es objeto en la continuidad del tiempo y del espacio, y mucho más cuanto más trabaje.

La capacidad revolucionaria de la clase obrera debe dar de sí, si existe, señales y manifestaciones inequívocas en el taller, en todas las relaciones sociales y por las costumbres y conducta de los que la sientan y posean para dañar y perturbar el orden actual de la sociedad.

Ha de manifestarse y dar señales, no así como quiera, sino ruidosas y trastornadoras para la demolición y transformación del orden social, no sólo creando obstáculos insuperables á los gobiernos, sino á la propiedad, á la religión, á la iglesia y á la moral estúpida, estrecha y convencional de la burguesía.

Por lo tanto, la clase obrera, los despojados todos, mientras mayor capacidad revolucionaria fuesen adquiriendo, mayores manifestaciones darían de sus protestas y negación contra un orden que tanto los deprime y envilece: negación de concurso y de cooperación lo primero; negación de respeto á sus leyes, máximas y preceptos; de sumisión y acatamiento á los poderes; y negación, en una palabra, de cuanto les subordina y perjudica.

Habrían de demostrar cada vez más y con tenacidad suma, su libre criterio y acendrado amor á su independencia y á la posesión de sí propios, que es lo que constituye la *integridad* humana de los seres libres y sobre todo de los caracteres rebeldes.

Esto es lo que revelaría y constituiría la capacidad: formar caracteres *rebeldes*.

Entonces la Revolución no sería una aspiración, sino un hecho.

Los caracteres rebeldes se dan á conocer en todos los accidentes de la vida.

En los talleres producen mayores perjuicios que utilidad.

En las relaciones sociales demuestran palpablemente su odio á las instituciones, y en público lo mismo que privadamente, dan á conocer su irascibilidad revolucionaria en cualquiera oportunidad que se presente.

Además, los caracteres rebeldes, como odian todas las farsas sociales en su escepticismo, en la calle misma se manifiestan, no haciendo demostración alguna de respeto, sino todo lo contrario, en procesiones y viáticos; lo mismo que cuando los grandes y poderosos ostentan con estruendo, pompa y soberanía su ridícula vanidad, no sirviéndoles de comparsas y papanatas.

El odio á las iniquidades y á los inicuos que las sustentan es la más santa pasión de los pechos fuertes. Sólo por el odio se robustecen y se engrandecen los pueblos desheredados, porque el odio engendrado por la personalidad ofendida motiva las protestas activas y pasivas, y éstas son los gérmenes fecundos de la Revolución, tanto más fuerte y eficaz, mientras más dura sea la protesta.

La protesta social de los caracteres rebeldes se manifiesta no casándose ni religiosa ni civilmente, sino por la atracción libre de los sexos, y educando á sus hijos para que hagan lo propio.

Esos caractereres no bautizan á sus hijos, rechazan el enterramiento religioso, el sepelio católico y se ponen siempre en acerba contradicción con el modo de ser de esta sociedad absurda.

Los caracteres rebeldes, amables, dulces, benignos y cariñosos de suyo con sus iguales, entre la familia desheredada, son por el contrario, agrios, severos y malignos, en una palabra, de la *cáscara amarga* con los superiores y todos aquéllos que dominan y quieren dominar.

Mientras los obreros soliciten favores y buenos informes de la burguesía, mientras entre estas dos clases antagónicas y enemigas medien relaciones de amistad y agradecimiento, los caracteres rebeldes no se desenvuelven.

Y todo esto y mucho más es la traducción fiel y genuina del hecho que se llama *capacidad revolucionaria*.

Por último; cuando todos los pueblos de la tierra la manifiesten por tal modo y manera y aun en un *crescendo* más sensible, la infame burguesía perderá entonces irremisiblemente sus humos y su soberbia; no comerá ni dormirá tranquila; no podrá reforzar sus guardias y los vigilantes de su propiedad, ni los ejércitos en sus distintas armas, porque la rebelión irá cundiendo.

Esa cobarde burguesía que necesita siempre la *carne de cañón* que la defienda, como necesita así mismo la carne y la fuerza de la explotación

para enriquecerse y la *carne de prostitución* para deleitarse, se vería obligada entonces á defenderse por sí propia; y, desalentada, hidrófoba, recurriría en su impotencia hasta al suicidio, desautorizada ya y perdida en la disolución irremediable de su mal llamado orden social.

¡Qué bello espectáculo!

¡Y qué momentos tan sublimes y supremos para la Justicia y Revolución social!

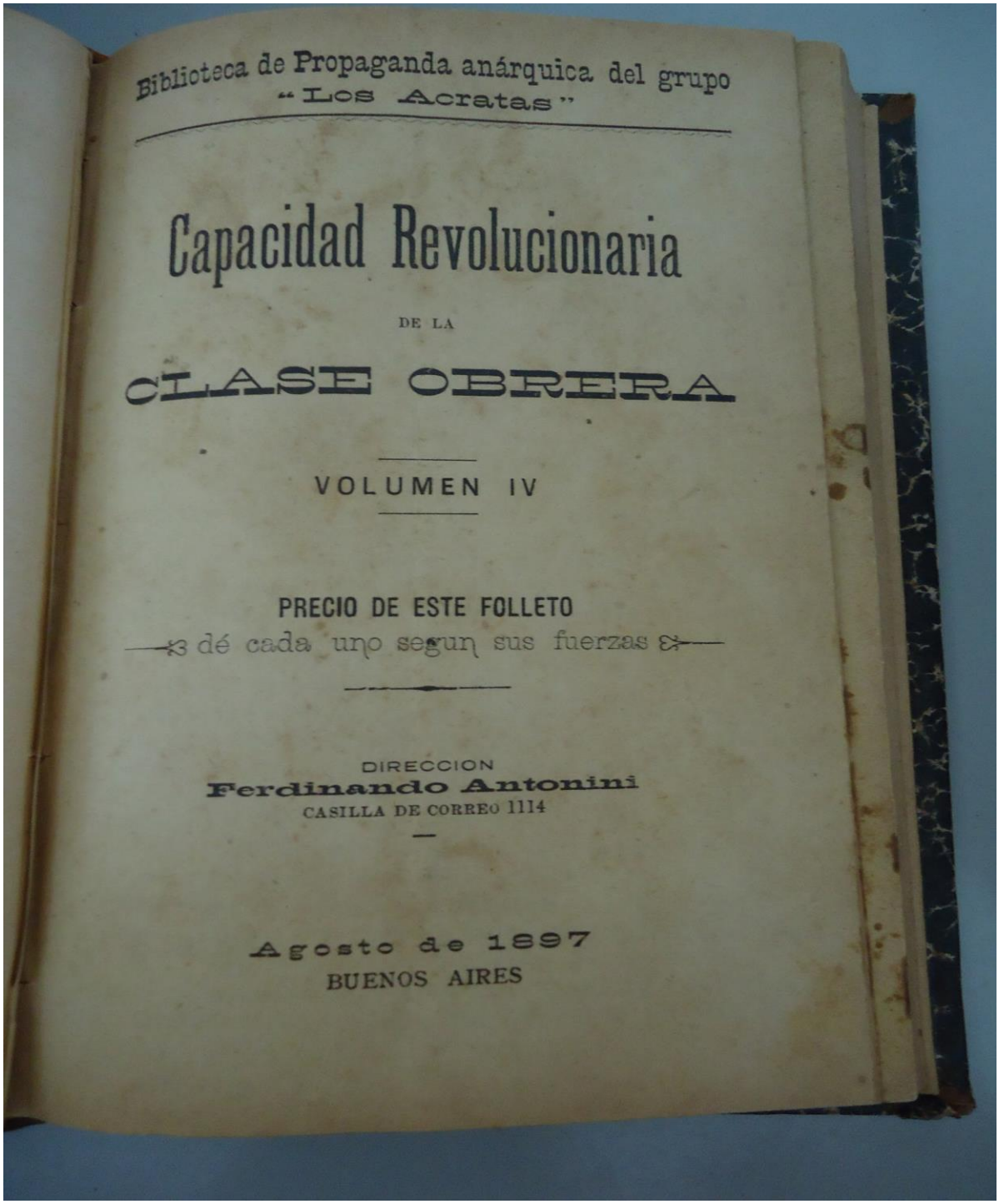
. . . . . .

¿Cuándo llegarán?

TEOBALDO NIEVA.

ANEXO II – *Capacidad Revolucionaria de la Clase Obrera* (Buenos Aires, 1897)

A seguir, apresentamos a reprodução fotografada do folheto *Capacidad Revolucionaria de la Clase Obrera*, publicado pelo grupo *Los Ácratas*, de Buenos Aires, em 1897. Edição original se encontra no acervo da Biblioteca Edgard Carone do Museu Republicano de Itu (USP).



Biblioteca de Propaganda anárquica del grupo
"Los Acratas"

Capacidad Revolucionaria

DE LA

CLASE OBRERA

VOLUMEN IV

PRECIO DE ESTE FOLLETO
dé cada uno segun sus fuerzas

DIRECCION
Ferdinando Antonini
CASILLA DE CORREO 1114

Agosto de 1897
BUENOS AIRES

CAPACIDAD REVOLUCIONARIA
De la Clase
OBRERA

Muchos siglos han pasado, sin que los productores de todo lo existente en el mundo, pudieran conocer ni distinguir las causas de sus males; las causas porqué había la distinción de clases en la sociedad presente; sin poder discernir cual era el enemigo, para aniquilarlo y emanciparse, confundidos y mezclados como estaban y están con él, para alimentarlo y engrandecerlo cada vez más, con la fuerza y producto de su trabajo asalariado.

Si algo hay raro en el mundo, es, sin duda alguna, que la mayoría de los hombres, la parte más numerosa de la humanidad, esto es: trabajadores todos, fuerza armada, dependientes, criados, miserables y despojados, en una palabra, *desheredados del patrimonio universal,* se dejen supeditar y espoliar por los menos y que aquellos permanezcan aquiescentes y sumisos, obedientes y respetuosos, agradecidos y serviciales, ante los que les explotan, oprimen y maltratan, ante aquellos que les perjudican y rodean de privaciones, vejámenes y desprecios, obligándolos á hacer cosas difíciles y repugnantes, contrarias á su voluntad, á sus gustos y comodidades, á su propia salud y vida.

Y esto que siempre ha sucedido en el mundo desde los primitivos tiempos, crece en consideración, si nos fijamos en la organización de los ejércitos, en donde una fuerza insignificante de menor número y cuantía, se impone contra la voluntad de mayor número de seres fuertes, robustos y armados; para privarles de su libertad y hacerlos intrumentos viles de fines contrarios á sus intereses, y conducirlos (cual carneros) á padecer y morir, en medio de horrores y sufrimientos, obligandolos á matar á sus propios padres, hermanos y familias, y cuando no, á otros seres, que nunca han visto, que jamás les han hecho daño alguno, que ni siquiera conocen y ni tampoco saben el por qué, y todo esto sucede precisamente cuando estos seres, estas automáticas máquinas de

matar, se encuentran en la edad viril, cuando más se manifiesta la entera de las pasiones, para ejercer su capricho y aquello que les halague y les sea conveniente y necesario.

La filosofía de la historia nos demuestra el porque de este extraordinario fenómeno, el cual consiste en la ignorancia y cobardía de estos seres desposeídos desde los primeros grupos de la primitiva animalidad, puesto que, parece mentira esta falta de capacidad y sobre todo en los tiempos presentes, en que esta misma clase desheredada, se halla cada vez más esquilmada, hambrienta y miserable.

No se precisa ser muy inteligente para conocer los asombrosos adelantos del grande perfeccionamiento que ha alcanzado nuestra especie, en las distintas evoluciones por que ha pasado la humanidad; pero estas mejoras, este perfeccionamiento, no están aún al alcance de todos, á pesar de tantísimos siglos transcurridos, no se disfrutan todavía en igualdad de condiciones, sino que por el contrario, aquellos que más contribuyeron y contribuyen á crear y perfeccionar bienestar tan sobrado, son los que no lo gozan ni gozaron, contra toda justicia y razón.

Tales son las causas originarias y permanentes del mal; la propiedad absorbente, el principio de autoridad, las religiones todas, la moral restrictiva y represiva y cuantos sistemas y reglamentos sofocan toda queja y aspiraciones en los sometidos, que los reduce á la muerte de todas sus iniciativas, de sus más legítimos deseos y expansiones.

La desigualdad de las fortunas es una injusticia, cuyo origen estriba, en la insolencia de los que la poseen y en la cobardía de los desposeídos; y la expresión más sincera de esta verdad es, que la propiedad individual es un robo, apesar de la mistificación que de este aserto se ha formulado acerca del origen de la riqueza.

Los que repiten las viejas teorías, los que miran esta verdad superficialmente y los cebados burgueses que sostienen lo contrario, se sonrojan é intimidan al solo oir semejante argumento ó fingen tomarlo á risa, porque no tienen lógica suficiente que contradiga á esta verdad; y sin embargo, este lema destinado á resolver la cuestión social, es sin duda una gran verdad, es lo mejor que ha dicho Proudhon y no podemos menos de suscribir esta sentencia que vale mucho más que todas las sandeces que han sostenido los economistas burgueses.

Nos enseñan las ciencias positivas, que la tierra se formó muchísimo antes que el hombre, y que éste, habiendo tomado de ella los elementos para formarse, había de estar sometido á las mismas leyes físicas del mundo; por consiguiente, si el hombre ha nacido después que la formación de la tierra, se comprende que el ha debido ser el ladrón de aquella, porque nadie nos negará, que desde que el mundo es mundo, los hombres no hayan nacido iguales (económicamente hablando), puesto que todos sabemos y observamos que no hay ser humano que al nacer, traiga consigo una propiedad cualquiera que no sea simplemente física; puesto que la naturaleza, si hubiera querido hacer la propiedad individual, la propiedad privada, habría pegado á cada individuo, como le ha pegado los brazos y las piernas, le hubiera pegado también un campo, un terreno, una casa, un buey ó una máquina, pero la naturaleza, más justa que el hombre, no nos ha cargado con semejante mochila y ha dejado todas esas cosas en común; por lo tanto el reducir todo lo que existe en la tierra, en propiedad privada, es una violación de la ley natural, es un robo.

Sin embargo, encontramos que entre un hombre y otro, hay tantas y tales desigualdades sociales, que unos poseen miles y miles de leguas de terrreno y otros (que han nacido en cueros como aquellos) tienen miles y miles de pesares. ¿De dónde viene esta diferencia? del derecho de heredar, se nos argüirá.

En los tiempos primitivos, cuando la tierra no pertenecía á nadie y todos gozaban indistintamente de sus frutos, cuando por consiguiente no había el derecho de heredar, todos los hombres vivían iguales entre sí; las palabras rico y pobre, amo y sirviente, tirano y esclavo, no existían, y la humanidad toda, satisfacía sus necesidades naturales; pero poco á poco, de progreso en progreso y válidos algunos hombres de la ley del más fuerte, subyugaron y vencieron á los más débiles, á los cuales robaron la parte de tierra que les correspondía para satisfacer sus necesidades; y de progreso en progreso, crearon los códigos y leyes para legalizar el robo que habían hecho; y de aquí resulta un estado del cual surge una clase de hombres que trabaja continuamente para mal

alimentarse; y otra clase, que recreándose en el ocio, malgasta el producto del pobre paria, al que quita el fruto de su trabajo, le prostituye las hijas y le deshonra la mujer.

Y ya tenemos que el grogreso divide á la humanidad en ricos y pobres, tiranos y esclavos, amos y sirvientes, explotados y explotadores, felices y desgraciados; ¡magnífico progreso! y ¡magnífica expresión la que dijo aquel sabio! ¡Maldito el primero que dijo, esta cosa es mia!

Empero, si la propiedad individual es un robo, ¿cómo poder sostener que sea sagrada é inviolable porque haya sido trasmitida de padres á hijos, de un pariente á otro? ¿que fulano la heredó de mengano? El poseedor de la fortuna robada es un ladrón, puesto que aceptando una propiedad del que la ha robado, quedará en el lugar de aquel.

Las leyes hechas y escritas por el hombre, condenan severamente á los que adquieren objetos robados, pero luego defienden y protegen la propiedad heredada, por más que saben que es un robo; y la ley natural, más justa que aquellas, nos dice: que la propiedad individual es un robo, háyase este hecho por el que la adquirió ó por el que la heredó.

Las pasiones viriles que desarrollan la vida con todas sus comodidades y bienestar, estos sentimientos de progreso y de conservación propia, tan naturales en el hombre y en los pueblos, han pretendido desvanecer las religiones y moralistas, fomentando y avivando otras pasiones imaginarias, por la modificación que han efectuado en ellos, por mediscion de los sacerdotes y leyes, los tiranos y explotadores; pero lo que estos vampiros trataron y consiguieron fué, el de someter á los pueblos y mantenerlos en la sumisión, matando en ellos, todas las aspiraciones hacia su bienestar, su independencia y su dicha; en una palabra: procuraron hacer hombres muertos para el mundo y que despreciaran todas las comodidades, las cuales se reservaban para ellos, integras con privilegio exclusivo, despertando en los pueblos los sentimientos hacia el sufrimiento, la obediencia y en recompensa, el paraiso celeste: De modo que, sustituyeron las pasiones de la libertad y de la dicha material, con las pasiones que llamaron esperituales y morales, á fin de tener á los pueblos rendidos y enervados por la abdicación de su personalidad y necesidades, sirviéndoles cual burro de carga y solo dispuestos á sacrificarse, cual mansa manada de corderos, sin quejarse ni chistar, fomentando de este modo la peor de las esclavitudes, la esclavitud voluntaria y satisfecha de sus propias desdichas y servidumbre.

Estos esclavos consentidos y deprimidos en su personalidad, por la falange de parásitos que les rodeaban, fueron despojados de los bienes cuyo goce y usufructo consideraron tambien como un peligro para la salvación de sus almas, y he aqui que las nuevas pasiones que excitaron desde un principio las religiones y moralistas, han sancionado la supremacia de los tiranos y verdugos de la humanidad, sosteniendo así la legalidad de su dominación y el derecho sagrado de la esplotación en nombre de un idolo fantástico, y perpetuandola por muchisimos siglos, llegando hasta el desenfreno excesivo de los tiranos y esplotadores, á su apogeo mas insultante, al par que las pasiones fantásticas por el cielo, no engendraron más que miserias, degradaciones, suicidios, enfermedades crónicas, rios de sangre, entre los enagenados que abrazaron aquellas doctrinas.

Por demas sabido lo tienen los desheredados, de donde viene el principio de autoridad; sobre como se formaron los Estados, se han escrito muchisimas páginas y no creemos haya necesidad de extendernos haciendo historia, sobre esta causa originaria del mal que aflige á la humanidad.

El hombre primitivo, vivia en sociedades muy reducidas y deficientes, tenia pocas necesidades y le bastaba con la caza y frutas silvestres; más tarde, las necesidades se multiplican y las actividades individuales se desarrollan y comienzan á engrandecerse las comunidades; la libertad individual es sacrificada en parte, á las necesidades de una más fuerte cooperación para el trabajo y para la guerra, y comienza la lucha del hombre por el hombre.

El estado de lucha en que viven las agrupaciones, provoca la tendencia á la sumisión y surge naturalmente, el principio de autoridad y á medida que las comunidades (ya autoritarias) se hacen más poderosas, más y más se impone y se acrecienta el regimen despótico, más y más va desapareciendo la soberania del hombre, estos seres primitivos iban depositando su libertad, su todo, en unos cuantos, que los dominaron acaparandola.

Siguiendo la evolución que se ha verificado en la humanidad, hallamos, que, en los primitivos tiempos pertenecían en el orden económico, á la esclavitud; en el político, al poder absoluto y religioso: Los tiempos medios, corresponden al feudalismo.

A partir de la revolución francesa, el constitucionalismo se apodera del mundo llamado civilizado, despoja del poder á los Papas y á las testas coronadas, haciendo pedazos los pergaminos legendarios, por medio de sus leyes de expropiación, y viene á dar nuevas formas á la esclavitud, de donde aparece el proletariado.

Posteriormente las ideas federalistas por un lado y las aspiraciones comunistas por otro, demuestran que los pueblos se aprestan á luchar por su emancipación no solo política, sino también económica; llegando á comprender que la libertad es nula, sin la igualdad social; y se determinó por negar toda forma de gobierno, principio de legislación y poderes constituidos, de que se componían los Estados; libertad total; libertad religiosa, política, económica y social. Este es el grito de guerra de nuestros tiempos, este es el grito de los nuevos parias, de los esclavos del capital.

Los pueblos han llegado á comprender, que bajo las formas del constitucionalismo, monarquico ó republicano, son tan esclavos como en el régimen absoluto ó en cualquier otro, fundado en el principio de autoridad y en la desigualdad económica, sintiendo la necesidad de negar y destruir todo lo existente en un Estado Autoritario.

La autoridad, impuesta por la fuerza ó nacida del (*sufragio universal*) es siempre la misma, puesto que el pueblo al emitir la papeleta en la urna, para elegir á los representantes de ese mismo pueblo, depone toda su autonomia, toda su libertad, todo su ser, quedando convertido, en cosa. La autoridad es la negación de la libertad, negación de la igualdad; con ella, no hay fraternidad, ni armonia, ni orden, puesto que la autoridad trae consigo la opresión, el desorden, la prostitución, el crimen, *crimen es todo aquello que hiere la libertad individual* ha dicho no sabemos quien; convencionalismos sociales, ataques á las colectividades, infracciones á las leyes naturales, son pues crimenes, puesto que hieren la libertad individual.

Hasta aquí, pues, en que fal

La razón y motivo de tan extraños contrastes y de tal diferencia de clases sociales, como existe y ha existido siempre entre los seres que componen la humanidad, siendo una misma especie, una misma familia, no son otros, sino que (como ya lo hemos dicho) unos más fuertes y astutos que los otros, se apoderaron de lo existente en el mundo, en perjuicio de los otros que eran en número mayor que aquellos.

Pero la clase desheredada, esta clase siempre espoliada y oprimida, comenzó á ver claro; fué arrojando de si, algunas de las muchas preocupaciones que llenaban su cerebro, y libre ya de muchos de los perjuicios inculcados en su ser, por las viejas tradiciones, las cuales le tenian estúpido; aleccionada y desengañada de las falsas promesas de los politicos y de la mentira de todo sistema gubernamental más avanzado, dió un paso gigantesco hacia adelante, separándose de todo partido politico, de toda farsa convencional, agrupándose como clase desheredada, contra la clase capitalista, declarando que *la emancipación de los trabajadores debe ser obra de los trabajadores mismos.*

Este sorprendente y prodijioso paso de avance, orientó desde luego al proletariado consciente y enérgico, y determinó la *capacidad revolucionaria* teórica y práctica de la clase obrera. *¡Ni Dios ni amo! ¡Todo es de todos y nadie debe obediencia á nadie.*

Este y no otro es el gran principio que, unido á la rebelión perpetua y lucha por sus reivindicaciones, ha de dar muestra y señal en todos momentos, de la capacidad revolucionaria de la clase desposeida, para resolver la cuestión social.

Este y no otro es, el gran principio, la gran sintesis de la revolución que ha de transtornar las cabezas, e infundir capacidad y aliento, para destruir el orden social existente; hasta llegar á conseguir que las clases antagónicas y enemigas esten bien definidas: de un lado los explotados y de otro los explotadores y dominadores.

La revolución no tiene, no puede tener otra sintesis, ni otro fin, que el de extender el bienestar material á todos los miembros del cuerpo social, ni otros ideales, que colocar á todos los seres humanos, en condiciones de gozar más y más, y el de satisfacer todas sus necesidades sin traba ninguna: y para que esto sea una verdad, para que no fracase esta sintesis de la revolución, se necesita mantener vivas las pasiones, romper febrilmente de una vez

y para siempre con los moldes del pasado, haciendo estallar con furia los diques que nos sujetan en el actual estado social, á la miseria y á la ignorancia, haciendo pedazos de los sistemas y creencias que sofocan nuestra existencia, que oprimen y asfixian nuestros pechos.

Pero para poder, es preciso conocer y querer; es preciso ante todo conocerse á sí mismo, tener conciencia de sus necesidades, sin cuyos conocimientos, no se realiza su personalidad, no se demostrará su capacidad revolucionaria.

Por esta razón, el individuo debe querer para sí, la integridad de su ser, que no puede dividirse ni enagenarse para fines contrarios á los suyos propios, que son: su *autonomía, garantía y seguridad* de conservar su existencia; y esa conservación de sí propio, necesidad que trae consigo el individuo al nacer, debe buscarla con todas las comodidades y bienestar á cuya creación á contribuido ó puede contribuir en la sociedad, con sus aptitudes y facultades.

Derivándose de este aserto, que la sociedad que necesita del individuo, este, debe encontrar en aquella, todos los medios de desarrollo, todos los grandes factores de la producción y de su propio desenvolvimiento, poniendo á su alcance todos los conocimientos científicos que puedan nutrir é ilustrar su inteligencia, puesto que todos estos beneficios los ha acumulado la humanidad para bien del hombre, para bien de la sustantividad individual, sin la cual no existiría dicha sociedad.

Y para que la manifestación individual pueda aparecer y desarrollarse, y, por lo tanto la humanidad en conjunto, en la relación y manifestación de sus partes, estas no deben estar vefadas, oprimidas, ni atrofiadas, sino por el contrario, desenvueltas, con vida propia, según sus gustos, inclinaciones, impulsos, apetitos y hasta caprichos.

Y estas relaciones humanas y racionales del individuo y de la sociedad, nadie puede sujetarlas, ni imponerlas, ni mucho menos reglamentarlas á condición alguna, puesto que, todo gobierno, toda autoridad, todo reglamento, toda organización, toda moral convencional, toda ley, por lo que el individuo esté expuesto á perder el más pequeño átomo de su libertad, de su autonomía, es una injuria para la humanidad y para el individuo; y este, no debe (si es digno), acatar ni sostener, apesar de la bestialidad y ceguera de los individuos que quieren sostener por la fuerza bruta, dichas arbitrierdades y depreciaciones.

Y como quiera que el individuo en el actual orden social, bajo el régimen despótico del sistema capitalista y autoritario, encuentra deprimido su ser, y conculcada su autonomía, si es racional, si es consciente de sus necesidades, debera odiar y declarar guerra á muerte, sin cuartel, á la sociedad y á la humanidad entera, porque como primera condición de la vida y de la inteligencia, necesita la justicia, la verdadera justicia, necesita ser revolucionario, puesto que revolución no es otra cosa, que la demostración de las iras y venganzas populares, sin que se deje dominar por nada, ni por nadie.

El individuo revolucionario tiene necesidad de manifestar su odio mortal á todas las mentiras religiosas que trastornan las conciencias de la humanidad; destruyendo é incendiando los templos é iglesias todas, condenando á muerte, á todo sacerdote, á todo dictador, grupo, jefe ó junta revolucionaria que centralice y detenga el poder y marcha de la revolución, para transformarla en reacción; impidiendo con todas sus fuerzas, que sobre las ruinas de un poder autoritario caido, se levante algún otro con otra nueva forma de la tiranía; que sobre los escombros humeantes de los templos, se quiera levantar otra estátua á ningun idolo, llámese Dios ó llámese como quiera; porque unos y otros, sacerdotes, representantes de todas las religiones y hombres de estado, en hibrico consorcio, siempre y en todos tiempos, se apoyan, se dan la mano, buscando el medio de mutilar la razón, matar al hombre, matar la revolución, por la cual la humanidad consigue su libre iniciativa, su libertad y bien estar individual.

Y la tea revolucionaria incendiará sin ninguna preocupación, los registros de la propiedad, para que no quede de ella, ni siquiera rastros, haciendo desaparecer con el humo del incendio, las fatídicas palabras de *mío y tuyo*: *los mojones fronteros* y toda división en que se basa la propiedad privada; incendiará los bancos, las audiencias, las cárceles, los presidios, rompiendo para siempre las cadenas y grillos, poniendo en libertad á todas las víctimas de una sociedad madrastra, que los priva de la libertad, abandonándolos en la resbaladiza pendiente del crimen; incendiará y hará volar los cuarteles, llamando á los soldados (como hijos del pueblo) para que dejen de ser instrumentos viles del despo-

tismo de la infame burguesía, hará pedazos ó incendiará las leyes todas hechas y escritas por los hombres, las cuales autorizan el robo, la explotación y el monopolio.

Y la ira popular será tan implacable para hacerse justicia, como lo fueron y lo son, todos los sostenedores de las injusticias e iniquidades de los sistemas autoritarios; en la inteligencia que la Revolución al destruir las personas y, las cosas que se opongan á la humanitaria y triunfante marcha de la justicia, no causará, ni podrá causar, tantas hecatombes y ruinas, como las que resultan de la frialdad calculada, sanguinaria y despótica de la explotación del capital y de la inicua propiedad individual.

Y como la revolución no puede ser política sino social, los revolucionarios se apoderarán de toda la riqueza social creada por el trabajo de los productores; de la tierra, de las máquinas e instrumentos de producción, á fin de hacerla común y universalizarla para la emancipación del proletariado y proclamar en alta voz y con base segura la solidaridad humana, la libertad económica entre todos los seres humanos del globo que habitamos, como una sola familia.

¡Y he ahí como los desheredados, los proletarios, los seres conscientes demostrarán *su capacidad revolucionaria*.

La capacidad revolucionaria de la clase obrera, de todos los desheredados y despojados, *conociendo, queriendo y pudiendo*, no aguardará el momento de la *liquidación total* diferida al dia ó época definitiva de la revolución, sino que se manifestará ya, desde luego por las *liquidaciones parciales*, dará señales y manifestaciones inequívocas en el taller y en todas las relaciones sociales, para dañar y perturbar el orden actual de la sociedad; creando obstáculos insuperables á los gobiernos, á la propiedad, á la religión, á la iglesia y á la moral estúpida, estrecha y anti-natural del convencionalismo burgués.

Por lo tanto, la clase obrera, los proletarios todos, mientras mayor capacidad revolucionaria vayan adquiriendo, mayores manifestaciones darán de sus protestas y negación contra un orden social, que tanto los deprime y envilece; negación de concurso y cooperación lo primero; negación de respeto á sus leyes, máximas y preceptos, de sumisión y acatamiento á los poderes y negación en una palabra, de cuanto les subordina y perjudica.

Habrán de demostrar cada vez más, y con tenacidad suma, su libre criterio y acendrado amor á su independencia y á la posesión de sí propios; que es lo que constituye la integridad humana de los seres libres y sobre todo de los carácteres rebeldes.

Esto es lo que revelaría y constituiría la capacidad; formar carácteres rebeldes: y entonces la Revolución no sería una aspiración, sino un hecho.

Los carácteres rebeldes, se dan á conocer en todos los acidentes de la vida, en los talleres, produciendo más perjuicios que utilidad; en la calle, en el paseo, en el café y en todas las relaciones sociales, demostrarán señales palpables de seres conscientes, no teniendo respeto por ninguna de las columnas que sostienen la presente sociedad.

En las procesiones, fiestas patrias y aniversarios que la sociedad presente celebra, los carácteres rebeldes demostrarán su odio no apoyando, ni aplaudiéndolas, ni sirviéndoles de comparsas, ni papanatas, sino, por el contrario, creándoles obstáculos para que dejen de celebrarse tantas farsas.

Las protestas de los carácteres rebeldes, se manifestarán, no casándose religiosa ni civilmente, sino por la atracción libre de los sexos en la unión, sin la intervención de un tercero; y educando á sus hijos para que hagan lo propio.

Los seres conscientes demostrarán su carácter rebelde, no siendo celosos de sus compañeras, de sus hijas, puesto que no se comprenderá, que considerándolas conscientes, diesen motivo para esos estúpidos celos; además, deben considerarlas con las mismas aspiraciones á la libertad, á la emancipación, que ellos mismos; los carácteres de que venimos hablando no quieren respetar la tiranía del burgués y en este caso demostrarían la tiranía de ellos mismos sobre la mujer, en cuyo caso, esta, tendría que rebelarse sobre la tiranía del padre, marido ó compañero, estos carácteres no bautizan á sus hijos, rechazan el enterramiento religioso, el sepelio católico y se ponen siempre en acerba contradicción con el modo de ser de esta sociedad absurda.

Los carácteres rebeldes, amables, dulces, benignos y cariñosos con sus iguales, con los débiles y sus iguales, entre la familia desheredada, son por el contrario, agrios, severos, iracundos, enérgicos y malignos, en una palabra (*de la cáscara amarga*) con los

superiores y todos aquellos que dominan ó quieran dominar; *porque mientras los obreros soliciten favores y buenos informes de la burguesía, mientras entre estas dos clases antagónicas y enemigas, medien relaciones de amistad y agradecimiento, los caracteres rebeldes* no se desenvuelven.

No cejarán los rebeldes en su empeño hasta conseguir una verdadera división, bien definida de los individuos que componen la presente sociedad; de un lado los explotadores y gobernantes, del otro lado, los explotados y oprimidos.

Por último, cuando en todos los pueblos de la tierra, los desheredados, los vejados, los *miserables*, manifiesten su carácter revolucionario, aumentándolo dia á dia, hora á hora, la infame burguesía marchará perdiendo irremisiblemente sus humos y su soberbia, y no comerá ni dormirá tranquila; no podrá reforzar sus guardias, ni los vigilantes de la propiedad, ni los ejércitos en sus distintas armas, porque la rebelión irá cundiendo.

Esa cobarde burguesía que necesita siempre de la carne de cañón que la defienda, cuando vea que estas máquinas de matar se hacen seres conscientes y dan vuelta á las armas apuntando con los cañones hacia las cabezas de los que les mandaban matar; esta burguesía que necesita también de la carne y fuerza de la humanidad en la explotación para enriquecerse; y de la carne de placer, de prostitución para deleitarse; cuando se desengañe, que todo lo ha perdido ya, se verá obligada entonces á defenderse por sí propia; y desalentada, hidrófoba, recurrirá en su impotencia hacia el suicidio; puesto que se verá desautorizada, desobedecida y perdida en la disolución irremediable de su mal llamado orden social presente, que caerá para no levantarse más.

LOS ÁCRATAS.

Buenos Aires y Barracas, Julio 1.º de 1897.

NOTA—El grupo "Los *Acratas*" desea, que todos los grupos anárquicos que hagan folletos, periódicos ó revistas sociológicas, que manden los ejemplares que puedan, para la biblioteca de dicho grupo.

OTRA—La lista de suscripción correspondiente al presente folleto, aparecerá en "*La Protesta Humana.*"

Tenemos á disposición de los Compañeros
LOS FOLLETOS SIGUIENTES

«Entre Campesinos»
«Declaraciones de J. Etievant»
«Consecuencias del Estado»
«En tiempo de Elecciones»
«Capacidad revolucionaria de la clase obrera»
«La anarquía, su filosofía y su ideal»
«Un episodio de amor»
«La religión y la cuestión social»
«La Moral»
«La anarquía en la evolución socialista»
«Primo passo all'anarchia»

NOTA -- El grupo "**Los Ácratas**" avisa á los compañeros que para el proximo 5° volumen, piensa hacer una reproducción del folleto

"La Mujer y la Familia"

conferencia dada por E. Z. ARANA en el Rosario y por suscripción voluntaria.

Dirección del grupo:

Ferdinando Antonini -- Casilla de Correo 1114.

BUENOS AIRES